

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROSANGELA AVILA DANTAS

**PEDIDOS DE AJUDA ACADÊMICA EM LISTA DE DISCUSSÃO DIGITAL:
UM ESTUDO DO GÊNERO**

NITERÓI
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**PEDIDOS DE AJUDA ACADÊMICA EM LISTA DE DISCUSSÃO DIGITAL:
UM ESTUDO DO GÊNERO**

por

ROSANGELA AVILA DANTAS

Tese de Doutorado em Estudos Lingüísticos, apresentada à Coordenação da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. David Shepherd

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Nívia Roncarati de Souza

Niterói, 2^o semestre de 2006.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

D192 Dantas, Rosangela Avila.

Pedidos de ajuda acadêmica em lista de discussão digital: um estudo do gênero / Rosangela Avila Dantas. – 2006.

227 f.

Orientador: David Shepherd.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2006.

Bibliografia: f. 183-197.

1. Língua portuguesa – Gênero. 2. Língua portuguesa – Gramática – Séc. XX. 3. Língua portuguesa – Análise do discurso. 4. Língua portuguesa – Dificuldade. 5. Grupo de discussão pela Internet. I. Shepherd, David. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD 469.5

DANTAS, Rosangela Avila. **Pedidos de ajuda acadêmica em lista de discussão digital: um estudo do gênero.** 2006. 227 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006.

Esta tese foi julgada adequada e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras para obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração em Estudos Lingüísticos.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. David Shepherd (Orientador, UFF)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Nívia Roncarati de Souza (Co-orientadora, UFF)

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Granja Shepherd (UERJ)

Prof^a. Dr^a. Lúcia Pacheco de Oliveira (PUC-Rio)

Prof^a. Dr^a. Eva Ucy Miranda Sá Soto (UNESP, Campus Araraquara)

Prof^a Dr^a. Solange Vereza (Suplente, UFF)

Prof^a. Dr^a Anna Elizabeth Balocco (Suplente, UERJ)

Defendida a Tese:

Conceito:

Em: 6 de novembro de 2006.

À minha mãe,
Ao meu pai,
À Tia Zinha.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. David Shepherd, pelo constante encorajamento e pela orientação competente e gentil.

À Prof^a. Dr^a. Cláudia Roncarati, pela enriquecedora co-orientação, pelas relevantes contribuições no Exame de Qualificação e pela revisão final deste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Tânia Shepherd, pelo acompanhamento próximo e precioso, pela generosa cessão de bibliografia e pelo apoio acadêmico e emocional em todas as horas.

À Prof^a. Dr^a. Lúcia Pacheco de Oliveira, pelas valiosas sugestões para o direcionamento deste trabalho no Exame de Qualificação.

Às Prof^{as} Dr^{as} Maria Antonieta Celani e Rosinda Ramos, que desencadearam em mim o interesse pela Análise de Gêneros, pelas profícuas discussões teóricas.

À amiga e ex-professora Dr^a Lúcia Maria Alves Ferreira, que me incentivou e guiou no mundo acadêmico.

Às amigas Anna Elizabeth Balocco e Beatriz Gama e Silva Juaçaba, pelo constante incentivo e apoio de longa data.

A todos os amigos, pelas palavras certas nas horas exatas.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Letras da UFF, pelo atendimento atencioso e eficiente.

Aos amigos do Departamento de Letras Anglo-Germânicas e, em especial, do Setor de Língua Inglesa da UERJ, cuja competência me serve de estímulo, pelas animadas discussões acadêmicas (e outras nem tanto) e por terem permitido meu afastamento para a conclusão desta tese.

Ao Márcio, companheiro nos momentos de êxito e de crise, pela fundamental assessoria também de informática.

Ao meu marido, Márcio, e filhas, Marcela e Paula, que dão cor e sentido à minha vida.

*Technologies are not simply inventions which people employ but are the means by which people are re-invented.*¹

(MCLUHAN, 1962)

¹ As tecnologias não são simplesmente invenções que as pessoas utilizam, mas são os meios através dos quais elas são reinventadas. (MCLUHAN, M. *The Gutenberg galaxy: the making of typographic man*. London: Routledge Kegan Paul, 1962).

Resumo

DANTAS, Rosangela Avila. **Pedidos de ajuda acadêmica em lista de discussão digital: um estudo do gênero**. 2006. 227 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006.

Esta tese tem por objetivo investigar um conjunto de e-mails, cujo propósito comunicativo é pedir ajuda acadêmica em lista de discussão em Português, composta por professores, alunos e por pessoas interessadas em interagir e trocar informações acerca de aspectos da Linguagem. À luz da Análise de Gêneros e da Gramática Sistêmico-Funcional, a pesquisa parte do exame do padrão retórico e das características léxico-gramaticais, através da identificação e da interpretação do Contexto de Cultura e do Contexto de Situação. O estudo das três dimensões (campo, relações e modo) fornece dados relevantes para nossa pesquisa, sobretudo no que diz respeito à identificação dos elementos prototípicos da fala, da escrita do discurso digital. Por fim, a Análise Multidimensional nos permite identificar e categorizar, mais acuradamente, os traços recorrentes desse conjunto de mensagens.

Palavras-chave: Análise de Gêneros; Gramática Sistêmico-Funcional; Análise Multidimensional; Comunicação Mediada por Computador (CMC); gêneros digitais; lista de discussões; pedidos de ajuda.

Abstract

DANTAS, Rosangela Avila. **Requests for academic help on digital discussion list in the light of Genre Analysis.** 2006. 227 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006.

This research aims at investigating a set of e-mails whose communicative purpose is to request academic help on a discussion list in Portuguese where university faculty, students, and those interested in Languages interact and exchange information. The status of these digitally transmitted messages as a socially relevant genre are described, in addition to their characteristic moves and strategies. The analysis of those recurring lexico-grammatical features found within the data is based on various concepts from Systemic-Functional Grammar. Elements of spoken and written language and their relationship with digital language are also examined. These latter characteristics are classified, following certain categories taken from Multidimensional Analysis, as a complementary analytical tack.

Keywords: Genre Analysis; Systemic-Functional Grammar; Multidimensional Analysis; Computer Mediated Communication (CMC); digital genres; discussion lists; requests for help.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 - A Análise de Gêneros	19
2.1.1 - A contribuição de Bakhtin	20
2.1.2 - A perspectiva de Swales	23
2.1.2.1 - A influência de Miller e Martin	24
2.1.2.2 - Conceitos-chave	26
2.1.3 - A visão de Bhatia	37
2.1.3.1 - O conceito de gênero	37
2.1.3.2 - O modelo analítico	38
2.1.3.3 - O desenvolvimento dos gêneros	40
2.2 - A Gramática Sistêmico-Funcional	43
2.2.1 - O Contexto de Cultura: gênero	45
2.2.2 - O Contexto de Situação: registro	47
2.2.2.1 - A metafunção ideacional	51
2.2.2.2 - A metafunção interpessoal	52
2.2.2.3 - A metafunção textual	55
2.2.2.4 - O modo do discurso.....	57
2.2.2.4.1 - A fala versus a escrita	57
2.2.2.4.2 - A fala e a escrita	59
2.3 - A Análise Multidimensional	63
2.4 - Os gêneros digitais	68
3 - METODOLOGIA	79
3.1 - As questões e os objetivos da pesquisa	79
3.2 - O paradigma e o método de pesquisa	80
3.3 - A constituição do corpus	84
3.4 - Os instrumentos de análise	88
3.5 - As etapas e os procedimentos de análise	89

4 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CORPUS	91
4.1 - O pedido de ajuda como gênero	92
4.2 - O Contexto de Cultura	99
4.2.1 - A comunidade discursiva em foco	100
4.2.2 - O corpus-inicial: diferentes propósitos comunicativos	102
4.2.3 - Pedidos de ajuda: o padrão de organização retórica	108
4.2.3. 1 - Revelando o 'assunto' ..	111
4.2.3. 2 - Abrindo	114
4.2.3. 3 - Apresentando credenciais	116
4.2.3. 4 - Formalizando o pedido	117
4.2.3. 5 - Definindo o 'campo'	121
4.2.3. 6 - Justificando-se	125
4.2.3. 7 - Solicitando urgência	126
4.2.3. 8 - Agradecendo	126
4.2.3. 9 - Fechando	128
4.2.3.10 - Assinando	130
4.2.4 - Os movimentos e as estratégias	136
4.2.5 - Ocorrência e seqüência dos movimentos retóricos	137
4.2.6 - Sobreposição dos movimentos retóricos	140
4.3 - O Contexto de Situação	146
4.3.1 - O campo do discurso	147
4.3.2 - As relações do discurso	149
4.3.3 - O modo do discurso	152
4.3.3.1 - Na abertura	154
4.3.3.2 - No fechamento	156
4.3.3.3 - Na assinatura	157
4.3.3.4 - O texto "falado" por escrito	159
4.4 - As dimensões textuais	161
4.5 - A modalidade	168

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
7 - ANEXOS	197
ANEXO A - Corpus	197
ANEXO B - Levantamento lexical	210

1 - INTRODUÇÃO

- Minha filha, você tem **visto** a Bianca?
- **Tenho**. Eu **falo** com ela todo dia.
- Ah, eu não sabia... Você tem ido à loja se encontrar com ela?
- Não, mãe, a gente se **fala** no MSN¹ todo dia.

A conversa acima, colhida no cotidiano,² ilustra a forma como a tecnologia virtual tem afetado, não só a linguagem e as relações interpessoais, como também as percepções de mundo, além do escopo da mensagem propriamente dita.

O diálogo acima transcrito revela que a conversa mediada pelo computador pode constituir uma modalidade que, em certos momentos, se confunde com a conversa face-a-face. Atualmente, para se “ver” alguém não é preciso enxergar a pessoa; “falar” não pressupõe, necessariamente, a produção de linguagem fônica (à distância ou face-a-face).

Com vistas ao acompanhamento da evolução tecnológica, surge uma conseqüente necessidade de inserção de inúmeros novos elementos lexicais, muitos deles emprestados da Língua Inglesa e mantidos em Português como “e-mail”, “chat”, “mouse”, “game”, “e-list”, “blog” e “fotolog”, muitos dos quais já dicionariados.³ Outros itens são adaptados à Língua Portuguesa, como “deletar”,⁴ “atachar”, “printar” e “startar”. Há também aqueles que, mesmo em Língua Portuguesa, sofrem uma expansão de significado. “Nos vemos amanhã”, por exemplo, é expressão de encerramento freqüentemente usada em telejornais. Da mesma forma, “conversar” e “falar”, na era digital, têm seus significados adaptados à nova realidade. Assim, “ver” e “falar” podem sugerir novos significados impostos pela comunicação através de gêneros emergentes das tecnologias.

Percebe-se, portanto, que as tecnologias influenciam sobremaneira os usos da linguagem e o processo de construção de sentido. Esse fenômeno também pode ser observado nas mudanças que ocorrem nas práticas sociais influenciadas pelo avanço tecnológico, de um modo geral e, em especial, pelas mídias digitais

¹ Software da Microsoft que permite participar de uma rede de comunicação instantânea.

² Dado coletado pela pesquisadora em 2004.

³ Palavras da era digital incorporadas do Inglês como internet, software, on-line, chat e e-mail, assim como aquelas oriundas do Latim, como corpus, corpora, versus, et al., sine qua non e sui generis, constam do Dicionário da Língua Portuguesa (AURÉLIO, 2004) e, portanto, não são aqui grafadas em itálico.

⁴ Item já dicionariado (AURÉLIO, 2004).

(CRYSTAL, 2001; HILGERT, 2000; MARCUSCHI, 2004; NOBLIA, 1998; YATES, 1996).

O acesso ao mundo virtual e a popularidade cada vez mais evidente da internet têm proporcionado maior integração em nível mundial. Na atualidade os e-mails, versão eletrônica que vem substituindo a carta, o telegrama e até mesmo o telefonema, têm se mostrado uma modalidade bastante popular⁵ de se enviar mensagens: mais de 660 milhões de pessoas usam e-mail para se comunicar e aproximadamente 135 bilhões de mensagens eletrônicas são trocadas por dia (MONTEIRO, 2006).

Em se tratando de pessoas que compartilham os mesmos interesses, a troca de experiências e de conhecimento dá ao mundo mediado pelo computador e suas tecnologias um caráter social inimaginável há poucos anos atrás, formando comunidades virtuais, cujos interesses são os mais variados: música, esportes, passatempos, turismo, política e assuntos acadêmicos, para citar alguns.⁶ Nessa ambiência os indivíduos dessas comunidades interagem virtualmente por e-mail, muitas vezes, através de listas de discussões — espaços virtuais onde se reúnem pessoas que partilham de experiências e interesses comuns de diferentes ordens (pessoais, sociais, profissionais ou acadêmicos) para troca de informação em ambientes de interação assíncrona.⁷

Em listas de discussões são veiculados textos⁸ recorrentes, histórica, social e culturalmente marcados (BAKHTIN, 1979, p. 279), com diferentes propósitos comunicativos, que podem ser categorizados como gêneros distintos, à luz das definições de Miller (1984), Martin (1985, 1992, 2000), Martin e Rothery (1986), Swales (1990, 1992), Askehave e Swales (2001) e Bhatia (1993, 2004) e autores que classificam os gêneros principalmente com base em seus propósitos comunicativos e no estudo da comunidade discursiva por onde circulam.

⁵ Das 1.709 mensagens endereçadas à coluna “Cartas” da revista *Veja* de 02 de fevereiro de 2005 (p. 32), 1.641 (96,02%) foram enviadas por e-mail, 35 (2,05%) por fax e 33 (1,93%) por carta. (dados coletados pela pesquisadora). Em 9 de agosto de 2006, das 2.310 mensagens enviadas, 2.231 (96,58%) eram emails, 54 (2,34%) cartas e 25 (1,08%) foram enviadas por fax. Verifica-se a manutenção das proporções e o aumento substancial no número total de mensagens.

⁶ O crescimento galopante do número de comunidades inscritas no Orkut, serviço de rede social na internet, pode ilustrar a atual tendência de se agrupar que surge no mundo virtual.

⁷ A interação na Internet pode se dar de forma síncrona (que ocorre ao mesmo tempo, em tempo real), como em chats, ou assíncrona (que não ocorre em tempo real e as mensagens podem ficar armazenadas para serem lidas quando acessadas).

⁸ Seguindo Marcuschi (2002, p. 24), texto é aqui visto como “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”; discurso é “aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”.

A “Comunidade Virtual da Linguagem” (doravante CVL), fonte do corpus do presente estudo, é uma lista de discussões, criada e gerenciada pela Professora Ana Maria de Moraes Sarmiento Vellasco desde 1997, da qual participam aproximadamente 3.000 pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, professores, estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes partes do mundo e de outras pessoas interessadas em discutir aspectos da Linguagem, que se comunicam através de mensagens eletrônicas escritas, em sua maioria, em Português do Brasil, assim como em outras línguas e em Português de Portugal. Para se inscrever na CVL, basta enviar uma mensagem em branco à lista solicitando a adesão, não havendo necessidade de aprovação prévia.⁹ Apenas as mensagens passam pelo crivo da moderadora que seleciona as mensagens a serem veiculadas e impede, dentre outras coisas, o envio de anexos.¹⁰

Em sua home-page, a CVL declara literalmente que “tem por objetivo precípua reunir os estudiosos da linguagem para interagirem e trocarem informações”. Seu caráter interacional e transacional pode ser constatado através da diversidade de propósitos comunicativos identificados (Capítulo 4) em suas mensagens (BROWN; YULE, 1983, p. 1-4), tais como, informar, polemizar, protestar, solidarizar, argumentar, oferecer ajuda, para citar alguns. Dentre a variedade de mensagens que circulam na CVL, chamam-nos a atenção aquelas cujo objetivo é pedir ajuda, conjunto de e-mails, cada vez mais freqüente, que atende genuinamente aos objetivos desse tipo de veículo digital: promover a interação e a troca de informações entre os membros dessa comunidade que tem na CVL seu local virtual de encontro.

Sob a perspectiva da Análise de Gêneros, esses e-mails que solicitam ajuda têm propósito comunicativo claro e definido e circulam em um determinada comunidade discursiva (SWALES, 1990, 1992) com características próprias. Além disso, sua relevância social pode ser constatada, sobretudo, através das mudanças no comportamento e nas relações entre os membros dessa comunidade. No mundo acadêmico, por exemplo, a elaboração de um trabalho de pós-graduação, se constituía, em um passado ainda bem próximo, em uma tarefa árdua, longa e cara.

⁹ As seguintes observações são feitas quanto ao uso da CVL: qualquer pessoa pode se associar; as mensagens são sujeitas à avaliação prévia; todos podem enviar mensagens; não é permitido anexar textos; não se pode esconder o endereço eletrônico e as mensagens são relacionadas em listagens.

¹⁰ O papel da moderadora da CVL é alvo de estudo por Tavares (2004).

As viagens, o custo e as horas de pesquisa em bibliotecas e em livrarias em busca informações e materiais (trabalhos acadêmicos, revistas e livros, muitas vezes raros e importados), cópias e microfilmagens de bibliografias podem ser, atualmente, substituídos pela pesquisa na internet¹¹ ou por simples pedidos de ajuda on-line que, via de regra, são prontamente atendidos. Portanto, as tecnologias influenciam, de forma bastante significativa, o comportamento e as relações entre as pessoas, assim como a linguagem.

Os gêneros eletrônicos escritos e transmitidos digitalmente vislumbram a possibilidade de incorporação de novos elementos lingüísticos e uma provável sobreposição de aspectos considerados tradicionalmente como característicos exclusivamente do discurso escrito ou do oral. No entanto, alguns tipos de mensagem, por se afastarem totalmente da sincronia, característica da linguagem oral, podem conservar apenas os traços inerentes à escrita, sem exigir qualquer adaptação ao veículo digital (textos legais, religiosos, literários, científicos e jornalísticos, além de outros), como aponta Crystal (2001, p. 28-29) em seu livro totalmente dedicado ao estudo da relação entre a linguagem e a internet.¹² Por outro lado, chats, por serem conversas síncronas on-line, apesar de dependerem do teclado e, portanto, serem transmitidas por escrito, aproximam-se do discurso oral. A conversa em chats transforma sons em escrita, reproduzindo as características da fala; nessa forma de comunicação a fala não existe sem a escrita (NOBLIA, 1998, p.15).

Para Marcuschi (2004, p. 26), “todas as tecnologias comunicacionais novas geram ambientes e meios novos”. O autor, valendo-se de uma perspectiva histórica sobre o advento da escrita, aponta a internet como um “um imenso laboratório de experimentações de todos os formatos”, o qual abrange diferentes “*ambientes ou entornos virtuais*” (grifo do autor), sendo “foros de discussão assíncronos” (listas de discussão) um deles. Nesse ambiente que envolve vários gêneros, se forma um espaço virtual para discussão de temas específicos onde as relações são continuadas e movidas por interesses comuns. Como poderá ser verificado no capítulo de análise do corpus, esse tipo de veículo abriga e por vezes condiciona o gênero (MARCUSCHI, 2004, p. 26-27).

¹¹ Para “Genre Analysis” (Análise de Gêneros) o programa de busca *Google* oferece 122.000 opções (acesso em 6/10/2006).

¹² *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Assim, com o surgimento dos suportes digitais para veiculação de mensagens, a discussão sobre as características da linguagem escrita e falada fica ainda mais complexa e interessante. A freqüente utilização do espaço da internet como meio de distribuição de informação além de fronteiras geográficas, indubitavelmente, promove uma nova ordem nas reflexões e conceitos não somente acerca dos traços tradicionalmente considerados característicos de cada modalidade de realização lingüística, mas também quanto a outros aspectos lingüísticos e a fatores sociais de um modo geral.

Nesta pesquisa, analisamos um conjunto de e-mails, veiculado nessa lista de discussões, cujo propósito comunicativo principal é pedir ajuda. Cabe ressaltar que na CVL são veiculadas mensagens eletrônicas que informam sobre cursos, congressos e concursos, lançamentos de livros, respondem a solicitações de informação e discutem temas de interesse acadêmico ou assuntos políticos. No entanto, nota-se um aumento na freqüência de mensagens que solicitam ajuda a outros membros da lista.¹³

Tal tendência pode ser interpretada como resultante da pronta resposta enviada aos solicitantes conforme declaração (mensagem enviada em 4 de novembro de 2004, *digest* 895) de um dos componentes dessa comunidade virtual que obteve 134 respostas a um único pedido de ajuda. Cumpre-nos destacar que, apesar de não ser o objeto de investigação deste estudo, as respostas aos pedidos (geralmente enviadas diretamente aos solicitantes) ocupam um espaço significativo neste ambiente digital. Assim, o uso da lista de discussão como instrumento de integração e de troca de informação é reforçado pela freqüência e pela relevância social desse tipo de espaço de interação.

Muito se tem pesquisado recentemente sobre gêneros digitais, especialmente sobre o discurso mediado por computador (BELL, 1998; CRYSTAL, 2001), comunidades virtuais (ANDERSON, 1991); chats (ABREU, 2002), e-mails (MULHOLLAND, 1999; NICKERSON, 1999; FEDDERHOLT, 2001; GIMENEZ, 2000), home-pages (CHANDLER, 1998), hipertexto (BOLTER, 1991; MARCUSCHI, 2004). Nota-se também grande interesse na elaboração de propostas de utilização

¹³ Vale salientar que, em pesquisas anteriores (DANTAS, 2003; DANTAS, 2004a, p. 81), que serviram de base para o trabalho apresentado no Exame de Qualificação (julho de 2005), no conjunto de 100 mensagens, coletadas de 13 a 23 de maio de 2004, que compunha o corpus-piloto, 14% eram pedidos de ajuda; no atual corpus, das 234 mensagens coletadas de 6 de junho a 22 de agosto de 2005, 20,08% solicitam ajuda.

de gêneros digitais para fins pedagógicos (HOLMES, 1994, 1998; ANTHONY, 2000; BRANDÃO, 2001; CRISTÓVÃO, 2001; DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2002; PALTRIDGE, 2002; PEDROSA; 2002; ROJO; CORDEIRO, 2002; RAMOS, 2004; CHRISTIE, 2007). Não temos conhecimento, no entanto, de trabalhos que descrevem a construção da mensagem dos diversos gêneros veiculados em listas de discussão profissional e, em especial, dos pedidos de ajuda nessa ambiência.

Apresentamos, por conseguinte, uma análise descritiva de pedidos de ajuda acadêmica veiculados em lista de discussões digital, baseada no arcabouço teórico da Análise de Gêneros, abordagem que também considera o perfil dos interagentes e as relações entre eles de extrema importância na construção do sentido. Como poderemos ver na análise apresentada no Capítulo 4 desta tese, os pedidos de ajuda feitos através desse ambiente virtual — listas de discussão — têm peculiaridades próprias, não só em função da embalagem digital, mas também por se caracterizarem como um texto todo direcionado a um só propósito.

Retomando a definição de gênero como um texto situado histórica, social e culturalmente, com padrão de organização recorrente (BAKHTIN, 1979, p. 301), utilizado como forma de ação social (MILLER, 1984) para fins comunicativos com propósitos específicos (MARTIN, 1985, 1992, 2000; MARTIN; ROTHERY, 1986; SWALES, 1990, 1992; ASKEHAVE; SWALES, 2001; BHATIA, 1993, 2004), investigamos como nosso objeto de estudo insere-se no contexto da Análise de Gêneros. Vale ressaltar que nesta tese consideramos gênero como uma atividade sociolingüística relevante na qual os participantes de uma comunidade são capazes de atingir um determinado propósito (MILLER, 1984, p. 165).

Dessa forma, entendemos que a compreensão da organização da informação e da construção do significado do gênero que analisamos passa pelo estudo dos movimentos retóricos (SWALES, 1990, p. 140-148; BHATIA, 1993, p. 30-31), das macro-funções ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), assim como das escolhas léxico-gramaticais na perspectiva sistêmico-funcional hallidayana, da identificação de traços do discurso oral e escrito (BIBER, 1988; HALLIDAY, 1989) e das estratégias de modalização (BIBER, 1988) utilizadas.

Este trabalho está organizado em 7 capítulos. Após a Introdução, o 2º capítulo, apresenta e discute os alicerces teóricos que norteiam esta pesquisa. No âmbito da Análise de Gêneros, teoria principal em que nos apoiamos, focalizamos,

sobretudo, a contribuição de Bakhtin (1979), a perspectiva e os conceitos-chave de Swales (1990, 1992) e dos teóricos que o influenciaram (MILLER, 1984; MARTIN, 1985, 1992, 2000), assim como a visão de comunidade discursiva (ASKEHAVE; SWALES, 2001) e de Gênero de Bhatia (1993, 1997, 2004). Os pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (HALLIDAY, 1970, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e de seus seguidores (EGGINS, 1994; HASAN, 1985; THOMPSON, 1996; LOCK, 1996) também nos servem de apoio conceitual na análise do Contexto de Cultura e do Contexto de Situação. Além disso, tratamos, nessa parte da tese, de noções teóricas quanto às características do discurso oral e do discurso escrito relevantes para este estudo de acordo com Biber (1988) e Halliday (1989). Ainda no Capítulo 2, que trata da Fundamentação Teórica, discutimos alguns dos aspectos da Análise Multidimensional de Biber (1988), os quais complementam, corroboram e enriquecem a análise inicial. Além disso, discutimos o status de gênero atribuído a e-mails e apresentamos também o conceito e a categorização de gêneros digitais segundo lingüistas como Yates (1996), Noblia (1998), Hilgert (2000), Crystal (2001) e Marcuschi (2004).

O Capítulo 3 aborda os aspectos metodológicos, como as questões da pesquisa (ver Capítulo 4, p. 79) e os objetivos, o paradigma e o método adotados, a seleção e a descrição do corpus, os instrumentos analíticos, as etapas e os procedimentos do processo de análise dos dados (CAMERON et al., 1992; NUNAN, 1992; SEIDL DE MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998; DEMO, 2000; LINCOLN; GUBA, 2000; GUBA; LINCOLN, 2004; HESSE-BIBER; LEAVY, 2004).

O 4º capítulo apresenta a discussão e a análise propriamente dita do conjunto de pedidos de ajuda acadêmica. Começamos por argumentar sobre as razões que nos levam à classificação de pedidos de ajuda em foco como um gênero textual específico. É nesse capítulo que investigamos o “Contexto de Cultura” através da descrição da comunidade discursiva por onde esse gênero circula e do padrão de organização retórica (movimentos compulsórios e opcionais e estratégias) identificado nos e-mails estudados (SWALES, 1990, 1992, 1998, 2004; ASKEHAVE; SWALES, 2001; BHATIA, 1993, 1997, 2004), assim como as peculiaridades encontradas no que tange tal organização. A seguir, com base na Gramática Sistêmico-Funcional, nos ocupamos do “Contexto de Situação” que abrange o “Campo”, as “Relações” e o “Modo” do discurso (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Ainda no Capítulo 4, verificamos como o gênero

escrito digitalmente que analisamos se coloca em relação aos traços tradicionalmente considerados como típicos da oralidade e da escrita e àqueles tipicamente usados no discurso mediado por computador. Ademais, recorreremos, nessa parte da pesquisa, ao levantamento de ocorrência e de frequência lexical elaborado com o auxílio da ferramenta digital *WordSmith tools* (SCOTT, 1996),¹⁴ a fim de identificarmos os traços lingüísticos mais relevantes e prototípicos do gênero em foco e sua relação com as dimensões textuais de Biber (1988). Assim, os mesmos e-mails, previamente analisados sob a perspectiva da Análise de Gêneros, são investigados sob a luz da Análise Multidimensional proposta por Biber (1988). Em seguida, especial atenção é dada a alguns dos recursos de modalização utilizados na construção desses pedidos de ajuda (BIBER, 1988).

O Capítulo 5 ocupa-se em discorrer sobre os resultados obtidos na análise das mensagens estudadas, as implicações e as conclusões, assim como em apontar as contribuições e as possibilidades de desdobramento de estudos que podem decorrer desta pesquisa.

Por fim, as Referências Bibliográficas (Capítulo 6) e os Anexos (Capítulo 7), que trazem a íntegra das mensagens analisadas (Anexo A) e a tabela de frequência lexical de cada item que compõe o corpus (Anexo B), fecham o trabalho.

Para concluir, cumpre-nos ressaltar que a análise descritiva aqui apresentada, a partir de um corpus de natureza acadêmica, constitui um estudo inovador, não só pela originalidade em investigar esse tipo de gênero textual, com uso cada vez mais freqüente e socialmente relevante em nossa comunidade discursiva, como também por contribuir para o entendimento dos processos que norteiam as escolhas de padrão organizacional, léxico e gramatical desse tipo de manifestação sócio-lingüística.

¹⁴ Agradecemos a gentileza da Prof^a Dr^a Tânia Shepherd em gentilmente disponibilizar o acesso a esse programa.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será descrito o arcabouço teórico que norteia a presente pesquisa, partindo-se das concepções de gênero segundo Bakhtin (1979), Miller (1984), Martin (2000), Swales (1990, 1992, 2004), Askehave e Swales, (2001) e Bhatia, (1993, 1997, 2004).

Em seguida serão discutidos alguns dos princípios da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e de seus seguidores (THOMPSON, 1996; LOCK, 1996; EGGINS, 1994; HASAN, 1985) e sua contribuição e relevância para a análise do corpus em foco. Será também apresentado um estudo sucinto das características do discurso oral e do discurso escrito que servirá de base para o enfoque do gênero digital objeto de investigação desta pesquisa.

Especial atenção será dada à proposta da Análise Multidimensional de Biber (1988), a fim de focalizar a relação entre a Análise de Gêneros e as dimensões textuais por ele sugeridas, uma vez que o exame dos traços que compõem tais dimensões pode confirmar alguns dos achados da Análise de Gêneros.

Na seção seguinte, são apresentadas as características dos gêneros digitais, segundo diversos autores, dentre eles, Yates (1996), Wallace (1999), Crystal (2001) e Marcuschi (2002, 2004, 2005).

2.1 – A Análise de Gêneros

Acredita-se que, durante muitos anos, a noção de “gênero” tenha sido aplicada especialmente na área da literatura, cada gênero literário apresentando características próprias que os distinguem dos demais. Segundo Freedman e Medway (1994, p. 322), por exemplo, “o novo termo ‘gênero’, trazido para a Lingüística, é capaz de conectar o reconhecimento das regularidades em tipos de discurso com uma compreensão social e cultural maior da língua em uso.”¹ Cumprenos ressaltar, no entanto, que o estudo de discursos políticos por Aristóteles e os

¹ Cf. original em Inglês: “[...] the new term ‘genre’ has been able to connect a recognition of regularities in discourse types with a broader social and cultural understanding of language in use.” (p. 322).

estudos de retórica tradicional já focalizavam os gêneros acadêmicos, sermões e discursos políticos.

Apesar do reconhecido valor da pesquisa tendo como orientação a Análise de Gêneros, só recentemente essa base teórica, cuja vitalidade é atestada (ROJO, 2005, p. 184-185), ganha um fórum específico para discussão do tema no cenário acadêmico-científico brasileiro². Nos últimos tempos, uma plethora de estudos sobre os mais diversos gêneros vem sendo desenvolvida pela comunidade de pesquisadores brasileiros que se interessam por Linguagem.

A perspectiva de gênero adotada neste trabalho baseia-se fundamentalmente nos achados de Miller (1984), Swales (1990, 1992, 1998, 2004) e Bhatia (1993, 1997, 2004). No entanto, é importante destacar, desde já, a relevante contribuição de Bakhtin (1979) para os estudos contemporâneos sobre o tema.

2.1.1 – A contribuição de Bakhtin

Além de Aristóteles e de suas contribuições pelo viés da retórica, Bakhtin (1979, p. 280-281) tem sido apontado como o precursor da expansão do conceito de gênero aos eventos comunicativos do cotidiano de modo geral. Em trabalho publicado em Inglês em 1979 e só 13 anos mais tarde traduzido para o Português, o pesquisador faz uso do termo “gênero” e desloca o objeto de análise lingüística da oração para o enunciado (oral e escrito). Além disso, a identificação do caráter social envolvido nos gêneros, mais tarde mencionado por Miller (1984), já se mostra presente em Bakhtin, assim como a importância das relações entre os integrantes de diferentes esferas da atividade humana.

Partindo da perspectiva Bakhtiniana, nota-se, também, um embrião da noção de comunidade discursiva. Da mesma forma, o critério básico de definição e classificação dos gêneros ? o propósito comunicativo (Swales, 1990) ? já é mencionado pelo pensador russo ao afirmar que “o enunciado reflete as condições específicas e as **finalidades** de cada uma destas esferas [...]” (p. 279, grifo nosso). A “construção composicional” a que se refere Bakhtin coincide com o que Swales (1990) reconhece, mais tarde, como “padrão organizacional”. Além desses fatores, pode-se afirmar que a originalidade da contribuição de Bakhtin (1979) vislumbra os

² O 1º Simpósio Nacional de Estudo dos Gêneros Textuais (SIGET) foi sediado em Londrina em 2003.

aspectos relevantes a serem investigados de acordo com a proposta da análise de gêneros: os “recursos da língua ? recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais ? ” e a “construção composicional” para fins funcionais.

Urge ressaltar que, no início da Revolução Russa em Moscou, nos primeiros anos da década de 20, foram feitas as primeiras tentativas de definição dos papéis funcionais da linguagem. Jakobson, Vygotsky e Bakhtin influenciaram o desenvolvimento de parâmetros para o ensino de linguagem, baseado na visão funcional adotada na União Soviética (MARKOVA, 1979), além de darem início à Escola de Lingüística de Praga com Bühler. Mais tarde, propuseram tentativas de definir a comunicação em termos funcionais nos Estados Unidos (JAKOBSON, 1959; HYMES, 1962) e na Grã Bretanha (HALLIDAY, 1970), compartilhando, portanto, a preocupação de identificar as funções comunicativas da linguagem (SHEPHERD, D., 2005, informação verbal).

Um outro aspecto fundamental a se considerar é a preocupação de Bakhtin, não com a classificação, mas com o dialogismo do processo comunicativo em que as relações interativas são encaradas como processos produtivos de linguagem (MACHADO, 2005, p. 152). Para a autora, esse núcleo conceitual transfere o foco da retórica para as práticas prosaicas através das quais o discurso se manifesta de forma plural. Refletindo sobre os conceitos de Bakhtin e trazendo-os para a atualidade, a autora afirma que:

Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas **mídias digitais**, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse mas para o qual suas formulações convergem. (MACHADO, 2005, p. 152, grifo nosso)

É pelo viés do dialogismo que Bakhtin acredita que as ações de falantes e ouvinte não são fixas, mas “resultantes de uma mobilização discursiva no processo geral da enunciação”, potenciais e intercambiáveis (MACHADO, 2005, p. 157). Corroborando essa idéia, a autora define gêneros discursivos como formas comunicativas adquiridas nos processos interativos. A autora (p. 163) lembra que é possível adotar o diálogo como metodologia de análise dos gêneros discursivos, baseando-se nas “interações de uma cultura dialogicizada não apenas pela palavra, mas por linguagens da comunicação, seja dos ritos ou das mediações tecnológicas” (p. 163). Para ela,

Ao refletir sobre o diálogo como forma elementar da comunicação, Bakhtin valorizou, indistintamente, esferas de usos da linguagem que não estão circunscritas aos limites de um único meio. Com isso, abriu caminho para as realizações que estão além dos domínios da voz como, por exemplo, os meios de comunicação de massa ou as **mídias eletrônico-digitais**. (MACHADO, 2005, p. 163, grifo nosso).

Em obra devotada ao estudo aprofundado sobre o pensamento e os conceitos bakhtinianos, que reúne trabalhos de renomados pesquisadores brasileiros, Machado (p. 159), ressalta que “o gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura” e deve ser pensado tendo-se o espaço social e o tempo histórico em mente.

Corroborando a interpretação de Machado sobre a perspectiva de Bakhtin, Freitas (2003, p. 28-29) afirma que “O sujeito é percebido em sua singularidade, mas situado em sua relação com o contexto histórico-social, portanto, na pesquisa, o que acontece não é um encontro de psiquês individuais, mas uma relação de textos com o contexto.” Assim, a autora (p. 30), para realizar pesquisa nas ciências humanas, se apóia no princípio de que “[...] o encontro do texto com o contexto, isto é, do que está dado e do que está criando como uma resposta ao primeiro, é por conseguinte, um encontro de dois sujeitos, de dois autores.”

O valor, a pertinência e a aplicação das contribuições de Bakhtin na atualidade podem ser verificados através da análise da interface entre a visão Bakhtiniana de gênero e o discurso digital desenvolvida por Freitas (p. 33-34) em estudo sobre a construção e a produção da escrita de adolescentes na internet em salas de bate-papo ou chats e também em e-mails de listas de discussão.

É de acordo com essa perspectiva que os termos “enunciador” e “co-enunciador” são, por vezes, adotados nesta tese,³ refletindo a noção de que os significados das mensagens em análise são co-construídos dentro da visão dialógica de Bakhtin.

Cumpre-nos também destacar que o conceito de Bakhtin (1979, p. 279) o qual considera que “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (grifo do autor) nos remete às considerações traçadas por Bhatia, especialmente em seu livro *Worlds of written discourse: a genre-based view*(2004),

³ Os termos “interlocutor(es)”, “solicitador(es)”, “emissor(es)”, “receptor(es)”, “remetente(s)” e “destinatário(s)” também são usados, de acordo com o contexto.

sobre o caráter híbrido, criativo e dinâmico dos gêneros⁴, no qual Bhatia (2004, p. 207) apóia a posição defendida por Bakhtin (1979, p. 303) que adverte: “um uso criativo livre não significa ainda uma recriação de um gênero: para usá-los livremente, é preciso um bom domínio dos gêneros”.

É, portanto, inegável a relevância dos estudos de Bakhtin (1979, p. 277-326) e sua influência nas pesquisas que hoje circulam sobre Análise de Gêneros. Se não pela introdução do conceito, mas pelo resgate e ampliação do termo, suas formulações teóricas (BAKHTIN, 1979, p. 277-326) também contribuem para o que Askehave e Swales (2001, p. 195) denominam o “novo movimento de gênero” que tem sido alvo de estudos desde o início da década de 80.

Conforme Swales (1990), cuja visão passamos a tratar, “na verdade, hoje, *gênero* é facilmente usado para se referir a uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, falado e escrito, com ou sem aspirações literárias.” (p. 33, grifo do autor).⁵

2.1.2 – A perspectiva de Swales

Dentre os pesquisadores contemporâneos que se dedicam ao estudo de gêneros, Swales tem se destacado como um dos representantes da corrente inglesa da Análise de Gêneros. Nesta tese, a visão sócio-retórica de Swales (1990, 1992, 1998, 2004) se coloca como os principais arcabouços teóricos no que tange aos princípios que norteiam a Análise de Gêneros como a concebemos.

A seguir, apresentamos como o conceito de gênero adotado por Swales (1990, 1992, 1998, 2004) deriva das influências de Miller (1984) e de Martin (1985, 1992, 2000). Também são tecidas considerações acerca de conceitos seminais desenvolvidos por Swales que têm influenciado vários estudos lingüísticos, inclusive este aqui proposto.

⁴ O estudo de Bhatia (2004) será detalhado mais adiante, neste mesmo capítulo, na seção sobre as contribuições do autor para o estudo dos gêneros.

⁵ Cf. original em Inglês: “*Indeed today genre is quite easily used to refer to a distinctive category of discourse of any type, spoken or written, with or without literary aspirations.*” (p. 33).

2.1.2.1 – A influência de Miller e Martin

Dentre os pesquisadores que mais influenciaram a visão de Swales (1990, 1998 e 2001) quanto ao conceito de gênero, destacam-se Miller (1984) e Martin (1985, 1992, 2000).

A contribuição de Miller (1984) para os estudos de gênero é apontada por Swales (1990, p. 18), ao declarar que seu pensamento foi influenciado por estudiosos que consideram gênero como um veículo de ação social. Miller (1984, p. 151) enfoca gênero em termos de tipificações da ação retórica, afirmando que “uma definição de gênero retoricamente sensata deve ser centrada não na substância ou forma do discurso, mas na ação a ser por ele realizada.”⁶

Para Swales (1990, p. 43-44), a autora estende o escopo da análise de gêneros a tipos de discurso até então negligenciados por outros estudiosos. Ademais, Miller argumenta que uma definição de gênero não deve se centrar na substância ou forma do discurso, mas na ação utilizada para realizá-lo. Swales (p. 44) reconhece que o valor da abordagem de Miller reside também no fato de a autora incluir gêneros em uma escala mais abrangente das atividades humanas e, por conseguinte, antropológica, ao sugerir que

Quando aprendemos um gênero, o que aprendemos não é apenas um padrão de formas ou até mesmo um método de alcançar nossos próprios objetivos. Aprendemos, o que é mais importante, que fins podemos ter (MILLER, 1984, p. 165).⁷

Swales resume a importância da influência de Miller em seu trabalho na seguinte reflexão:

O excepcional trabalho de Miller reforça o conceito de gênero como um meio de ação social, situado em um contexto sócio-retórico mais amplo e operando não só como um mecanismo para atingir propósitos comunicativos, mas também para esclarecer o que esses propósitos devem ser (SWALES, 1990, p. 44).⁸

⁶ Cf. original em inglês: “[...] a rhetorically sound definition of genre must be centred not on the substance or form of discourse but on the action it is used to accomplish”. (p. 151).

⁷ Cf. original em inglês: “What we learn when we learn a genre is not just a pattern of forms or even a method of achieving our own ends. We learn, more importantly, what ends we may have [...]”. (p. 165).

⁸ Cf. original em inglês: “Miller’s exceptional work reinforces the concept of genre as a means of social action, one situated in a wider socio-rhetorical context and operating not only as a mechanism for reaching communicative goals but also of clarifying what those goals might be.” (p. 44).

Compreendemos, portanto, que Swales (p. 44) valoriza e compartilha com Miller (1984) a posição teórica que reconhece que a compreensão da construção de um gênero representa uma contribuição social.

Além de Miller, Martin (1985) se coloca, da mesma forma, como um dos lingüistas que mais contribuíram para a visão de Swales em relação ao conceito de gênero e outras noções a ele relacionadas. Martin (p. 250) afirma que o gênero é visto como regularidades de processos sociais voltados a um objetivo. Em citação amplamente divulgada, o pesquisador declara que “os gêneros são a maneira pela qual as coisas são feitas quando a linguagem é utilizada para realizá-las.”⁹

Para Martin (1985, p.25), gênero é “uma atividade direcionada por objetivos e propósitos, realizada através de estágios e na qual os falantes se engajam como membros de nossa cultura”. Mais tarde, o autor amplia sua definição, incluindo aspectos sociais. Diz Martin:

Caracterizamos gêneros como os vários estágios de processos sociais que são definidos pelo objetivo – (i) em estágios porque levamos mais de uma fase de significado para trabalharmos com um gênero, (ii) definidos pelo objetivo porque as fases constituintes são planejadas a fim de realizar algo além de sentirmos uma certa frustração ou incompletação se somos impedidos de continuar e (iii) social porque nos envolvemos interativamente com outras pessoas através de gêneros. A partir dessa perspectiva, as culturas podem ser interpretadas como um sistema de gêneros – e não há significado fora dos gêneros (MARTIN, 2000, p.4).¹⁰

Dessa forma, Miller (1984) e Martin (2000) introduzem conceitos de relevância que refletem na percepção e na conceituação de gênero defendida por Swales (1990), cujos princípios passamos a focalizar.

⁹ Cf. original em Inglês: “[...] *genres are how things get done, when language is used to accomplish them*”. (p. 250).

¹⁰ Cf. original em inglês: “*We characterized genres as staged goal-oriented social processes – (i) staged because it usually takes us more than one phase of meaning to work through a genre, (ii) goal-oriented because unfolding phases are designed to accomplish something and we feel a sense of frustration or incompleteness if we’re stopped and (iii) social because we engage in genres interactively with others. From this perspective, cultures can be interpreted as a system of genres – and there is no meaning outside genre*”. (p. 4)

2.1.2.2 – Conceitos-chave

A importância de Swales (1990) no cenário da análise de gêneros pode ser verificada, sobretudo no campo de Inglês para Fins Específicos. Para a pesquisa em tela, dentre os conceitos-chave de sua posição teórica, destacam-se a noção de gênero, a de propósito comunicativo e a de comunidade discursiva, apresentados na obra de 1990.¹¹

Apoiado em diferentes campos de estudo (o Folclore, os Estudos Literários, a Lingüística e a Retórica), Swales (1990) fornece a seguinte definição de gênero:

Um gênero abrange uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Os propósitos são reconhecidos pelos especialistas da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá forma à estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e de estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado e que faz com que o escopo de um gênero como aqui concebido se mantenha focado em determinada ação retórica. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas forem alcançadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade discursiva. Os nomes dos gêneros são herdados e produzidos por comunidades discursivas e importados por outras. Esses nomes constituem uma valiosa comunicação etnográfica, mas normalmente necessitam de validação adicional (SWALES, 1990, p. 58).¹²

Dessa forma, Swales (1990, p. 45-57) estabelece cinco aspectos fundamentais para a definição de gênero: o primeiro define gênero como uma classe de eventos comunicativos; o segundo estabelece que a principal característica que transforma uma coleção de eventos comunicativos em um gênero é o conjunto partilhado de propósitos comunicativos; em terceiro lugar, está a afirmação de que

¹¹ O autor aponta as três noções centrais que sustentam seu trabalho: gênero, comunidade discursiva e tarefa. No entanto, nesta pesquisa, o conceito de tarefa não será focalizado.

¹² Cf. original em Inglês: “A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. The purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation”. (p. 58).

os exemplos de gêneros variam em sua prototipicidade; o quarto aspecto diz respeito à lógica ou à razão subjacente que estabelece restrições sobre possíveis contribuições em termos de conteúdo, posição e forma e que permite que os membros de uma comunidade reconheçam o gênero; por último, Swales afirma que a nomenclatura ou a terminologia que uma comunidade discursiva elabora e usa é uma importante fonte de informação.

Do ponto de vista da aplicação da Teoria de Gêneros em cursos de Inglês para Fins Específicos, baseando-se nos estudos de Swales e de seus seguidores, Ramos (2004) propõe a seguinte definição de gênero:

[...] um processo social dinâmico, com um ou mais propósitos comunicativos, altamente estruturado e convencionalizado, reconhecido e mutuamente compreendido pelos membros da comunidade em que ele rotineiramente ocorre. Além disso, entende-se que ele opera não só dentro de um espaço textual, mas também discursivo, tático (estratégico) e sócio-cultural (RAMOS, 2004, p. 115).

A citação acima vem ao encontro da re-elaboração do conceito adotada pelo lingüista. Mais de uma década mais tarde, desde a publicação de sua mais conhecida obra, e depois de contato com o pensamento de diferentes teóricos e especialmente inspirado em Fishelov (1993),¹³ Swales confessa que sua definição de gênero (1990, p. 58) apresenta falhas, uma vez que não se aplica a “todos os mundos possíveis” e em “todos os momentos possíveis” (SWALES, 2004, p. 61). O autor, ao apresentar uma discussão profunda do tema, sugere que a adoção de definições, de certa forma, impossibilita o tratamento de novos gêneros. Tentando ampliar o escopo de sua definição, Swales (p. 61) propõe que o gênero seja um empreendimento que abrange 6 metáforas: “gênero como moldura”, “gênero como padrão”, “gênero como espécie biológica”, “gênero como família”, “gênero como instituição” e “gênero como ato de fala”.

Para tratar da 1ª metáfora ? “gênero como moldura” ? Swales (2004, p. 61) recorre a Bazerman (1997, p. 19) e a Beaufort (1998) que consideram gêneros como ambientes de aprendizagem de formas de viver: gêneros são molduras para a ação social. Swales explica que uma moldura é um ponto de partida, uma orientação inicial sem garantia de eficácia de uma ação retórica. O conhecimento do gênero é

¹³ Em *Metaphors of genre: the role of analogies in genre theory* (1993), Fishelov apresenta 4 metáforas.

necessário, mas não se mostra suficiente para o sucesso retórico. Segundo Swales, esta visão é útil não só pelo que revela sobre gêneros, mas também pelo que não revela.

Com a 2ª metáfora — “gênero como padrão” — Swales (2004, p. 62-63) refere-se a padrões lingüísticos inerentes ao gênero que permitem uma gama de escolhas, uma vez que, em se tratando de gênero, nem tudo é controlado e controlável. Segundo Devitt (1997), em quem o teórico se apóia para tratar desta metáfora, assim como os padrões lingüísticos oferecem regras de “etiqueta”¹⁴, como pontuação, os gêneros também seguem essas regras, como a necessidade de uma seção de metodologia em um relatório científico ou como a impossibilidade de se falar mal de um morto no obituário. Dessa forma, Swales, questiona a “liberdade” e a “estabilidade efêmera”¹⁵, sobretudo do aprendiz, reconhecidas como características por outros teóricos. O autor acredita que a excessiva liberdade de escolha pode gerar incompreensão dos significados comunicativos. Citando Devitt (1997, p. 54), Swales (p. 63) afirma que só podemos ajudar nossos alunos a usarem o poder dos gêneros critica e efetivamente se compreendermos as dualidades inerentes aos gêneros, como restrição e escolha e regularidade e caos.

Por “gênero como espécie biológica”, 3ª metáfora, entende-se o gênero em constante evolução (SWALES, 2004, p. 63-64). Assim, a história dos gêneros deve ser considerada do ponto de vista de seu passado, presente e futuro. Essa perspectiva, freqüentemente adotada na área da Biologia, parece ser útil uma vez que permite demonstrar a possibilidade de mudanças em resposta a novos tipos de evidência, perspectiva e teoria.

Para apresentar a 4ª metáfora — “gênero como famílias” — Swales (2004, p. 65-66), baseando-se nos achados de Fishelov (1993), afirma que como os membros de uma família, os gêneros podem não ter a mesma semelhança física que os demais; no entanto, eles compartilham de uma mesma história genealógica. Isso equivale a dizer que um membro ou um gênero pode apresentar muitas características de um outro gênero em seu processo de evolução.

Para descrever a 5ª metáfora — “gênero como instituições” — Swales (p. 66-67) novamente recorre a Fishelov (1993), justificando o uso da metáfora em função de duas razões principais. A primeira delas diz respeito ao fato de que um

¹⁴ Grifo do autor.

¹⁵ Termo original em Inglês: “*stabilized-for-now*”. Grifos do autor.

gênero não é só um produto visível e audível, mas uma instituição complexa que envolve processos de produção e de recepção tipificados mais ou menos complexos que formam parte de redes maiores e dos valores que eles ancoram. A fim de corroborar essa visão, Swales (2004, p. 66) lança mão da seguinte observação de Todorov (1990, p. 18): “É porque os gêneros existem como uma instituição que eles funcionam como ‘horizontes de expectativa’ para leitores e como ‘modelos de escrita’ para autores”.¹⁶ Para apresentar a segunda justificativa, Swales afirma que a metáfora institucional nos permite ver que nossos papéis na vida institucional do gênero não passam de simples e típicos papéis, que não nos exigem assumir identidades distintas, isto é, somos parcialmente co-construídos quando mudamos de uma moldura de ação social para outra.

“Gênero como ato de fala”, 6ª e última metáfora apresentada por Swales (p. 67-68) na discussão do conceito de gênero, é aqui citada como parte da argumentação quanto à possibilidade de se analisar o conjunto de textos, corpus de nossa pesquisa, sob a ótica da Análise de Gêneros (ver Seção 2.1.5). Quando Swales (p. 67-68) propõe a analogia entre gênero e ato de fala, ele focaliza a objetividade ou diretividade do discurso, característica que se sobrepõe à característica de propósito comunicativo.

Cabe-nos destacar que as metáforas apresentadas por Swales (2004) parecem expandir o conceito e, ao mesmo tempo, apresentar uma versão bem mais elaborada da definição publicada em 1990. Urge ressaltar que o gênero que investigamos se enquadra nas analogias elencadas por Swales (ver Seção 4.1). Entendemos que a ampliação da discussão ratifica, complementa e, ainda, insere um componente sócio-discursivo à definição inicial.

Assim sendo, o conceito de gênero aqui adotado leva em consideração a relação entre os participantes de um evento comunicativo, os propósitos que ensejam esse evento, as convenções lingüísticas e as influências decorrentes que ocorrem no processo social em um dado contexto histórico.

Uma das classificações propostas por Swales (2004), também relevante para este estudo (ver 4. 2. 2 – O corpus inicial: diferentes propósitos comunicativos), diz respeito à identificação de “cadeia de gêneros” (“*genre chains*”), ou sucessão de gêneros (p. 18-20) que surge no ambiente acadêmico, por exemplo, entre o gênero

¹⁶ Cf. original em Inglês “ *It is because genres exist as an institution that they function as ‘horizons of expectations’ for readers and as ‘models of writing’ for authors.*” (p. 66)

“Chamada de trabalhos” e o gênero “Comunicação oral”. Segundo o autor, alguns desses gêneros são visíveis e outros invisíveis ao público.

Uma outra noção que nos interessa discutir é a de propósito comunicativo. Após apresentar a noção de propósito comunicativo, conceito embutido na noção de gênero, como fundamental para sua análise em 1990, Swales rediscute e redimensiona sua importância conferindo a esse critério ainda maior relevância, já que o insere em um contexto sócio-cultural e cognitivo e reconhece que um texto pode apresentar mais de um propósito (ASKEHAVE; SWALES, 2001). Em vez de preconizarem que a análise parta da identificação imediata do propósito comunicativo do texto, o processo analítico passa a se iniciar com um estudo minucioso da comunidade discursiva onde o texto circula (ASKEHAVE; SWALES, 2001, p. 207-208). O foco de investigação não recai apenas em um conjunto de propósitos comunicativos, mas em uma listagem complexa na qual alguns propósitos não são passíveis de serem oficialmente reconhecidos pela instituição, mesmo sendo reconhecidos por alguns membros especialistas (p. 199).

No artigo *Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution*¹⁷, especialmente voltado para o ensino da escrita de alunos estrangeiros,¹⁸ Askhave e Swales fazem a seguinte observação:

Sugerimos que o propósito (mais exatamente os conjuntos de propósitos comunicativos) retenha o status de critério “principal”,¹⁹ em um sentido diferente daquele originariamente proposto por Swales. Esse critério não deve ser visto em termos de centralidade, proeminência ou clareza óbvia, nem em relação às crenças sobre gêneros dos usuários, mas por seu status como recompensa ou pagamento para pesquisadores [...] (ASKHAVE; SWALES, 2001, p. 210).²⁰

Assim, o propósito, ou o conjunto de propósitos comunicativos, deve ser tomado como o critério inicial, porém, de maneira diferente da proposta por Swales em trabalho publicado em 1990. Com efeito, os autores sugerem a adoção de dois critérios, bastante vagos, que visam à identificação dos propósitos comunicativos e à consequente classificação dos gêneros: textual ou lingüístico e contextual. No nível

¹⁷ Em Português: “A identificação do gênero e o propósito comunicativo: um problema e uma possível solução.”

¹⁸ A obra de Swales (1990) se insere no campo do Ensino de Inglês para Fins Específicos.

¹⁹ Aspas dos autores.

²⁰ Cf. original em Inglês: “We thus suggest that purpose (more exactly sets of communicative purposes) retains the status as a ‘privileged’ criterion, but in a sense different to the one originally proposed by Swales. It is no longer privileged by centrality, prominence or self-evident clarity, nor indeed by the reported beliefs of users about genres, but by its status as reward or pay-off for investigators [...]”. (p. 210).

lingüístico, o propósito comunicativo tem seu valor, especialmente na redefinição ou confirmação do gênero, após a análise da estrutura, do estilo e do conteúdo. No procedimento contextual, o estudo do perfil da comunidade discursiva e dos gêneros por ela utilizados ganha maior relevância, uma vez que complementa a redefinição do gênero.

A rediscussão desse conceito incorpora a noção da identificação do propósito comunicativo de um determinado gênero como sendo um ponto de chegada do pesquisador, após a finalização de um processo interpretativo de análise. Cumpre-nos ressaltar, entretanto, que os procedimentos a serem adotados em ambos os critérios não são objetivamente definidos.

Interessante para esta pesquisa é também a necessidade de se considerar a influência do avanço tecnológico, no modo de transmissão, na forma como os exemplos de gênero são percebidos e classificados (ASKHAVE; SWALES, 2001, p. 209). A tecnologia que, à época em que a mais importante obra de Swales (1990) foi lançada, ainda não tinha um papel relevante na história da comunicação, passou a ser considerada na redefinição dos propósitos comunicativos:

“Reobjetivar”²¹ encoraja um estudo sócio-retórico de tais tendências e também permite que sejam focalizados os assuntos altamente contemporâneos sobre como o avanço tecnológico afeta o modo como exemplos de gêneros são percebidos e classificados em relação a seu modo de transmissão: telex, fax, telefone, e-mail, encontro face a face, vídeo-conferência, jornal on-line, jornal impresso etc. (ASKHAVE e SWALES, 2001, p. 209).²²

Dessa forma, além da ampliação da definição de gênero, o conceito de propósito comunicativo é expandido e modificado (SWALES, 2004, p. 68-74). A possibilidade de explorar das restrições impostas pelo gênero, por parte de especialistas da comunidade discursiva, visando capturar intenções (BHATIA, 1993, p. 13) e, assim também, de incorporar o social ao gênero, como sugere Bex (1996), está contemplada na noção de gêneros como processos sociais. Sendo assim, o propósito deve ser interpretado em termos sociais e não psicológicos (SWALES,

²¹ Aspas dos autores. Entendemos que se trata de “reobjetivar” ou redimensionar os propósitos comunicativos.

²² Cf. original em Inglês: “ ‘Repurposing’ encourages socio-rhetorical study of such trends and also allows attention to focus on the highly contemporary issues of how technological advance affects the way in which genre-exemplars are perceived and ranked in relation to their mode of transmission: telex, fax, phone, e-mail, face-to-face meeting, video-conference, on-line journal, print journal, and so on”. (p. 209).

2004, p. 69). Os propósitos sociais podem evoluir, expandir ou encolher, ou seja, os propósitos comunicativos também podem variar através dos tempos (p. 73).

É o próprio autor que traça uma analogia entre as metáforas introduzidas na conceituação de gênero, anteriormente discutidas, e os propósitos: as molduras sociais, os padrões, as espécies, as características prototípicas e as atitudes institucionais podem mudar e os atos de fala podem dar margem a interpretações diferentes. Conseqüentemente, os rótulos dados aos gêneros podem revelar o que acontece na sociedade, especialmente quando se reconhece que as tradições sócio-históricas podem preservar o valor simbólico de um rótulo, apesar de considerável mudança na constituição do gênero através dos tempos.

A explícita preocupação de Swales com relação às mudanças histórico-sociais reflete-se na adoção de uma postura analítica voltada tanto para a atualização de conceitos que levem em conta a constante evolução da sociedade, muitas vezes imposta pelas tecnologias, quanto para o processo de produção de gêneros que dela surgem.

Além dos conceitos até aqui focalizados, a noção de comunidade discursiva parece fundamental para a compreensão e aplicabilidade da teoria na qual esta tese se apóia. Para dar conta de tal tarefa, partimos dos conceitos apresentados por Swales (1990, 1992, 2004) e Askehave e Swales (2001) e os complementamos, recorrendo a outros teóricos (JOHNSTONE, 2002; WENGER, 1998; BHATIA, 1993, 1997, 2004; PORTER, 1992; KILLINGSWORTH; GILBERTSON, 1992) que, da mesma forma, oferecem significativas contribuições acerca do tema.

As comunidades discursivas constituem redes sócio-retóricas que possuem objetivos comuns e cujos membros estão familiarizados com os gêneros que nelas circulam a fim de atingir propósitos comunicativos distintos (SWALES, 1990, p. 09). Portanto, os gêneros são concebidos como eventos comunicativos compartilhados por membros de uma comunidade discursiva, visão baseada no que Labov (1970), sob a luz da Sóciolingüística, denominou “conhecimento compartilhado” (“*shared knowledge*”).

Mais tarde, Swales aponta a distinção entre “comunidades de fala” e “comunidades discursivas”. “Comunidades de fala” se caracterizam em função de seu local de origem (SWALES, 1992, p. 08); as “comunidades discursivas” apresentam (p. 24-27) seis características básicas. Primeiramente, elas têm uma série de objetivos públicos em comum. O compartilhar de objetivos caracteriza-se

como o critério mais relevante na identificação de uma comunidade discursiva. O segundo traço diz respeito a mecanismos de intercomunicação utilizados por seus participantes. Swales também aponta a função da troca de informação a fim de fornecer informação e feedback; i. e., o uso de mecanismos de comunicação que se prestam a fornecer e a estimular o retorno de informações. A quarta característica das comunidades discursivas versa sobre a utilização e o desenvolvimento de um ou mais gêneros no desempenho comunicativo a serviço de seus propósitos. Além de lidar com gêneros peculiares, uma comunidade discursiva, segundo o pesquisador, utiliza-se de um léxico específico — essa é a quinta peculiaridade. Por fim, o autor aponta que uma comunidade discursiva possui um significativo número de membros com um grau considerável de conhecimento das convenções discursivas, além de participantes novatos que são encorajados a participarem plenamente das atividades sócio lingüísticas da comunidade (p. 27).

Inspirados na discussão lançada por Swales sobre as características de uma comunidade discursiva, diversos outros pesquisadores se ocuparam do tema. Na perspectiva de Johnstone (2002, p. 111-116), por exemplo, o que diferencia um grupo de pessoas de uma comunidade é o engajamento em atividades discursivas. Segundo a autora, desempenhar uma atividade em um grupo significa também pertencer a uma comunidade comum. Johnstone analisa a diferença na classificação e caracterização de tipos de comunidade sob o prisma do discurso, considerando-se a forma como os grupos sociais constituem: “comunidade de fala”, “comunidade discursiva” e “comunidade de prática”. As comunidades de fala são física ou geograficamente delimitadas. Assim, os membros se comunicam com uma linguagem peculiar. À guisa de ilustração, os nova-iorquinos se reconhecem e são reconhecidos pela maneira com a qual se expressam (JOHNSTONE, 2002, p. 116). Por outro lado, quando as pessoas de um determinado grupo interagem e trocam informações acerca de um mesmo tópico ou de uma situação em particular (como no caso de pesquisadores de uma disciplina acadêmica), elas fazem parte de uma determinada “comunidade discursiva”.

O conceito de “comunidade de prática”, terceira classificação de comunidade segundo Johnstone, é discutido por Wenger (1998), como um processo de engajamento e empenho nas práticas sociais, fundamental para determinar o que somos, o que aprendemos e em quem nos tornamos. Ao se agruparem em busca de um determinado objetivo comum, os seres humanos interagem e se sintonizam entre

si e com o mundo ao seu redor, engajando-se em um processo de aprendizagem (WENGER, 1998, p. 45). O termo “Comunidade de Prática”, como concebe Wenger, se refere, portanto, a comunidades profissionais, já que parte da prática que um determinado agrupamento de pessoas desenvolve e não dos eventos comunicativos em si (SWALES, 1990).

Enquanto nas comunidades discursivas o foco está no nível léxico-gramatical e em textos e gêneros que permitem com que os indivíduos alcancem seus objetivos, regulem sua afiliação e se comunique eficientemente, nas comunidades de prática a ênfase repousa nas práticas e nos valores que mantêm as comunidades unidas ou as separam de outras comunidades (BHATIA, 2004, p. 148-149).

Swales, ao se referir a Porter (1992) e Killingsworth e Gilbertson (1992) para realçar a importância de seus achados na discussão de Comunidade Discursiva, nos fornece subsídios teóricos relevantes. Porter (p. 107) contribui com o conceito de “fórum” como uma manifestação concreta e local de operação de uma comunidade discursiva. O fórum pode ser um local definido ou um veículo para conexão de uma comunidade discursiva, como uma conferência ou um jornal. Considerando-se essa perspectiva, a nosso ver, a CVL aqui se enquadra. Ela não constitui uma Comunidade propriamente dita, conforme sugere o título, mas, antes, em um fórum onde uma comunidade se expressa. A comunidade é o grupo de pessoas afiliadas; a CVL é o espaço virtual onde esses participantes se encontram e interagem.

A contribuição de Killingsworth e Gilbertson, à qual Swales (1998, p. 201) se refere, diz respeito à distinção entre Comunidade Discursiva Local e Comunidade Discursiva Global. A primeira congrega pessoas que trabalham juntas ou grupos definidos com base em características demográficas; a segunda, define-se apenas pelo comprometimento com tipos específicos de ações e de discursos, independentemente de onde ou com quem se trabalha. Assim, enquanto as comunidades locais, além de ditarem estilos de discurso, podem monitorar a afiliação através de distintivos físicos, as comunidades globais, nas quais os participantes da CVL se encontram, tendem a serem controladas exclusivamente por critérios que têm o discurso como base (SWALES, 1998, p. 201). Inspirado nessas fontes de referência, Swales propõe a adoção de dois conceitos: Comunidades Discursivas de Lugar e Comunidade Discursiva de Foco.

Reverendo seu conceito de Comunidade Discursiva, Swales (1998, p. 19-27) considera Comunidade Disciplinar, Comunidade Comunicativa, Comunidade Retórica e Comunidade de Prática como denominações variantes de seu conceito de Comunidade Discursiva. O autor conclui que não somos o que somos, mas somos o que estamos fazendo em um determinado momento.²³ Nesse argumento insere-se o caráter de mobilidade e trânsito entre diferentes comunidades. No entanto, Swales parece negligenciar o que Killingsworth e Gilbertson chamaram de Comunidades Discursivas Globais, restringindo a noção de Comunidade Discursiva a Comunidades Discursivas de Lugar (*“place discourse communities”*) e estabelecendo os critérios que norteiam sua classificação (p. 204): um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas, desenvolvem gêneros falados e escritos, estabelecem um consenso quanto às práticas de trabalho e têm conhecimento de sua própria história. Parece compreensível que tal opção tenha sido feita se considerarmos o título e, conseqüentemente, o objeto de análise do trabalho publicado por Swales em 1998: *Other floors, other voices: a textography of a small university building*.²⁴

Dentre as variações de Comunidade Discursiva (SWALES, 1998, p. 20), a que mais se aproxima do grupo de pessoas, cujos textos analisamos nesta tese, é aquela que se refere à Comunidade Disciplinar, uma vez que a opção por Comunidade Disciplinar pode ser interpretada como a ênfase na idéia de “faculdade invisível” (*“invisible college”*)²⁵ de um grupo disperso de especialistas e entusiastas (p. 198) . A opção por Comunidade Discursiva pode focalizar igualmente um agrupamento local. O próprio Swales acredita que a adoção ou repúdio a tal caracterização pode depender da influência dos avanços da intercomunicação eletrônica, ao dizer, entre parêntese, que “(Vou deixar para outros decidirem se essa distinção é desgastada pelo rápido avanço das intercomunicações eletrônicas)”.²⁶ Apesar de perceber, admitir e mencionar os possíveis efeitos das novas tecnologias no discurso, o autor não aprofunda essa discussão.

A adequação às constantes mudanças em diferentes situações retrata a idéia de que “diferentes grupos de falantes são importantes para um indivíduo em

²³ Original em Inglês: *[...] we are not what we are [...], but we are what we are doing at any particular moment.* (p. 22).

²⁴ Em Português: *Outros andares, outras vozes: uma textografia de um pequeno prédio universitário.*

²⁵ Aspas do autor.

²⁶ Original em Inglês: *“(I will leave it for others to decide whether this distinction is eroded by the rapid advance of electronic intercommunications).”* (p. 198).

diferentes momentos e de diferentes formas” (JOHNSTONE, 2002, p. 116).²⁷ Durante nossa vida social, nos engajamos em diferentes grupos e pertencemos a múltiplas comunidades simultaneamente. Ademais, podemos desempenhar papéis de maior ou menor importância em diferentes comunidades: podemos ter um papel central em várias comunidades e um periférico em outras (WENGER, 1998, p. 7).

Como pode ser verificado, com base nas propostas teóricas acima discutidas, a CVL, fonte do nosso corpus, constitui um veículo a serviço da comunicação de uma “comunidade discursiva” real nos moldes preconizados por diferentes teóricos, dando conta de seu caráter dinâmico e flexível que explica, por exemplo, a possibilidade de inclusão de um participante em diferentes comunidades, com diferentes interesses disciplinares e tendo contato com diferentes gêneros. Acrescenta-se à CVL, porém, a característica digital, determinada pelo meio de transmissão de comunicação, discutida em 2.1.4– Os gêneros digitais.

Além do foco na definição de gênero, de seu propósito comunicativo e do tratamento dado à noção de comunidade discursiva, o trabalho de Swales sobressai como essencial no âmbito da aplicação da teoria analítica de gêneros. A organização retórica é fundamental na identificação dos gêneros. O modelo de análise CARS ? “*Creating a research space*”²⁸ ? , desenvolvido pelo estudioso (SWALES, 1990, p. 140-141), aplicado exclusivamente à introdução de artigos acadêmicos em Inglês, serve de base para diversos outros estudos de análise de gêneros na identificação e categorização de movimentos e passos (compulsórios e opcionais). Nele, o autor sugere três movimentos (“*moves*”) ? “Estabelecendo um território”, “Estabelecendo um nicho” e “Ocupando o nicho”.²⁹ Em cada um dos movimentos são embutidos passos (“*steps*”) co-existentes ou não. A relativa flexibilidade desse modelo sugerido por Swales (1990) propiciou sua aplicação a diferentes gêneros. Mesmo assim, é com base no modelo de análise CARS que Swales (2004, p. 244-245) propõe um modelo ainda mais amplo OARO — “*Open a Research Option*”,³⁰ a fim de dar conta de inúmeros e diferentes gêneros, de comunidades de diferentes tipos, tamanhos e culturas.

²⁷ Original em Inglês: “*Different groups of speakers are relevant to an individual at different times and in different ways.*” (p. 116).

²⁸ Em Português, “Criando um espaço de pesquisa”.

²⁹ Cf. original em Inglês: “*Establishing a territory*”, “*Establishing a niche*” e “*Occupying the niche*”.

³⁰ Em Português, modelo “Opcional de abertura de pesquisa”.

A obra de Swales, de inegável valor, sugere que não há fronteiras claramente definidas no que concerne à delimitação dos movimentos retóricos dentro do texto. Na verdade, verifica-se que em muitos momentos da análise a fronteira entre um movimento e outro se mostra indefinida. A sobreposição de movimentos é focalizada no Capítulo 4 desta tese.

A valiosa contribuição de Swales (1990, 1998, 2001, 2004) tem inspirado diversos autores na aplicação dos padrões retóricos a diferentes gêneros, serviu de base também para os estudos de Bhatia (1993), cujo modelo analítico de textos promocionais (p. 45-75) influencia sobremaneira esta pesquisa.

2.1.3 – A visão de Bhatia

Os estudos de Bhatia (1993, 1997, 2004) sobre gêneros são fundamentais para a presente pesquisa, sobretudo sua definição de gênero, seu modelo analítico de cartas promocionais e sua abordagem sobre o papel da hibridez, originalidade e dinamicidade dos gêneros.

2.1.3.1 – O conceito de gênero

Inspirando-se em Swales (1990), Bhatia (1993, p. 13) define gênero como:

[...] um evento comunicativo caracterizado por uma série de propósito(s) comunicativo(s) identificados e mutuamente compreendidos pelos membros de uma comunidade acadêmica ou profissional na qual ele regularmente ocorre. Geralmente ele é altamente estruturado e convencionalizado com restrições em contribuições em termos de intenção, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, no entanto, são freqüentemente exploradas pelos membros especialistas da comunidade discursiva a fim de alcançar intenções pessoais dentro da estrutura do(s) propósito(s) reconhecido(s) socialmente (BHATIA, 1993, p. 13).³¹

Na definição acima, percebe-se que, apesar de confirmar os conceitos de Swales relativos a eventos comunicativos, comunidade discursiva e propósito comunicativo,

³¹ Cf. original em Inglês: “ [...] it is a recognizable communicative event characterized by a set of communicative purpose(s) identified and mutually understood by the members of the professional or academic community in which it regularly occurs. Most often it is highly structured and conventionalized with constraints on allowable contributions in terms of their intent, positioning, form and functional value. These constraints, however, are often exploited by the expert members of the discourse community to achieve private intentions within the framework of socially recognized purpose(s) ”. (p. 13).

Bhatia se afasta de Swales ao considerar a possibilidade de que escolhas individuais podem ser utilizadas intencionalmente. Ramos (2004) interpreta a posição de Bhatia da seguinte forma:

Ao incluir a possibilidade de um escritor fazer escolhas individuais para alcançar uma determinada intenção, Bhatia também difere de Swales, pois traz um novo ângulo para esse conceito, ou seja, acrescenta aos fatores lingüísticos e sociológicos já existentes nessa definição, a importância do aspecto psicológico ou cognitivo na construção do gênero, aspecto este que Swales só incorporou recentemente (RAMOS, 2004, p. 114).

Portanto, em sua conceituação, Bhatia (1993) vê gênero como um evento social de cunho dinâmico que pode sofrer influências de caráter psicológico ou cognitivo. Acreditamos que o aspecto psicológico apontado por Bhatia, de certa forma, converge com a observação de Bakhtin (1979, p. 303) que afirma que os gêneros devem ser conhecidos a fundo para serem utilizados de forma criativa.

2.1.3.2 – O modelo analítico

Além da conceituação de gênero, o modelo de análise apresentado por Bhatia (1993) também se coloca como essencial para a investigação analítica que utilizamos nesta pesquisa.

O modelo analítico que Bhatia (p. 43-75) apresenta para gêneros de promoção de produtos ou para auto-promoção no cenário de negócios é aqui transportado e adaptado a fim de atender às especificidades do gênero em foco.

Em capítulo denominado “A análise de gêneros em ação”, o autor aplica sua teoria a gêneros profissionais e acadêmicos. Com preocupação claramente didática, Bhatia considera que o reconhecimento do propósito comunicativo é o critério mais relevante de identificação e classificação de gêneros. O autor mostra, através de sua análise, como dois eventos comunicativos do mundo dos negócios, aparentemente diferentes, se mostram similares quanto a seus propósitos comunicativos, pertencendo, portanto, ao mesmo gênero. Por outro lado, Bhatia demonstra que dois eventos comunicativos do mundo acadêmico, aparentemente similares, constituem, na verdade, dois gêneros diferentes, por terem propósitos comunicativos distintos.

Tendo em vista a proposta deste estudo e o corpus, objeto de nossa investigação, discorreremos tão-somente sobre a parte da aplicação da teoria de

Bhatia que nos serviu de base analítica: a análise do primeiro par de textos ? cartas promocionais de vendas (“*sales promotion letters*”) e cartas de pedidos de emprego (“*job applications*”). Os dois documentos compartilham do mesmo propósito comunicativo principal, do mesmo meio e seus participantes têm relações de papéis similares. Portanto, constituem exemplos do que o autor denomina “gênero promocional” (BHATIA, 1993, p. 74).

Apesar de não considerarmos o gênero em foco nesta pesquisa um tipo de “gênero promocional”, alguns dos movimentos retóricos identificados por Bhatia estão presentes nos pedidos de ajuda que examinamos. Dos cinco propósitos comunicativos elencados por Bhatia (1993, p. 45-46) como característicos desse tipo de carta (persuadir, chamar atenção, apresentar a avaliação o produto, apresentar detalhes, encorajar contato futuro), alguns são também inerentes ao pedidos de ajuda que investigamos. Assim como cartas promocionais, pedidos de ajuda detêm a função persuasiva, tentam captar a atenção do leitor, precisam ser sucintos e eficientes e, ao mesmo tempo, passar as informações necessárias para que o objeto do pedido seja bem compreendido pelo receptor da mensagem. Além disso, os pedidos aqui estudados, se assemelham, muitas vezes, a cartas promocionais. Apesar de serem o primeiro contato entre o solicitador e o receptor, eles devem possibilitar e encorajar futuras interações.

Bhatia estabelece sete movimentos retóricos na análise dos dois subgêneros de gêneros promocionais: “estabelecendo credenciais”, “apresentando a oferta / o candidato”, “oferecendo incentivos”, “anexando documentos”, “solicitando resposta”, “usando táticas de pressão” e “fechando educadamente”.³² Dadas as peculiaridades do corpus em foco nesta pesquisa, alguns desses movimentos são também identificados nos pedidos de ajuda (ver Capítulo 4). Além dos movimentos, o autor identifica e categoriza as “estratégias” lingüísticas utilizadas em cada movimento, i. e., as escolhas táticas feitas pelo enunciador, a fim de alcançar sua intenção (BHATIA, 1993, p. 19). O pesquisador observa que, assim como cada gênero tem um propósito comunicativo, cada movimento tem uma intenção comunicativa a ser atingida, intenção essa que serve ao propósito do gênero. A análise que apresentamos no Capítulo 4 baseia-se fundamentalmente nas orientações de Bhatia.

³² Em Inglês: “*establishing credentials*”, “*introducing the offer/the candidate*”, “*offering incentives*”, “*enclosing documents*”, “*soliciting response*”, “*using pressure tactics*” e “*ending politely*”.

A contribuição de Bhatia aos estudos de gêneros se faz ainda mais relevante quando o autor reconsidera os conceitos anteriormente discutidos e amplia sua visão, sobretudo no que tange ao caráter complexo, dinâmico e híbrido imposto pelos gêneros, concebidos como características de um processo de desenvolvimento (BHATIA, 2004).

2.1.3.3 – O desenvolvimento dos gêneros

Em publicações posteriores à sua mais conhecida obra (1993),³³ Bhatia (1997, 2004) incorpora novos traços ao conceito de gênero na tentativa de dar conta da dinamicidade dos gêneros através dos tempos. Segundo o pesquisador (1997, p. 191), apesar de útil e atraente para fins pedagógicos, a noção de “gêneros puros”, na prática, não explica as complexas realidades comunicativas do mundo acadêmico e profissional atual. Abandonando tal visão, Bhatia discute a necessidade de estender o conceito de gêneros a fim de cobrir uma variedade de gêneros e estabelecer critérios, a fim de identificar os propósitos comunicativos híbridos e delimitar as fronteiras entre esses propósitos. Uma outra questão levantada pelo autor (1997, p. 192) diz respeito aos tipos de “intenções particulares”³⁴ que são compatíveis com determinados “propósitos comunicativos socialmente reconhecidos.”³⁵

Em seção em que trata de “O desenvolvimento natural das formas do gênero”,³⁶ Bhatia (1997) considera que a Análise de Gêneros deve se ocupar, por um lado, com a complexidade dos gêneros e, por outro, com a integridade dos mesmos. As duas vertentes, aparentemente contraditórias, são complementares. Diz o autor, em auto-citação:

As estruturas genéricas convencionalizadas são um pré-requisito essencial para uma adequada compreensão da construção e da interpretação dos gêneros no ambiente profissional e acadêmico. A liberdade para inovar, explorar e manipular recursos genéricos e convenções é inevitavelmente exercida dentro da ampla estrutura das fronteiras genéricas específicas... Qualquer tentativa de flagrantemente desrespeitar as convenções genéricas é notadamente

³³ *Analysing genre: language use in professional settings* (em Português: *Analisando o gênero: a linguagem usada em ambientes profissionais.*).

³⁴ Aspas do autor em “private intentions”.

³⁵ Aspas do autor em ‘socially recognized communicative purposes’.

³⁶ Em Inglês: “Natural development of generic forms”, título parcialmente emprestado a esta seção.

estranha e será, portanto, considerada pela comunidade de especialista como uma aberração comunicativa indesejável.³⁷ (BHATIA, 1997, p. 15)

Com efeito, a análise de gêneros deve ser verdadeiramente estreita em foco, mas ampla em visão. Assim, ela poderá abranger a diversidade de gêneros e suas características (BHATIA, 1995, p. 192).

Apesar de fugir ao escopo desta tese, a dinamicidade, revelada através da possibilidade de incorporação de novas características, assim também, o desenvolvimento natural dos gêneros através da história³⁸ (BHATIA, 1997, 2004) têm especial relevância para a investigação de casos que não seguem os padrões convencionalmente característicos dos gêneros, desviando-se das convenções pré-estabelecidas.

Em obra que focaliza, primordialmente, o discurso escrito, Bhatia (2004) considera a complexidade, a dinamicidade, a versatilidade e a imprevisibilidade dos gêneros, conferindo criatividade no discurso posição de destaque. Segundo Bhatia (p. 207), Bakhtin já considerava a possibilidade de criatividade na construção de textos de um mesmo gênero em sua notória afirmação sobre a necessidade de se conhecer um gênero a fundo para que ele possa ser usado de forma criativa.

Quanto ao uso de convenções, as pessoas que detêm conhecimento e poder exploram, a fim de criarem novas formas, tornando o mundo do discurso muito mais complexo e dinâmico (BHATIA, 2004, p. 25).

O autor aponta aspectos relevantes para qualquer estudo que investigue gêneros, considerando que o comportamento comunicativo nos contextos convencionalizados pode suscitar as seguintes questões relevantes:

- ⇒ embora os gêneros sejam identificados com base em características convencionalizadas, eles se desenvolvem e mudam continuamente;

³⁷ Cf. original em Inglês: *“conventionalized generic structures are an essential prerequisite for an adequate understanding of the construction and interpretation of genres in professional and academic settings. The freedom to innovate, exploit or manipulate generic resources and conventions is inevitably exercised within the broad framework of specific generic boundaries... Any attempt to flagrantly flout generic conventions is noticeably odd and will therefore be considered by the specialist community an undesirable communicative aberration”*. (p. 15).

³⁸ Acreditamos que a natureza eminentemente dinâmica do gênero em questão deva ser fruto, em parte, do meio digital através do qual ele é transmitido.

- ⇒ apesar de os gêneros serem associados a padrões de textualização típicos, os membros especialistas de comunidades profissionais os exploram a fim de criarem novos padrões;
- ⇒ embora os gêneros sirvam a típicos propósitos comunicativos socialmente reconhecidos, eles podem ser explorados e apropriados a fim de servir a intenções individuais ou coletivas;
- ⇒ embora os gêneros sejam identificados e conceitualizados em formas puras, no mundo real, eles são formas híbridas, mescladas ou embricadas;
- ⇒ apesar de os gêneros terem nomes típicos, diferentes membros de comunidades discursivas têm diferentes perspectivas e interpretações desses gêneros;
- ⇒ apesar do fato de que os gêneros ultrapassam as fronteiras das diversas áreas de saber, encontramos variações em muitos deles, especialmente naqueles usados no contexto acadêmico; e
- ⇒ embora a análise de gêneros seja tipicamente vista como uma investigação textual, análises abrangentes tendem a empregar uma variedade de ferramentas, incluindo análises textuais, técnicas etnográficas, procedimentos cognitivos, análise computacional e consciência crítica.

Além dos aspectos supracitados, a investigação de Bhatia (2004) também se ocupa em interpretar o comportamento lingüístico de especialistas e as formas com as quais eles burlam as convenções a seu favor pessoal ou organizacional.³⁹

O interesse pelo estudo dos gêneros, na década de 80, foi fruto do desenvolvimento da pesquisa lingüística dos anos 50 e 60, época em que os estudos dessa área se difundiram em diferentes direções, dentre elas, a funcional e social como a de Halliday e de seus seguidores no contexto britânico (CHRISTIE, 2007, p. 1),⁴⁰ cujos princípios, de relevância para esta tese, passamos a tratar.

³⁹ Tendo em vista sua importância e extensão, neste trabalho, o exame de mensagens que fogem radicalmente ao padrão identificado não serão foco de análise, como o fizemos no Exame de Qualificação.

⁴⁰ No prelo.

2.2 – A Gramática Sistêmico-Funcional

Ao lado da Análise de Gêneros (SWALES, 1990, 1998, 2001; BHATIA, 1993, 1997, 2004), coloca-se a Gramática Sistêmico-Funcional⁴¹ (EGGINS, 1994; LOCK, 1996; BUTT et al., 1997; THOMPSON, 1996; HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; HASAN, 1976; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), cujos conceitos nos fornecem amparo teórico para o desenvolvimento desta tese. Assim, à identificação do propósito comunicativo e do padrão retórico do gênero, incorpora-se o estudo sobre o que falamos, para quem e com quem falamos e, assim também, a construção do significado do gênero. Consideramos que os pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional são complementares à Análise de Gêneros, proposta por Swales (1990, 1998, 2001) e Bhatia (1993, 1997, 2004), explicando as escolhas e as manifestações léxico-gramaticais que, por sua vez, reafirmam os propósitos comunicativos do texto⁴². A abordagem para a descrição lingüística que optamos por aplicar ao corpus em análise nos auxilia a confirmar as características do gênero de “pedidos de ajuda enviados através de lista de discussão.”⁴³

O termo “sistêmica”, com que Halliday (1970, 1985, 1989), Halliday e Hasan (1976) e Halliday e Matthiessen (2004) nomeiam essa abordagem da gramática, parte da noção de que a linguagem é um recurso e de que o texto é produto de uma seleção dentro de uma rede de sistemas. A gramática, por sua vez é representada na forma de redes de sistemas (ou sistêmicas) de escolhas e não, como uma listagem de estruturas. Os autores reconhecem a importância da estrutura na descrição de uma língua; no entanto, sugerem que ela seja interpretada como uma forma externa, resultante de escolhas sistêmicas do enunciador. A linguagem, nesse enfoque é, entre outras coisas, uma fonte para a compreensão do significado a partir de padrões sistêmicos de escolha. Dessa forma, cada momento de escolha contribui para a formação da estrutura (HALLIDAY; MATTHIESSES, 2004, p. 24). No entanto,

⁴¹ Serão utilizados neste trabalho os termos discutidos na Lista de Discussão de Gramática Sistêmico-Funcional em Português, traduzidos e aprovados para utilização pelas equipes de investigação da FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e do Projeto Direct (PUC-SP).

⁴² Adotamos a definição de texto de Halliday (2004) como o termo que se refere à qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que saiba essa língua. Cf. original em Inglês: “The term “text” refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language.” (p. 3).

⁴³ Na seção 4.1, no Capítulo de apresentação e discussão da análise do corpus, apresentamos os argumentos em que se baseia a classificação dos pedidos de ajuda como gênero.

baseando-se na relação entre a escolha semântica e o que acontece no cérebro, segundo Lamb (1999), tais escolhas podem não ser consideradas intencionais. Esses momentos de escolha constituem passos analíticos na construção gramatical do significado. Portanto, “ao analisarmos um texto, apontamos a organização funcional de sua estrutura e indicamos as escolhas significativas foram feitas, cada uma vista no contexto do que poderia ter significado, mas não significou” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 24).⁴⁴

Dessa forma, a Gramática Sistêmico-Funcional se caracteriza por ser abrangente, porquanto se preocupa com a linguagem na sua totalidade. Isso quer dizer que o que é dito em relação a qualquer aspecto deve ser compreendido em relação a um quadro maior (HALLIDAY, 2004, p. 19-20). Uma das razões que justificam a adoção desse tipo de enfoque gramatical é o fato de que as linguagens se desenvolvem gradualmente⁴⁵. A Gramática Sistêmico-Funcional, portanto, dá conta da dinamicidade das linguagens.

Conforme Eggins,

[...] define-se a lingüística sistêmica como uma abordagem semântico-funcional à linguagem que explora tanto a forma como a linguagem é usada em diferentes contextos, quanto a forma como ela se estrutura para ser usada como um sistema semiótico (EGGINS, 1994, p. 22-23).⁴⁶

Assim, os lingüistas sistêmicos se interessam pela forma como as pessoas usam a linguagem na realização das tarefas sociais diárias (EGGINS, 1994, p. 2). Tal interesse move os estudiosos a se concentrarem em quatro aspectos relevantes: o uso da linguagem é funcional; sua função é a de construir significados; esses significados são influenciados pelo contexto social e cultural nos quais eles são trocados; o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, que envolve escolhas.

Vale ressaltar que, segundo a autora, se, por um lado, a Gramática Sistêmico-Funcional se opõe ao enfoque dado à linguagem pela ótica da gramática tradicional, por outro, ela congrega conceitos e visões lingüísticas de diferentes correntes, como

⁴⁴Cf. original em Inglês: “So when we analyse a text, we show the functional organization of its structure; and we show that meaningful choices have been made, each one seen in the context of what might have been meant but was not.” (p. 24).

⁴⁵ Por “linguagens” Halliday e Matthiessen (2004, p. 20) entendem as linguagens natural, adulta e verbal.

⁴⁶ Cf. original em Inglês: “[...] systemic linguistics has been described as a functional-semantic approach to language which explores both how people use language in different contexts, and how language is structured for use as a semiotic system.” (p. 22-23).

a gramática de textos, a análise do discurso, a sociolingüística, a etnografia da fala, e todos aqueles estudos que se interessam pela a análise da interação dos padrões de uso da linguagem e sua correlação com estruturas sociais e ideológicas. O que a torna especial é a tentativa em desenvolver a teoria sobre a linguagem como um processo social e uma metodologia analítica que permite a descrição detalhada e sistemática de padrões lingüísticos (EGGINS, 1994, p. 23).

A importância dos dois eixos analíticos é assim colocada:

[...] estudar como as pessoas usam a linguagem nos força a reconhecer, primeiramente, que o comportamento lingüístico é orientado pelo objetivo [...] e, em segundo lugar, que o comportamento lingüístico ocorre tanto em uma situação como em uma cultura em relação às quais ele pode ser avaliado como apropriado ou inapropriado (EGGINS, 1994, p. 29).⁴⁷

As noções de “Contexto de Cultura” e “Contexto de Situação”, cunhadas por Malinowski (1923) e posteriormente adotadas e desenvolvidas por Halliday, se colocam como fundamentais na elaboração dos patamares teóricos que sustentam nossa pesquisa. Segundo Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 99), Malinowski (1923) introduziu a noção de Contexto de Cultura e de Situação, objetivando evidenciar o fato de que as configurações contextuais específicas trazem seus significados da cultura à qual pertencem.

Para as próximas seções, tomamos emprestados os títulos de capítulos de Eggins (1994): “O Contexto de Cultura: gênero” e “O Contexto de Situação: registro”. A segunda seção, sobre registro, é subdividida em três partes em que se discutem cada uma das dimensões metafuncionais das linguagens: o componente ideacional, o componente interpessoal e o componente textual.

2.2.1 – O Contexto de Cultura: gênero

Situado no âmbito mais amplo da cultura, o Contexto de Cultura, termo cunhado por Malinowski (1923), que deu origem aos conceitos seminais da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004, p. 46-47), está relacionado ao propósito social do texto, passando pela ideologia, pelas convenções sociais e pelas instituições. De acordo com essa perspectiva, as comunidades desenvolvem

⁴⁷ Cf. original em Inglês: “[...] *studying how people use language forces us to recognize, first, that linguistic behaviour is goal oriented [...]; and, second, that linguistic behaviour takes place within both a situation and a culture, in relation to which it can be evaluated as appropriate or inappropriate.*” (p. 29).

manifestações discursivas a fim de alcançar um determinado objetivo comunicativo. Dessa forma, os membros de uma determinada comunidade, que partilham do conhecimento comum quanto aos mecanismos utilizados a fim de atingir os propósitos de uma cultura, podem prever, com bastante segurança, a organização e os aspectos lingüísticos de determinados textos pertinentes a essa comunidade.

Halliday (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 46) afirma que o Contexto de Cultura se refere a um pano de fundo maior através do qual o texto deve ser interpretado. Assim, a cultura dá significados e valores ao que as pessoas fazem, isto é, às ações sociais.

Esse conceito, desenvolvido à luz da Gramática Sistêmico-Funcional, se aplica a gêneros, complementando a proposta da Análise de Gêneros. A fim de reconhecer o gênero ao qual um texto pertence, identificamos a organização do texto através da ordem dos estágios (EGGINS, 1994, p.280) que o compõem e a recursividade dos itens lexicais. O nível de contexto que nos interessa no momento é o nível mais geral e abstrato (EGGINS, 1994, p. 30), aquele que dá propósito e significado ao texto e que, conseqüentemente nos fornece subsídios para a identificação e classificação dos gêneros. Eggins (1994, p. 32), à guisa de ilustração, menciona a possibilidade de se identificar o gênero de um determinado texto, sem levar em conta as informações quanto ao contexto específico. É o Contexto de Cultura que fornece propósito e significado a interações. Ao descrever esse contexto, estamos descrevendo o gênero. Segundo a autora, sem essas informações não se conseguiria chegar à exata descrição do “registro” do texto, tema da próxima seção. Entendemos, portanto, que o Contexto de Cultura é um conceito abrangente que envolve o texto e, ao mesmo tempo, os valores inerentes ao Contexto de Situação.

A identificação do gênero ao qual um texto pertence, ou a caracterização de um determinado gênero, depende da análise das formas como o gênero se manifesta na linguagem (EGGINS, 1994, p. 36). Dentro desse enfoque, surgem duas dimensões principais para a realização de gêneros: estrutura esquemática e padrão de realização. A primeira trata de como a organização do gênero em passos ou estágios⁴⁸ é expressa através da estrutura constituinte funcional no texto⁴⁹; a

⁴⁸ Neste trabalho, será adotado o termo “movimento” (SWALES, 1990; BHATIA, 1993) para se referir aos elementos que compõem a organização retórica.

⁴⁹ “Estrutura esquemática” é por Swales (1990) denominada “organização retórica”.

segunda dimensão dá conta das fronteiras entre os estágios e da função de cada estágio de um gênero expressa na linguagem através das escolhas semântico-discursivas e léxico-gramaticais.

A questão central da Gramática Sistêmico-Funcional é que todas as interações são direcionadas por um objetivo ou propósito (EGGINS, 1994, p. 48). A noção de gênero está onde quer que a língua esteja sendo usada a fim de atingir um propósito culturalmente reconhecido e estabelecido (EGGINS, 1994, p. 47).

A terminologia aqui adotada, assim como o modelo de análise do “Contexto de Cultura”, que engloba os traços do gênero em termos de função comunicativa evidenciados através de movimentos retóricos, segue o que postulam Swales (1990, 1998, 2001, 2004) e Bhatia (1993, 1997, 2004). O exame detalhado dos movimentos que compõem os pedidos de ajuda revela as “estratégias” (BHATIA, 1993) utilizadas na construção de cada movimento (ver 4.2.4 – Os movimentos retóricos e as estratégias).

Apresentada a discussão sobre o Conceito de Cultura, passemos, agora, ao Contexto de Situação.

2.2.2 – O Contexto de Situação: registro

Na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, além do “Contexto de Cultura”, surge o “Contexto de Situação”, também chamado registro, que é o ambiente imediato no qual o texto opera e onde se localizam as variáveis situacionais do discurso. Gênero e registro ocupam níveis diferentes de abstração (EGGINS, p. 32). O gênero é um conceito mais abstrato e geral que pode ser identificado independentemente do Contexto de Situação, como mostra o diagrama a seguir, sugerido por Eggins (1994, p. 34):

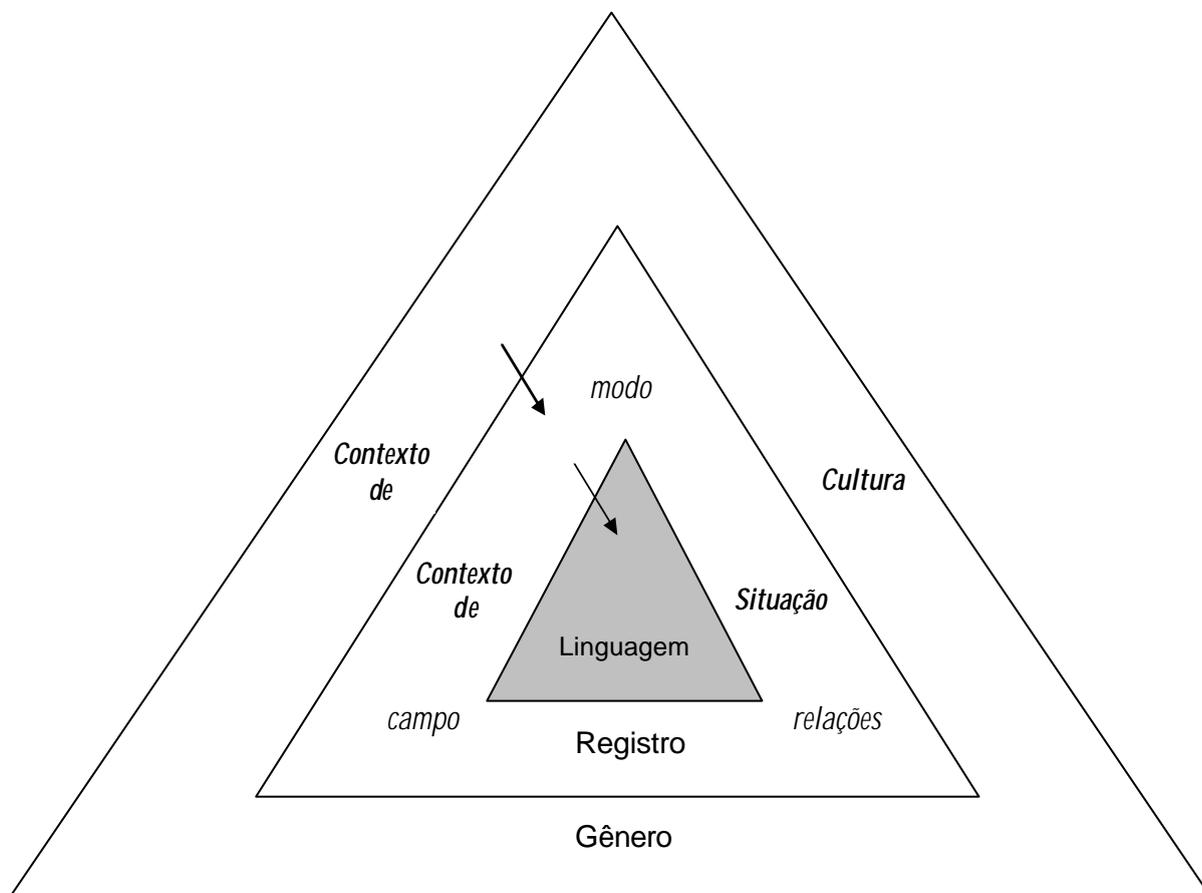


Figura nº 01 – Gênero e registro em relação a linguagem

(Adaptação de EGGINS, 1994, p. 34)

O Contexto de Situação, segundo Butt et al. (1997, p. 124), ocorre dentro do Contexto de Cultura, pois engloba todas as características contextuais de uma determinada cultura. Baseando-se na noção de “relevâncias motivacionais (*“motivational relevancies”*)”, Butt et al. (1997, p. 125) definem o Contexto de Situação como uma abstração resultante da soma de características motivacionais para a construção de um texto.

A fim de proceder a uma interpretação mais abstrata acerca dos traços lingüísticos que se apóiam nas características da situação, Halliday e Hasan (1976, p. 21-22) introduzem a noção de “registro”, apoiando-se na conceituação e na terminologia de Halliday, McIntosh e Strevens (1964). Halliday e Hasan (1976, p. 21-22), esclarecem que, a princípio, o conceito, formulado por Malinowski (1923) e

elaborado por Firth (1950), foi tratado por Jakobson (1962), orientador dos trabalhos de Hymes (1962).⁵⁰

Hymes (1962), conforme afirmam Halliday e Hasan (1976, p. 22), concebe o Contexto de Situação em termos de oito componentes: forma e conteúdo, ambiente, participantes, fins (intenção e efeito), chave, meio, gênero e normas interacionais.⁵¹ Halliday e Hasan (1976), no entanto, adotam os três componentes primeiramente introduzidos por Halliday, McIntosh e Stevens (1964). As três variáveis de registro à que se referem Halliday e Hasan ? “campo” (“*field*”), “relações” (“*tenor*”) e “modo do discurso” (“*mode*”) ? são conceitos gerais que descrevem como o Contexto de Situação determina os tipos de significado expressos através da linguagem (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 22). Dessa forma, a noção de registro, na concepção de Halliday e Hasan (1976, p. 22) aqui adotada, baseia-se na afirmação de que as características lingüísticas que são tipicamente associadas a uma configuração semântico-situacional do texto, com valores especiais de “campo”, “relações” e “modo”, constitui o registro (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 22).

Assim, o Contexto de Situação é focalizado nessas três dimensões de discurso da seguinte forma: a dimensão do “campo” se relaciona ao assunto ou tópico;⁵² a das “relações”, aos participantes ou interagentes envolvidos; a dimensão do “modo”, ao meio utilizado para a transmissão da informação.

O campo se refere ao que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo, à ação social em que os participantes estão engajados (HALLIDAY, 1985, p. 12). Ao descrevermos os eventos sociais em que estamos envolvidos, codificamos nossas experiências do mundo interior e exterior. As relações do discurso referem-se a quem está participando, à natureza dos participantes, às suas posições e a seus papéis. São as relações que se referem aos papéis (temporários e permanentes) existentes entre os participantes e os aspectos sociais que definem seus envolvimento no diálogo. A terceira dimensão, a dimensão do modo, perpassa o papel da linguagem e aquilo que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em uma dada situação, incluindo a organização simbólica do texto, o status e a função do texto no contexto, o canal (escrito, oral ou a combinação de ambos),

⁵⁰ Em “*Models of interaction of language and social setting*”, segundo Halliday e Hasan (1976, p. 22).

⁵¹ Cf. os componentes em Inglês: “*form and content of text, setting, participants, ends (intent and effect), key, medium, genre and interactional norms*”. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 21- 22).

⁵² Vale ressaltar que, neste trabalho, o “campo do discurso” é o assunto motivador do pedido de ajuda.

assim como o modo retórico e o que está sendo alcançado com o texto quanto às categorias de persuasão, exposição e didática.

Cada uma das dimensões, por sua vez, é realizada através de evidências léxico-gramaticais, em três níveis de metafunção da linguagem, cujo significado (HALLIDAY, 1985, p. 44) é “aquela parte do sistema de linguagem ? os recursos específicos semânticos e léxico gramaticais ? utilizados para realizar a função em questão.”⁵³ A teoria das metafunções (HALLIDAY, 1985, p. 45) parte do pressuposto de que linguagens são organizadas de forma que cada enunciado tenha o componente interpessoal e o ideacional, isto é, o enunciado tanto faz alguma coisa, como é sobre alguma coisa.

Considerando a gramática como um recurso para a construção e troca de significados, a Gramática Sistêmico-Funcional se ocupa em descrever o contexto sócio-cultural e a relação entre texto e contexto através dos componentes semântico-funcionais, tipos de significado ou metafunções que refletem, cada um deles, uma das dimensões acima descritas.

Registro é “a forma como as linguagens variam consistentemente com o contexto de situação, ou de acordo com o uso” (BUTT et al., 1997, p. 141). Através do conhecimento sobre campo, relações e modo do Contexto de Situação de um texto, podemos prever sua estrutura gramatical da mesma forma como podemos, com base na estrutura gramatical, chegar ao Contexto de Situação. A esse fenômeno, os autores atribuem a característica de dinamicidade da relação entre texto e Contexto de Situação.⁵⁴

Na ótica de dos autores supracitados,

Ao investigarmos os padrões gramaticais de forma objetiva, podemos ver como os usuários criam significados e alcançam os efeitos pretendidos. Nossas comparações sobre o campo, as relações e o modo de discurso e dos padrões dos sinais experiencial, interpessoal e textual que realizam esses significados, nos permitem diferenciar entre movimentos, períodos e ideologias assim como entre gêneros e escritores. Na realidade, os padrões dos padrões que identificamos

⁵³ Cf. original em Inglês: “*The meaning of metafunction is ‘that part of the system of a language ? the particular semantic and lexico-grammatical resources ? that has evolved to perform the function in question’*”. (p. 44).

⁵⁴ Vale ressaltar que a análise de “mão dupla” mencionada por Butt et al. caracteriza o caráter complementar entre na análise de gêneros de Swales (1990, 1998 e 2001) e Bhatia (1993, 1997 e 2004) e a das dimensões textuais de Biber (1988). Desta forma, pode-se verificar a convergência de resultados analíticos a serem obtidos através de diferentes enfoques teóricos (Capítulo 4 deste trabalho).

em nossa análise tornam a definição de estilo quase tão simples quanto a descrição de contexto de situação porque ambas são artefatos da diversidade funcional da linguagem (BUTT et al., 1997, p. 141).⁵⁵

A citação acima trata da importância da Gramática Funcional na compreensão do texto, através do estudo do Contexto de Situação e de seus componentes: ideacional, interpessoal e textual.

2.2.2.1 – A metafunção ideacional

Halliday e Hasan (1976, p. 26-27) descrevem o componente ideacional, ou experiencial ⁵⁶, focalizado através da dimensão do campo do discurso, como a parte do sistema lingüístico que se ocupa com o conteúdo, com o assunto, com o evento como um todo e com a função da linguagem. Dentro desse componente, os autores apontam duas partes que o compõem: experiencial e lógica. A primeira é mais diretamente relacionada à representação da experiência, com o “Contexto de Cultura”, de acordo com os pressupostos de Malinowski (1923); a segunda parte, a lógica, expressa as relações lógicas abstratas que derivam apenas indiretamente da experiência. Assim, o significado ideacional, termo e conceito que designam a primeira metafunção neste estudo, refere-se à forma como representamos ou manifestamos lingüisticamente nossa experiência do mundo exterior, de nossos pensamentos e sentimentos.

A metafunção ideacional manifesta-se através do sistema de Transitividade, relacionado à dimensão contextual do campo do discurso, envolvendo o tipo de processo, os papéis dos participantes e as circunstâncias. Através do componente ideacional, verifica-se como a escolha do tipo de processo, dos papéis dos participantes e das circunstâncias, na codificação da realidade, chega ao conteúdo do discurso. Ao analisarmos uma oração quanto à transitividade ou ao tipo de

⁵⁵ Cf. original em inglês: “By investigating the grammatical patterns in an objective way, we can see how users of language create meanings and achieve intended effects. Our comparisons of the field, tenor and mode of discourse and of the patterns of experiential, interpersonal and textual signs which realise these meanings, allow us to differentiate between movements, periods and ideologies as well as between genres and individual writers. Indeed the patterns of patterns we discern in our analysis make the definition of style almost as simple as the description of a context of situation because both are artefacts of the functional diversity of language”. (p. 141).

⁵⁶ Segundo Halliday (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 44), o termo “experiencial” refere-se à metafunção ideacional sem o componente lógico abstrato.

processo, estamos tomando a oração como uma representação do mundo (EGGINS, 1994, p. 228).

Ao mesmo tempo em que construímos um mundo de experiência, expressamos e exploramos papéis e atitudes. Além de tratarmos de alguma coisa, interagimos com alguém. Sobre esse fenômeno, Eggins (p. 270) diz que a exigência semiótica é realizada através de uma estruturação simultânea de escolhas lingüísticas, tanto no escopo da Transitividade como no do Modo ⁵⁷, ou seja, no componente interpessoal. São o levantamento e a análise do componente interpessoal, discutidos a seguir, que mais nos possibilitam compreender a construção do significado nos pedidos digitais de ajuda enviados através da lista de discussão.

2.2.2.2 – A metafunção interpessoal

As linguagens são organizadas de tal forma que cada enunciado apresenta tanto o componente ideacional quanto o interpessoal, porquanto, além de fazer algo, o enunciado também é sobre algo (HALLIDAY, 1985, p. 45). Essa é a base da teoria das metafunções.

O componente interpessoal, que pode ser observado no nível das relações do discurso, está ligado às funções sociais, expressivas e conativas da linguagem através da perspectiva do falante: atitudes, julgamentos, relação de papéis e razões que levam à formulação do texto (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 26-27). Enquanto o componente ideacional representa o falante em seu papel de observador, o interpessoal representa o falante em seu papel de intruso. É através dessa metafunção que atuamos lingüisticamente sobre o outro, construindo e estabelecendo as relações humanas. Os autores (p. 240) lançam mão da seguinte metáfora para explicar a função interpessoal da linguagem: “ela é uma relação entre significados no sentido de apresentações do ‘selo’ do próprio falante na situação”. ⁵⁸

Eggins (1994, p. 149), ao discutir o sistema de Modo, recorre à semântica da interação de Halliday (1984, 2004) que preconiza que, ao usarmos a linguagem para

⁵⁷ A fim de evitar confusão entre os termos ‘mode’, ‘MOOD’ e ‘mood’, que têm a mesma tradução em Português, adotaremos as seguintes terminologias e respectivas grafias: *mode* = modo do discurso; ‘MOOD’ = MODO (modo oracional); ‘mood’ or “Mood” = Modo (modo verbal).

⁵⁸ Cf. original em Inglês: “[...] *it is a relation between meanings in the sense of presentations of the speaker’s own ‘stamp’ on the situation [...]*” (p. 240).

interagir, estabelecemos uma relação entre a pessoa que fala ⁵⁹ e a pessoa próxima em dois papéis de fala (ou escrita) diferentes, dar (“*giving*”) e requisitar (“*demanding*”), que podem visar como objeto de troca informações (“*information*”), ou bens e serviços (“*goods and services*”). Através das quatro funções da fala ou escrita a que se refere Halliday (2004, p. 108), declaração (“*statement*”), questão (“*question*”), oferta (“*offer*”), e comando/ordem (“*command*”), se dá a troca de informação ou de bens e serviços:

papel na troca	Troca de comunicação	
	(a) bens e serviços	(b) informação
(i) dar	oferta	declaração
(ii) requisitar	ordem/comando	questão

Figura nº 02 - Dar e requisitar, bens e serviços ou informações
(Adaptação de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 107)

É através da análise do componente interpessoal que reconhecemos a função da fala, o tipo de oferta, o comando, a declaração ou a questão, as atitudes, os julgamentos e as características retóricas que constituem um ato simbólico (HALLIDAY, 1985, p. 45). Portanto, o componente interpessoal? as relações? se realiza na dimensão do MODO, através do qual fazemos uso da linguagem na interação para estabelecer e manter nossas relações pessoais, influenciar o próximo e expressar nossos julgamentos e atitudes em relação ao mundo interior e exterior.

Na 3ª edição de *Introduction to functional grammar*⁶⁰ (2004), Halliday e Matthiessen reescrevem e ampliam o primeiro capítulo “*The architecture of language*”⁶¹ (p.3-36)⁶² e esclarecem detalhadamente, o funcionamento da “rede do sistema de MODO”⁶³ que se origina na oração. Dessa forma, a análise de uma oração, segundo os princípios da Gramática Sistêmico-Funcional e o estudo da gramática da “oração como troca de comunicação” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), uma oração, quanto ao status, é *major* ou *minor*⁶⁴; quando *major*, ela tem um

⁵⁹ Vale ressaltar que Halliday e Matthiessen (2004, p. 106) afirmam que fará uso da palavra “falante” (“*speaker*”) para se referir tanto a falantes como a escritores, *i. e.*, emissores de discurso oral ou escrito.

⁶⁰ Título em Português: *Introdução à gramática funcional*.

⁶¹ Título em Português: “A arquitetura da linguagem”.

⁶² O novo título do 1º capítulo substitui o anterior: “*Constituency*” (1985/1994).

⁶³ Cf. o título do quadro em Inglês: “*The MOOD system network*”. (p. 23)

⁶⁴ Apenas as “*major clauses*” têm um componente de MODO (Eggins, 1994, p. 172).

predicador em sua estrutura. Uma oração *major* é indicativa ou imperativa em MODO. Quando a oração é indicativa, ela tem um operador verbal finito e um sujeito e é declarativa ou interrogativa. Quando a oração é declarativa, o sujeito se coloca antes do operador finito.⁶⁵ As orações interrogativas pertencem ao tipo *sim* ou *não* ou ao tipo *qu-*. Nas do tipo *sim* ou *não* o operador finito vem antes do sujeito; as do tipo *qu-* apresentam um elemento *qu-* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 23-24).

Para os autores, a Modalidade se subdivide em Modalização e Modulação. Ao usarmos a linguagem para fins de troca de informação, fazemos uso da função semântica da proposição ("*proposition*"), significado da Modalização. A função semântica da oração na troca de bens e serviços é a proposta ("*proposal*"), escala da Modulação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 110). Se, por um lado, as proposições questionam se algo é ou não é, por outro, as propostas questionam se algo acontece ou não acontece (EGGINS, 1994, p. 184). Vale ressaltar que, no corpus em análise, tanto informações quanto bens e serviços são alvo de solicitação dos participantes da CVL (ver 4.3.1).

Quando falamos sobre proposição, algo que pode ser questionado na troca de informação, como vimos acima, nos referimos não só aos dois pólos da polaridade (algo é ou não é), mas também aos pontos intermediários entre as duas extremidades. Essas posições intermediárias são, segundo os preceitos da Gramática Sistêmico-Funcional, denominadas Modalidade. Quando a Modalidade é utilizada para questionar sobre obrigação, necessidade ou inclinação,⁶⁶ ela é denominada Modulação. A Modalização envolve a expressão de dois tipos de significados: probabilidade ("*probability*"), quando o falante expressa julgamentos quanto à semelhança ou probabilidade de alguma coisa acontecendo ou sendo; e habitualidade ("*usuality*"), quando o falante expressa julgamentos quanto à frequência com a qual algo acontece ou é. Assim, a Modalização sempre expressa o julgamento explícito do falante (EGGINS, 1994, p. 178-181).

Através dos dois subsistemas que compõem a Modalidade ? Modalização e Modulação ? manifestamos, lingüisticamente, diferentes graus de noções como probabilidade, obrigação etc. Segundo Eggins (1994, p. 193), a resposta para a

⁶⁵ Note-se que a análise de Halliday e Matthiessen se baseia na estrutura oracional da Língua Inglesa. Em Português, por exemplo, tal ordem pode ocorrer tanto nas declarativas quanto nas interrogativas.

⁶⁶ A autora, à página 188, explica a noção de inclinação ("*inclination*") como o desejo de fazer algo por alguém ("*how willing I am to do something for you*").

pergunta “como a linguagem é estruturada para proporcionar interação” está no sistema de Modo e Modalidade, porquanto é na descrição dos constituintes de Modo da Gramática Funcional em suas diferentes configurações que descrevemos como a linguagem é estruturada para possibilitar a interação. Assim, os resultados analíticos referentes ao sistema de Modo e Modalidade levam à identificação de recursos de Modalização relativos à relação dos participantes na troca de comunicação, tais como: poder, intimidade, reciprocidade, intimidade, solidariedade, familiaridade e envolvimento afetivo.

Esses processos se dão de diferentes formas em diferentes línguas. Vale lembrar que os recursos de Modalização e Modulação freqüentes na Língua Inglesa nem sempre têm correspondentes na Língua Portuguesa e vice-versa.

Dessa forma, estudar a gramática da oração como troca significa estudar como o significado interpessoal ocorre. Dentro dessa perspectiva, a Modalidade se torna essencial para a compreensão das relações estabelecidas entre os enunciadores. Também a esse respeito, podemos recorrer ao pensamento de Bakhtin. A contribuição de Bakhtin ao estudo da modalidade reside na percepção de como um enunciador vê o outro. Com efeito, o autor “traduz todos os momentos da interdependência das consciências (individuais) para a linguagem das relações sociais e das relações vitais entre os indivíduos” (BEZERRA, 2005, p. 195).

A orientação da Gramática Sistêmica quanto ao sistema de Modo é aplicada ao corpus em investigação no Capítulo 4, Seção 4.5, deste trabalho. O estudo da Modalização nas trocas de informação endereçadas à lista de discussão CVL, cujo propósito comunicativo é o de pedir ajuda, nos auxilia sobremaneira a compreender as escolhas feitas na construção do discurso, assim como as implicações oriundas de tais escolhas, sobretudo no que concerne às relações pessoais estabelecidas pelo enunciador do pedido ao se colocar perante os membros da comunidade a quem se dirige.

2.2.2.3 – A metafunção textual

Ao terceiro componente metafuncional, o textual (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 27), é atribuída a função de formação de textos, incluindo-se aí os recursos utilizados, operacionalmente relevantes e coerentes com o Contexto de Situação. Os autores reconhecem que, em parte, esse terceiro componente opera como os

anteriores (ideacional e interpessoal), através de sistemas associados com a gramática e incorpora padrões de significação realizados fora da organização hierárquica do sistema; para eles, o componente textual também se preocupa com a coesão do texto. É através desse último componente que organizamos o texto em relação ao contexto.

Segundo Halliday (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 45), não há uma função correspondente para o componente metafuncional textual no sentido de ‘uso’, já que ele não constitui uma forma de se usar a linguagem, mas em um recurso para assegurar que o que é dito é relevante e se relaciona ao texto.

Ao descrevermos as configurações, através das quais a oração é organizada na construção da mensagem, tratamos do sistema de Tema (ponto de partida da mensagem) e Rema (nova informação sobre esse ponto de partida). A estrutura temática de uma oração reflete a estrutura semântica da linguagem, os seus elementos semânticos: ideacional, interpessoal e textual (EGGINS, 1994, p. 271), É, portanto, a função textual que organiza os significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente, através do sistema de Tema e Rema.

Segundo Eggins,

A contribuição essencial do significado textual é proporcionar uma variedade de estruturas textuais que operam em todos os níveis de um texto e cuja função é a de capacitar os significados experiencial e interpessoal escolhidos a serem realizados em um texto coesivo e coerente (EGGINS, 1994, p. 306).⁶⁷

Como vimos, a Gramática Sistêmica analisa a linguagem através do “Contexto de Cultura” e “Situação”, conceitos que serão aplicados ao corpus que focalizamos. Ao contrário da gramática tradicional, que tem caráter prescritivo e/ou descritivo, a Gramática Sistêmico-Funcional valoriza o significado e as escolhas feitas a fim de expressar tais significados em cada texto. A opção pela abordagem da gramática através da ótica e dos preceitos teóricos da Gramática Sistêmico-Funcional nos possibilita compreender os significados do gênero que analisamos, a origem e as implicações provenientes das escolhas léxico-gramaticais.

Dado o escopo de análise desta pesquisa, o estudo do sistema de Tema e Rema não será aplicado ao corpus em tela. No entanto, ainda dentro do Contexto de

⁶⁷ Cf. original em Inglês: “*The essential contribution made by textual meaning is to actualize a range of different textual structures which operate at all levels of the text, and whose function is to enable the experiential and interpersonal meanings we have chosen to make to be realized in a cohesive and coherent text*”. (p. 306).

Situação, surge a necessidade de se investigar como as características do discurso oral e do discurso escrito foram e são tratadas por diferentes lingüistas.

2.2.2.4 – O modo do discurso

Neste momento, parece-nos apropriado refletir sobre diferentes tratamentos dados às características da oralidade e da escrita, passando pela fase em que ambas as modalidades são vistas como antagônicas, até se chegar à postulação de que os diferentes gêneros textuais podem ser distribuídos ao longo de um contínuo que ilustra o caráter flexível com o qual as modalidades podem ser examinadas.

2.2.2.4.1 – A fala versus a escrita

A perspectiva representada por lingüistas como Bernstein (1971), além de dar primazia à escrita, atribuindo à fala um status inferior, concebe a fala e a escrita como modalidades diametralmente opostas, distintas, rígidas e estanques.

Uma visão oposta considera a escrita, por ser derivativa, em posição hierarquicamente inferior à fala. David Shepherd (1984) se opõe a tais posicionamentos e, em ensaio cujo objetivo é explorar a natureza da escrita, sugere que a escrita e a fala sejam vistas como “veículos ou meios, tendo um valor extrínseco como parte de um sistema de linguagem” (p. 146-147).

Ainda segundo Shepherd (1984, p. 150), para Vygotsky (1962), “a escrita é uma extensão perceptual da linguagem falada”. O psicólogo russo que pesquisou, sobretudo o desenvolvimento lingüístico de crianças, discutindo a natureza multifuncional da linguagem, primeiramente apontada por Humboldt em relação à poesia e à prosa, afirma que (p.142) uma distinção funcional importante na fala refere-se ao diálogo e ao monólogo. O primeiro é representado, na maioria dos casos, pela fala; o segundo, pela escrita e pelo discurso interno (“*inner speech*”) ⁶⁸. Na escrita, segundo Vigostky (p. 144), como não podemos contar com o tom de voz e com o conhecimento do assunto, somos obrigados a usar mais palavras e a usá-las com mais exatidão. A escrita é, portanto, a forma mais elaborada da fala.

⁶⁸ O conceito de “*inner speech*” é fundamental para a compreensão da teoria de Vygotsky (1962) sobre a relação entre pensamento e linguagem que, para o autor, constitui uma função e não um aspecto interior ao discurso externo. (p. 149).

No quadro denominado “dicotomias estritas”, segundo Marcuschi (2001b, p. 27), fala e escrita apresentam uma série de propriedades típicas e antagônicas, às quais o autor se contrapõe:

fala	<i>versus</i>	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Figura nº 03 – Dicotomias estritas

(MARCUSCHI, 2001b, p..27)

Assim como Marcuschi, Koch (1997, p. 62), a fim de criticar a visão dicotômica que estabelece as diferenças entre a fala e a escrita, lança mão de um quadro ilustrativo usado por muitos teóricos:

fala	escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não-planejada	planejada
predominância do “modus pragmático”	predominância do “modus sintático”
fragmentada	não-fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases completas, com subordinação abundante
pequena freqüência de passivas	emprego freqüente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Figura nº 04 – Dicotomia fala X escrita

(KOCH, 1997, p. 62)

Contra-pondo-se à ótica dicotômica adotada por estudiosos da linguagem, Koch (1997, p.62) alega que as características não são exclusivas de cada modalidade. Além disso, a descrição acima ilustrada adota como parâmetro o ideal da escrita. A fala, dentro de uma “visão preconceituosa”, sustenta Koch, “chegou a

ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à de crianças em fase de aquisição” (p. 62).

Assim, a abordagem que focaliza as duas modalidades em separado, preconizada pela gramática normativa, cai por terra, cedendo espaço a uma perspectiva mais adequada que não apenas contempla o caráter gráfico ou sonoro de cada modalidade, mas considera, essencialmente, os aspectos discursivos, comunicativos e sociais envolvidos nas duas diferentes modalidades de realização textual.

2.2.2.4.2 – A fala e a escrita

Ao estudarmos gêneros como ações sociais (MILLER, 1984), a clássica dicotomia entre as duas modalidades de uso da língua, fala e escrita, preconizada pela gramática normativa, perde terreno para uma posição mais flexível e interacional defendida por estudiosos como Martin (1985, 1992, 2000), Biber (1988), Halliday (1985), Burns, Joyce e Gollin (1996) e Marcuschi (2001a/b, 2002, 2004), dentre outros.⁶⁹

Apesar de não se tratar do alvo principal desta tese, o exame das idiossincrasias do discurso oral e do discurso escrito — não como modalidades estanques, mas complementares ? parece ser relevante para a compreensão da construção do sentido do gênero.

Incontestavelmente, há alguns traços óbvios que distinguem o discurso oral do discurso escrito. Por exemplo, hesitações, auto-correções, interrupções, gestos e entonação são inerentes à fala; ortografia, pontuação e organização gráfica das palavras no espaço físico do texto, em função do tipo de texto ou gênero, são inerentes à escrita.

As diferenças entre a fala e a escrita podem estar relacionadas com a gramática, o vocabulário e o estilo. Segundo Cornbleet e Carter (2001),

[...] os textos refletem as diferenças em vários graus. É importante lembrar que a fala e a escrita não são opostos absolutos um do outro, um não deve ser definido com base no outro e que tudo é uma

⁶⁹ Em se tratando de gêneros digitais (ver 2.1.4) tal flexibilidade se torna ainda mais evidente.

questão de grau e não de posições absolutas. (CORNBLEET; CARTER, 2001, p. 89).⁷⁰

Da mesma forma, segundo David Shepherd (1984),

Pode ser conveniente achar-se que a fala e a escrita não sejam variações livres, mas, sim, dois sistemas independentes de comunicação apesar de inter-relacionados, os quais compartilham da mesma gramática a um nível abaixo do da superfície com características lingüísticas e não lingüísticas próprias. (p. 158).

Para o autor (1984, p. 158), “a escrita é um código elaborado de convenções, uma entidade, muito diferente da linguagem falada, que varia consideravelmente de falante para falante e de situação para situação.”

Halliday, em *Spoken and written language* (1989), diz que, embora as duas modalidades se mesquem, “a escrita e a fala não são formas alternativas de se fazerem as mesmas coisas; elas são formas de se fazerem coisas diferentes.”⁷¹

Antes da era digital, Brown e Yule (1983, p. 13) estranhamente afirmavam que, enquanto no dia-a-dia no mundo alfabetizado, usamos a fala para o estabelecimento e manutenção das relações humanas (uso interacional), usamos a linguagem escrita para buscar e transmitir informações (uso transacional).⁷²

Sob o ponto de vista histórico e cultural, pode-se dizer que o foco dos estudos lingüísticos passa pela valorização da escrita em detrimento da fala, pela crítica ao tratamento da fala e escrita como modalidades polarizadas, até chegar à valorização do discurso oral⁷³. Surgem, portanto, trabalhos em diversas línguas cujo foco central é a descrição e análise da conversação como “Gambits: conversational strategies signals” (KELLER, 1979), “Arbeiten zur konversationsanalyse” (DITTMANN, 1979), *Grammatik und konversation* (FRANK, 1980), *Conversational organizations: interaction between speakers and hearers* (GOODWIN, 1981), *The politics of conversation* (COOK-GUMPERZ; GUMPERZ, 1984), *Análise de textos orais*

⁷⁰ Segundo Mc Carthy e Carter (1994, p. 5) o termo é por eles usado de forma diferente daquela adotada por outros lingüistas ou por Halliday para quem *mode* se refere a canais de comunicação e às escolhas textuais às quais os canais estão relacionados.

⁷¹ Cf. original em Inglês: “[...] *writing and speaking are not just alternative ways of doing the same things; rather, they are ways of doing different things*”.

⁷² Cf. original em Inglês: “[...] *whereas in daily life in a literate culture, we use speech largely for the establishment and maintenance of human relationships (primarily interactional use), we use written language largely for the working out of and transference of information (primarily transactional use)*”.

⁷³ Há culturas em que a fala é mais prestigiosa do que a escrita (ver Marcuschi, 2001, p. 36).

(ALVES, 1993), *Analyzing casual conversation* (EGGINS; SLADE, 1997) e *Análise da conversação* (MARCUSCHI, 2001a), dentre outros.

Basta pensarmos em certos eventos discursivos para que cheguemos à conclusão de que os elementos e as características da fala e da escrita coexistem e interagem em diversos graus de simultaneidade. É forçoso admitir que músicas, orações, notícias de televisão ou rádio, discursos (políticos ou não) para citar alguns, são gêneros originariamente escritos com o claro objetivo de serem lidos silenciosamente ou em voz alta ou falados. Uma aula, por outro lado, pode ser considerada um gênero essencialmente falado para que seja escrito, por alunos, em anotações.

Na tentativa de focalizar a fala e a escrita como representações igualmente importantes e com características típicas de cada uma, ocorrendo com maior ou menor frequência em diferentes gêneros textuais (orais e escritos), alguns teóricos (MARTIN, 1985; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 2001b) representam graficamente a relação entre os dois meios de realização textual através de um contínuo.

Marcuschi (2001 a/b), estudioso brasileiro interessado em descrever e analisar a funcionalidade e as características dos discursos oral e escrito, particularmente no Português do Brasil, tendo em vista a variedade de gêneros textuais, também lança mão do contínuo entre a fala e a escrita a fim de dar conta de gêneros que mesclam os dois domínios. Segundo Marcuschi (2001b),

A hipótese que defendemos supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. (p.37, grifo do autor).

Baseando-se em Koch e Österreicher (1990), Marcuschi (2001b) apresenta o gráfico “Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais” (p. 38), relacionando as modalidades oral e escrita com gêneros textuais. Um segundo gráfico, “Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva” (p. 39), correlaciona as duas perspectivas (oral versus escrita) e suas formas de realização (sonoro versus gráfico). Exemplos de gêneros textuais são analisados no quadro “Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva” (p. 40). O trabalho de Marcuschi (2001b) é cuidadosamente resumido através do gráfico “Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita” (p.41) a seguir. É neste gráfico que estão distribuídos diferentes gêneros discursivos de acordo com sua proximidade com

cada uma das modalidades, fala e escrita, sob um ponto de vista sócio-interacional.

O autor destaca que:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos (MARCUSCHI, 2001 b, p. 42, grifos do autor).

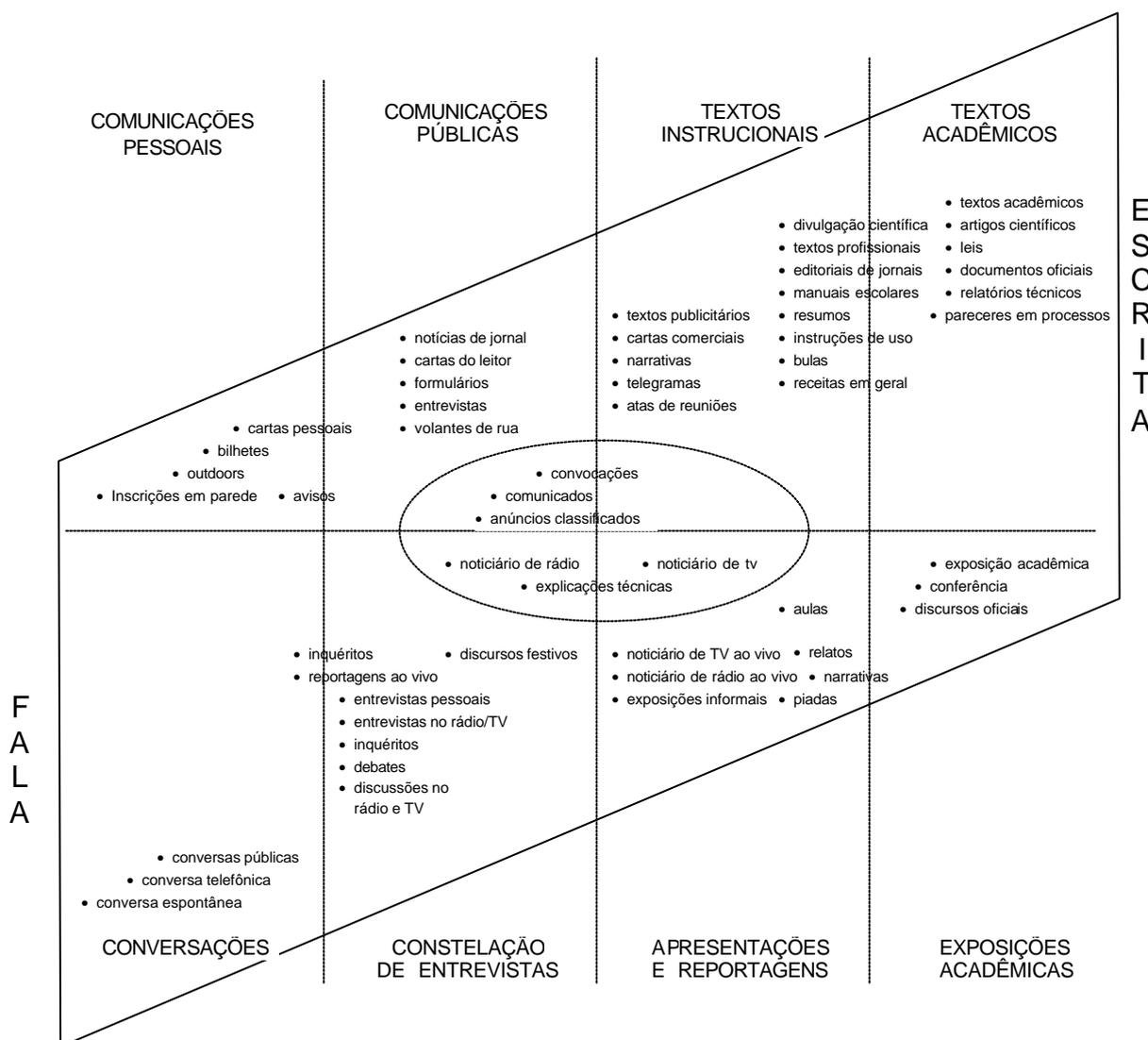


Figura nº 05 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita (MARCUSCHI, 2001b, p. 41)

Cumpre-nos destacar que o contínuo fala-escrita, representado por Marcuschi, simboliza um passo relevante na investigação sobre as propriedades do discurso oral e do discurso escrito e as relações entre os dois, indo ao encontro do caráter

híbrido dos gêneros apontado por Bhatia (1993, 1997, 2004). A dicotomia das duas modalidades é substituída por vários tipos de contínuos apresentados pelos autores que criticam a polarização da fala e da escrita.⁷⁴

As três dimensões do discurso acima apresentadas (ideacional, interpessoal e textual) e o estudo das dimensões proposto por Biber (1988), que passamos a apresentar a seguir, parecem partir de pontos distintos em direção a conclusões complementares. Por exemplo, no que tange à oralidade e à escrita, Biber (1988) também defende que não há absolutamente diferença entre a linguagem falada e a escrita, mas, sim, tipos particulares de fala e de escrita que são mais ou menos similares em respeito às diferentes dimensões (BIBER, 1995, p.20).

2.3 – A Análise Multidimensional

A teoria e a metodologia introduzidas pela Análise Multidimensional de Biber (1988), que investiga padrões de variação de registro em quatro diferentes línguas, foram, posteriormente, refinadas e ampliadas (1995). No entanto, esta pesquisa, cujo apoio teórico reclinou especialmente sobre a Análise de Gêneros de Swales, toma os traços lingüísticos das dimensões delineadas por Biber em *Variation across speech and writing* (1988), sem, contudo proceder a uma Análise Multidimensional ortodoxa. O estudo dos traços lingüísticos levantados e interpretados e das dimensões textuais vem, aqui, complementar e confirmar alguns dos resultados obtidos através da Análise de Gêneros.

A Análise de Gêneros (SWALES, 1990,2001), cuja linha teórica predomina neste trabalho, parte do propósito comunicativo do texto e o ratifica por características léxico-gramaticais. Ao termos contato e estudarmos a Análise Multidimensional (BIBER, 1988, 1995), constatamos que as duas perspectivas possivelmente se complementam.

Se Swales toma o propósito comunicativo como ponto de partida, a proposta de Biber (1988), por outro lado, parte de uma análise micro, através de levantamento e análise de traços lingüísticos tipificadores das dimensões textuais. Para Biber (p.13), é através do levantamento e da análise de conjuntos de traços lingüísticos

⁷⁴ As características do discurso oral e do escrito, encontradas no corpus em tela, são apresentadas na Seção 4.3.3.4, tendo como base a comunicação “Pedidos de ajuda em lista de discussão em Português: entre a fala e a escrita” (DANTAS, 2004b), que analisou o corpus-piloto apresentado no Exame de Qualificação.

co-ocorrentes que se identifica a dimensão ou dimensões textuais a que um texto pertence:

Uma dimensão lingüística é determinada tendo como base um padrão consistente de co-ocorrências entre traços; i. e., quando um grupo de características co-ocorre consistentemente em diferentes textos, aquelas características definem as dimensões lingüísticas. (BIBER, 1988, p. 13).⁷⁵

Biber também afirma que as características não co-ocorrem de forma randômica; seu estudo baseia-se na crença de que padrões significativos de co-ocorrência de características lingüísticas marcam dimensões funcionais subjacentes (p. 13). Nesse viés, Biber (1988) propõe um inventário de 6 dimensões, cada uma delas caracterizada pela ocorrência de uma série de traços lingüísticos considerados prototípicos.⁷⁶

O estudo de Biber em *Variations across speech and writing* (1988), dentre outras contribuições, ainda proporciona uma melhor compreensão da relação fala-escrita. Nele, Biber também compara e classifica textos falados e escritos de acordo com “dimensões” de variação lingüística. Para Biber (p. 9), os parâmetros adotados por lingüistas, tais como formal/informal, interativo/não-interativo, literário/coloquial, restrito/elaborado, podem ser considerados dimensões, já que definem contínuos de variação e não pólos opostos.

A dimensão lingüística é determinada em função da co-ocorrência consistente de padrão entre traços lingüísticos, padrão este identificado empiricamente através de procedimentos quantitativos que registram a freqüência dos grupos de fatores, assim como através da interpretação funcional dos traços, tendo como base a

⁷⁵ Cf. original em hglês: '[...] a linguistic dimension is determined on the basis of a consistent co-occurrence pattern among features. That is, when a group of features consistently co-occur in texts, those features define a linguistic dimension. (p. 13).

⁷⁶ Oliveira (1997, p. 66) propõe os seguintes termos em Português para descrever as dimensões de Biber : 1. produção com interação vs. produção informacional; 2. preocupações narrativas vs. não-narrativas; 3. referências explícitas vs. referências dependentes do contexto; 4. expressão explícita de persuasão vs. não-explícita; 5. informação abstrata vs. não-abstrata; 6. elaboração informacional 'on-line'.

identificação de padrões lingüísticos recorrentes. Biber considera que são os padrões que determinam uma função comunicativa de um determinado texto.

Dessa forma, com base em critérios funcionais, Biber (1988) mede empiricamente a incidência de 67 diferentes características lingüísticas (lexicais e sintáticas) em diferentes tipos de gêneros textuais e verifica a relação entre os gêneros e as dimensões textuais.

A 1ª dimensão determina se o texto é interativo ou editado; ao longo desta dimensão, cartas comerciais, embora escritas, são mais próximas da conversação do que da prosa acadêmica. Por outro lado, as notícias da mídia, embora faladas, são mais similares à prosa acadêmica. Os traços prototípicos desta dimensão associam-se a um contexto de produção de envolvimento, de conteúdo interpessoal subjetivo afetivo ou interativo, com circunstâncias ditadas pela pressão de tempo. Os traços mais relevantes nesta dimensão, segundo Biber, são verbos privados (do tipo avaliativo, tais como: *estranhar, importar, achar, compreender* etc.); verbos no presente; pronomes de 1ª e 2ª p.; perguntas diretas; e orações relativas. Nesta 1ª dimensão se encontram alguns dos traços lingüísticos relevantes para nosso estudo: perguntas diretas, verbos no presente e pronomes de 1ª e de 2ª p.

A 2ª dimensão identifica se o conteúdo é abstrato (não-narrativo) em oposição ao conteúdo situado (narrativo). Assim, pretérito perfeito e aspecto perfectivo; pronomes de 3ª p.; verbos públicos, como *falar, dizer, explicar*, e orações reduzidas de gerúndio marcam o conteúdo narrativo. Oliveira (2005, p. 71-82), em sua análise e adaptação dos traços apontados por Biber para o Português, inclui nesta dimensão os advérbios de tempo e lugar “em função de sua relevância na caracterização do discurso didático” do gênero foco de seu estudo: manuais didáticos de História.

A 3ª dimensão tipifica o estilo reportado, como documentos oficiais, ou imediato, como a conversação. O uso de nomes (substantivos) e de frases nominais; os sintagmas preposicionados; as orações adjetivas e a coordenação frasal caracterizam esta dimensão.

Na 4ª, outra dimensão de valor para o gênero que estudamos, o discurso persuasivo se coloca em oposição ao não-persuasivo. Os textos promocionais são representativos desta dimensão, revelando o ponto de vista do autor e tentando persuadir o leitor. Aqui, pode-se notar o alto nível de persuasão através do uso de modais de todos os tipos e de verbos no imperativo. Biber aponta especialmente a

ocorrência de modais, verbos persuasivos, verbos no infinitivo e verbos no imperativo como característicos desta 4ª dimensão. Oliveira (2005, p. 78-79) acrescenta, ainda, os adjetivos qualificadores ou qualificativos e os adjetivos classificadores. Tendo como base o gênero que ora analisamos, dentre os traços desta dimensão, nos concentramos na investigação da ocorrência de verbos modais, referência ao futuro e orações condicionais.

A 5ª dimensão distingue a informação abstrata, como o discurso técnico, da não-abstrata, como da prosa acadêmica. A carta comercial e a prosa acadêmica, por exemplo, são consideradas altamente abstratas, dado o cunho técnico que apresentam. Conjunções, construções passivas, orações reduzidas de particípio, subordinadores adverbiais, adjetivos predicativos e uso de vocabulário técnico específico caracterizam esta dimensão.

Por fim, a 6ª dimensão identifica discursos preparados ou editados sob pressão, em especial, de tempo, como a narração esportiva e o discurso on-line síncrono. A frequência de pausas, de complementadores sinalizando indiretividade, de nominalização e de informação não integrada tipificam os textos produzidos sob pressão.

À guisa de ilustração, é apresentada uma série de quadros com contínuos que posiciona e correlaciona fatores lingüísticos e gêneros textuais (BIBER, 1988, p. 17, 18, 46, 136, 155). Percebe-se, portanto, que, na ótica de Biber, uma única e exclusiva dimensão não é suficiente para dar conta da variação lingüística textual. Na verdade, como bem diz Sardinha:

[...] embora as dimensões tenham rótulos que indiquem uma polaridade entre duas características comunicativas básicas, as dimensões não são dicotômicas. Pelo contrário, elas exprimem um contínuo. Em cada dimensão, os textos podem se situar ao longo de uma escala que vai de 'mais' a 'menos' em relação a cada traço comunicativo. Assim, na dimensão 1 pode-se encontrar textos que se situem em qualquer posição ao longo da escala entre 'mais interativo' e 'mais informacional' (ou 'menos informacional' e 'menos interativo'). (SARDINHA, 2000)

A noção de “dimensão” exhibe três características distintas: (1ª) inadequação de uma única dimensão: não dá conta da gama de variação lingüística em uma língua; é necessária uma análise multidimensional; (2ª) postulação de dimensões como escalas contínuas de variação e não como pólos dicotômicos; e (3ª)

identificação empírica da co-ocorrência de padrões subjacentes a dimensões, não proposição de uma base funcional a priori.

Biber (1988) retoma o tema “relação fala-escrita” e, em co-autoria com outros apresenta um trabalho bastante elaborado em *Longman grammar of spoken and written English* (1999)⁷⁷. Tendo como base a Lingüística de Corpus, os autores tentam explicar essa questão, analisando com profundidade, em 1.204 páginas, corpora de quatro “registros primários” (p. 15-16) de acordo com suas características situacionais ou variedades relacionadas a diferentes circunstâncias e propósitos: conversação, ficção, notícias e prosa acadêmica. O foco da análise de Biber se desloca, portanto, da fala e da escrita para os diferentes tipos de gêneros. Cumpre-nos, no momento, salientar a escolha, por Biber et al. (1999), de um critério pouco equilibrado para a seleção dos corpora de entrada. Surpreendentemente, são estudados três registros escritos (ficção, notícias e prosa acadêmica) e apenas um oral (conversação), o que nos parece sintomático da desigual valorização de uma das modalidades.

Os resultados da pesquisa de (BIBER et al., 1999) são ilustrados em todo o livro através de gráficos que exibem a densidade ou freqüência de ocorrência dos diversos traços focalizados no estudo. Pode-se notar, por conseguinte, que, em vários casos, o que varia nos quatro “registros” analisados é apenas a freqüência de ocorrência de uma determinada característica e não, necessariamente, sua presença ou ausência.

Não obstante a seleção dos corpora, a nosso juízo, apresentar um certo desequilíbrio, contemplando mais os gêneros escritos do que os orais, é inegável a contribuição dos autores para melhor compreensão dos traços de oralidade e de escrita nos tipos de gêneros textuais focalizados e a relação entre eles. Biber, que já apregoou a análise em contínuo e fugiu de pólos (1988), neste trabalho (1999) mostra, através de levantamentos ilustrados por gráficos estatísticos, que as manifestações têm características que se tocam ou não, dependendo da característica em foco em cada momento de análise.

Em trabalho posteriormente publicado, a análise é refinada com base no estudo de dois gêneros de natureza oral e dois de natureza escrita, derrubando, por vez, qualquer tentativa de dicotomia entre a fala e a escrita (BIBER; CONRAD;

⁷⁷ Além de Biber, Stig Johansson, Geoffrey Leech, Susan Conrad e Edward Finegan também são autores desta obra.

CORTES, 2004). Nesta pesquisa, os autores analisam gêneros orais e escritos de uma mesma comunidade acadêmica com foco em feixes lexicais.⁷⁸

O enfoque multidimensional de Biber tem sido criticado por ditar antecipadamente os resultados a serem obtidos. Somers (1998, p. 131), por exemplo, passando em revista o estudo de Biber (1988), afirma que seu trabalho seleciona a priori as características lingüísticas que hipoteticamente são importantes. Entendemos, contudo, que tal crítica é improcedente, uma vez que se pode verificar a consistência da investigação proposta por Biber, que parte de um estudo quantitativo e qualitativo, levanta e interpreta características lingüísticas, agrupando-as em dimensões, através da confirmação posterior das hipóteses levantadas. Para Sardinha (2000), a contribuição da Análise Multidimensional de Biber está na possibilidade de, através do computador e de técnicas estatísticas, “se utilizar concomitantemente uma variedade de traços lingüísticos empregados na análise textual e de se aplicar a codificação desses traços a um número de textos maior do que se poderia fazer manualmente.”

Portanto, as ocorrências das características de um determinado texto devem ser tratadas como forças que agem para a construção do sentido da mensagem. É sob esse prisma que o corpus desta pesquisa será analisado, tendo a linha de análise sugerida por Biber (1988), corroborando e complementando conclusões derivadas da linha de raciocínio analítico da Análise de Gêneros (ver Capítulo 4).

Discutidos os pilares que sustentam teoricamente esta tese, passemos à metodologia que a orienta.

2.4 – Os gêneros digitais

Com o aparecimento das novas tecnologias e especialmente da internet, fonte e meio de distribuição de informação em escala mundial, surgem novas demandas e novas formas de comunicação fazendo uso da linguagem em novos contextos, por intermédio de Tecnologias de Informação. Isso equivale a dizer que a realidade atual influencia e é influenciada pelas tecnologias digitais.

A comunicação através da internet, que pode ser vista como o maior desenvolvimento na comunicação desde o advento da imprensa (WARSCHAUER,

⁷⁸ Termo traduzido por Shepherd, Zyngier e Viana (2006, no prelo) para a expressão “*lexical bundles*”.

2001, p. 207), se dá em diferentes formatos, duas das quais são mais populares: correspondência eletrônica (e-mail) e rede (WWW - *World Wide Web*) (YATES, 1996, p. 107).

Nesta seção, serão tecidas considerações quanto ao valor e às peculiaridades dos gêneros digitais em geral, com especial foco em e-mails, nosso principal interesse.⁷⁹

Partindo da noção de gênero como fenômeno social e histórico, consideramos que, desde Gutenberg, os gêneros escritos muito têm evoluído. Ademais, ao contrário do que alguns podem pensar, nunca se escreveu e leu tanto quanto agora na era da internet. Uma das razões pode ser a possibilidade de construção e projeção de diferentes identidades sociais que a internet oferece, fugindo da “tirania” da comunicação face a face (YATES, 1996, p. 108) ou a questão da liberdade na escolha da identidade sexual (HERRING, 2001, p. 621), temas amplamente discutidos em debates sobre a comunicação digital.

Uma questão que surge neste contexto é se cada diferente forma de comunicação mediada pelo computador pode ser vista como um gênero ou como um meio de comunicação que pode veicular diferentes tipos de gênero (GRUBER, 2000, p. 36).

A chamada CMC (Comunicação Mediada por Computador) se dá, neste momento, basicamente em duas modalidades, diferença fundamental no comportamento lingüístico: síncrona e assíncrona. É na assíncrona que se inserem as mensagens que circulam na CVL que focalizamos.

Grande parte da bibliografia surgida nos últimos anos, que se propõe a discutir os gêneros digitais ou emergentes, ao descrever as peculiaridades desses gêneros, não deixa de mencionar suas características em relação ao discurso oral e ao discurso escrito (dentre eles YATES, 1996; HARRISON, 1998, 2000; PEMBERTON; SHURVILLE, 2000; CRYSTAL, 2001; HERRING, 2001; MARCUSCHI; XAVIER, 2004; ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Pode-se considerar que muitas das características dos gêneros digitalmente transmitidos são determinadas pelo meio de comunicação. Logo, gêneros pré-existentes, ao se manifestarem no mundo digital, o fazem de forma específica, determinada pela mídia virtual, tornando a discussão sobre as características da

⁷⁹ O “internetês” (HILGERT, 2000, p. 17), assim como outras características de chat e de outras modalidades de comunicação digital não serão focalizadas.

linguagem escrita e falada ainda mais interessante. Indubitavelmente, a utilização cada vez mais freqüente da internet promove uma nova ordem nas reflexões e conceitos sobre tais características.

Com efeito, a comunicação mediada por computador, em sua maioria, apesar de se manifestar de um modo geral na forma escrita, é constituída por textos cujas características não se enquadram no discurso escrito propriamente dito; na verdade, a espontaneidade e a informalidade nela contida por vezes os aproximam mais do discurso oral (YATES, 1996, p. 118).

Como bem diz Bagno (2005), percebe-se que, em certos contextos digitalmente transmitidos, co-ocorrem traços das duas modalidades:

A comunicação eletrônica via Internet vem tornando cada vez mais difícil a delimitação entre o que, tradicionalmente, só era admitido na língua falada e o que era cobrado na língua escrita: existe uma mescla cada vez maior entre os gêneros textuais, além da proliferação de novos gêneros típicos desse novo meio de comunicação. (BAGNO, 2005, p. 98).

Para Marcuschi, que também tem se dedicado ao estudo de gêneros digitais,

[...] as mensagens eletrônicas podem partilhar as propriedades da carta tradicional, mas podem partilhar as propriedades do telefonema ou a comunicação face a face. Conseqüentemente, os e-mails transgridem os limites entre as noções tradicionais de comunicação oral e escrita (MARCUSCHI, 2004, p. 41).

Conforme o autor, os e-mails apresentam uma estrutura típica de bilhete que, graças às facilidades da tecnologia, têm possibilidade de revisão. Recorrendo a Jonsson (1997, p. 15), Marcuschi também reconhece a importância das características sui generis:

[...] os e-mails introduzem traços inteiramente novos para a comunicação, tais como a colagem gerada pelo software, postagem cruzada e encadeamentos. Os e-mails não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. (MARCUSCHI, 2004, p. 42).

Vale frisar que, para Crystal (2001, p. 48), em função de suas peculiaridades em relação ao discurso oral e ao escrito, o discurso digital se coloca como uma terceira modalidade de discurso, posição com a qual Marcuschi (p. 42) parece concordar ainda que não tão categoricamente: “Assim, pode-se dizer que o e-mail

cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação” (MARCUSCHI, 2004, p. 42).⁸⁰

Crystal (2001, p. 28-48), pesquisador que tem se interessado pela relação linguagem-internet, discute, com profundidade, as implicações lingüísticas determinadas pelo meio digital no que tange à dicotomia oralidade e escrita. O autor, para quem o que faz a linguagem da internet ser uma forma de comunicação tão interessante é o uso de características tipicamente da escrita e da fala (p. 28), discute relevantes aspectos ao analisar a linguagem da internet ou o que ele denomina *netspeak*⁸¹.

Para Crystal (2001), há importantes diferenças entre a comunicação mediada por computador⁸² e a fala e entre a comunicação mediada por computador e a escrita tradicional⁸³. De forma a analisar as características desse tipo de comunicação, o autor apresenta (p. 42-43) sete critérios para tratar a linguagem falada e sete critérios para focalizar a linguagem escrita aplicadas a quatro diferentes tipos de ambientes: rede, mensagem eletrônica, grupos de bate-papo e mundos virtuais⁸⁴. Mais adiante, Crystal dedica a cada um dos quatro contextos digitais um capítulo especial.

Em capítulo intitulado “A construção do texto ‘falado’ por escrito: a conversação na Internet”, Hilgert (2000, p.19) refere-se a “[...] gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos **em maior ou menor grau**” (grifo nosso). Assim, nota-se que o estudo desses traços pode sugerir que os gêneros digitais sejam localizados

⁸⁰ Esse conceito pode ficar mais claro se considerarmos o “internetês” (HILGERT, 2000, p. 17) usado, em especial, em ambientes de interação síncrona, como chats.

⁸¹ Segundo Crystal (2001, p. 17), o termo “*netspeak*” é uma alternativa para “*netlish*” e “*weblish*”, termos de difícil tradução para o Português. O autor ainda menciona outros equivalentes como “linguagem da internet” (“*Internet language*”), fala da internet (“*cyberspeak*”), discurso eletrônico (“*electronic discourse*”), linguagem eletrônica (“*electronic language*”), discurso escrito interativo (“*interactive written discourse*”), comunicação mediada pelo computador (“*computer-mediated communicatio*” ou “*CMC*”). Cada um dos termos tem, para Crystal, uma implicação diferente. O termo “*netspeak*” é eleito como o mais sucinto e funcional para os propósitos desse livro, segundo o próprio autor.

⁸² Os termos oferecidos por Crystal (p.17) como equivalentes a “*netspeak*” serão, neste trabalho apresentados indiscriminadamente.

⁸³ Crystal (2001, p. 18) diz que “os termos ‘tradicional’ e ‘convencional’ são freqüentemente usados para se referirem à comunicação lingüística não mediada eletronicamente? o velho estilo da fala e da escrita — mas não há uso padrão”. (“*The terms ‘traditional’ and ‘conventional’ are often used to refer to non-electronically mediated linguistic communication — old-style speech and writing — but there is no standard usage*”).

⁸⁴ Em Inglês, os termos usados por Crystal são: “*web*”, “*e-mail*”, “*chatgroups*” e “*virtual worlds*”.

ao longo de um contínuo, em posições mais ou menos próximas da oralidade ou da escrita (e.g. HILGERT, 2000; MARCUSCHI, 2001b).

A discussão em torno da caracterização dos gêneros digitais em termos de oralidade ou escrita aparenta estar interligada à questão da instituição de convenções lingüísticas. Devemos observar que a linguagem digital, tanto no contexto social como no acadêmico, se constitui de gêneros híbridos, como o que aqui focalizamos (ver 4.2.3.4), já que para a interação na internet não há normas de interação estabelecidas e sedimentadas (MURRAY, 1989, p. 364, apud HILGERT, 2000, p. 51). Isso, de certa forma, pode justificar o fenômeno lingüístico de construção de mensagens pretensamente íntimas, quando, na realidade, o emissor não é necessariamente conhecido na comunidade discursiva ou nem mesmo mantém relações profissionais com grande parte de seus membros.

Essa mesma situação pode também explicar o fato de alguns textos, construídos para meios de comunicação diferentes da internet, serem veiculados em suporte digital sem sofrerem nenhuma adequação a esse meio. Por vezes, nos deparamos com textos que foram visivelmente apenas transferidos para o computador, sem que as limitações e os recursos oferecidos pelas novas tecnologias fossem levados em consideração. A título de ilustração, podemos citar alguns cartazes de divulgação de eventos acadêmicos, que visivelmente foram apenas copiados (às vezes por scanner) e veiculados no ambiente digital sem, por exemplo, link para inscrição, recurso que enriqueceria e facilitaria sobremaneira a comunicação. O meio digital, em si, já impõe uma adaptação: geralmente, o tamanho do cartaz original é maior do que a tela, dificultando a leitura do texto, o que é, portanto, desaconselhável.

Acreditamos que um pedido de ajuda acadêmica possa ser transmitido através de diferentes meios de transmissão ou suporte: telefone fixo, telefone celular, bilhete, carta, telegrama, torpedo ou pela internet, para citar alguns. O meio de transmissão do texto é, certamente, determinante na construção de seu significado. Assim, o mesmo pedido de ajuda deverá ser realizado lingüisticamente de forma diferenciada, dependendo das características do suporte. Com efeito, ainda que seja levada em conta a comunicação em um mesmo suporte material, como o telefone, podem ocorrer diferenças entre uma interação em telefone fixo e telefone celular, em função de diversos fatores como a diferença de custo ou a falta de privacidade, dependendo do local.

Muita confusão terminológica tem surgido com o uso da palavra “e-mail”. Cumpre-nos esclarecer que o termo pode ocorrer em pelo menos os seguintes contextos:

- (1) “Qual é o seu e-mail?”
- (2) “Mande a receita para você por e-mail.”
- (3) “Recebi 30 e-mails ontem.”

Em nenhum dos casos, a nosso ver, “e-mail” pode ser considerado um gênero: em (1) e-mail equivale a “endereço eletrônico”; em (2) e-mail é o “meio de transmissão eletrônico”; e, em (3), é sinônimo de “mensagem ou correspondência eletronicamente enviada”.

No 3º caso, seu valor se aproxima ao valor da palavra “carta”, como em:

- (4) “Das 10 cartas que recebi hoje, 6 eram cobranças.”

onde a palavra “carta” se refere a “qualquer tipo de correspondência tradicionalmente enviada”, geralmente dentro de envelope, pelo correio, assim como “e-mail” é usada para se referir a “correspondência enviada eletronicamente” em (3).

Entendemos que envelopes, transportados pelos correios, podem conter textos que servem a diferentes propósitos. Se considerarmos apenas o universo das cartas, propriamente ditas, escritas manualmente ou não, e que mais freqüentemente em tempos passados eram enviadas através do correio tradicional,⁸⁵ há de se considerar a possibilidade de ocorrência de uma pletora de gêneros como, por exemplo, carta de amor, carta de reclamação, carta de cobrança, carta de comunicação de demissão, carta de apresentação, carta de referência etc., cada uma com suas especificidades, uma vez que representam diferentes gêneros que, por essa mesma razão, têm um perfil lingüístico específico.

Compartilhamos com Schleppegrell (2004, p. 83) a noção de que cartas e e-mails não são gêneros. A autora, em obra que focaliza os gêneros do ambiente escolar sob a perspectiva da Lingüística Funcional, afirma que esses modos de comunicação podem ser realizados através de diferentes gêneros em diferentes momentos e para diferentes propósitos. Interessa esclarecer que, em alguns trabalhos, cartas (e.g. ZANOTTO, N., 2005⁸⁶), chats (e.g. FONTES, 2001⁸⁷), e-fóruns

⁸⁵ Em dicionários em Inglês atualizados, encontra-se o termo *snail mail* (correio caracol) para se referir ao correio tradicional em contraposição a e-mail.

⁸⁶ Em *E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual* (2005)

(e.g. XAVIER; SANTOS, 2005⁸⁸) e e-mails (e.g. MULHOLLAND, 1999⁸⁹; PAIVA, 2004⁹⁰; XAVIER, 2006⁹¹), que, a nosso ver, são modalidades de mídias de comunicação, são estranhamente classificados como gêneros por esses autores.

Esclarecidos esses aspectos, passemos à apresentação dos pontos mais relevantes do capítulo *The language of e-mail*⁹² (Crystal, 2001, p. 94-128), nosso principal interesse, no qual são abordados os elementos estruturais, o corpo da mensagem e suas especificidades. Dentre os elementos estruturais (muitos são fixos e pré-determinados pelo software) o que nos chama a atenção é a menção ao papel dos campos “De:” e “Assunto:” com base nos quais, segundo o autor (p. 97), o usuário tomará a decisão de ler, apagar a mensagem imediatamente ou postergar sua leitura.

No que tange ao corpo do e-mail, Crystal (2001, p. 110) ressalta que a velocidade e a espontaneidade com que os e-mails podem ser escritos e lidos revelam que o processo de revisão do texto, geralmente usado na linguagem escrita, pode não acontecer no meio eletrônico. Erros ortográficos e de pontuação (p. 111), muito comuns ainda que o emissor da mensagem tenha uma boa formação, podem ocorrer em decorrência da pressa durante a digitação ou da falta de revisão, podem tornar a mensagem ambígua ou ininteligível (ver Seção 4.2.3.4). Para o autor, a coerência na mensagem é fundamental para evitar mal-entendidos, uma vez que, a despeito de não necessariamente pressupor resposta explícita, o e-mail tem, em sua essência, um caráter dialógico. Em muitos casos, o e-mail envolve uma troca de idéias, o que é comprovado pela frequência com que se clica no ícone “Responder” ou “Responder a todos”.

Com vistas a apresentar as especificidades do e-mail, Crystal (p. 125) menciona algumas definições fornecidas por outros autores que vão desde “é um cruzamento de uma conversa com uma carta [...] tão rápido quanto um telegrama e tão barato quanto um cochicho” (HALE; SCANLON, 1999, p. 3) ou “um telegrama, um memorando [...]” (ANGELL; HESLOP, 1994) às palavras de Homer Simpson⁹³ “é

⁸⁷ No artigo O chat como gênero digital (2001).

⁸⁸ No capítulo *E-forum* na Internet: um gênero digital (2005).

⁸⁹ No capítulo E-mail: usos, questões e problemas em um cenário institucional (*E-mail: uses, issues and problems in na institutional setting*) (1999).

⁹⁰ No capítulo E-mail: um novo gênero textual (2004).

⁹¹ Em entrevista disponível na internet (<http://www.letramagna.com/entrevistaxavier.htm>.)

⁹² Em Português: A linguagem do e-mail.

⁹³ No Episódio 12A6 de Os Simpsons (Fox TV).

uma coisa de computador, ah, como uma carta elétrica [...] ou um telefonema silencioso”. Para Crystal, todas essas analogias são pertinentes: o e-mail tem características de memorandos, especialmente no cabeçalho fixo; de cartas informais tem, além de outros traços, as aberturas e os fechamentos; com o telefone, se assemelha pelo baixo custo e pela possibilidade de diálogo; por último, o e-mail pode, também, apresentar elementos do estilo do telegrama. Cabe ressaltar que, na verdade, apesar de apresentar todos esses traços, o e-mail é único em forma e função (CRYSTAL, 2001, p. 125).

Ao discorrer sobre as limitações, as vantagens e as implicações legais que envolvem esse meio de comunicação, Crystal (p. 126) afirma que o desenvolvimento do e-mail está em seu estágio inicial. A espontaneidade, a velocidade, a privacidade e o lazer oferecidos pelo e-mail o tornam mais informal do que outros meios de comunicação. No entanto, o e-mail evolui para se adequar a situações mais ou menos formais, passando a ter valor no currículo escolar e perdendo a reputação de mídia “temida por suas inconsistências e irresponsabilidades lingüísticas”. Para Crystal, o e-mail pode vir a ser considerado um instrumento de desenvolvimento de habilidades que consolidam intuições e escolhas lingüísticas responsáveis. O e-mail, como meio de comunicação, tem ampliado a linguagem de forma interessante e motivadora, como uma possibilidade e não como uma ameaça à linguagem (CRYSTAL, 2001, p. 128).

Retomando a classificação de mensagens digitais em síncronas e assíncronas, podemos considerar que muito do que se tem dito a respeito das especificidades da linguagem na internet está relacionado ao ambiente síncrono que faz com que a situação comunicativa se aproxime do discurso oral na conversa face-a-face ou por telefone. Conforme Noblia (1998),

Como a comunicação mediada por computador é uma comunicação baseada em textos, ao contrário da conversa face-a-face, ela não apresenta a possibilidade de uso de indicadores não-verbais (gestos, expressões, olhares, entonação, acento etc) que geralmente ocorrem quando todos os participantes estão em um mesmo ambiente físico. Um paliativo para essa ausência é a “paralinguagem eletrônica” que proporciona aos interlocutores os chamados “*emoticons*” (que tentam reproduzir sentimentos, emoções, risos etc através da combinação de símbolos). Mas, na verdade, é apenas um paliativo e a comunicação, especialmente se for síncrona (on-line), tem a vantagem de ser interativa enquanto a ausência de ambiente físico e

a impossibilidade de acontecer face-a-face se colocam como desvantagens⁹⁴. (NOBLIA, 1998, grifos da autora)

Além de *emoticons* ou *smileys* (carinhas feitas com os símbolos disponíveis no teclado para representar expressões faciais), muito utilizados em chats, especialmente por gerações mais familiarizadas com a era do computador, outras estratégias de compensação são desenvolvidas para representar textualmente ações físicas ou marcas sociais principalmente em interações síncronas (HERRING, 2001, p. 623).

Sob a ótica diacrônica, podemos afirmar que a linguagem se adapta aos tempos com base nos papéis sociais e objetivos dos interlocutores e nos recursos disponíveis (escrita manual, imprensa, telefonia, informática etc).

Essa parece ser uma explicação para a atualização que os gêneros tendem a sofrer a fim de acompanhar o desenvolvimento em função, não só dos novos meios de transmissão, mas também dos novos propósitos que surgem em função das necessidades dos participantes das comunidades discursivas em que ocorrem. A linguagem é uma poderosa ferramenta que apresenta múltiplas formas que adapta seus recursos às novas mídias introduzidas pelo progresso tecnológico e os propósitos de seus participantes.

A internet é apenas mais um estágio no desenvolvimento dos recursos que afetam a linguagem. No mundo globalizado em que vivemos, ela é um veículo que encoraja a participação e nos permite compartilhar conhecimento com nossos pares e com pessoas inatingíveis hierarquicamente antes da era digital. Assim, a rede de computadores congrega as pessoas em espaços virtuais e desenvolve formas compartilhadas de se alcançar interesses comuns (WENGER, 1998, p. 6-7).

A internet e os gêneros que nela circulam têm exercido forte influência nas relações humanas, tanto no exercício da cidadania, como na vida cotidiana e na educação (PAIVA, 2004, p. 89). Isso pode ser verificado no surgimento e no funcionamento de listas de discussão de cunho profissional como a CVL. Com efeito,

⁹⁴ Texto original em Inglês: *“Since the CMC is a communication based on texts, it fails to have, unlike the communication face-to-face, non-verbal indicators (gestures, expressions, looks, intonation, accent, etc.) that usually occur when all participants are present in the same physical environment. One palliative for this absence of non-verbal indicators is the “electronic paralanguage” which provides interlocutors with the so-called “emoticons” (which try to reproduce feelings, emotions, laughter, etc. through the combination of symbols). But, in fact, it is just a palliative and, the communication, specially if it is synchronic (on line), bears the advantage of being interactive while the absence of a physical environment and the impossibility of taking place face-to-face constitute its disadvantage”.*

o progresso tecnológico possibilita a interação e a socialização do saber entre membros de comunidades discursivas que, nem sempre hierarquicamente iguais, interagem, ignorando as diferenças, situação apenas possível no mundo virtual.

Não se pode perder de vista, no entanto, que a hierarquia de poder que existe fora do ambiente digital é para ele transferido. Não há, portanto, uma situação utópica de igualdade na comunicação mediada pelo computador, como muitos pensam (HERRING, 2001, p. 624). Há, sim, mais facilidade no acesso a participantes de diferentes escalões e, com isso, mais facilidade de interação.

Outro aspecto relevante quanto às peculiaridades de listas de discussão é que, segundo Wallace (1999, p. 56) em *The psychology of the internet (A psicologia da internet)*, inexplicavelmente em alguns fóruns, mas não em outros, um forte sentimento de “pertencimento”⁹⁵ surge de forma evidente entre seus participantes, a despeito da natureza efêmera e frágil⁹⁶ que os caracterizam.

Nesse fórum, que favorece o surgimento de um novo cenário social, pedir ajuda via lista de discussão pode funcionar como uma

[...] “consultoria” de especialistas em diferentes áreas do Estudo da Linguagem que pertencem a uma mesma comunidade, situação inimaginável antes da era da Internet e de grande valor para o desenvolvimento profissional não só dos próprios especialistas e de seus pares, como também de novos pesquisadores, professores e daqueles interessados no estudo de línguas. (DANTAS, 2004a, p. 92).

As comunidades virtuais, como as que existem “na vida real” (NOBLIA, 1998), surgem como um espaço de interação como listas de discussão, a exemplo da CVL, para atender às necessidades das comunidades discursivas, a fim de, por exemplo, pedir e oferecer ajuda, funções principais de listas dessa natureza (HARRISON, 2000, p. 70).

Apesar de a comunicação mediada por computador ainda depender muito freqüentemente do meio de realização textual escrito, não podemos negligenciar a previsão de que, a julgar pela velocidade com que a tecnologia avança, em breve outros meios de comunicação inovadores estarão a nosso alcance.

Assim, a análise do gênero que investigamos se mostra relevante neste exato momento histórico; pedir ajuda acadêmica, certamente, daqui a muito pouco tempo, não necessariamente se dará através da modalidade escrita e nem por intermédio

⁹⁵ Em Inglês: “groupness” (WALLACE, 1999, p. 56, grifo da autora).

⁹⁶ Algumas listas surgem e desaparecem na rede em pouco tempo (WALLACE, 1999, p. 55).

de computador. Este estudo poderá também servir para ilustrar um dado momento histórico dentro da evolução galopante dos meios de transmissão de comunicação.

Neste capítulo, são apresentados os suportes teóricos que nos apóiam na análise do gênero em estudo. Especial foco é dado à teoria da Análise de Gêneros (MILLER, 1984; MARTIN, 1985; BAKHTIN, 1979; SWALES, 1990; BHATIA, 1993, 1997, 2004), cuja base utilizamos na concepção da noção de gênero e de outros conceitos a ele relacionados, assim como na investigação da organização retórica inerente aos pedidos de ajuda veiculados na lista de discussão acadêmica CVL. Em seguida, vimos os conceitos da Gramática Sistêmico-Funcional de relevância para esta tese: Contexto de Cultura e Contexto de Situação (HALLIDAY, 1970, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). As noções da Análise Multidimensional (BIBER, 1988) surgem como uma visão complementar aos enfoques adotados. Além disso, a discussão sobre as características dos gêneros digitais também nos fornece subsídios para melhor compreender esse gênero veiculado na internet.

Discutidos os conceitos que dão sustentação teórica a esta tese, nos voltamos aos aspectos metodológicos adotados.

3 – METODOLOGIA

Após a Introdução, apresentamos, no Capítulo 2, os arcabouços teóricos que sustentam esta tese. Neste terceiro capítulo, discutimos o ambiente metodológico em que o presente trabalho se insere.

Cumpre-nos informar que a motivação para a realização desta pesquisa, que investiga um gênero veiculado em um ambiente digital, dá-se, sobretudo, em virtude da atual relevância e da influência da internet, sobretudo, no desenvolvimento acadêmico e profissional. Na realidade, foi através da orientação de monografia de pós-graduação de uma aluna do curso de Especialização em Língua Inglesa da UERJ¹ que comecei a me interessar pelos gêneros digitais. Mais tarde, ao ter contato com a lista de discussão CVL, percebi seu valor como rica fonte de desenvolvimento acadêmico e profissional para alunos, professores e pessoas interessadas no Estudo das Linguagens.

Após esclarecimentos quanto à motivação que permeia esta pesquisa, passemos, então, às informações de cunho metodológico que informam o presente estudo: as questões, os objetivos, o paradigma, o método, o corpus, os instrumentos as etapas e os procedimentos de pesquisa.

3.1 – As questões e os objetivos da pesquisa

A metodologia a ser adotada depende fundamentalmente das questões de pesquisa. São elas que determinam a escolha do paradigma, do método, da definição do corpus e de todo o modelo da pesquisa. Ancorados na perspectiva de que o melhor método é o que melhor atende às questões da pesquisa (TASHAKKORI; TEDDIE, 1998, p. 168), apresentamos as seguintes perguntas que norteiam o presente estudo investigativo:

- Os pedidos de ajuda veiculados na CVL constituem um gênero?
- Há um padrão retórico recorrente nos pedidos analisados?
- Em caso afirmativo, como se dá essa organização?

¹ PEREIRA, Maria Cristina Viana Fernandes. *The spoken nature of e-mails*. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

- Há elementos léxico-gramaticais prototípicos?
- Em caso positivo, quais são eles?
- É possível estabelecer como os pedidos de ajuda digitalmente enviados se posicionam no contínuo entre o discurso oral e o discurso escrito?
- Que características do discurso digital podem ser encontradas?
- Como o corpus pode ser classificado de acordo com as dimensões de Biber (1988)?
- Como se apresentam as relações interpessoais entre aqueles que pedem ajuda e a comunidade?

Esta tese tem como base de referência teórico-analítica, sobretudo, o conceito de gênero de Swales (1990, 1998, 2001) e Bhatia (1993, 2004), o estudo da gramática pelo viés da abordagem Sistêmico-Funcional de Halliday (1970, 1989, 1985) e de Halliday e Mathiessen (2004) e a contribuição da Análise Multidimensional de Biber (1988).

3.2 – O paradigma e o método de pesquisa

Um paradigma pode ser visto como um conjunto de crenças básicas [...] que lida com princípios últimos ou primeiros. Ele representa, para quem o segue, uma visão de mundo que define a natureza do 'mundo', o lugar do indivíduo nesse mundo e a gama de relações possíveis para aquele mundo e suas partes [...].² (GUBA; LINCOLN, 1998, p. 200).

Na definição acima, o paradigma se coloca acima do método de pesquisa; sua escolha é responsável pela definição da metodologia a ser adotada.

Historicamente, a opção por um paradigma implicava necessariamente a exclusividade dessa orientação. Guba e Lincoln (2004, p. 36) se referem à expressão metafórica e ilustrativa “guerras de paradigmas” — “*paradigm wars*” —, utilizada por Gage (1989). Reforçando essa concepção, Hesse-Biber e Leavy (2004, p. 5) sugerem que a forma como a pesquisa quantitativa é colocada em oposição à qualitativa é produto da hierarquia de pensamento sobre a construção do

² Cf. original em inglês: “A *paradigm* may be viewed as a set of basic beliefs [...] that deal with ultimate or first principles. It represents a worldview that defines, for its holder, the nature of the ‘world’, the individual’s place in it, and the range of possible relationships to that world and its parts [...]”. p. 200.

conhecimento embutido em complexas teias de relações históricas de poder. Associavam-se à pesquisa de cunho quantitativo palavras como: dura, objetiva, forte, medida, número, positivista, nível do significante, tabulação, representativo, livre de valor. À pesquisa qualitativa, eram atribuídas as seguintes expressões: mole, subjetiva, fraca, nível do significado, palavra, processo, interpretação, compreensão, escrita, representacional e ativismo político e social. Para os autores, a falsa impressão de que a pesquisa quantitativa é a “ciência real”, conduzida por “pesquisadores racionais” e que a qualitativa é interpretativa e, portanto, menos poderosa, orientou o universo metodológico durante muito tempo. Eles argumentam que se o significado é criado durante a interação, uma metodologia que focaliza a interação, o significado e a escrita não pode ser considerada “macia” ou “fraca”, mas “científica”, considerando-se que o ponto de partida é o modelo interpretativista (HESSE-BIBER; LEAVY, 2004, p. 4-5).

A dicotomização dos parâmetros em quantitativo e qualitativo é considerada, por David Shepherd (1992), uma simplificação grosseira, já que os dois termos não descrevem de forma precisa o conceito de pesquisa como um todo.

Da mesma forma, refutando a polarização entre pesquisa qualitativa versus quantitativa, observam Reichardt e Cook (1979, p. 11), que é um erro considerar os dois paradigmas incompatíveis. Os autores reconhecem os benefícios que a mescla dos dois métodos pode fornecer ao pesquisador, posição compartilhada por Demo (2000, 2001), defensor confesso da pesquisa qualitativa.

Na pós-modernidade a conclusão de que não há uma só “verdade” e que todas as “verdades” são “parcialmente verdades” resultou na crença de que não há um paradigma convencional único ao qual todas as ciências sociais devam estar atreladas (LINCOLN; GUBA, 2000, p. 185).

Para Vidich e Lyman, (2000, p. 39), todos os métodos de pesquisa são basicamente qualitativos e igualmente objetivos; o uso de dados quantitativos ou de procedimentos matemáticos não elimina a intersubjetividade que permeia a pesquisa social. Dentro dessa perspectiva, compreendemos que o enfoque múltiplo, aqui adotado, é capaz de produzir visões mais abrangentes de um mesmo fenômeno social, através da posição do pesquisador, o qual assume a noção de conhecimento derivada de diferentes perspectivas (HESSE-BIBER; LEAVY, 2004, p. 9).

Assim, nos estudos sociais, nos quais se insere esta pesquisa (HESSE-BIBER; LEAVY, 2004, p. 5), a tradição interpretativista ou hermenêutica é baseada

na interpretação de interações e o significado social é criado durante a interação.

Tratando-se de pesquisa em Lingüística Aplicada, Nunan (1992, p. 3-4) recorre a Chaudron (1988) para observar que tradicionalmente há quatro tipos diferentes: a psicométrica, a análise interacional, a análise do discurso e a etnográfica. Entendemos que classificar a metodologia utilizada em Análise do Discurso não é tarefa simples (ZANOTTO, 2005, informação verbal),³ especialmente em se tratando de um contexto virtual como o que se coloca nesta tese.

A fim de dar conta das questões aqui formuladas, o tipo de investigação lingüística adotado aponta para a opção de procedimentos metodológicos que comunguem com a posição de que, no âmbito das linguagens, o significado é construído através de um processo social. Assim, consideramos que a pesquisa lingüística é sempre uma pesquisa social, que nunca pode ser dissociada do contexto político e social no qual a linguagem ocorre (CAMERON et al., 1992, p. 12-13), como pode ser observado, sobretudo, na Seção 4.4 na qual focalizamos aspectos da modalidade no discurso.

Nossa preocupação é com a descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos observados dentro de um grupo específico. Essa é uma das características preponderantes dos trabalhos de natureza qualitativa, onde não é verificado o interesse com a generalização dos resultados obtidos (KUHN, 1962; SEIDL DE MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p. 58-59). Contrária aos parâmetros interpretativistas, a concepção positivista, por outro lado, padroniza as variáveis através de dados quantitativos e produz generalizações (MOITA LOPES, 1994, p. 331).

Dentro da perspectiva qualitativa há a visão metodológica interpretativista que se baseia na análise discursiva ao invés da análise estatística (NUNAN, 1992, p. 231). Tal posicionamento metodológico considera que os significados são construídos pelo homem que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que haja uma multiplicidade de variáveis. Na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social, é tomado como existindo

³ A propósito, segundo Mara Sophia Zanotto (informação verbal, 2005), tal tipo de análise “confere ao pesquisador uma autoridade próxima à do pesquisador positivista” que, sozinho, observa, analise e conclui determinada pesquisa (Mini-Curso Metodologia de Pesquisa em Lingüística Aplicada, na UFF, em novembro de 2005).

na dependência do homem (MOITA LOPES , 1994, p. 331). O autor, ao defender a importância da pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada, afirma que

[...] é justamente a intersubjetividade que possibilita chegarmos mais próximo da realidade que é constituída pelos atores sociais ? ao contrapormos os significados construídos em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado. (MOITA LOPES, 1994, p. 332).

No contexto que investigamos, a voz dos atores sociais se expressa através das escolhas que compõem a construção do próprio pedido.

Uma das limitações da escolha qualitativa como metodologia de investigação é, como aponta Moita Lopes (p. 335), a abundância de dados com a qual o pesquisador se depara. Para o autor (p. 336), uma solução seria a “tática de análise de dados que primeiramente trabalha com base na procura das regularidades que surgem nos dados [...]”.

Conforme Demo (2001, p. 119), “[...] toda pesquisa precisa saber mesclar quantidade e qualidade, forma e intensidade, estrutura e dinâmica. A pesquisa qualitativa apenas quer realçar as dinâmicas, mas sem perder de vista que toda dinâmica também revela formas.” Portanto, importa notar que saber mesclar aspectos quantitativos e qualitativos é condição sine qua non para a obtenção de resultados confiáveis.

Neste início do século XXI, não podemos deixar de registrar que as novas tecnologias e o uso do computador no dia-a dia dos pesquisadores têm influenciado sobremaneira as metodologias (DEMO, 2000, 2001; MAYRING, 2002; MANN; STEWART, 2004; SUTTON; DAVID, 2004). Como afirma Mayring,

[...] programas de computador conseguem apoiar passos analíticos qualitativos de maneira decisiva. [...] a utilização de computadores na pesquisa social qualitativa tornou-se um sinal de um pensamento novo e integrativo na discussão metodológica. (MAYRING, 2002, p. 135).

É inegável que a facilidade com que se tem acesso a programas que quantificam dados com extrema praticidade e rapidez esteja interferindo na opção metodológica e nos instrumentos de pesquisa de um modo geral. O pesquisador, atualizado e familiarizado com os avanços da automação e com a conseqüente velocidade no processo de análise, passa a considerar a possibilidade de lançar mão de técnicas tipicamente consideradas quantitativas, a fim de confirmar e reforçar hipóteses. A contagem manual, que consome uma infinidade de tempo e desencorajava o pesquisador, é substituída por ferramentas digitais que quantificam

e fornecem levantamentos estatísticos de forma fácil e ágil com uma rapidez inimaginável há alguns poucos anos atrás. Portanto, é inquestionável que as tecnologias estão influenciando as metodologias de pesquisa. A facilidade com que obtivemos a listagem de itens lexicais utilizados e o número de ocorrências nos auxiliou sobremaneira na compreensão do gênero em foco.

Os pesquisadores que estudam a interação na internet tendem a usar uma combinação de métodos (MANN; STEWART, 2004, p. 397). Nesta pesquisa, adotamos uma atitude investigativa que elege, observa e interpreta os vários significados lingüísticos. À guisa de desenvolvermos um estudo analítico, baseamos-nos em uma abordagem que eminentemente privilegia o caráter qualitativo-interpretativista, a qual analisa, identifica e denomina os movimentos retóricos e as características do gênero em foco, sem abandonar, no entanto, a possibilidade de emprego de recursos tecnológicos que quantificam. Vale lembrar que Demo (2000, p. 86) afirma que “Não há fenômeno puramente quantitativo ou qualitativo e somente a gradação condicionará uma pesquisa mais ou menos quantitativa ou qualitativa.”

Devemos dizer que os levantamentos da freqüência de itens lexicais, apresentado no Anexo B, têm por objetivo facilitar a quantificação e a contextualização, complementando e realçando os dados e as categorias analíticas relevantes para este estudo. Podemos, portanto, afirmar que adotamos um parâmetro eminentemente qualitativo de pesquisa, valendo-nos de recursos de caráter quantitativo apenas para confirmar os conceitos qualitativamente interpretados a fim de obter resultados mais substanciais.

A seguir, são expostos os critérios para a seleção e o contexto em que se localizam o corpus, os instrumentos utilizados, assim como as etapas e os procedimentos de análise dos dados.

3.3 – A constituição do corpus

Como nosso corpus de análise foi extraído de uma lista de discussão on-line, cabe discutir, neste momento da tese, alguns aspectos pertinentes à relação entre ética e internet. Ao mesmo tempo em que esse veículo de comunicação, que se dá através do espaço cibernético, proporciona e facilita o acesso direto a interações entre as pessoas, ultrapassando as fronteiras de tempo e a distância geográfica e favorecendo esse tipo de investigação, o uso da internet como meio e instrumento

de pesquisa também traz à tona questões éticas sobre a distinção entre o público e o privado. Por exemplo, em oposição a copirraite⁴ ? “direito exclusivo de imprimir, reproduzir ou vender obra literária, científica ou artística” (AURÉLIO, 2004) — surge o “movimento *copyleft*” que sustenta a idéia de que na era globalizada todos devem ter livre acesso a todo e qualquer conhecimento disponível na rede, independentemente de direitos autorais, resguardadas as exigências éticas (D. SHEPHERD, 2006, informação verbal). Essa corrente de pensamento parte do pressuposto de que uma vez que toda idéia é parte do desenvolvimento humano, ninguém pode justificadamente cercear esse direito.

Outras questões de igual relevância dizem respeito ao anonimato ou o uso de pseudônimo, às complexidades de se obter autorização para utilização de textos publicados on-line e à ilusão de privacidade no espaço virtual, temas cruciais quando se trata da interpretação e aplicação de políticas de conduta social e de pesquisa de comportamento envolvendo sujeitos humanos (FRANKEL; SIANG, 1999, p. 2-3), que se colocam como fatores relevantes na realização desta tese.

Com efeito, as comunidades virtuais constituem excelentes fontes de dados qualitativos que podem auxiliar na sistematização e codificação, revelando valores e preferências de seus membros (EYSENBACH; TILL, 2001). A necessidade de solicitação de autorização para que um determinado texto seja utilizado em pesquisas está, para os autores, vinculado, antes de tudo, à modalidade de inscrição na referida lista de discussão. Quando a adesão é aberta a qualquer pessoa, sem exigências específicas — como é o caso da CVL — os pesquisadores podem desenvolver seus estudos sem o consentimento explícito dos autores das mensagens. Há situações em que os participantes estão, na verdade, em busca de visibilidade pública, o que reforça essa posição que isenta o pesquisador da autorização para uso de pesquisa (EYSENBACH; TILL, 2001). Concordamos também com os autores quando afirmam que estabelecer uma dicotomia entre o público e o privado muitas vezes não é apropriado, uma vez que as comunidades desse tipo se colocam em um espaço intermediário entre os dois. Podemos considerar que, em se tratando do discurso digital disponibilizado na internet, há uma tensão entre o público e o privado, não propriamente uma dicotomia. Isso

⁴ Termo originário do Inglês: *copyright*.

equivale a dizer que o público e o privado se misturam, não são, verdadeiramente, espaços antagônicos.

Muito do que se discute sobre o assunto pode ser atribuído à possibilidade de a publicação de uma pesquisa trazer danos ou afetar negativamente os indivíduos ou a comunidade virtual como um todo. A vulnerabilidade do assunto em foco⁵, que não é o caso do tema aqui tratado, a forma como a pesquisa é orientada e como os dados são publicados podem determinar a necessidade ou não de que os textos sejam liberados para propósitos científicos.

Os trabalhos que abordam a relação ética-internet têm como principal preocupação a criação de mecanismos que protejam o sujeito humano nas pesquisas do poder das novas tecnologias utilizadas dentro do universo científico, sobretudo, quanto aos possíveis danos e benefícios oriundos da pesquisa (FRANKEL; SIANG, 1999, p. 4).

Entendemos, portanto, que, considerando-se o tipo de assunto que reúne os membros da CVL, o livre acesso à lista e o propósito desta tese, não haja nada que comprometa a publicação dos dados de nossos estudos sem o consentimento prévio dos participantes. Além disso, ressaltamos também que a posterior identificação, localização e contato com os sujeitos, em busca de autorização, ficariam dificultados, uma vez que, há, nas comunidades virtuais, um caráter de fluidez raramente encontrado em comunidades do mundo físico: os participantes não só entram e saem da comunidade, como também mudam de endereço eletrônico com bastante frequência (FRANKEL; SIANG, 1999, p. 4).

Essa postura é corroborada por Capurro e Pingel (2002) que afirmam que a pesquisa sobre a comunicação na internet deve ser guiada, sobretudo, por uma ética do cuidado. Assim sendo, com vistas à proteção e ao cuidado — palavras-chave na relação ética-internet — em nossa pesquisa, todas as informações que poderiam revelar a identidade dos emissores das mensagens analisadas são omitidas. É com foco nesses parâmetros que tratamos as mensagens e seus autores no presente trabalho.

Discutidos os aspectos éticos da pesquisa na internet, passemos a uma outra preocupação de um pesquisador: o tamanho da amostra e sua representatividade do universo a ser investigado. Seidl de Moura, Ferreira e Paine, (1998, p. 62) afirmam

⁵ Os autores citam como assuntos delicados aqueles tratados em uma comunidade de crianças enfermas e uma comunidade de auto-ajuda de pessoas que sofreram abuso sexual.

que a difícil definição do que seja “tamanho ideal” freqüentemente é resolvida de maneira não-técnica, com exceção dos estudos de levantamento, em que é utilizada uma amostra representativa proporcional da população-alvo e em que não existe a necessidade de serem adotados procedimentos sistemáticos de seleção de amostras (p. 58-59). Para as autoras, não há, na literatura sobre metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, indicações técnicas sobre o tamanho da amostra; as estratégias usadas para essa decisão variam bastante. Uma boa regra é, segundo as autoras, “estar familiarizado com a literatura da área e utilizar um número [...] compatível com os demais estudos feitos” (p. 63).

Essa sugestão, que nos parece pertinente, vem ao encontro de nossa preocupação quanto ao número de mensagens a ser analisado, mais do que com o número de palavras. Verificamos que há uma grande variação na quantidade de exemplares que compõem os corpora dos vários trabalhos, inclusive de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado), desenvolvidos no Brasil na área de Lingüística Aplicada a Estudos de Linguagem, sobretudo em Análise de Gêneros e Análise do Discurso a que temos tido acesso nos últimos anos.⁶

Dessa forma, e com base no critério cronológico e aleatório, o corpus aqui utilizado refere-se a todas as 234 mensagens inseridas em 39 *digests*⁷ recebidos diariamente de 6 de junho a 22 de agosto de 2005. A análise e a identificação do propósito comunicativo (SWALES, 1990, p. 23-29) desses 234 e-mails, recebidos nesse período, apontam que essa lista de discussão veicula, predominantemente, textos com 6 propósitos comunicativos diferentes (ver Capítulo 4, Seção 4.2.2).

Após procedermos à análise do universo de 234 mensagens e de identificarmos seus propósitos comunicativos, emergem 47 e-mails cujo propósito comunicativo é “pedir ajuda”. Logo, o corpus, propriamente dito, aqui investigado é constituído por essas 47 mensagens, escritas digitalmente em Português do Brasil,

⁶ Um rápido levantamento quanto ao número de exemplares usados revela os seguintes dados: Faria (2003) analisa 30 cartas; Salgado (2003), 228 cartas; Carvalho, G. (2002) estuda 60 resenhas de livros (30 em português e 30 em inglês); Colino (2003) investiga 64 entradas em conferência *on line*; Carvalho, K. (2002) estuda 30 apresentações orais de trabalhos científicos; Santos, V. (1999) investiga 117 cartas comerciais; Gimenez (2000) compara 63 *e-mails* comerciais com 40 cartas comerciais. Outros estudos de análise de gêneros contam com as seguintes amostras: 12 artigos acadêmicos eletrônicos (HENDGES, 2002, p. 117-139), 10 resenhas críticas (ARAÚJO, 2002, p. 141-158), 30 textos críticos de cinema (BERBARE, 2002, p. 41-58), 40 textos críticos de música (MELLO, 2002, p. 59-73), 163 questões dissertativas (FONSECA, 2002, p. 119-139) e 451 documentos de comunicação interna (SANTOS, 2002).

⁷ Através do formato “*digest*”, várias mensagens são enviadas em bloco diariamente embutidas em um só e-mail.

que se propõem a atingir o objetivo de pedir ajuda a uma comunidade virtual composta por pessoas interessadas em linguagem.

Além do tamanho da amostra, o critério adotado para a seleção da amostra também constitui uma área de indefinição para o pesquisador. Para Seidl de Moura, Ferreira e Paine (1998, p. 58-59), nos trabalhos de natureza qualitativa, que se preocupam com a descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos observados, não há necessidade de utilização de procedimentos sistemáticos de seleção de amostras. O sistema de seleção com corte cronológico e aleatório que adotamos nos parece adequado ao tipo de pesquisa que propomos.

Dessa forma, após o corte que incluiu 234 mensagens, partimos para a identificação de seus propósitos comunicativos. A aplicação desse critério nos revelou o seguinte quadro:

Tabela nº 01 – Propósitos comunicativos no corpus inicial

PROPÓSITOS COMUNICATIVOS	Nº
Informar/Divulgar	136
Protestar	25
Pedir ajuda	47
Oferecer ajuda	22
Agradecer pela ajuda	04
Total	234

Acreditamos, portanto, que a amostragem aqui delimitada reflete as características dos pedidos de ajuda e é representativa para a descrição acurada dos traços mais e menos recorrentes.

3.4 – Os instrumentos de análise

A escolha dos aparatos analíticos está intimamente ligada aos procedimentos de análise e à natureza dos conceitos envolvidos na pesquisa. No estudo que desenvolvemos, a análise das mensagens digitalizadas deu-se manualmente na fase de identificação, classificação e levantamento de frequência de ocorrência dos movimentos retóricos e estratégias. Para confirmar a identificação do propósito comunicativo dominante nas 47 mensagens em foco, assim como para desenvolver o estudo dos traços pertinentes ao gênero à luz da Análise Multidimensional e da Gramática Sistêmico-Funcional, recorreremos a um instrumento capaz de fornecer informações úteis a respeito dos indicadores relevantes do léxico: o software

WordSmith tools (SCOTT, 1996). O levantamento identificou 877 diferentes itens lexicais (Anexo B) que ocorrem no corpus, composto por 2.443 itens, e ofereceu suporte também para as interpretações elaboradas manualmente. A ferramenta computacional Lista de Palavras, aqui aplicada, além de listar, organiza por ordem alfabética, quantifica e demonstra o percentual de ocorrência de todas as palavras que constituem o corpus. No caso de investigação de corpora digitalizados, o uso da tecnologia no tratamento de informações quantitativas é facilitado e agilizado, permitindo relacionar à análise qualitativa dados quantitativos que validam empiricamente os fenômenos interpretados.

Dentro dessa abordagem, os levantamentos quantitativos e estatísticos, inclusive o de frequência de itens lexicais, apresentado no Anexo B, são complementos que têm por objetivo quantificar, contextualizar, complementar os dados e as categorias analíticas relevantes para este estudo. Podemos, portanto, afirmar que adotamos o parâmetro qualitativo de pesquisa, valendo-nos de recursos de caráter quantitativo apenas para confirmar os conceitos qualitativamente interpretados e obter resultados mais substanciais.

3.5 – As etapas e os procedimentos de análise

Feitas as considerações acima, passemos às etapas e aos procedimentos adotados para a análise dos dados encontrados na amostra que estudamos.

Inicialmente nos voltamos para a análise das peculiaridades e funcionamento da comunidade discursiva de onde provêm os e-mails em foco. A seguir, categorizamos, em termos de propósito comunicativo, as 234 mensagens enviadas. Procedemos à identificação desses propósitos e destacamos os 47 e-mails que se destinavam a solicitar ajuda. As mensagens com outros propósitos comunicativos foram apenas categorizadas, levando-se em consideração os propósitos que as norteiam. A seguir, identificamos e levantamos a ocorrência, a frequência e a ordenação com que os movimentos retóricos ? compulsórios e opcionais ? ocorrem nessas mensagens e, assim também, as estratégias adotadas em cada um desses movimentos retóricos. Em seguida, investigamos o “campo”, as “relações” e o “modo” de comunicação (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Vale lembrar que nosso foco principal de análise é o comportamento lingüístico do gênero em questão.

Como suporte complementar, procedemos, com o auxílio da ferramenta computacional acima mencionada, à identificação de traços sugeridos na Análise Multidimensional (BIBER, 1988), a fim de confirmar os achados da análise anterior.

Após identificarmos a freqüência da modalização no conjunto de mensagens, nos ocupamos em investigar as estratégias utilizadas e sua relevância na construção dos pedidos de ajuda.

Antes de passarmos à análise do corpus, propriamente dita, vale ressaltar que acreditamos que o uso da metodologia supracitada foi de grande auxílio para descrever as características canônicas de um grupo de mensagens enviadas a uma lista de discussão acadêmica solicitando ajuda e para dar conta das escolhas feitas na construção dessas mensagens transmitidas digitalmente.

4 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Após termos apresentado a fundamentação teórica que norteia a presente pesquisa, assim como a metodologia adotada, procedemos, agora, à discussão dos dados levantados no corpus contendo pedidos de ajuda.

Neste capítulo da tese, antes de nos ocuparmos com a identificação e análise das características do gênero “pedidos de ajuda acadêmica em lista de discussão digital”, identificadas nas 47 mensagens que compõem o corpus recortado de um universo maior de 234 mensagens enviadas à CVL, apresentamos argumentos que nos permitem classificar os pedidos digitais de ajuda veiculados na CVL como um gênero.

A seguir, averiguamos o Contexto de Cultura em que se situam os pedidos de ajuda, através do estudo da comunidade discursiva em foco, da identificação e análise dos elementos funcionais compulsórios e opcionais ? movimentos ? , das estratégias (SWALES, 1990, 1992, 2004; BHATIA, 1993, 1997, 2004) e, assim também, do estudo das peculiaridades em termos de ocorrência, seqüência e sobreposição desses elementos.

Após a investigação quanto à organização retórica do gênero, na análise do Contexto de Situação, focalizamos o “Campo”, as “Relações” e o “Modo do discurso” (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Em seguida, analisamos os traços do discurso encontrados em três dos movimentos identificados nesse gênero transmitido digitalmente; também examinamos a relação entre as características do discurso produzido nesse contexto e o discurso digital.

Apresentamos, ainda, a freqüência dos traços lingüísticos das dimensões preconizadas por Biber (1988), obtida com o auxílio da ferramenta digital *WordSmith tools* (SCOTT, 1996), que nos auxilia no levantamento de ocorrência lexical.

Por último, neste capítulo, nos dedicamos a investigar as estratégias de modalização nessas mensagens digitais, tendo sempre como fio condutor as convenções e escolhas lingüísticas e a realização do gênero como processo social.

4.1 – O pedido de ajuda como gênero

Dentre os gêneros investigados atualmente no Brasil, com corpora em Português e em Inglês, encontram-se as resenhas, os artigos acadêmicos, as cartas de pedido de emprego, os resumos e os gêneros promocionais em geral. Além desses, nota-se o interesse por outros conjuntos de textos que não são comumente classificados como gênero. À guisa de ilustração, destacamos alguns exemplos, objetos de pesquisas apresentadas no II Simpósio Nacional de Estudo dos Gêneros Textuais (II SIGET)¹: carta de conselho, folder, licenças de software, (o gênero do) opinar em debate, tira em quadrinhos, artigo de opinião, anúncio classificado, autobiografia, auto-ajuda, relatório e páginas pessoais na internet.²

À essa lista, acrescentam-se, também, outros tipos de corpora que, da mesma forma, talvez pela primeira vez sejam analisados sob a ótica da Análise de Gêneros, como é o caso do trabalho de conclusão de Mestrado que investiga “A redação de vestibular como gênero” (CALDEIRA, 2006) e do artigo “Check-in: um gênero familiar para recepcionista de hotel” (CARDOSO, 2003) ambos interessantes trabalhos focalizados sob essa perspectiva.

Considerando-se os estudos do próprio Swales, destacamos, sobretudo, a análise de “Lista de Compras”, apresentada em plenária em sua visita ao Brasil (mais especificamente a Maceió, Alagoas) em 1992³, que causou, à época, grande estranheza na platéia pelo fato de se enquadrar no rol dos gêneros, segundo o lingüista.

Quanto aos gêneros que circulam na esfera acadêmica, não menos interessante é o comentário de Swales (2004, p. 64), que defende que o gênero “pôster” deve ocupar um nicho próprio como uma alternativa viável a apresentações em conferências, deixando de ser considerado um tipo de apresentação de segunda classe.

Cabe registrar que, por vezes, a CVL se torna fórum para a discussão sobre a classificação de textos como gênero. Em setembro de 2004, por exemplo, discutiu-se se “Capa de livro” seria um gênero textual. Depois de expostas várias posições,

¹ Evento realizado na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI) de União da Vitória em agosto de 2004.

² Segundo D. Shepherd (2006, informação verbal), essas escolhas podem ser interpretadas como resultantes das limitações de tempo impostas para pesquisa pelas instituições brasileiras.

³ Durante o VI Seminário Nacional do Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades e Escolas Técnicas Federais Brasileiras. Universidade Federal de Alagoas, Maceió em nov., 1992.

inclusive algumas que geraram mais dúvidas do que esclarecimentos, foi veiculada a seguinte mensagem que, a nosso ver, expressa nossa posição quanto ao assunto:

[...] não se trata de abismo da multiplicação de infinitos gêneros, “capas de livros e/ou revistas, etc” assim como os demais gêneros fazem parte de esferas sociais e precisam ser estudados, analisados, para serem melhor compreendidos e não simplesmente descritos estruturalmente. Existem muitas questões que impõem aos lingüistas e aos professores de línguas fundamentações que orientem a noção de gênero como unidade enunciativo-discursiva nas práticas sociais institucionalizadas. Se uma pessoa vai a uma banca e compra uma revista ou um livro, o que a leva a escolher e comprar um determinado material? Penso que dentre muitas possibilidades, na maioria das vezes ela é levada pelo apelo da capa; ou quantas vezes lembramos tal livro, ou tal autor pela representação da capa do seu livro; capa como gênero textual está sendo objeto de estudo de alguns pesquisadores que, com certeza, têm outras contribuições e esclarecimentos a nos fazer. (GAYDECZKA, mensagem pessoal veiculada em 22 set. 2004).

A classificação de textos como gêneros suscita muita discussão porque, via de regra, não passa de listagens de características formais. Portanto, recorremos a Marcuschi, com quem compartilhamos a seguinte tese:

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da idéia de que **a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual** (grifo nosso). Essa posição, defendida por Bakhtin [1997] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. (MARCUSCHI, 2002, p. 22, grifos do autor).

Uma vez que “a comunicação verbal só é possível através de um gênero textual”, como enfatiza Marcuschi, um outro argumento que nos permite atribuir validade ao estudo desse conjunto de mensagens eletrônicas que solicitam ajuda à luz da Análise de Gêneros é o fato de que qualquer texto⁴ é passível de investigação sob diferentes óticas e orientações teórico-metodológicas. No artigo “Múltiplas análises discursivas de interações no local de trabalho”,⁵ por exemplo, oito especialistas (STUBBE et al., 2003, p. 351-388) se reúnem para apresentar, em um

⁴ Nesta tese, entende-se por texto qualquer exemplo de linguagem, em qualquer mídia, que faça sentido a alguém que conheça a língua (HALLYDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 3).

⁵ Título original em Inglês: “Multiple discourse analyses of a workplace interaction.”

mesmo artigo, análises baseadas em cinco enfoques teóricos e metodológicos distintos para investigar um único corpus: um áudio de 9 minutos de uma interação espontânea no local de trabalho. Tal corpus é investigado à luz da Análise de Conversação, da Sociolinguística Interacional, da Teoria da Polidez, da Análise Crítica do Discurso e da Psicologia Discursiva. Com efeito, as conclusões a que chegam os autores, revelam existência de diversos pontos em comum, assim como diferenças que, na visão dos pesquisadores, não necessariamente se conflitam, mas se complementam em diversos aspectos.

Em se tratando do conjunto de textos que investigamos, pode-se esperar que a Teoria dos Atos de Fala pudesse constituir a orientação teórica preponderante, mas não necessariamente a única. A bem da verdade, Swales (2004, p. 67-68) prevê, de certa forma, a possível interseção entre a Análise de Gêneros e a Teoria dos Atos de Fala. Para o autor, no mundo da pesquisa, podem ocorrer situações em que temos “(pelo menos ostensivamente) **uma situação comunicativa distinta**, como na concorrência de resumos para aceitação” (grifo do autor). Swales não foi o primeiro a perceber essa possibilidade. Para Swales (p. 67), a tentativa de Bazerman (1994, p. 99) em relacionar atos de fala com gêneros não-literários revela que qualquer enunciado pode ter uma multiplicidade de funções e significados. Para Bazerman, o contexto local pode influenciar fortemente nossa interpretação e realização de qualquer ato de fala. Swales afirma, também, que outros teóricos sugerem a aplicação de atos de fala em situações do mundo real. No entanto, Swales compartilha com Bazerman a idéia de que relacionar certos trechos de discurso às ações que eles devem desempenhar pode trazer uma “diretividade útil” (*useful “directedness”*, aspas do autor) à percepção de gênero (SWALES, 2004, p. 67).

Vale ressaltar que o ato de pedir, de um modo geral, tem sido exaustivamente investigado sob a perspectiva da pragmática como ato de fala. A título de ilustração, podemos destacar os trabalhos sobre pedidos em geral em língua inglesa de Ervin-Tripp (1981) *“How to make and understand a request”*⁶ e de Brown e Levinson (1987) *Questions and politeness: strategies in social interaction.*⁷ Pedidos em Português são analisados, também, sob a abordagem da pragmática, por Ferreira Brito e Macedo (1985) em “Características dos pedidos em Português” e por Silva

⁶ Título em Português: Como fazer e compreender um pedido.

⁷ Título em Português: *Questões de polidez: estratégias na interação social.*

(1997) na monografia *Exame das formas de polidez e dos recursos atenuadores no ato de pedir no Português do Brasil*. Entendemos que os pedidos, tais como são analisados pela pragmática (embricados na linguagem oral), constituem um ato da fala dentro de um discurso maior, como, em especial, aquele das interações face-a-face.

Os pedidos de ajuda, foco de nossa investigação, no entanto, compõem uma unidade, isto é, todo o texto é construído a fim de cumprir seu propósito nuclear: pedir ajuda. Ademais, apesar de o corpus apresentar algumas características da comunicação falada, e-mails são, verdadeiramente, mensagens assíncronas digitalmente escritas, impregnadas de traços característicos da comunicação escrita, como, por exemplo, a possibilidade de reedição do discurso durante a produção, já que as tomadas de decisão não são feitas on-line ou instantaneamente como em uma conversa síncrona convencional. A assinatura do emissor nos e-mails é outra propriedade do discurso escrito transportado para mensagens digitais.

Ademais, pode-se traçar um paralelo entre o gênero “e-mails de pedidos de ajuda” e o gênero “cartas de pedido de emprego”, analisadas sob o prisma da análise de gêneros por Bhatia (1993, p. 45-75). Urge ressaltar que, a exemplo das cartas que solicitam emprego, as mensagens eletrônicas que solicitam ajuda da mesma forma constituem verdadeiramente um gênero específico, apesar de fazerem uso de veículos diferentes. Tal constatação se dá pelo fato de que o mesmo padrão de organização retórica, usado para a análise de cartas de pedido de emprego por Bhatia, emergiu de nossa análise dos movimentos retóricos compulsórios e opcionais encontrados nos e-mails de pedidos de ajuda. Assim, enquanto um gênero tem como propósito comunicativo pedir emprego, o outro tem o de pedir ajuda: informação ou material. Logo, adotando-se o critério de identificação e classificação dos gêneros como ações sociais e, sobretudo, de acordo com seu propósito comunicativo, um e-mail solicitando ajuda e uma carta que solicita emprego constituem dois gêneros cujas características podem ser influenciadas, dentre outros aspectos, pelo meio de comunicação, digital ou não-digital.

Dentre os gêneros estudados por Swales, destaca-se um exemplo bastante significativo para nossa análise, que merece uma descrição profunda e detalhada por parte de Swales, e que, em especial, pela relevante coincidência com o propósito comunicativo do gênero que estudamos, nos oferece subsídios para a argumentação aqui proposta. Acreditamos que seja possível estabelecer um

paralelo entre o objeto de estudo desta pesquisa e os “Pedidos de envio de material (para pesquisa acadêmica)”, “*reprint requests*”, (SWALES, 1990, p. 189-201), gênero esse que circulava no meio acadêmico, mais freqüentemente escrito em cartões e bem menos através de cartas.⁸

Os *reprint requests*, que não fazem parte do Contexto de Cultura brasileiro, em especial, em nossa área de atuação, consistem em um pedido de cópia de artigo ou de outro tipo de produção acadêmica feito por um pesquisador ou bibliotecário a um autor ou autores. A fim de ilustrar a importância e popularidade desse gênero em diversas partes do mundo acadêmico globalizado,⁹ o autor menciona (p.189) um certo pesquisador da área médica na Nigéria, que, em um ano, recebeu dos Estados Unidos mais de 1000 solicitações desse tipo, geralmente impressas em cartões¹⁰, institucionalizados ou pessoais. Segundo Swales (p. 189-190), pelo menos 10 milhões de *reprint requests* eram distribuídos no mundo por ano à época da publicação de sua obra (1990). Apesar de simples em formato, Swales afirma (p. 190) que esse gênero, além de não ser pequeno em importância, traz desdobramentos relevantes para a análise de gêneros.

Eis a argumentação de Swales (1990) para a caracterização de “pedidos de envio de material” (“*reprint request*”¹¹) como gênero:

[...] o pedido de envio de material preenche a maioria das exigências para ter status de gênero. Tem um nome reconhecido dentro das importantes comunidades discursivas relevantes. Os membros daquelas comunidades o reconhecem como um ato comunicativo identificável. Os membros compartilham da compreensão sobre seu propósito público e respondem a esse propósito com uma limitada série de comportamentos.¹² (SWALES, 1990, p. 195).

⁸ Swales (p.189) cita o pesquisador Onuigbo (1984, p. 95) que recebeu 1.014 cartões e apenas 9 cartas. Certamente, hoje em dia, os pedidos devem ser enviados com mais freqüência através de e-mails.

⁹ Swales (1990, p. 194) atribui aos pedidos de envio de material (“*reprint requests*”) o papel de possibilitar um maior contato de falantes não-nativos de Inglês com potenciais colegas de diversas partes do mundo.

¹⁰ Onuigbo (1984, p. 95, apud SWALES, 1990, p. 189) recebeu pedidos de envio de material através de 9 cartas e de 1014 cartões.

¹¹ Segundo Swales, “a *reprint request (RR)* is a request for a copy, reprint or offprint of a research article mailed by a researcher (or occasionally librarian) to the author or authors of that publicatio.” (p. 189).

¹² Cf. original em Inglês: “[...] the reprint request has already met most of the criteria for genre status. It has a recognized name within the relevant discourse communities. Members of those communities recognize the RR as being an identifiable communicative act. Those members share an understanding of what the public purpose of a RR is, and respond to that purpose with a limited set of behaviors.” (p. 195).

O mesmo parece ocorrer no conjunto de pedidos de ajuda que focalizamos: enquanto ato de comunicação identificável pelos membros da comunidade por onde circula, seu propósito pode ser compreendido por essa comunidade e pode gerar respostas. Assim, a finalidade desses dois gêneros é solicitar material do autor e ajuda para diferentes assuntos, predominantemente acadêmicos. Com efeito, o meio de veiculação das solicitações se difere: um gênero é escrito manualmente em cartões (ou cartas); o outro é escrito digitalmente em listas de discussões.

Precedendo a análise de 127 exemplares desse tipo¹³ Swales (p. 190-193) apresenta alguns desdobramentos para o estudo dos “*reprint requests*”: investigar a opinião dos pesquisadores quanto às vantagens e desvantagens de receber tais solicitações¹⁴ e avaliar os resultados de um questionário enviado aos solicitantes de pedidos.¹⁵

No estudo da organização retórica do gênero em exame, são identificados 4 “elementos” principais (obrigatórios e convencionais), com base no percentual de ocorrência de cada um deles e a ordem na qual eles ocorrem¹⁶: saudações de abertura (“*opening salutations*”), o pedido (“*the request*”), expressão de agradecimento (“*expression of thanks*”) e formas de saudação de fechamento (“*forms of closing salutation*”).

Podemos dizer que, comparado ao gênero “pedido de ajuda em lista de discussão”, os *reprint requests* são bem menos elaborados, até mesmo, em função das limitações que o espaço disponível em um cartão oferece. Acreditamos, porém,

¹³ Acreditamos que um estudo comparativo entre o gênero veiculados através de cartões, de cartas e de e-mail poderá mostrar traços relevantes determinados pelo tipo de transmissão da mensagem.

¹⁴ Fogel, biólogo informante de Swales, afirma que, além de ser uma boa propaganda (“*good advertising*”), isso possibilita um maior número de citações de seus trabalhos por outros colegas. O tempo, os problemas e o custo são apontados como fatores negativos para o atendimento da solicitação, razões pelas quais alguns pesquisadores não atendem às solicitações. Nota-se, também, uma certa resistência por parte de alguns pesquisadores quanto ao envio de outros trabalhos sobre assuntos relacionados ao tópico do material principal motivador do pedido (“*papers on related topics*”), como observa Swales (p. 193).

¹⁵ A curiosidade de Swales e a busca por uma razão, “ainda obscura” (p. 193), que justifique a circulação de grande quantidade de pedidos de envio de material levaram o pesquisador a investigar os hábitos e motivações dos solicitantes¹⁵. Ao apresentar os resultados oriundos da tabulação de questionários, Swales (p. 192-193) conclui que a maioria pertence à área médica e biológica, justificando a razão do desconhecimento desse tipo de gênero na área de Estudos da Linguagem. Bastante relevantes são as respostas quanto às vantagens apontadas pelos solicitantes: desde a rapidez, disponibilidade e facilidade de acesso aos trabalhos até a solução para o problema de falta de copiadoras (na Polônia), passando pela qualidade das cópias e até mesmo a viabilização de “contato pessoal com colegas”.

¹⁶ Ao contrário ao que nossa análise de pedidos de ajuda em lista de discussão demonstra (Capítulo 4), a ordem dos elementos que compõem a estrutura dos pedidos de envio de material é fixa (SWALES, 1990, p. 196).

que, nos dias de hoje, tais solicitações devem ser feitas, com considerável frequência, através de e-mails. Pedidos de ajuda enviados através da internet (veiculados em listas de discussão ou enviados diretamente por e-mail) podem ser considerados como uma versão tecnológica dos *“reprint requests”* impressos em cartões e entregues pessoalmente. A substituição do meio de transmissão e a conseqüente facilidade de acesso promovida pela era digital devem ter influenciado sobremaneira tanto a organização retórica, como o nível de elaboração desse gênero. A cerimônia com que alunos, pesquisadores menos experientes ou até mesmo pares se aproximavam para solicitar informações ou materiais e a linguagem utilizada nesse tipo de interação não resistiram às facilidades oferecidas na atualidade. A participação em uma mesma lista de discussão como a CVL, por exemplo, parece dar a alguns participantes a falsa impressão de que todos têm a mesma posição dentro dessa comunidade.

Acreditamos, portanto, que as peculiaridades dos *“reprint requests”* bem como dos pedidos de ajuda acadêmica que investigamos nos permitem traçar um paralelo entre esses dois conjuntos de textos e concluirmos que esses dois gêneros atuam em um sistema de colaboração no mundo acadêmico em contextos histórico-culturais distintos.

Retomando as analogias que caracterizam o gênero, propostas por Swales (2004) com base em 6 metáforas (Seção 2.1.2.2), podemos dizer que os pedidos de ajuda veiculados na lista de discussão que analisamos fazem parte de um grupo de textos que pode ser visto como: (1) “moldura” para a ação social, em ambiente de aprendizagem de forma de viver, sem garantia de sucesso da ação retórica; (2) “padrão” que permite liberdade e instabilidade nas escolhas lingüísticas; (3) “espécie biológica” em constante evolução; (4) “família” com exemplares semelhantes em vários traços, mas com a mesma história genealógica; (5) “instituição” com processos de produção e de recepção tipificados mais ou menos complexos que servem de modelo e cujos membros desempenham papéis institucionais típicos e; (6) “ato de fala” no que concerne à objetividade do discurso.

Discutidos os aspectos acima, consideramos, portanto, que os pedidos de ajuda que ora analisamos constituam um gênero específico. O estudo do corpus identifica a formação de um conjunto significativo de mensagens que compartilham do mesmo propósito comunicativo ? pedir ajuda ? , apresentando um padrão relativamente estável de organização retórica (movimentos e estratégias) e marcas

lingüísticas (léxicas e gramaticais) recorrentes, circulando em uma determinada comunidade em um certo momento histórico e em um dado contexto sócio-cultural. Ademais, retomando os cinco critérios estabelecidos na definição de gênero (SWALES, 1990, p. 45-57), podemos afirmar que os pedidos de ajuda acadêmica, veiculados na CVL: 1) constituem uma classe de eventos comunicativos; 2) compartilham de um conjunto de propósitos comunicativos; 3) abrangem exemplos que variam em sua prototipicidade; 4) apresentam uma lógica reconhecida pelos participantes da comunidade; e 5) fazem uso de uma terminologia elaborada e reconhecida pelos participantes da comunidade discursiva em que circula.

Vale lembrar, como indica a versão atualizada do estudo de gêneros proposta por Swales (2004), que para se conhecer um gênero, além da análise das características organizacionais e léxico-gramaticais do próprio gênero, devem também ser levados em consideração os aspectos que permitam a compreensão da dinâmica da comunidade discursiva onde o gênero é ancorado em determinado momento. A análise dos textos em seu contexto demonstra como esse conjunto de mensagens reflete a realidade histórico-social, assim como essa realidade é refletida nas relações dos participantes da comunidade através das mensagens que nela circulam. É isso que os resultados de nossa pesquisa de pedidos de ajuda em lista de discussão apontam nas seções subseqüentes deste Capítulo.

Além de apoiarmos esta tese nos princípios da Análise de Gêneros, recorreremos a aspectos da Gramática Sistêmico-Funcional que também nos fornece subsídios para a melhor compreensão do gênero em análise.

4. 2 – O Contexto de Cultura

Como já foi mencionado em 2.2.1, o Contexto de Cultura, um dos conceitos seminais da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 46-47), está relacionado ao propósito social do texto, passando pela ideologia, pelas convenções sociais e pelas instituições. De acordo com essa perspectiva, as comunidades desenvolvem manifestações discursivas a fim de alcançar determinados intentos comunicativos.

Dessa forma, apresentamos, a seguir, o padrão de organização retórica que emergiu da análise dos textos e o estudo detalhado de cada um dos elementos que integram o gênero Pedido de Ajuda Acadêmica em lista de discussão digital.

Acreditamos que os membros da lista de discussão que estudamos partilham do conhecimento comum quanto aos mecanismos utilizados para atingir os propósitos inerentes à essa comunidade.

4.2.1 – A comunidade discursiva em foco

Antes de nos ocuparmos com os dados resultantes da análise do corpus propriamente dita, cumpre-nos indicar o contexto em que se insere o material analítico desta pesquisa.

A CVL, lista de discussões da qual participo, sobretudo como observadora¹⁷, constitui o maior e mais popular espaço virtual que congrega pessoas interessadas em aspectos da Linguagem no Brasil. Dela fazem parte aproximadamente 3.000 pesquisadores, professores, estudantes de graduação e de pós-graduação e pessoas interessadas em discutir aspectos da Linguagem de diferentes partes do mundo que se comunicam especialmente em Português do Brasil, mas também em Português de Portugal e em outras línguas, em especial em Inglês, Francês e Espanhol.

Se considerarmos os critérios adotados por Swales (1990, 1992) para caracterizar uma comunidade discursiva, podemos dizer que os participantes da CVL compartilham os mesmos objetivos públicos, dispõem de mecanismos de comunicação (sendo a CVL um deles), produzem uma gama de gêneros, fazem uso de léxico especializado e ocupam diferentes posições dentro de um padrão de hierarquia.

Entendemos que a CVL, apesar do nome (Comunidade Virtual da Linguagem), constitui, a rigor, um fórum virtual ou um veículo para interação por meio digital de uma comunidade discursiva (PORTER, 1992, p. 107) que se reúne em função de seu interesse disciplinar: o Estudo de Linguagens.

É interessante constatar como a tecnologia pode contribuir para a geração de uma contextualização sócio-histórica bastante diferenciada daquela que conhecemos nos tempos passados. A ordem social, temporal e espacial que ora se apresenta em função das possibilidades geradas pela comunicação através de e-mail, por exemplo, aponta para uma nova realidade. É inegável que sejamos

¹⁷ Recebo diariamente as mensagens da CVL há aproximadamente 3 anos, mas raramente me pronuncio.

favorecidos pela maior integração entre as pessoas, pela maior democratização do conhecimento para quem tem acesso regularmente a um computador, pela maior rapidez nesses dois processos (integração e democratização) e, ainda, pela extinção dos problemas decorrentes das distâncias geográficas e sociais. Devemos, portanto, considerar a influência das tecnologias nas relações entre enunciadores. Se, no passado, para se solicitar material de pesquisa acadêmica o contato físico era necessário, hoje os endereços eletrônicos dos pesquisadores em todo o mundo são divulgados publicamente em suas páginas digitais e qualquer pessoa tem acesso a dados pessoais e profissionais inimagináveis há poucos anos atrás.

A ocorrência de traços não-convencionais no nível organizacional, léxico e gramatical identificada em alguns dos exemplares que compõem nosso corpus pode ser atribuída à falta de definição das regras que regem a comunicação na internet, uma vez que, na CVL, reúnem-se pessoas que exercem diferentes “práticas”: alunos, professores de Línguas e jornalistas de todos os níveis e locais, além de outras cujas ocupações acadêmicas e profissionais podem não estar diretamente relacionadas à pesquisa sobre assuntos relacionados à Linguagem.

Tendo em conta as variantes que derivam do termo “Comunidade Discursiva” propostas por Swales (1998, p. 19-27) — Comunidade Disciplinar, Comunidade Comunicativa, Comunidade Retórica e Comunidade de Prática — a CVL poderia ser reconhecida como uma Comunidade Discursiva Disciplinar, uma vez que é ao redor do interesse comum por uma disciplina que os CVListas se agrupam. Assim sendo, verifica-se uma gama significativa de diferenças de status entre os membros dessa comunidade, que pode ser constatada na análise das relações interpessoais dos participantes (Seção 4.3.2), tornando esse espaço virtual um fórum propício para a difusão de informação de grande alcance, dado seu caráter digital.

Acreditamos que muitas das especificidades que surgem como resultado de nossa análise, sobretudo nas seções 4.3.2 – As relações do discurso e 4.3.3 – O modo do discurso deste Capítulo, podem estar relacionadas ao ambiente cultural no qual essas mensagens se inserem. A informalidade nas relações estabelecida na escola e na universidade entre alunos e professores no Brasil pode se refletir nas escolhas lingüísticas que constroem os pedidos de ajuda.¹⁸

¹⁸ A confirmação dessa hipótese necessitaria de um estudo profundo que a investigasse.

Consideramos a lista de discussão um espaço virtual, que reúne uma comunidade de pessoas que compartilham dos mesmos interesses disciplinares. É nesse espaço virtual que uma variedade de textos é veiculada a serviço de diferentes propósitos comunicativos, tema de nossa próxima seção.

4. 2. 2 – O corpus inicial: diferentes propósitos comunicativos

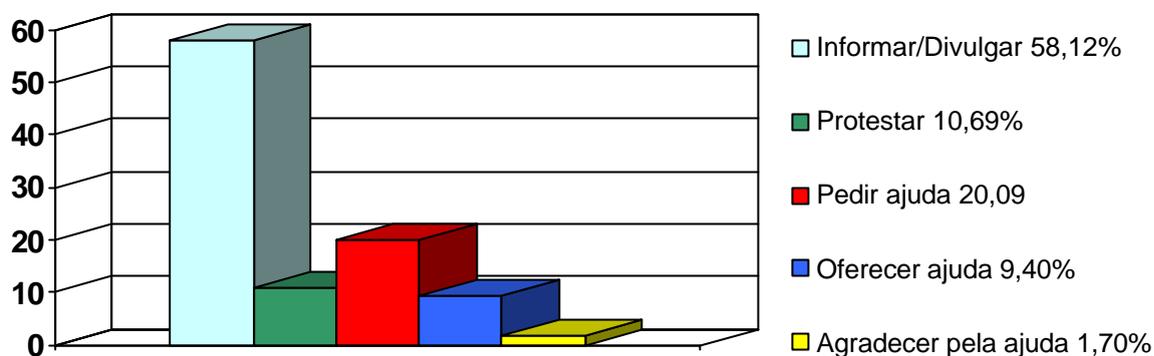
Antes de procedermos à análise propriamente dita dos 47 pedidos de ajuda que constituem o foco de nosso estudo, cabe-nos apresentar o critério adotado para a identificação das mensagens que compõem o gênero e o recorte do corpus.

A definição de critérios para a identificação do propósito comunicativo predominante nos gêneros parece não merecer atenção por parte dos teóricos de Análise de Gêneros. Sua identificação parece se dar de forma intuitiva por parte dos membros da comunidade discursiva. A fim de ratificar a classificação do propósito de “pedir ajuda acadêmica”, recorremos ao levantamento de frequência lexical, fornecido pelo *WordSmith tools* (SCOTT, 1996), onde verificamos a recorrência dos seguintes itens: gostaria (16), agradeço (14), poderia (10), obrigada (9), obrigado (8), favor (7), ajuda (6), puder (5), colaboração (4), grata (3), pedido (3), preciso (3), busca (2), ajudar (2), agradecemos (2), agradecida (2) e pedir (2).

Partindo de um corpus inicial composto por 234 e-mails, coletados aleatoriamente em 39 *digests*, a análise do propósito comunicativo dessas mensagens nos sugere o seguinte quadro com os 5 propósitos predominantes identificados:¹⁹

¹⁹ Neste estágio da tese, falamos apenas dos propósitos predominantes.

Tabela nº 02 – Distribuição dos propósitos comunicativos



Portanto, a grande maioria desses 234 textos (58,12%) tem como propósito principal informar e divulgar eventos de interesse acadêmico, especialmente relacionados ao estudo de linguagens de diferentes naturezas. Além do grande número de chamadas para apresentação de trabalhos em eventos e em revistas e de editais para concursos para professores (especialmente em universidades), podemos encontrar textos que divulgam cursos, oficinas, palestras, conferências, grupos de estudos, simpósios, colóquios, congressos, encontros, semanas de letras, lançamento de livros, revistas, sites, jornais virtuais, CD-ROMS, poemas, artigos e até bibliotecas digitais gratuitas, venda de livros usados e falecimento de acadêmico.

Aproximadamente um décimo das mensagens analisadas tem como objetivo central protestar, se solidarizar com o protesto, contestá-lo ou questioná-lo. Na série de 234 e-mails, foram identificados 5 subgrupos de protesto. Dois deles não geraram reação: um se referia à prisão “injusta” de um desempregado por pesca ilegal para sustento de sua família; outro tinha como alvo a política educacional do governo de um estado brasileiro. Um terceiro grupo de mensagens de protesto, que foi desencadeado por um graduando que criticava um determinado professor universitário, mereceu 4 reações com adesões e questionamentos. Um artigo sobre o atual Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, com críticas a seus erros de Português, gerou a reação de 11 membros da lista de discussão.

Cabe salientar que os protestos políticos veiculados em 8 mensagens representariam o que Marcuschi (2004, p. 58-59) estranhamente considera “um desvirtuamento” do papel de listas de discussão, uma vez que elas, de um modo

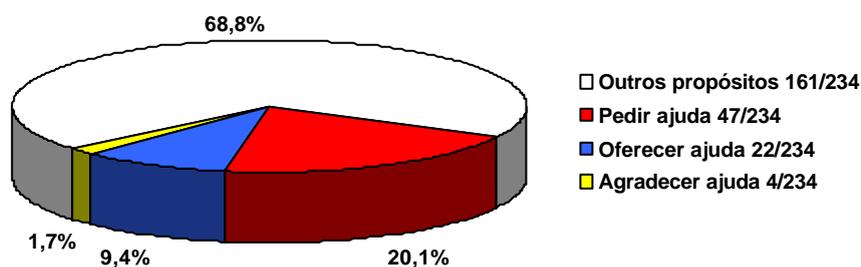
geral, veiculam “informações úteis ao grupo” (p. 58). No entanto, acreditamos que devemos considerar que um espaço virtual onde se reúne uma comunidade deva refletir o momento social e político.

Em algumas listas, não são permitidos recados de ordem pessoal (buscas de bibliografia, solicitação de endereço de colegas ou fontes de trabalhos acadêmicos) freqüentemente encontrados na lista que estudamos. Preferimos considerar este traço como resultado da dinamicidade e do desenvolvimento do gênero, sobretudo em função do veículo virtual e não como um desvirtuamento do gênero (MARCUSCHI, 2004, p. 58-59).

Por último, importa mencionar que uma mensagem que se propunha, segundo seu autor, a protestar e denunciar um site de troca, compra e venda de trabalhos universitários prontou incitou a reação de 5 participantes que podem ter entendido que o propósito comunicativo do referido texto era, na realidade, o de divulgar o site. Nota-se aqui a dificuldade na identificação do propósito preponderante nos gêneros.

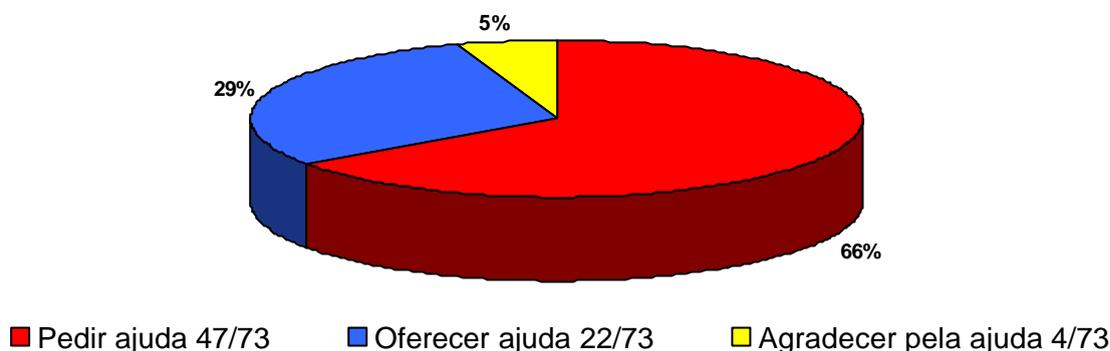
Dentro do universo maior de 234 mensagens, a cadeia de gêneros (SWALES, 2004, p. 18-20) ? desencadeada por mensagens que solicitam ajuda (47/234), seguidas pelas que oferecem ajuda (22/234) e as que agradecem pela ajuda recebida (4/234) ? representa 31,19% dos e-mails (73 /234), assim distribuídos:

Tabela nº 03 – Cadeia de gêneros encabeçada por pedidos de ajuda



Se considerarmos a representatividade de cada grupo de textos, dentro da cadeia de gêneros, dos 73 e-mails, temos os pedidos de ajuda (20,1%) no topo, acompanhados pelos que oferecem ajuda (9,4%) e pelos que agradecem pela ajuda (1,7%), no seguinte cenário:

Tabela nº 04 – Grupo de mensagens que envolvem pedidos de ajuda



Não se pode deixar de considerar que, na lista em questão, muitas das vezes a resposta a solicitações de ajuda é enviada diretamente ao solicitador, sem passar pela lista, não sendo recebida, portanto, por todos os usuários. Aqui se localizam os gêneros que, dentro dessa cadeia, podem ser invisíveis publicamente (SWALES, 2004, p. 18-20). Nos pedidos de ajuda 10 e 32, por exemplo, os solicitadores de ajuda sugerem tal procedimento.²⁰

(PA 10) [...] *favor indicar referências bibliográficas [...] através do e-mail.* [...]

(PA 32) *Poderiam mandar respostas para meu e-mail particular, por favor?*

Nota-se, no tipo de mensagem como as acima citadas, uma relação de subordinação entre dois pedidos: caso o primeiro seja atendido, solicita-se que o segundo também o seja.

Por outro lado, vale registrar, há uma mensagem cujo objeto de pedido é justamente que as respostas sejam enviadas a todos da lista:

(PA 37) *Gostaria de pedir que os amigos da lista mandassem para todos as mensagens, a não ser quando o pedido for para que isso seja feito de forma particular. Digo isso por que vejo questionamentos interessantes, mas nunca vejo as respostas.*²¹

Portanto, não se pode contabilizar o número exato de respostas enviado aos pedidos. Acreditamos que o mesmo aconteça com as mensagens de agradecimento: as mensagens cujos autores recebem respostas a ajudas e agradecem, através de

²⁰ Pode-se considerar que há nestes pedidos um desdobramento embutido no pedido anterior: que a resposta seja enviada para um determinado endereço particular.

²¹ É curioso notar que se trata, aqui, de um metapedido: um pedido em relação a pedidos.

endereço eletrônico particular, não podem ser aqui consideradas. Assim sendo, não se tem noção da extensão e da relevância (podem ser ignorados ou não) dessa cadeia de gêneros.²² Acreditamos, no entanto, que cada pedido de ajuda possa dar origem a um grupo de mensagens muito maior do que o aqui localizado.

Vale notar que a classificação aqui proposta leva em conta o propósito comunicativo principal, uma vez que uma mensagem pode ter mais de um propósito comunicativo. No exemplo abaixo, o autor, além de solicitar ajuda, propósito preponderante, também oferece seu trabalho aos interessados (grifo nosso):

(PA 26) *Sociolingüística variacionista e interacionista*
Nobres companheiros,
Em linhas gerais, algum companheiro poderia me explicar (ou fornecer uma fonte de consulta) qual a diferença existente entre a Sociolingüística variacionista e interacionista? Li alguns textos sobre as duas, (Labov, Bakthin) mas não consegui compreender, sobretudo, no que as vertentes se parecem e no que elas convergem.
*Estudo a ocorrência do anglicismo em composições de música brasileira nas parcerias com Aldir Blanc (**aos que interessarem, posso encaminhar meu trabalho para leitura**) e preciso identificar qual das duas linhas eu segui em meu raciocínio, pode parecer incongruente, mas, juro que eu nem imaginava que existia essas duas linhas (e outras) quando iniciei minha pesquisa.*
Desde já agradeço,
 (primeiro e último nomes)

Da mesma forma, ao exibir a lista de filmes e documentários de lingüística, a fim de solicitar contribuições de outros participantes, a mensagem a seguir, ao mesmo tempo, disponibiliza e oferece informações:

(PA 34) *filmes sobre lingua(gem) e linguisitca*
Colegas
Ao longo dos anos dando aulas de linguisitca e lingua portuguesa para graduacao e pos, acabei percebendo que filmes e documentarios nos quais a "linguagem" tenha um papel importante sao um excelente recurso didatico. Estou, por isso, montando uma pequena videoteca, com os filmes que tenho usado. Abaixo, indicarei aqueles de que me lembro, apontando ao lado o tipo de "abordagem" que se pode dar para ele. Gostaria que os colegas enviassem sugestões de outros filmes ou documentários, pois a ideia pode interessar a alguns outros professores.
Obrigado
 1) *Lingua - vidas em portugues*
 --> *a lingua portuguesa no mundo*
 2) *Desmundo*
 --> *a formacao da lingua portuguesa no Brasil*
 3) *Memento (Amensia)*
 --> *narrativa, estrutura da narrativa*

²² Termo original em Inglês: "genre chain" (SWALES, 2004, p. 18-20).

- 4) *1,99 - um supermercado que vende palavras*
--> *resenhas, producao de resenhas*
- 5) *12 homens e uma sentenca*
--> *argumentacao, recurso argumentativos*
- 6) *Nell*
--> *aquisicao da linguagem, a natureza da linguagem e da gramatica*
- 7) *Raizes do Brasil*
--> *a questao da cultura e da lingua brasileira*
- 8) *The human language project*
--> *o que eh a linguistica, seu projeto de pesquisa*

Um outro aspecto a ser considerado se refere à diferença entre informar e oferecer ajuda. Como já foi apontado na Seção 2.2.2.2 – A metafunção interpessoal, oferecer ajuda ou informação são funções muito próximas e se situam no mesmo quadrante: “dar”.²³ Na verdade, se entendermos “informar” com o sentido de “oferecer ajuda”, dois dos propósitos acima elencados constituiriam um só. Entretanto, para fins da análise do gênero em foco, destacamos a seguinte diferença entre os dois propósitos: os e-mails que “oferecem ajuda” são enviados à lista em resposta a e-mails anteriormente veiculados com pedidos de outros usuários; os que “informam” são espontâneos e autônomos, já que podem iniciar uma cadeia de mensagens.

Divulgar eventos acadêmicos ou fornecer informações sobre eles, propósito comunicativo presente na maioria das mensagens enviadas à lista em análise, envolve, de forma implícita e secundária, solicitar ajuda no sentido de passar a informação adiante (4.2.2 – O corpus inicial: diferentes propósitos comunicativos). Para fins de classificação, no entanto, serão considerados apenas os propósitos comunicativos predominantes em cada mensagem.

Uma vez identificados e caracterizados os propósitos comunicativos dos 234 e-mails que constituem nosso corpus inicial, passemos ao recorte dessa amostragem da pesquisa, a fim de nos concentrarmos na organização da informação que ocorre no universo a ser investigado: 47 mensagens selecionadas (na íntegra no Anexo A) cujo propósito é “pedir ajuda”. É nesta camada da gramática sistêmico-funcional — o Contexto de Cultura — que são enfocados os gêneros que circulam na comunidade que estudamos.

²³ Termo original em Inglês: *give* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 108).

4.2.3 – Pedidos de ajuda: o padrão de organização retórica

A primeira etapa de análise de gêneros textuais consiste na identificação e classificação de movimentos retóricos inerentes ao gênero em análise e das estratégias²⁴ ou intenções comunicativas que o constroem. Portanto, neste capítulo analítico, para cada movimento identificado, serão apontadas as escolhas táticas ou estratégias que o realizam.

Em estudos anteriores (DANTAS, 2004), tendo como base um corpus-piloto composto por 14 pedidos de ajuda enviados à mesma lista de discussão (de 13 de maio de 2004 a 23 de maio de 2004), foram identificados 9 elementos de organização. Posteriormente, ampliamos a classificação ao percebemos a presença e a relevância de mais um elemento, típico de grande parte dos gêneros digitais: a revelação do “assunto” (“*subject*”). Consideramos que são, portanto, 10 os elementos de organização, i. e., movimentos retóricos²⁵, nas 47 mensagens analisadas nesta pesquisa.²⁶

	MOVIMENTOS	EXEMPLOS
1º	Revelando o ‘assunto’	<i>Contato com Professor [...] (PA 22)</i>
2º	Abrindo	<i>Caros colegas, (PA 09)</i>
3º	Apresentando credenciais	<i>Graduada em Letras/Inglês Pós Graduada em Língua Portuguesa (PA 26)</i>
4º	Formalizando o pedido	<i>Gostaria de pedir sua colaboração. (PA 05)</i>
5º	Definindo o ‘Campo’	<i>[...] da indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2ª língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa. (PA 08)</i>
6º	Justificando-se	<i>Minha primeira tentativa foi Internet, e não encontrei nada. (PA 12)</i>
7º	Solicitando urgência	<i>[...] com alguma urgência [...] (PA 08)</i>
8º	Agradecendo	<i>Obrigado, (PA 39)</i>
9º	Fechando	<i>Um gde abraço, (PA 01)</i>
10º	Assinando	<i>(nome completo) (PA 16)</i>

Figura nº 06 – Movimentos retóricos

²⁴ Termo adotado por Bhatia (1993, p. 30-31).

²⁵ A numeração dos movimentos não representa o padrão de ordenação mais freqüente no corpus analisado nesta pesquisa.

²⁶ Todos os exemplos mencionados neste trabalho são citações *ipsis litteris* das mensagens analisadas. A informações que remetem à autoria das mensagens ou a outras pessoas ou instituições envolvidas são omitidas e substituídas por “[...]”.

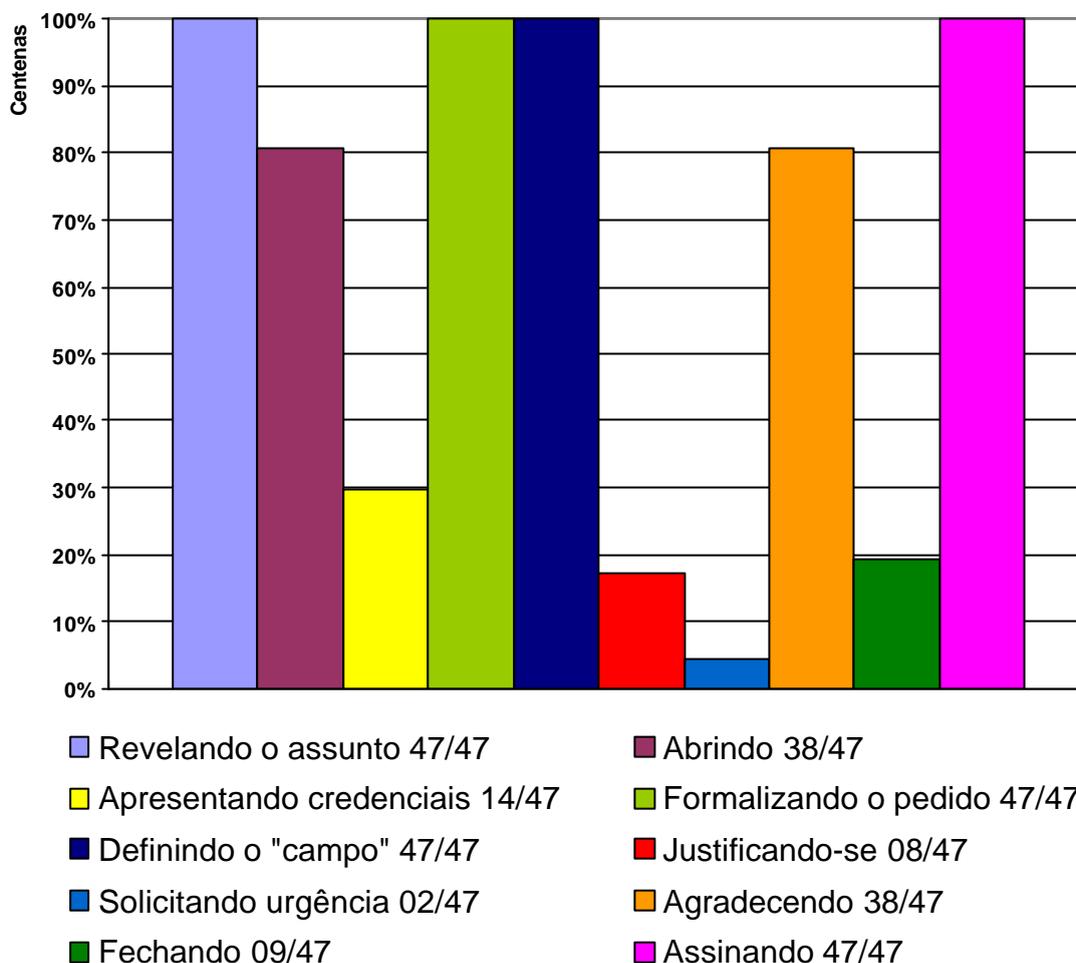
A seguir, demonstramos o número de e-mails em que cada movimento ocorre e os percentuais de ocorrência em relação à totalidade dos 47 e-mails analisados neste trabalho:

Tabela nº 05 – Percentual de ocorrência dos movimentos retóricos

Nº	MOVIMENTOS RETÓRICOS	Nº DE E-MAILS/47	%
1	Revelando o 'assunto'	47/47	100
2	Abrindo	38/47	80,85
3	Apresentando credenciais	14/47	29,78
4	Formalizando o pedido	47/47	100
5	Definindo o 'campo'	47/47	100
6	Justificando-se	09/47	19,14
7	Solicitando urgência	02/47	4,25
8	Agradecendo	38/47	80,85
9	Fechando	09/47	19,14
10	Assinando	47/47	100

A tabela, a seguir, nos dá uma visão global da frequência dessas ocorrências:

Tabela nº 06 – Ocorrência dos movimentos retóricos



A Tabela nº 6 aponta que há 4 movimentos que se aplicam categoricamente a todos os pedidos. O 1º, o 4º, o 5º e o 10º movimentos são compulsórios. São eles que, na realidade, caracterizam os textos como pedidos de ajuda e estão presentes na totalidade das mensagens (100%). Dentre os movimentos opcionais, alguns são muito recorrentes (2º e 8º em 80,85% dos pedidos); outros raramente ocorrem (7º em 4,25%, 6º e 9º movimentos em 19,14% e 3º em 29,78% respectivamente):

C O M P U L S O R I O S	
1º Movimento	Revelando o 'assunto'
4º Movimento	Formalizando o pedido
5º Movimento	Definindo o 'campo'
10º Movimento	Assinando
O P C I O N A I S	
2º Movimento	Abrindo
3º Movimento	Apresentando credenciais
6º Movimento	Justificando-se
7º Movimento	Solicitando urgência
8º Movimento	Agradecendo
9º Movimento	Fechando

Figura nº 07 – Status dos movimentos retóricos

Urge mencionar o fato de que os movimentos aqui identificados não ocorrem de forma estanque; eles se sobrepõem; muitas vezes, se torna difícil delimitar as margens que os separa, como poderá ser visto na Seção 4.2.6, cujo título é Sobreposição dos movimentos retóricos.

4.2.3.1 – Revelando o 'assunto'

O 1º movimento retórico, Revelando o 'assunto', característico de mensagens eletrônicas, parece ter como origem um outro gênero textual não-digital: o memorando. Consta-se que a objetividade necessária ao mundo dos negócios é incorporada a outras esferas da vida moderna. Os gêneros digitais, que revelam e colocam em prática as mudanças através da tecnologia, apresentam, dessa forma, características híbridas a fim de acompanhar as mudanças sociais, em particular, na comunicação. Assim, e-mails, cujas propriedades se aproximam mais de cartas e de bilhetes do que de memorandos, incorporam o movimento “revelando o 'assunto'” como sintoma da necessidade de rapidez e de objetividade imposta pela vida moderna nas práticas de comunicação, ilustrando o caráter híbrido dos gêneros (BHATIA, 2004).

Traçando um outro paralelo, pode-se dizer que o “assunto” de um e-mail desempenha a mesma função que o título em um livro. Os títulos têm uma relação

especifica com os conteúdos e podem exercer, dentre outras funções, a de resumo (SHEPHERD, T., 1993).

Cabe observar que esse movimento retórico, que ocorre em 100% dos pedidos de ajuda em foco,²⁷ só nos chamou a atenção recentemente, talvez por não fazer parte do corpo das mensagens digitais propriamente dito. Além disso, ao refletir sobre meu próprio processo de produção de e-mails, pude constatar, em muitos momentos, minha própria indecisão ao preencher o “assunto” (“*subject*”, na versão do *Word* em Inglês) nos e-mails que escrevo diariamente. Isso me levou a perceber a presença e a considerar sua importância. Muitas vezes preencho o “assunto” de um e-mail antes de digitá-lo e, depois de finalizá-lo, dependendo da manutenção ou não do assunto que tinha em mente, o refaço; outras vezes, fico tão indecisa em relação ao que vou definir como “título” de uma mensagem que deixo a decisão para o final. É importante mencionar os casos em que camuflamos o assunto a ser tratado. Essa estratégia, típica de gêneros promocionais, também é usada em correspondências pessoais eletrônicas com bastante frequência.

Vale lembrar que a leitura do remetente (“de”) e do “assunto” é, muitas vezes, responsável pela decisão de ler ou apagar a mensagem. O verbo “revelar” foi aqui utilizado com o sentido de “tornar público”, “divulgar”, “desvendar”. Entendemos que “revelar” é mais significativo e apropriado para dar título a este 1º movimento do que, por exemplo, “definir”. A definição seria algo inerente à produção da expressão que resume o “assunto”; “revelar” denota a responsabilidade de transmitir ao co-enunciador a razão do pedido.

O quadro abaixo exhibe as expressões usadas nas 47 mensagens que pedem ajuda que analisamos:

PA	REVELANDO O ‘ASSUNTO’
01	<i>A procura do texto "O colar", de Marina Colassanti.</i>
02	<i>GELCO</i>
03	<i>CELLIP</i>
04	<i>O que pesquisar?</i>
05	<i>Pedido de colaboração em pesquisa (< 5 minutos)</i>
06	<i>Pesquisa na Bíblia cristã</i>
07	<i>'cartilha'</i>

²⁷ Acreditávamos que, na lista em foco, o preenchimento do “assunto” seria condição sine qua non para a veiculação de mensagens, o que não acontece com os *e-mails* comuns, que, depois de o autor ter sido lembrado pelo programa de que o “assunto” está em branco, o e-mail é enviado com ou sem o preenchimento da lacuna. No entanto, constatamos que no *digest* 1232 (2/2/2006), em “*subject*”, lê-se “unkown” (“desconhecido”, em Português).

08	<i>Português para estrangeiros</i>
09	<i>Demarcação de vozes em textos</i>
10	<i>apagamento de preposição</i>
11	<i>pronome relativo</i>
12	<i>pluralização dos verbos haver e hacer</i>
13	<i>Siple</i>
14	<i>Leitura e Escrita (Ponto de Vista I)</i>
15	<i>Texto e Esino de L1: coesão, coerência e intertextualidade (Ponto de Vista II)</i>
16	<i>SEMÂNTICA</i>
17	<i>Aprendizagem colaborativa</i>
18	<i>Recebimento de Msg do [...]</i>
19	<i>Definições em Semântica Formal, Enunciativa e Cognitiva</i>
20	<i>E as tais 1000 horas?</i>
21	<i>derrapagem verbal</i>
22	<i>Contato com Professor Luiz Carlos Travaçlia</i>
23	<i>teaching position</i>
24	<i>Projeto de Lei Aldo Rebelo</i>
25	<i>Severino ou Severina = Biu ?</i>
26	<i>Sociolinguística variacionista e interacionista</i>
27	<i>Níveis de representação semântica do verbo levar</i>
28	<i>léxico na sociolinguística</i>
29	<i>Fillietaz</i>
30	<i>pedido de informação</i>
31	<i>dígrafo</i>
32	<i>corpus em português similar ao BNC?</i>
33	<i>Revistas de Graduação em Letras</i>
34	<i>filmes sobre lingua(gem) e linguisitca</i>
35	<i>textos arcaicos do português</i>
36	<i>Revista para publicação de short stories</i>
37	<i>Re: filmes sobre lingua(gem) e linguisitca</i>
38	<i>Re: Re: filmes sobre lingua(gem) e linguisitca</i>
39	<i>Colóquio Letras</i>
40	<i>Par consecutivo "tanto...que"</i>
41	<i>Português -- língua mestiça?</i>
42	<i>Opinião sobre o texto</i>
43	<i>Cordel</i>
44	<i>Conto O espelho Guimarães Rosa</i>
45	<i>indicação biblio</i>
46	<i>português e matemática</i>
47	<i>dúvidas-preposição</i>

Figura nº 08 – Revelando o ‘assunto’ (1º movimento)

Nos pedidos nº 01, 05, 30, 45 e 47, o co-enunciador percebe claramente que se tratam de pedidos de ajuda, já que o propósito da mensagem é explicitado neste primeiro movimento. O mesmo pode-se dizer dos exemplos nº 04, 20, 25, 32 e 41, cujos enunciadores optam por explicitarem as perguntas que gostariam de fazer à comunidade. Na lacuna “assunto”, portanto, a enunciação está construída em

sintagmas nominais e em frases declarativas e interrogativas (BECHARA, 2002, p. 542)²⁸. As informações contidas nesse campo se prestam a uma mesma função: adiantar de uma certa forma, o propósito comunicativo e/ou o objeto motivador da mensagem.

Como foi demonstrado acima, na maior parte dos pedidos de ajuda o “assunto” é preenchido com o próprio tópico motivador da consulta, prenunciando o “campo do discurso”. Em outros, opta-se pelo propósito comunicativo. Temos, portanto, o seguinte quadro de estratégias que realizam o 1º movimento:

ESTRATÉGIAS	
(a)	Indicando o propósito comunicativo e/ou
(b)	Indicando o objeto do pedido.

Figura nº 09 - Estratégias do 1º movimento

É mister mencionar que não muito raramente produzimos e recebemos mensagens eletrônicas de diferentes gêneros cujo conteúdo não pode ser detectado através apenas da leitura do “assunto”. Uma terceira estratégia “ocultando o propósito comunicativo e/ou o objeto do pedido de ajuda” não se mostra de forma explícita no corpus que ora focalizamos. Tal camuflagem, que pode ser usada, como escolha tática, consciente ou inconsciente, é muito freqüente em publicidade a fim de evitar que a mensagem não solicitada seja apagada de antemão. No presente corpus, pode-se atribuir a todas as mensagens que mencionam o objeto da solicitação de ajuda ou o “Campo do discurso” no “assunto” a intenção, consciente ou inconsciente, de mascarar o propósito ou de, pelo menos, não torná-lo tão claro no momento anterior à leitura das mesmas.

4.2.3.2 – Abrindo

No 2º movimento retórico, Abrindo, há uma variedade de realizações, desde “Olá!” (PA 08) a “Nobres companheiros” (PA 26), passando por “Boa tarde!” (PA 39) e “Caríssimos (PA 40). A abertura “Caros listeiros,” (PA 12) utiliza-se de expressão cunhada especialmente para este tipo de interação virtual; em “Caros CVelistas” (PA 43), o autor se dirige aos “listeiros” que especificamente pertencem à essa lista.

²⁸ Segundo Bechara (2002, p. 542): “Diferente contexto lingüístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com a ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas”.

Dentre os 47 e-mails, apenas 9 (19,1%) não recorrem ao movimento emprestado de cartas e bilhetes. A flutuação deste gênero digital entre as características do discurso oral e do discurso escrito será discutida na Seção 4.3.3, quando tratarmos do modo do discurso.

Considerando-se apenas as mensagens que apresentam esse 2º Movimento, temos o seguinte cenário:

PA	ABRINDO
01	<i>Caros amigos da CVL,</i>
04	<i>Caros cevelistas,</i>
05	<i>Prezado colega.</i>
06	<i>Caro Cevelistas,</i>
07	<i>Caros amigos daCVL.</i>
08	<i>Olá!</i>
09	<i>Caros colegas.</i>
10	<i>olá a todos</i>
11	<i>Olá, amigos.</i>
12	<i>Caros listeros,</i>
13	<i>Caros colegas,</i>
14	<i>Colegas,</i>
15	<i>Colegas,</i>
17	<i>Prezados cevelistas,</i>
18	<i>Prezado Sr,</i>
19	<i>Caros colegas,</i>
20	<i>Caros colegas,</i>
22	<i>Olá.</i>
24	<i>Caros e caras cevelistas,</i>
25	<i>Caros cevelistas,</i>
26	<i>Nobres companheiros,</i>
27	<i>Caros amigos.</i>
30	<i>Pessoal,</i>
31	<i>Colegas,</i>
32	<i>Prezados colegas da CVL,</i>
33	<i>Caros colegas,</i>
34	<i>Colegas</i>
35	<i>Olá a todos,</i>
36	<i>Caros colegas,</i>
39	<i>Boa tarde!</i>
40	<i>Caríssimos,</i>
41	<i>Olá,</i>
42	<i>Bom dia Cevelistas,</i>
43	<i>Caros CVelistas,</i>
44	<i>Prezados,</i>
45	<i>Amigos da CVL,</i>
46	<i>Oi, pessoal.</i>
47	<i>Caros colegas,</i>

Figura nº 10 – Abrindo (2º movimento)

Note-se que apenas 2 saudações de abertura estão no singular: a de nº 5 e a de nº 18. “*Prezado Sr.*” (PA 18) é endereçada especificamente à moderadora da lista²⁹. À exceção dessa, que é particularizada, todas as outras instâncias se referem a todos da lista. Em “*Prezado colega.*” (PA 05), o remetente opta pelo singular com significado genérico.

Abrindo, em nosso corpus, é assim realizado:

	ESTRATÉGIAS
(a)	dirigindo-se aos listeiros formalmente ou
(b)	dirigindo-se aos listeiros informalmente.

Figura nº 11 - Estratégias do 2º movimento

4.2.3.3 – Apresentando credenciais

A exemplo do que ocorre em cartas promocionais e em cartas que pedem emprego (BHATIA, 1993, p. 45-68), visão apresentada em 2.1.3, os pedidos de ajuda também recorrem a esse movimento. Apresentando credenciais, 3º movimento identificado nas mensagens que pedem ajuda através da lista de discussões em questão, nos revela aspectos não menos interessantes. Nas 47 mensagens, 14 participantes (29,78%) se identificam, a fim de justificar e ratificar junto aos interlocutores sua posição de “solicitador de ajuda”. Enquanto nos outros dois gêneros os autores exibem suas credenciais para convencer o leitor sobre as qualidades de um produto ou serviço ou sobre suas próprias qualidades para um determinado cargo, nos pedidos de ajuda eles parecem se apresentar para se posicionarem dentro de uma hierarquia em relação aos outros membros da comunidade. Essa apresentação tanto se realiza através da menção à condição acadêmica do solicitador (graduando, graduado, professor, especialista e mestrando, neste corpus) ou da menção aos projetos a que está afiliado, à editora ou à cidade e estado em que trabalha ou mora. Há 2 casos em que o solicitador se identifica como intermediário do pedido de terceiros (PAs 28 e 36), como podemos verificar no quadro abaixo.³⁰

²⁹ Dentro do corte que demos para definição do corpus este é o único pedido endereçado especificamente à moderadora da Lista.

³⁰ Tais solicitações nos soam, de certa forma, curiosas. Recorrer a uma lista para uma outra pessoa parece ser mais fácil do que para seu próprio benefício e em seu próprio nome.

PA	APRESENTANDO CREDENCIAIS
01	<i>Prof. (nome completo)</i>
05	(Nome completo) <i>Mestre em Lingüística Aplicada</i> <i>Projeto [...] (homepage)</i> <i>Projeto [...] (homepage)</i>
10	(e-mail começando com “professor”)
11	<i>Faço mestrado em Lingüística</i>
22	<i>Profª (nome completo)</i> (cidade e estado)
23	<i>Sou professora de inglês com especialização nos EUA, mestrado na PUC do RS</i>
26	(nome completo) <i>Graduada em Letras/Inglês</i> <i>Pós graduada em Língua Portuguesa</i>
28	<i>Estou ajudando algumas amigas a realizarem uma pesquisa sobre [...]</i>
33	(Nome completo) <i>Editora [...]</i>
34	<i>[...] dando aulas de linguisitca e lingua portuguesa para graduacao e pos, [...]</i>
36	<i>Recebi um e-mail de um americano pedindo informações sobre isso, [...]</i>
41	<i>sou da área de literatura e [...]</i>
46	<i>[...], sou concluinte de curso de matemática.</i>
47	<i>Sou prof. [...]</i>

Figura nº 12 – Apresentando credenciais (3º movimento)

Como pode ser verificado acima, para a realização do 3º movimento, os enunciadorees recorrem às seguintes estratégias:

	ESTRATÉGIAS
(a)	apresentando títulos e/ou cursos e/ou projetos e/ou empresas a que se está vinculado e/ou
(b)	revelando a cidade e/ou estado em que reside e/ou estuda e/ou trabalha e/ou
(c)	resumindo o currículo acadêmico e/ou profissional e/ou
(d)	justificando a posição de intermediador do pedido de outrem.

Figura nº 13 - Estratégias do 3º movimento

4.2.3.4 – Formalizando o pedido

A formalização do pedido de ajuda se dá de diferentes formas, explícitas ou implícitas. No PA 01, por exemplo, “*Alguém poderia me ajudar, por favor?*” ilustra como a formalização do pedido pode se dar de forma explícita. Muitas vezes, entretanto, o 5º movimento é realizado através de perguntas ou de pequenas

narrativas³¹ que podem ser consideradas estratégias de envolvimento (TANNEN, 1989, p. 28).

A indiretividade e a inexplicitude da formalização do pedido de ajuda, recursos de modalização, constatados em alguns exemplos podem ser interpretados como tentativa de camuflar a ignorância ou a falta de cerimônia em incomodar os outros participantes da lista (RONCARATI, 2005, informação verbal).

Também segundo Tannen (1989, p. 23), a indiretividade, ou a transmissão do significado não explícito (“*conveying unstated meaning*”), é uma das estratégias de envolvimento no discurso, oral ou escrito, que exige a contribuição do ouvinte ou leitor na construção mútua do significado implícito.³²

Temos, portanto, as seguintes manifestações representativas do 5º movimento:

PA	FORMALIZANDO O PEDIDO
01	<i>Estou à procura do [...]. Alguém poderia me ajudar, por favor?</i>
02	<i>ALGUÉM TEM [...] ?</i>
03	<i>POR FAVOR, [...] SERÁ QUE A PÁGINA ESTÁ COM PROBLEMA? POR ACASO ESSA É MESMO A PÁGINA [...] ?</i>
04	<i>adoro ler a Bíblia e gostaria de saber se [...]. Quero saber a opinião de vocês... Estava pensado em comprovar (ou não) como este livro pode ser usado na atualidade (ou como se adequa ao mundo moderno), apesar de ter sido escrito há muitos anos. O que vocês acham?</i>
05	<i>Gostaria de pedir sua colaboração. Não tomará mais do que 5 minutos, se tanto. Para [...], é necessário ser usuário do serviço [...]. Para não influenciar os resultados, não posso fazer outros comentários, mas alguma informação poderá ser obtida na página onde se encontra a ferramenta de coleta de dados, que tem o formato de pesquisa de opinião (poll). A página em questão fica no endereço [...] O resultado da pesquisa, que terá a duração de 1 mês (até 11 de julho de 2005), será oportunamente divulgado no site de meu projeto, o Comunicar em [...].</i>
06	<i>Estava pensando em comprovar (se é que é possível!) a atualidade da bíblia nos nossos dias. Apesar de ter sido escrita há muito tempo. O que vocês acham? Ou o que eu poderia pesquisar?</i>
07	<i>Alguém possui [...] ? Alguém pode me enviá-la?</i>
08	<i>Estou precisando [...] da [...]</i>
09	<i>Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre [...]. Gostaria que me enviassem [...].</i>

³¹ As narrativas aqui apresentadas não constituem foco principal de nossa pesquisa.

³² Marcas de indiretividade serão estudadas na seção 4.4 – Modalidade, dedicada ao estudo das estratégias de Modalização nos pedidos de ajuda.

10	<i>estou pesquisando sobre [...], favor indicar [...] ou se possuir [...]</i>
11	<i>Peço ajuda de vocês para [...]. [...] e preciso terminar um exercício sobre [...]. Nesse exercício precisamos analisar [...]. Foi aí que surgiu uma dúvida.</i>
12	<i>Busco [...]</i>
13	<i>Gostaria de saber [...].</i>
14	<i>[...], os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com os tópicos abaixo, me seria de grande utilidade. Enviarei seis mensagens para a comunidade e por serem itens da base da formação do educador de língua portuguesa, creio que uns respondam se referindo ao(s) bloco(s) de interesse. Esse primeiro é para saber [...]</i>
15	<i>[...], os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com o tópico abaixo, me seria de grande utilidade. Esse segundo é para saber [...].</i>
16	<i>Estamos realizando uma pesquisa na área da semântica.</i>
17	<i>estou procurando [...]. Estou interessada especificamente em [...].</i>
18	<i>Por algum motivo que eu desconheço eu parei de receber as msg do [...]. Será que meu status está modificado? Eu gostaria de [...].</i>
19	<i>Estamos realizando estudos na área de Semântica [...]</i>
20	<i>Alguém teria [...] ? Por favor, quem souber de algo, informe-me.</i>
21	<i>Alguém poderia, por favor, [...].</i>
22	<i>Preciso [...] Acredito que ele ainda pertença à Comunidade. Nesse caso, peço, se for possível, [...]. Caso contrário, se alguém puder me enviar [...].</i>
23	<i>Gostaria de saber [...]. [...] estou em busca de [...].</i>
24	<i>algun de vocês sabe a quantas anda [...] ?</i>
25	<i>alguém conhece [...] ?</i>
26	<i>Em linhas gerais, algum companheiro poderia me explicar (ou fornecer uma fonte de consulta) [...] ? Estudo a ocorrência do anglicismo em composições de música brasileira nas parcerias com [...] (aos que interessarem, posso encaminhar meu trabalho para leitura) e preciso identificar [...], pode parecer incongruente, mas, juro que eu nem imaginava que existia essas duas linhas (e outras) quando iniciei minha pesquisa.</i>
27	<i>Estou fazendo um trabalho sobre [...].</i>
28	<i>[...] léxico, mas o conceito do mesmo deverá ser baseado nos estudos da sociolinguística. PRecisam de [...]. Alguém poderia indicar [...] ?</i>
29	<i>Estou fazendo um trabalho sobre ISD, se alguém tiver [...] e puder repassar, [...].</i>
30	<i>Peço a ajuda de vocês linguistas para lidar com uma questão: gostaria de saber [...]. Em poucas palavras, a fim de dar apenas direção, gostaria que explicassem também [...].</i>
31	<i>alguém poderia explicar [...] ?</i>
32	<i>Aqui no Brasil, há algum [...] ? Poderiam mandar [...] por favor?</i>

33	<i>estou fazendo um levantamento sobre [...]. Quem tiver [...], por favor, me envie [...].</i>
34	<i>Ao longo dos anos [...], acabei percebendo que filmes e documentários nos quais a "linguagem" tenha um papel importante são um excelente recurso didático. Estou, por isso, montando uma pequena videoteca, com os filmes que tenho usado. Abaixo, indicarei aqueles de que me lembro, apontando ao lado o tipo de "abordagem" que se pode dar para ele. Gostaria que os colegas enviassem [...], pois a ideia pode interessar a alguns outros professores.</i>
35	<i>gostaria de saber se alguém possui [...], ou conhece [...].</i>
36	<i>Gostaria de [...].</i>
37	<i>Gostaria de pedir que os amigos da lista [...] Digo isso por que vejo questionamentos interessantes, mas nunca vejo as respostas. Isso leva-me a crer que, ou ninguém está respondendo (o que acredito ser quase impossível) ou isso está sendo feito de forma particular!</i>
38	<i>Seria interessante se fosse disponibilizada [...], para facilitar a busca.</i>
39	<i>Gostaria de saber se alguém tem acesso às [...].</i>
40	<i>Procuro [...].</i>
41	<i>[...] estou escrevendo um texto sobre literatura de Goa (minha área de estudo).</i>
42	<i>escrevi um texto que aborda a Lingüística para circulação em uma coluna na internet, mas estou com um pouco receosa de publicar. Como gostaria de divulgar o processo de nossa fala, talvez tenha me excedido e não me interpretado bem. Precisamos dar um maior enfoque para o término do preconceito lingüístico e gostaria de contribuir, lá a minha maneira. Será que podem [...] ?</i>
43	<i>Alguém sabe me informar se [...]? Caso tenha, existe [...] ?</i>
44	<i>alguém teria [...] que pudesse me enviar por e-mail?</i>
45	<i>alguém poderia me indicar [...] ?</i>
46	<i>Minha monografia é sobre [...]. Se alguém puder me ajudar indicando [...]</i>
47	<i>[...] tive algumas dúvidas levantadas em sala de aula e gostaria de contar com a colaboração dos colegas da [...] para 03 explicações?</i>

Figura nº 14 – Formalizando o pedido (4º movimento)

Os exemplos de nº 37 e 38 constituem “metapedidos”, isto é, são pedidos em relação a outros pedidos anteriormente enviados à lista, tanto que, no “Assunto”, aparece automaticamente a abreviação “Re:”, no PA 37, e “Re: Re:”, no PA 38, apontando que, no PA 37, a mensagem é resposta a uma anterior e, no PA 38, é resposta a uma outra mensagem de solicitação. No PA 37, o remetente solicita que as respostas a pedidos sejam enviadas a todos da lista; no PA 38, o autor solicita que sejam enviadas as referências completas dos filmes já solicitados em pedidos anteriores.

As manifestações deste movimento podem ser assim classificadas:

ESTRATÉGIAS	
(a)	formulando o pedido explicitamente ou
(b)	formulando o pedido implicitamente.

Figura nº 15 - Estratégias do 4º movimento

Vale ressaltar que parte da formalização implícita do pedido propriamente dito se confunde, por vezes, com a justificativa apresentada para recorrer à lista de discussão, nem sempre apresentando fronteiras claramente delimitadas, como na mensagem a seguir (grifo nosso):

- (PA 19) *Estamos realizando estudos na área de Semântica e lemos o capítulo sobre o assunto no livro **Introdução à Lingüística**, da Ed.Cortez. **Infelizmente não conseguimos depreender a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas três semânticas.** Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.*

4.2.3.5 – Definindo o ‘Campo’

O quinto movimento Definindo o ‘Campo (do discurso)’, apesar de por vezes coincidir com o 1º movimento (“Revelando o ‘assunto’ ”), é inserido no corpo da mensagem. Esse elemento de organização retórica, de ocorrência unânime nos pedidos de ajuda, sem o qual não se poderia saber o objeto gerador da solicitação, é assim manifestado em cada uma das 47 mensagens:

PA	DEFININDO O ‘CAMPO’
01	<i>[...] texto "O colar", de Marina Colassanti.</i>
02	<i>[...] NOTÍCIA DO GELCO? HAVERÁ O EVENTO ESTE ANO? QUANDO? ONDE? QUAL O SITE?</i>
03	<i>[...] CELLIP [...] ATÉ QUANDO VÃO AS INSCRIÇÕES?</i>
04	<i>[...] a linguagem bíblica poderia ser um corpus a ser pesquisado e o que eu poderia pesquisar.</i>
05	<i>[...] participar dessa pesquisa [...]</i>
06	<i>a Bíblia poderia ser uma fonte de pesquisa lingüística? De que forma?</i>
07	<i>[...] 'cartilha' do politicamente correto criada pelo governo e que foi retirada da rede?</i>
08	<i>[...] indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2ª língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa.</i>
09	<i>[...] a demarcação/ inserção de vozes em textos. [...] bibliografia a esse respeito.</i>
10	<i>[...] "apagamento e inclusão de preposição", [...] referências bibliográficas [...] algum material [...].</i>
11	<i>[...] responder a um questionamento [...] funcionalismo. [...] o fluxo de informação em orações não encaixadas. [...] surgiu uma dúvida. No</i>

	<i>período: “Maria passa por uma, duas três portas atrás das quais estão suas alunas”, há quantas orações? Todo pronome relativo introduz oração? A oração “atrás das quais estão suas alunas” é subordinada ou não?</i>
12	<i>[...] bibliografia sobre a pluralização dos verbos <i>haver</i> e <i>hacer</i> em construções canonicamente consideradas impessoais, tais como: “Haviam 15 pessoas na sala” “Fazem 5 anos que sai de casa.”</i>
13	<i>[...] quando será o próximo encontro da SIPLE (Sociedade Internacional Português língua estrangeira).</i>
14	<i>[...] o ponto de vista sobre concepções e práticas sociopedagógicas de leitura e produção de textos: projetos didáticos de leitura e escrita no Ensino Fundamental. [...] sugerir bibliografia a respeito dos tópicos [...]</i>
15	<i>[...] o ponto de vista sobre “texto e ensino de língua portuguesa: coesão, coerência e intertextualidade”. [...] sugerir bibliografia, atividades etc a respeito do tópico, [...].</i>
16	<i>[...] a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas semânticas formal, enunciativa e cognitiva.</i>
17	<i>[...] bibliografia sobre a aprendizagem cooperativa ou colaborativa (cooperative learning). [...] aspectos teóricos da teoria.</i>
18	<i>[...] voltar a receber as msg normalmente por e-mail.</i>
19	<i>[...] a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas três semânticas.</i>
20	<i>[...] posicionamento atual sobre a questão das 1000 horas exigidas pelo MEC entre 2002 e 2004, para as faculdades privadas, principalmente? Continuam em vigor ou sofreram alguma modificação?</i>
21	<i>[...] definir “derrapagem verbal”.</i>
22	<i>[...] entrar em contato com o Prof. [...], a respeito de um artigo publicado por ele. [...] que entre em contato comigo. [...] o e-mail dele, [...]</i>
23	<i>[...] como acontecem os processos de seleção para professores das instituições particulares. [...] um contato para lecionar no [...] nas áreas de inglês (e ou instrumental) ou lingüística/análise do discurso..</i>
24	<i>[...] o Projeto de Lei Aldo Rebelo sobre o uso de estrangeirismos pela imprensa?</i>
25	<i>[...] alguma hipótese plausível para o fato de que principalmente no nordeste os Severino e Severina serem alcunhados de BIU?</i>
26	<i>[...] qual a diferença existente entre a Sociolingüística variacionista e interacionista? [...] qual das duas linhas eu segui em meu raciocínio, [...].</i>
27	<i>[...] a composicionalidade nas sentenças com o verbo <i>levar</i>, usando o modelo do léxico gerativo. [...] alguma informação sobre estrutura <i>qualia</i> ou <i>papel temático</i>, [...].</i>
28	<i>[...] maiores informações sobre PERINI. [...] algumas bibliografias ou sites sobre o assunto?</i>
29	<i>[...] algum artigo do Fillietaz [...].</i>
30	<i>[...] como vocês caracterizariam cada um desses autores: Bakhtin, Bourdieu, Foucault e Fairclough. São estruturalistas ou pós-estruturalistas? [...] o porquê das caracterizações.</i>
31	<i>[...] por que o <i>h</i> não forma dígrafo em palavras como <i>humano</i> e <i>hora</i>?</i>
32	<i>[...] corpus de Língua Portuguesa similar ao British National Corpus? The British National Corpus (BNC) is a 100 million word collection of samples of written and spoken language from a wide range of sources, designed to represent a wide cross-section of current British English, both spoken and written. [...] respostas para meu e-mail particular, [...] ?</i>

33	<i>[...] revistas (online ou em papel) que publicam trabalhos de alunos das graduações em Letras. [...] informações sobre periódicos [...] os dados.</i>
34	<i>[...] sugestões de outros filmes ou documentários, [...] (listagem de 8 filmes abaixo da mensagem)</i>
35	<i>[...] corpus digitalizado do português arcaico, [...] alguma indicação.</i>
36	<i>[...] sugestões sobre revistas online onde pequenas histórias, que variam de 200 a 3000 palavras, podem ser publicadas. [...] Vejam o e-mail abaixo para maiores detalhes. (e-mail em inglês, abaixo da mensagem, do amigo americano que solicita o pedido)</i>
37	<i>[...] mandassem para todos as mensagens, a não ser quando o pedido for para que isso seja feito de forma particular.</i>
38	<i>[...] a referência completa dos filmes, [...].</i>
39	<i>[...] normas de publicação da Revista [...].</i>
40	<i>[...] estudos sobre o par consecutivo "tanto... que".</i>
41	<i>Escrevi: "De fato, já não somos mestiços de há muito, a começar pela língua, o português, filho bastardo do latim, por sua vez, filho bastardo de uma velha analfabeta, o indo-europeu? Indo-europeu, pode-se ser mais mestiço?" Esta história de "filho bastardo" etc. é válida?? Ou estou escrevendo asneira??</i>
42	<i>[...] opinar para que eu libere o texto ? (texto abaixo da mensagem)</i>
43	<i>[...] há algum similar da literatura de cordel na literatura inglesa ou na americana? [...] alguma bibliografia pertinente sobre o assunto?</i>
44	<i>[...] o conto O espelho - Guimarães Rosa [...]</i>
45	<i>[...] alguma referência bibliográfica para uma visão breve introdutória à literatura norte-americana?</i>
46	<i>[...] a importância do conhecimento da língua pátria para o bom desempenho dentro da matemática. Quero trabalhar a importância da correta pontuação, do uso adequado dos pronomes, da clareza, da objetividade das questões, e [...] material relacionado a esse assunto. sites, livros e outros materiais [...].</i>
47	<i>1- Na classificação entre essenciais e acidentais a preposição A aparece como essencial. DÚVIDA: o A também pertence a outras classes gramaticais como artigo e pronome, não deveria estar classificada como acidental? 2- Qual o sentido que as preposições abaixo estabelecem?? a) Como não reagir ante tanta desfaçatez? b) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública. c) Sob certos aspectos, ele está certo. 3- Existe diferença em dizer: dor DE estômago ou dor NO estômago?</i>

Figura nº 16 – Definindo o ‘campo’ (5º movimento)

A definição do ‘Campo do discurso’ nas mensagens 32, 34, 36 e 42 é ancorada em outros textos, anexados dentro da própria mensagem³³. No PA 34, a listagem colocada ao final da mensagem mostra 8 filmes e documentários nos quais a linguagem exerce um papel importante. Ao exibir a lista, o autor do pedido de ampliação da listagem, além de mostrar o que já compilou, compartilhando suas informações com os demais membros da comunidade, evita sugestões repetidas na

³³ Na lista que pesquisamos não é autorizado o envio de textos em anexo (*attached*).

ampliação da listagem por outros listeiros. Trata-se, portanto, em nossa avaliação, de um texto essencial para a compreensão da mensagem. No PA 42, o texto anexado é o real objeto da solicitação de ajuda. A autora, que se diz “um pouco receosa”, convoca pessoas para opinarem sobre o texto anexado antes de colocá-lo em circulação em uma coluna na internet. Cabe notar que o referido texto tem 78 linhas e 871 palavras.

Por outro lado, nos PAs 32 e 36, os textos anexados, parecem ser absolutamente dispensáveis para a determinação do “campo”. Como, em tese, eles se prestariam a esclarecer melhor os leitores sobre o objeto dos pedidos de ajuda, o fato de serem veiculados em Inglês, nos parece, sob o ponto de vista funcional que, em vez de esclarecer, limita sobremaneira seu alcance.

A definição do *British National Corpus* em Inglês, apresentada no PA 32, nos parece não cumprir a função à que se destina. Se fosse em Português, o esclarecimento sobre o BNC alcançaria um número muito maior de leitores. Da mesma forma, no PA 36, a autora, intermediária do pedido de ajuda, anexa o e-mail do amigo americano solicitador da ajuda, a fim de, segundo a própria, esclarecer melhor o tipo de revista a que se refere. Como o e-mail não está traduzido, acreditamos que ele também não possa ser lido pela totalidade dos participantes da lista.

Em suma, os textos em Inglês nos PAs 32 e 36 são, pela nossa ótica, absolutamente dispensáveis para a definição do “Campo do discurso”. Uma interpretação mais positiva nos levaria a acreditar que a definição do BNC (PA 32), mesmo em Inglês, se prestaria a adiantar ao leitor que lê em Inglês uma informação relevante sobre o tipo de banco pelo qual se procura; a inserção da mensagem original do solicitador de ajuda propriamente dita poderia ser considerada uma estratégia para dar credibilidade ao pedido e à posição de intermediária do pedido.

Assim, a análise dos dados revela as seguintes estratégias pertinentes ao 5º movimento:

	ESTRATÉGIAS
(a)	anunciando explicitamente o objeto motivador do pedido e/ou
(b)	ancorando à mensagem textos explicativos.

Figura nº 17 - Estratégias do 5º movimento

Cabe notar que, em alguns exemplos, a definição do Campo se dá de forma antecipada no 1º movimento Revelando o ‘assunto’.

4.2.3.6 – Justificando-se

Passemos, então, ao 6º movimento identificado nos pedidos de ajuda analisados: Justificando-se. Em 9 (10,14%) das mensagens podemos encontrar a preocupação em mostrar aos interlocutores que outras tentativas já haviam sido feitas antes de eles recorrerem à lista, solicitando ajuda ou se justificando por não ter conseguido resolver o problema sozinho, sem recorrerem aos participantes da comunidade:

PA	JUSTIFICANDO-SE
03	<i>TENHO TENTADO ENTRAR NA PÁGINA DO CELLIP E NÃO TENHO CONSEGUIDO ENTRAR.</i>
12	<i>Minha primeira tentativa foi internet, e não encontrei nada. Os trabalhos em internet ou enviados por e-mail são valiosos, porque estou em [...] e encontrar tais materiais impressos, aqui, acredito que será uma tarefa um tanto difícil.</i>
13	<i>Ouvi dizer que será em [...], mas não consegui obter informações oficiais, já que o site da [...] não está funcionando.</i>
16	<i>Lemos o artigo de [...] sobre o assunto no volume 2 de [...] e não conseguimos entender a diferença entre os conceitos [...]</i>
19	<i>Infelizmente não conseguimos depreender a diferença entre os conceitos de [...]</i>
21	<i>Li em alguma obra do [...] mas não a recuperei mais e não lembro o nome.</i>
26	<i>Li alguns textos sobre as duas, (Labov, Bakthin) mas não consegui compreender, compreender, sobretudo, no que as vertentes se parecem e no que elas convergem.</i>
36	<i>[...], mas não sei como ajudá-lo.</i>
46	<i>[...] estou tendo dificuldades para encontrar [...]</i>

Figura nº 18 – Justificando-se (6º movimento)

Os 9 enunciadores que lançam mão desse movimento apresentam suas justificativas através de breves relatos de tentativas frustradas, anteriores ao envio de pedido de ajuda à lista, deixando claro que a iniciativa de recorrer à lista com um pedido de ajuda foi conseqüência de impossibilidade de acesso à informação ou ao serviço ou da incapacidade cognitiva de resolver o problema sem o auxílio de outrem. Assim, são estas as estratégias utilizadas neste movimento:

	ESTRATÉGIAS
(a)	informando sobre impossibilidade ou
(b)	informando sobre incapacidade para solução do problema.

Figura nº 19 - Estratégias do 6º movimento

4.2.3.7 – Solicitando urgência

O 7º movimento só é contemplado de forma explícita em 2 das mensagens (4,25%), como pode ser verificado:

PA	SOLICITANDO URGÊNCIA
08	<i>Estou precisando com alguma urgência da [...]</i>
23	<i>Aguardo um contato.</i>

Figura nº 20 – Solicitando urgência (7º movimento)

Entendemos que todo pedido pressupõe a expectativa de resposta (HALLIDAY; MATTHIESSE, 2004). Destacamos, porém, a mensagem 08 na qual o autor explicita a dependência de uma resposta urgente; no pedido 23 a pressão é expressa de forma menos direta quando o autor fecha a mensagem, reforçando a expectativa de resposta, inerente ao próprio pedido, visando forçar o leitor a oferecer uma resposta.

Na análise de cartas que pedem emprego, desenvolvida por Bhatia (p. 59-68), a solicitação de resposta e o uso de tática de pressão constituem dois movimentos distintos. No gênero em análise nesta pesquisa, no entanto, entendemos que os dois elementos retóricos se sobrepõem em um só movimento e que a solicitação de resposta, urgente ou não, pode ser uma das estratégias de pressão.

No corpus em questão os elementos nos permitem dizer que foram identificadas as seguintes estratégias de solicitação de urgência:

	ESTRATÉGIAS
(a)	exercendo pressão direta ou
(b)	exercendo pressão indireta.

Figura nº 21 - Estratégias do 7º movimento

4.2.3.8 – Agradecendo

O 8º movimento a ser focalizado, Agradecendo, é cumprido por um número expressivo de “listeiros” : 38 e-mails, o que representa 80,8%, assim expresso:

PA	AGRADECENDO
04	<i>Grata,</i>
05	<i>Agradeço antecipadamente por sua colaboração.</i>
06	<i>Desde já agradeço a atenção!</i>
08	<i>Desde já muito obrigada.</i>
09	<i>Obrigada,</i>

10	<i>obrigado</i>
11	<i>Desde já agradeço a ajuda.</i>
12	<i>Agradeço toda e qualquer ajuda.</i>
13	<i>Obrigado</i>
14	<i>Quem puder [...], também agradeço.</i>
15	<i>Quem puder [...], também agradeço.</i>
16	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>
17	<i>Muito obrigada,</i>
19	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>
20	<i>Grata,</i>
21	<i>Grata,</i>
22	<i>Obrigada.</i>
24	<i>Desde já, agradeço a atenção de todos e todas.</i>
26	<i>Desde já agradeço,</i>
27	<i>Se alguém possuir [...], ficarei muito agradecida.</i>
28	<i>Obrigada.</i>
29	<i>[...] se alguém tiver [...] e puder repassar, agradeço.</i>
30	<i>Obrigada,</i>
31	<i>Desde já, agradeço.</i>
32	<i>Obrigado,</i>
33	<i>Agradeço antecipadamente,</i>
34	<i>Obrigado</i>
35	<i>Obrigado.</i>
36	<i>Agradeço qualquer informação.</i>
37	<i>Obrigado!!</i>
39	<i>Obrigado,</i>
40	<i>Agradeço quaisquer indicações.</i>
41	<i>Obrigado,</i>
42	<i>Muito obrigada,</i>
43	<i>Obrigada.</i>
45	<i>Obrigada pela atenção.</i>
46	<i>Se alguém puder [...] ficarei muito agradecida.</i>
47	<i>Agradeço antecipadamente a ajudos dos colegas,</i>

Figura nº 22 – Agradecendo (8º movimento)

Dentre as formas usadas para agradecer, antecipadamente, as expressões econômicas “Obrigado” e “Obrigada” são as mais recorrentes, com 8 e 5 usos cada uma, respectivamente. Por outro lado, em 14 (36,84%) das 38 solicitações de ajuda que fazem uso desse movimento retórico, o agradecimento é realizado por expressões mais elaboradas com mais de 3 itens lexicais.³⁴

Observamos que as formas de agradecimentos antecipados se dirigem, na maioria dos casos (86,84%), a todos da lista; em 5 dos 38 PAs (13,16%) em que o movimento ocorre, curiosamente, os agradecimentos são dirigidos especificamente e

³⁴ Este movimento, também encontrado em cartas promocionais que pedem emprego, é classificado por Bhatia (1993, p. 62) como “Fechando educadamente” (“*Ending politely*”).

apenas aos que puderem oferecer ajuda. Dessa forma, a análise dos dados aponta para o uso de 2 estratégias de agradecimento:

	ESTRATÉGIAS
(a)	expressando agradecimento amplo ou
(b)	expressando agradecimento a quem puder oferecer ajuda.

Figura nº 23 - Estratégias do 8º movimento

4.2.3.9 – Fechando

O penúltimo movimento, Fechando, só é explicitamente realizado em 9 das 47 mensagens, totalizando 19,14%.

PA	FECHANDO
01	<i>Um gde abraço,</i>
07	<i>Abraço.</i>
12	<i>Um abraço</i>
14	<i>Saudações,</i>
15	<i>Saudações,</i>
18	<i>Atenciosamente,</i>
25	<i>Atte.,</i>
41	<i>abraços,</i>
44	<i>Abraço,</i>

Figura nº 24 – Fechando (9º movimento)

As representações gráficas “gde” (PA 01) e “Atte.” (PA 25) refletem uma das tendências do discurso digital: a abreviação (CRYSTAL, 2001, p. 229). O primeiro exemplo é facilmente legível; o segundo apresenta alguma dificuldade de compreensão. Acreditamos que a forma “Atte.” seja a abreviação de “Atenciosamente”, tradicionalmente usada em documentos comerciais.³⁵

As estratégias que realizam este movimento assim ocorrem:

	ESTRATÉGIAS
(a)	apresentando cumprimento formal ou
(b)	apresentando cumprimento informal.

Figura nº 25 - Estratégias do 9º movimento

³⁵ A mesma expressão é usada em espanhol para fechar documentos comerciais anteriores à era da comunicação digital como abreviação de “*atentamente*”. É significativo notar que em mensagem posteriormente enviada pelo mesmo remetente (em 31 de dezembro de 2005, *digest* 1211), o fechamento usado é “Até”, o que pode também nos levar a concluir que “atte.” pode ser uma grafia diferente para “até”. Curiosamente, recebi uma mensagem digital escrita formalmente, em Português, com o fechamento “Att.,” provável variação de “Atenciosamente”.

Bhatia (1994, p. 68), ao explicar o movimento “Fechando educadamente”, em gêneros promocionais, adverte que qualquer esforço depende da boa vontade gerada. Conforme o autor, o fechamento educado é, portanto, crucial, tanto em cartas promocionais quanto em pedidos de emprego. Nos pedidos de ajuda, parece-nos fundamentais, para fins de boa vontade, não só o fechamento de forma educada (9º movimento), como também a presença do agradecimento (8º movimento). Constatamos que, de um modo geral, a maioria dos solicitantes de pedido de ajuda só agradecem (34/47 = 72,34%); outros só fecham (5/47 = 10,63); poucos (4/47 = 8,51%) agradecem e fecham. Note-se, no entanto, que em 4/47 (8,51%) das mensagens (PAs 02, 03, 23 e 38) seus emissores nem agradecem nem fecham:

PA	AGRADECENDO	FECHANDO
01		<i>Um gde abraço,</i>
02	---	---
03	---	---
04	<i>Grata,</i>	
05	<i>Agradeço antecipadamente por sua colaboração.</i>	
06	<i>Desde já agradeço a atenção!</i>	
07		<i>Abraço.</i>
08	<i>Desde já muito obrigada.</i>	
09	<i>Obrigada,</i>	
10	<i>obrigado</i>	
11	<i>Desde já agradeço a ajuda.</i>	
12	<i>Agradeço toda e qualquer ajuda.</i>	<i>Um abraço</i>
13	<i>Obrigado</i>	
14	<i>Quem puder [...], também agradeço.</i>	<i>Saudações,</i>
15	<i>Quem puder [...], também agradeço.</i>	<i>Saudações,</i>
16	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>	
17	<i>Muito obrigada,</i>	
18		<i>Atenciosamente,</i>
19	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>	
20	<i>Grata,</i>	
21	<i>Grata,</i>	
22	<i>Obrigada.</i>	
23	---	---
24	<i>Desde já, agradeço a atenção de todos e todas.</i>	
25		<i>Atte.,</i>
26	<i>Desde já agradeço,</i>	
27	<i>Se alguém possuir [...], ficarei muito agradecida.</i>	
28	<i>Obrigada.</i>	
29	<i>[...], se alguém tiver [...] e puder repassar, agradeço.</i>	
30	<i>Obrigada,</i>	
31	<i>Desde já, agradeço.</i>	
32	<i>Obrigado,</i>	
33	<i>Agradeço antecipadamente,</i>	

34	<i>Obrigado</i>	
35	<i>Obrigado.</i>	
36	<i>Agradeço qualquer informação.</i>	
37	<i>Obrigado!!</i>	
38	---	---
39	<i>Obrigado,</i>	
40	<i>Agradeço quaisquer indicações.</i>	
41	<i>Obrigado,</i>	<i>abraços,</i>
42	<i>Muito obrigada,</i>	
43	<i>Obrigada.</i>	
44		<i>Abraço,</i>
45	<i>Obrigada pela atenção.</i>	
46	<i>Se alguém puder [...] ficarei muito agradecida.</i>	
47	<i>Agradeço antecipadamente a ajudos dos colegas,</i>	

Figura nº 26 – Agradecendo e Fechando (8º e 9º movimentos)

4.2.3.10 – Assinando

A manifestação gráfica da assinatura parece ter sofrido modificações a partir da introdução da comunicação digital, passando por um momento de instabilidade, assim como várias outras características do discurso digital. Considerando-se que a assinatura é a marca da origem do remetente de uma mensagem, não necessariamente de sua identidade, e que não é possível remeter e-mails sem que a origem, codificada ou não, seja revelada, o 10º e último movimento, Assinando, está presente, em diferentes formas de realização, na totalidade das mensagens em análise.

Digno de nota é o fato de o movimento “assinar”, tradicionalmente usado em cartas, bilhetes, memorando e diversos tipos de correspondência anteriores à era da internet, ser mantido da mesma forma e no mesmo local nas mensagens digitais, apesar de o nome do emissor geralmente constar dos cabeçalhos. Por essa razão, no mundo da internet é freqüente a ausência de assinatura tradicional ao final de e-mails. Pode-se considerar que a assinatura seria uma redundância, especialmente quando o nome do autor é revelado no cabeçalho do e-mail como remetente ou quando faz parte do endereço propriamente dito. No entanto, nota-se que há usuários que optam pela manutenção da assinatura tradicionalmente expressa através de nome (completo ou não) localizada ao final da mensagem, como convencionalmente era usada antes da era da internet. Há também os que fornecem seus nomes ao final da mensagem, seguidos de seus endereços eletrônicos. Além dessas formas de assinatura, cujos remetentes são facilmente identificados,

algumas assinaturas digitais omitem a identidade do usuário através de endereços que ocultam, propositalmente ou não, a identidade de seu emissor como, por exemplo, no seguinte remetente/endereço fictício: slmwi1980@hotmail.com.

Á época em que esta tese está sendo confeccionada, ao se filiar a um provedor de internet, o usuário preenche um formulário eletrônico no qual fornece o “nome”, que o caracteriza como emissor da mensagem, e o “email”³⁶ (endereço eletrônico) que deseja ter. O “nome” refere-se à informação “De:” (“*From:*”), primeira informação que obtemos ao abrirmos uma mensagem eletrônica. Acreditamos que a estratégia, adotada no momento da escolha das informações sobre o usuário, que oculte sua identidade seja, muitas vezes, útil e segura em diversos contextos. Essa tática, todavia, não nos parece adequada quando aplicada a uma comunidade virtual desta natureza e, em especial, ao se emitir um pedido de ajuda³⁷.

Assim, considerando-se a localização e a possibilidade de revelação repetida ou não, de ocultação da identidade do emissor, podemos classificar o que consideramos “assinatura” em 5 grupos:

- (i) assinatura revelando a identidade do emissor não só no final da mensagem (só 1º nome, 1º e último nomes ou nome completo), como também no cabeçalho através do “nome” e/ou “email”;
- (ii) assinatura revelando a identidade do emissor expressa pelo “nome” e/ou pelo “email” apenas no cabeçalho (com ausência da assinatura convencionalmente localizada ao final da mensagem);
- (iii) assinatura revelando a identidade do emissor, expressa pelo 1º nome, pelo 1º e último nomes ou pelo nome completo, apenas no final da mensagem (o endereço eletrônico oculta a identidade);
- (iv) assinatura revelando a identidade do emissor, apenas no corpo da mensagem (o cabeçalho (“nome” e “email”), oculta a identidade e não há assinatura convencional ao final da mensagem);
- (v) assinatura revelando apenas a origem da mensagem no cabeçalho através do “nome” e/ou “email”, ocultando a identidade do emissor tanto no “nome” quanto no “email” (remetente oculto).

³⁶ A grafia “email” — entre aspas, sem hífen e sem itálico — refere-se à denominação do espaço, dada pelo provedor, que deve ser preenchido pelo usuário com o endereço eletrônico escolhido ao se afiliar à Internet.

³⁷ Coincidentemente, recebi uma mensagem de um ex-aluno comunicando a substituição de seu “nome” (“urso”) para seu 1º e último nomes reais “para evitar mais confusões”, segundo o próprio usuário.

Para melhor compreensão, lançamos mão do quadro abaixo, com a distribuição da ocorrência de cada um dos 5 tipos de assinatura que identificamos nos 47 pedidos de ajuda acadêmica:

PA	TIPOS DE ASSINATURA				
	(i)	(ii)	(iii)	(iv)	(v)
01	√				
02		√			
03		√			
04	√				
05			√		
06	√				
07	√				
08	√				
09	√				
10		√			
11	√				
12	√				
13	√				
14	√				
15	√				
16			√		
17			√		
18	√				
19			√		
20	√				
21	√				
22	√				
23					√
24	√				
25	√				
26	√				
27	√				
28	√				
29	√				
30	√				
31		√			
32	√				
33	√				
34					√
35	√				
36	√				
37		√			
38	√				
39	√				
40	√				
41	√				
42	√				

43	√				
44	√				
45	√				
46				√	
47			√		

Figura nº 27 – Distribuição dos tipos de assinatura

O quadro abaixo nos mostra como se dá, minuciosamente, a realização do 10º elemento de organização retórica — “assinando” — nas 47 mensagens que pedem ajuda ³⁸, com as identidades preservadas:

PA	ASSINANDO
01	Final: nome completo + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
02	Cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
03	Cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
04	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
05	Final: nome completo
06	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
07	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome”)
08	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
09	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome”) e 1º e último nomes (“email”)
10	Cabeçalho: nome completo (“nome”)
11	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”) e nome completo (“email”)
12	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
13	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome” e “email”)
14	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
15	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
16	Final: nome completo
17	Final: 1º e último nomes
18	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
19	Final: nome completo
20	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
21	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
22	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
23	Final: ausência de assinatura + cabeçalho: abreviação (“nome” e “email”)
24	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome” e “email”)
25	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
26	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
27	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
28	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
29	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
30	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
31	Cabeçalho: 1º e último nomes (“nome” e “email”)
32	Final: nome completo + cabeçalho: 1º nome (“nome”) e nome completo (“email”)
33	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: nome completo (“nome” e “email”)

³⁸ Presumimos que 2 nomes (um típico 1º nome, seguido de um típico sobrenome) se refiram ao “1º e sobrenomes”. A citação de 3 nomes (um típico 1º nome, seguido de 2 típicos sobrenomes, mesmo sendo 1 abreviado), classificamos de “nome completo”.

34	Cabeçalho: “nome” e “email” com nomes de instituições ou apelidos
35	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: primeiro e último nomes (“email”)
36	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome”)
37	Cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
38	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
39	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome” e “email”)
40	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: 1º e último nomes (“nome”)
41	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: nome completo (“nome”)
42	Final: 1º nome + cabeçalho: nome completo (“nome”) e 1º nome (“email”)
43	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: nome completo (“nome”)
44	Final: 1º e último nomes + cabeçalho: nome completo (“nome”)
45	Final: 1º nome + cabeçalho: 1º nome (“nome”)
46	Meu nome é (1º nome)
47	Final: 1º nome

Figura nº 28 – Assinando (10º movimento)

As diferentes características de assinaturas nos remetem a diferentes implicações de cunho funcional, i.e., parece haver uma preocupação de que a identidade seja revelada perante a comunidade discursiva. Nas 47 mensagens em foco, 34 delas (72,34%) se enquadram no 1º grupo, ou seja, há uma redundância de assinaturas que ocorrem no cabeçalho e ao final da mensagem; 5 pedidos de ajuda (10,63%) têm as características do 2º grupo, isto é, apesar de não conterem assinaturas ao final dos textos, as informações no cabeçalho do e-mail revelam a identidade dos emissores; em outras 4 mensagens (10,63%), que pertencem ao 3º grupo, o cabeçalho esconde a identidade, que só é revelada pelo autor do pedido de ajuda ao final da mensagem; apenas 1 mensagem (2,12%) exhibe a identidade do usuário no corpo da mensagem; 2 pedidos de ajuda (4,25%) se enquadram nas características do 5º grupo: os autores se mantêm em total anonimato, uma vez que não assinam as mensagens e sua identidade é omitida mesmo no “nome” e no “email”. Consideramos, portanto, que a “assinatura” também pode se dar através da revelação da origem do pedido de ajuda, mesmo quando a identidade do emissor é ocultada.

Digno de nota é o fato de a emissora do PA 46, certamente consciente da impossibilidade de revelação de sua identidade no cabeçalho, apesar de não assinar a mensagem ao término da mesma, o faz no início, abrindo o corpo do pedido de ajuda com “Meu nome é [...]”, saindo, assim, do anonimato.

Os cinco tipos de assinatura identificados no presente estudo podem ser agrupados em duas estratégias, considerando-se que os tipos (i), (ii), (iii) e (iv)

podem ser amalgamados em um só. O seguinte quadro resume as diferentes escolhas de realização deste 10º movimento:

ESTRATÉGIAS	
(a)	Revelando a identidade (através do 1º e/ou o nome abreviado e/ou o nome completo no cabeçalho e/ou no corpo e/ou após o fechamento da mensagem) ou
(b)	Revelando, no cabeçalho, apenas a origem da mensagem, sem revelar a identidade do emissor da mensagem.

Figura nº 29 – Estratégias do 10º movimento

Cabe frisar que o movimento “Assinando” é classificado como o 10º e último movimento, levando-se em consideração a localização convencionalmente adotada em documentos escritos do tipo de gênero textual ora estudado.

Vale mencionar um fato curioso. Durante a análise deste corpus, observei que o e-mail 23, que pertence ao 5º grupo (a identidade do autor do pedido não é revelada) no qual o enunciador anônimo solicitava emprego na área de Inglês Instrumental. Entrei em contato com a pessoa com uma certa dificuldade em escolher a expressão a ser usada na abertura da mensagem, já que não sabia seu nome e nem mesmo se era do sexo masculino ou feminino. Como minha identidade é revelada explicitamente nas mensagens que escrevo, a pessoa me respondeu, revelando seu nome. Para minha surpresa, já nos conhecíamos. Vale dizer que a identificação só foi possível porque, ao contrário da colega, não sou adepta do anonimato digital.

Uma vez descritos os 10 movimentos retóricos identificados nos pedidos de ajuda enviados através da lista, passemos, então, ao quadro que exhibe a variação da ocorrência da seqüência dos 10 elementos em cada mensagem.

4.2.4 – Os movimentos e as estratégias

A seguir apresentamos, de forma compactada, os movimentos retóricos e as respectivas estratégias identificadas resultantes da análise do corpus:

MOVIMENTOS		ESTRATÉGIAS
1°	Revelando o “assunto”	(a) Indicando o propósito comunicativo e/ou (b) Indicando o objeto do pedido.
2°	Abrindo	(a) dirigindo-se aos listeiros formalmente ou (b) dirigindo-se aos listeiros informalmente.
3°	Apresentando credenciais	(a) apresentando títulos e/ou cursos e/ou projetos e/ou empresas a que se está vinculado e/ou (b) revelando a cidade e/ou estado em que reside e/ou estuda e/ou trabalha e/ou (c) resumindo o currículo acadêmico e/ou profissional e/ou (d) justificando a posição de intermediador do pedido de outrem.
4°	Formalizando o pedido	(a) formulando o pedido explicitamente ou (b) formulando o pedido implicitamente.
5°	Definindo o “campo”	(a) anunciando explicitamente o objeto motivador do pedido e/ou (b) ancorando à mensagem textos explicativos.
6°	Justificando-se	(a) informando sobre impossibilidade ou (b) informando sobre incapacidade para solução do problema.
7°	Solicitando urgência	(a) exercendo pressão direta ou (b) exercendo pressão indireta.
8°	Agradecendo	(a) expressando agradecimento amplo ou (b) expressando agradecimento a quem puder oferecer ajuda.
9°	Fechando	(a) apresentando cumprimento formal ou (b) apresentando cumprimento informal.
10°	Assinando	(a) Revelando a identidade (através do 1° e/ou o nome abreviado e/ou o nome completo no cabeçalho e/ou no corpo e/ou após o fechamento da mensagem) ou (b) Revelando, no cabeçalho, apenas a origem da mensagem, sem revelar a identidade do emissor da mensagem.

Figura nº 30 – Movimentos e estratégias

4.2.5 – Ocorrência e seqüência dos movimentos retóricos

De forma a sintetizar a análise e proporcionar uma compreensão mais abrangente, o quadro que se segue apresenta a variação de ordenação e a seqüência dos dez movimentos retóricos identificados em cada um dos 47 pedidos de ajuda. Os numerais ordinais nas linhas de cada mensagem representam a seqüência em que os movimentos ocorrem.³⁹

³⁹ Em exemplos onde os movimentos são fragmentados, foi considerada a posição da 1ª marca do movimento.

O C O R R Ê N C I A E S E Q Ü Ê N C I A D O S M O V I M E N T O S

PA	1º movimento	2º movimento	3º movimento	4º movimento	5º movimento	6º movimento	7º movimento	8º movimento	9º movimento	10º movimento
	Revelando o "assunto" (47/47)	Abrindo (38/47)	Apresentando credenciais (14/47)	Formalizando o pedido (47/47)	Definindo o "campo" (47/47)	Justificando-se (09/47)	Solicitando urgência (01/47)	Agradecendo (38/47)	Fechando (10/47)	Assinando (47/47)
01	1º	2º	6º	3º	4º				5º	7º
02	2º			3º	4º					1º
03	2º			3º	5º	4º				1º
04	1º	2º		4º	3º			5º		6º
05	1º	2º	7º	3º	4º			5º		6º
06	1º	2º		4º	3º			5º		6º
07	1º	2º		3º	4º				5º	6º
08	1º	2º		3º	5º		4º	6º		7º
09	1º	2º		4º	3º			5º		6º
10	2º	3º	6º	5º	4º			7º		1º
11	1º	2º	4º	3º	5º			6º		7º
12	1º	2º		3º	4º	5º		6º	7º	8º
13	1º	2º		3º	4º	5º		6º		7º
14	1º	2º		3º	4º			5º	6º	7º
15	1º	2º		3º	4º			5º	6º	7º
16	1º			3º	2º	4º		5º		6º
17	1º	2º		3º	4º			5º		6º
18	1º	2º		4º	3º				5º	6º
19	1º	2º		5º	4º	3º		6º		7º
20	1º	2º		4º	3º			5º		6º
21	1º			2º	3º	4º		5º		6º
22	1º	2º	6º	3º	4º			5º		7º
23	2º		5º	3º	4º		6º			1º

	1º movimento	2º movimento	3º movimento	4º movimento	5º movimento	6º movimento	7º movimento	8º movimento	9º movimento	10º movimento
	Revelando o "assunto" (47/47)	Abrindo (38/47)	Apresentando credenciais (14/47)	Formalizando o pedido (47/47)	Definindo o "campo" (47/47)	Justificando-se (09/47)	Solicitando urgência (01/47)	Agradecendo (38/47)	Fechando (10/47)	Assinando (47/47)
24	1º	2º		3º	4º			5º		6º
25	1º	2º		4º	3º				5º	6º
26	1º	2º	8º	3º	4º	5º		6º		7º
27	1º	2º		4º	3º			5º		6º
28	1º		2º	4º	3º			5º		6º
29	1º			3º	2º			4º		5º
30	1º	2º		3º	4º			5º		6º
31	2º	3º		4º	5º			6º		1º
32	1º	2º		3º	4º			5º		6º
33	1º	2º	7º	4º	3º			5º		6º
34	2º	3º	4º	6º	5º			7º		1º
35	1º	2º		3º	4º			5º		6º
36	1º	2º	5º	3º	4º	6º		7º		8º
37	2º			3º	4º			5º		1º
38	1º			2º	3º					4º
39	1º	2º		3º	4º			5º		6º
40	1º	2º		3º	4º			5º		6º
41	1º	2º	3º	5º	4º			6º	7º	8º
42	1º	2º		4º	3º			5º		6º
43	1º	2º		3º	4º			5º		6º
44	1º	2º		3º	4º				5º	6º
45	1º	2º		3º	4º			5º		6º
46	1º	2º	4º	7º	5º	6º		8º		3º
47	1º	2º	3º	4º	5º			6º		7º

Figura nº 31 – Ocorrência e seqüência dos movimentos retóricos

Como pode ser verificado no quadro acima, em 24 exemplos (51,06%), na maioria, 6 movimentos compõem os pedidos; em 13/47 (27,65%), 7 movimentos são usados; 3/47 (6,38%) solicitantes de ajuda lançam mão de 5 elementos de organização; 2/47 (4,25%) e-mails utilizam-se de 4 movimentos; e outros 5/47 (10,63%), de 8 movimentos retóricos. Nenhum dos pedidos de ajuda analisados neste corpus, portanto, recorre, em um mesmo pedido de ajuda, a todos os 10 movimentos identificados nesta pesquisa.

Quanto à recorrência de seqüenciação dos elementos de organização retórica, nota-se que a combinação 1 – 2 – 4 – 5 – 8 – 10 (“Revelando o ‘assunto’” + “Abrindo” + “Definindo o ‘campo’” + “Formalizando o pedido” + “Agradecendo” + “Assinando”), com 6 movimentos, é a mais recorrente, com apenas 9/47 exemplos (19,14%), seguida da 1 – 2 – 5 – 4 – 8 – 10 (“Revelando o ‘assunto’” + “Abrindo” + “Formalizando o pedido” + “Definindo o ‘campo’” + “Agradecendo” + “Assinando”) com 6 ocorrências(12,76%). A variedade de diferentes combinações com as quais os movimentos ocorrem pode demonstrar a instabilidade do padrão organizacional do gênero.

4.2.6 – Sobreposição dos movimentos retóricos

Nas seções anteriores, que apresentam e discutem a organização retórica dos pedidos de ajuda enviados à lista de discussão em foco, foram identificados os elementos que organizam o gênero (movimentos e estratégias), a freqüência e a ordenação desses elementos. Tal estudo nos permite perceber que, por vezes, os movimentos se seguem de forma seqüenciada e bem delimitada, como, por exemplo, no PA 09:

1º Movimento: Revelando o ‘assunto’	<i>Demarcação de vozes em textos</i>
2º Movimento: Abrindo	<i>Caros colegas.</i>
5º Movimento: Definindo o ‘campo’	<i>Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a demarcação/ inserção de vozes em textos.</i>
4º Movimento: Formalizando o pedido	<i>Gostaria que me enviassem bibliografia a esse respeito.</i>
8º Movimento: Agradecendo	<i>Obrigada,</i>
10º Movimento: Assinando	<i>(primeiro nome)</i>

Figura nº 32 – Movimentos delimitados

No entanto, a identificação e classificação desses elementos de organização retórica se colocam como tarefa pouco fácil e simples. Por exemplo, entendemos que a expressão “Por favor”, na mensagem a seguir, aqui classificada como “Formalizando o pedido” (4º Movimento), parece também poder exercer a função fática (JACKOBSON, 1995), abrindo a mensagem, o que nos remeteria ao 2º movimento (“Abrindo”):

(PA 03) [...]

POR FAVOR, TENHO TENTADO ENTRAR NA PÁGINA DO [...] E NÃO

TENHO CONSEGUIDO ENTRAR. SERÁ QUE A PÁGINA ESTÁ COM

PROBLEMA? POR ACASO ESSA É MESMO A PÁGINA [...] ?

ATÉ QUANDO VÃO AS INSCRIÇÕES?

Por outro lado, no exemplo a seguir, a mesma expressão, “por favor”, parece se inserir apenas no movimento “Formalizando o pedido”:

(PA 21) *derrapagem verbal*

*Alguém poderia, **por favor**, definir "derrapagem verbal". Li em alguma*

obra do Sírio Possenti, mas não a recuperei mais e não lembro o nome.

Grata, (1º nome)

Em muitos dos pedidos de ajuda nota-se um entrelaçamento dos elementos em uma só enunciação, isto é, nem sempre os movimentos ocorrem de forma sucessiva, estanque e bem delimitada. Além da complexidade em se classificar expressões e alocá-las em movimentos estanques, o fenômeno da interdependência e do entrelaçamento dos movimentos retóricos se tornam evidentes quando, por exemplo, consideramos que uma manifestação de agradecimento pressupõe uma solicitação anterior. Nesse caso, todos os 38 enunciadores que fazem uso do 8º movimento (ver Seção 4.2.3.8) estariam, ao agradecer, reforçando ou reiterando o propósito comunicativo da mensagem anteriormente expresso implícita ou explicitamente.

Afora essa generalização, o reforço da formalização do pedido se encontra mais claramente embricado lexicalmente no agradecimento, em azul, nas seguintes instâncias:

PA	"AGRADECENDO" + "FORMALIZANDO O PEDIDO"
05	<i>Agradeço antecipadamente por sua colaboração.</i>
06	<i>Desde já agradeço a atenção!</i> ⁴⁰
11	<i>Desde já agradeço a ajuda.</i>
12	<i>Agradeço toda e qualquer ajuda.</i>
16	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>
19	<i>Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido.</i>
24	<i>Desde já, agradeço a atenção de todos e todas.</i>
36	<i>Agradeço qualquer informação.</i>
40	<i>Agradeço quaisquer indicações.</i>
45	<i>Obrigada pela atenção.</i>
47	<i>Agradeço antecipadamente a ajudos dos colegas,</i>

Figura nº 33 – Sobreposição do 4º e do 8º movimentos

Essa sobreposição, por vezes, ocasiona a fragmentação dos movimentos, dificultando a identificação do início e do fim de cada elemento de organização retórica, uma vez que os elementos se entrelaçam, por vezes, na mesma sentença, instaurando uma descontinuidade que, mais adiante, é restaurada. Tal fenômeno parece ser mais freqüente nas manifestações de "Formalizando o pedido" (4º movimento) e "Definindo o 'campo'" (5º movimento), em vermelho, como pode ser demonstrado no seguinte quadro:

PA	FORMALIZANDO O PEDIDO + DEFININDO O 'CAMPO'
01	<i>Estou à procura do texto "O colar", de Marina Colassanti. Alguém poderia me ajudar, por favor?</i>
02	<i>ALGUÉM TEM NOTÍCIA DO GELCO? HAVERÁ O EVENTO ESTE ANO? QUANDO? ONDE? QUAL O SITE??</i>
03	<i>POR FAVOR, [...] CELLIP [...] ATÉ QUANDO VÃO AS INSCRIÇÕES? SERÁ QUE A PÁGINA ESTÁ COM PROBLEMA? POR ACASO ESSA É MESMO A PÁGINA [...]?</i>
04	<i>adoro ler a Bíblia e gostaria de saber se a linguagem bíblica poderia ser um corpus a ser pesquisado e o que eu poderia pesquisar. Quero saber a opinião de vocês... Estava pensado em comprovar (ou não) como este livro pode ser usado na atualidade (ou como se adequa ao mundo moderno), apesar de ter sido escrito há muitos anos. O que vocês acham?</i>
05	<i>Gostaria de pedir sua colaboração. Não tomará mais do que 5 minutos, se tanto. Para participar dessa pesquisa é necessário ser usuário do serviço [...]. Para não influenciar os resultados, não posso fazer outros comentários, mas alguma informação poderá ser obtida na página onde se encontra a ferramenta de coleta de dados, que tem o formato de pesquisa de opinião</i>

⁴⁰ "Agradeço a atenção" pode ser considerada uma expressão fixa de fechamento ou um feixe lexical (SHEPHERD, T; ZYNGIER; VIANA, 2006).

	(poll). A página em questão fica no endereço [...] O resultado da pesquisa, que terá a duração de 1 mês (até 11 de julho de 2005), será oportunamente divulgado no site de meu projeto, o Comunicar em [...].
06	<i>a Bíblia poderia ser uma fonte de pesquisa lingüística? De que forma? Estava pensando em comprovar (se é que é possível!) a atualidade da bíblia nos nossos dias. Apesar de ter sido escrita há muito tempo. O que vocês acham? Ou o que eu poderia pesquisar?</i>
07	<i>Alguém possui [...] a 'cartilha' do politicamente correto criada pelo governo e que foi retirada da rede?? Alguém pode me enviá-la?</i>
08	<i>Estou precisando [...] da [...] indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2a língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa.</i>
09	<i>Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre [...] a demarcação/ inserção de vozes em textos. Gostaria que me enviassem bibliografia a esse respeito.</i>
10	<i>estou pesquisando sobre "apagamento e inclusão de preposição", favor indicar referências bibliográficas ou se possuir algum material [...]</i>
11	<i>Peço ajuda de vocês para responder a um questionamento [...] e preciso terminar um exercício sobre funcionalismo. Nesse exercício precisamos analisar o fluxo de informação em orações não encaixadas. [...] surgiu uma dúvida. No período: "Maria passa por uma, duas três portas atrás das quais estão suas alunas", há quantas orações? Todo pronome relativo introduz oração? A oração "atrás das quais estão suas alunas" é subordinada ou não? Foi aí que surgiu uma dúvida.</i>
12	<i>Busco bibliografia sobre a pluralização dos verbos haver e fazer em construções canonicamente consideradas impessoais, tais como: "Haviam 15 pessoas na sala" "Fazem 5 anos que sai de casa."</i>
13	<i>Gostaria de saber quando será o próximo encontro da SIPLE (Sociedade Internacional Português língua estrangeira).</i>
14	<i>[...], os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com os tópicos abaixo, me seria de grande utilidade. Enviarei seis mensagens para a comunidade e por serem itens da base da formação do educador de língua portuguesa, creio que uns respondam se referindo ao(s) bloco(s) de interesse. Esse primeiro é para saber o ponto de vista sobre concepções e práticas sociopedagógicas de leitura e produção de textos: projetos didáticos de leitura e escrita no Ensino Fundamental. [...] sugerir bibliografia a respeito dos tópicos [...]</i>
15	<i>[...], os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com o tópico abaixo, me seria de grande utilidade. Esse segundo é para saber [...] o ponto de vista sobre "texto e ensino de língua portuguesa: coesão, coerência e intertextualidade". [...] sugerir bibliografia, atividades etc a respeito do tópico, [...].</i>
16	<i>Estamos realizando uma pesquisa na área da semântica. [...] a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas semânticas formal, enunciativa e cognitiva.</i>
17	<i>estou procurando bibliografia sobre a aprendizagem cooperativa ou</i>

	<i>colaborativa (cooperative learning) Estou interessada especificamente em aspectos teóricos da teoria.</i>
18	<i>Por algum motivo que eu desconheço eu parei de receber as msg do [...]. Será que meu status está modificado? Eu gostaria de voltar a receber as msg normalmente por e-mail.</i>
19	<i>Estamos realizando estudos na área de Semântica [...] [...] a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas três semânticas.</i>
20	<i>Alguém teria posicionamento atual sobre a questão das 1000 horas exigidas pelo MEC entre 2002 e 2004, para as faculdades privadas, principalmente? Continuam em vigor ou sofreram alguma modificação? Por favor, quem souber de algo, informe-me.</i>
21	<i>Alguém poderia, por favor, definir "derrapagem verbal".</i>
22	<i>Preciso entrar em contato com o Prof. [...], a respeito de um artigo publicado por ele. Acredito que ele ainda pertença à Comunidade. Nesse caso, peço, se for possível, que entre em contato comigo. Caso contrário, se alguém puder me enviar[o e-mail dele, [...]</i>
23	<i>Gostaria de saber como acontecem os processos de seleção para professores das instituições particulares. [...] estou em busca de um contato para lecionar no [...] nas áreas de inglês (e ou instrumental) ou lingüística/análise do discurso.</i>
24	<i>algum de vocês sabe a quantas anda [...] o Projeto de Lei Aldo Rebelo sobre o uso de estrangeirismos pela imprensa?</i>
25	<i>alguém conhece alguma hipótese plausível para o fato de que principalmente no nordeste os Severino e Severina serem alcunhados de BIU?</i>
26	<i>Em linhas gerais, algum companheiro poderia me explicar (ou fornecer uma fonte de consulta) qual a diferença existente entre a Sociolingüística variacionista e interacionista? Estudo a ocorrência do anglicismo em composições de música brasileira nas parcerias com [...] (aos que interessarem, posso encaminhar meu trabalho para leitura) e preciso identificar qual das duas linhas eu segui em meu raciocínio pode parecer incongruente, mas, juro que eu nem imaginava que existia essas duas linhas (e outras) quando iniciei minha pesquisa.</i>
27	<i>Estou fazendo um trabalho sobre a composicionalidade nas sentenças com o verbo levar, usando o modelo do léxico gerativo. [...] alguma informação sobre estrutura qualia ou papel temático, [...].</i>
28	<i>[...] léxico, mas o conceito do mesmo deverá ser baseado nos estudos da sociolinguística. Preciso de maiores informações sobre PERINI. Alguém poderia indicar algumas bibliografias ou sites sobre o assunto?</i>
29	<i>Estou fazendo um trabalho sobre ISD, se alguém tiver algum artigo do Fillietaz e puder repassar, [...].</i>
30	<i>Peço a ajuda de vocês linguistas para lidar com uma questão: gostaria de saber como vocês caracterizariam cada um desses autores: Bakhtin, Bourdieu, Foucault e Fairclough. São estruturalistas ou pós-estruturalistas? Em poucas palavras, a fim de dar apenas direção, gostaria que explicassem também o porquê das caracterizações.</i>
31	<i>alguém poderia explicar por que o h não forma dígrafo em palavras como humano e hora?</i>
32	<i>Aquí no Brasil, há algum corpus de Língua Portuguesa similar ao British National Corpus? The British National Corpus (BNC) is a 100 million word</i>

	<p><i>collection of samples of written and spoken language from a wide range of sources, designed to represent a wide cross-section of current British English, both spoken and written.</i></p> <p>Poderiam mandar <i>respostas para meu e-mail particular</i>, por favor?</p>
33	<p>estou fazendo um levantamento sobre <i>revistas (online ou em papel) que publicam trabalhos de alunos das graduações em Letras</i>. Quem tiver <i>informações sobre periódicos</i>, por favor, me envie <i>os dados</i>.</p>
34	<p>Ao longo dos anos [...], acabei percebendo que filmes e documentarios nos quais a "linguagem" tenha um papel importante sao um excelente recurso didatico. Estou, por isso, montando uma pequena videoteca, com os filmes que tenho usado. Abaixo, indicarei aqueles de que me lembro, apontando ao lado o tipo de "abordagem" que se pode dar para ele. Gostaria que os colegas enviassem <i>sugestões de outros filmes ou documentários</i>, pois a ideia pode interessar a alguns outros professores.</p>
35	<p>gostaria de saber se alguém possui <i>corpus digitalizado do português arcaico</i>, ou conhece <i>alguma indicação</i>.</p>
36	<p>Gostaria de [...]. <i>[...] sugestões sobre revistas online onde pequenas estórias, que variam de 200 a 3000 palavras, podem ser publicadas. [...] Vejam o e-mail abaixo para maiores detalhes.</i></p>
37	<p>Gostaria de pedir que os amigos da lista <i>mandassem para todos as mensagens, a não ser quando o pedido for para que isso seja feito de forma particular</i>. Digo isso por que vejo questionamentos interessantes, mas nunca vejo as respostas. Isso leva-me a crer que, ou ninguém está respondendo (o que acredito ser quase impossível) ou isso está sendo feito de forma particular!</p>
38	<p>Seria interessante se fosse disponibilizada <i>a referência completa dos filmes</i>, para facilitar a busca.</p>
39	<p>Gostaria de saber se alguém tem acesso às <i>normas de publicação da Revista Colóquio Letras</i>.</p>
40	<p>Procuro <i>estudos sobre o par consecutivo "tanto... que"</i>.</p>
41	<p>[...] estou escrevendo um texto sobre literatura de Goa (minha área de estudo). <i>Escrevi: "De fato, já não somos mestiços de há muito, a começar pela língua, o português, filho bastardo do latim, por sua vez, filho bastardo de uma velha analfabeta, o indo-europeu? Indo-europeu, pode-se ser mais mestiço?"</i> <i>Esta história de "filho bastardo" etc. é válida?? Ou estou escrevendo asneira??</i></p>
42	<p>escrevi um texto que aborda a Lingüística para circulação em uma coluna na internet, mas estou com um pouco receosa de publicar. Como gostaria de divulgar o processo de nossa fala, talvez tenha me excedido e não me interpretado bem. Precisamos dar um maior enfoque para o término do preconceito lingüístico e gostaria de contribuir, lá a minha maneira. Será que podem <i>opinar para que eu libere o texto ?</i></p>
43	<p>Alguém sabe me informar se <i>há algum similar da literatura de cordel na literatura inglesa ou na americana?</i> Caso tenha, existe <i>alguma bibliografia pertinente sobre o assunto?</i></p>
44	<p>alguém teria <i>o conto O espelho - Guimarães Rosa</i> que pudesse me enviar por e-mail?</p>
45	<p>alguém poderia me indicar <i>alguma referência bibliográfica para uma visão breve introdutória à literatura norte-americana?</i></p>
46	<p>Minha monografia é sobre <i>a importância do conhecimento da língua pátria para o bom desempenho dentro da matemática</i>. <i>Quero trabalhar a importância da correta pontuação, do uso adequado</i></p>

	<p><i>dos pronomes, da clareza, da objetividade das questões, e [...] material relacionado a esse assunto.</i></p> <p><i>Se alguém puder me ajudar indicando sites, livros e outros materiais [...].</i></p>
47	<p><i>[...] tive algumas dúvidas levantadas em sala de aula e gostaria de contar com a colaboração dos colegas da CVL para 03 explicações?</i></p> <p><i>1- Na classificação entre essenciais e acidentais a preposição A aparece como essencial. DÚVIDA: o A também pertence a outras classes gramaticais como artigo e pronome, não deveria estar classificada como acidental?</i></p> <p><i>2- Qual o sentido que as preposições abaixo estabelecem??</i></p> <p><i>a) Como não reagir ante tanta desfaçatez?</i></p> <p><i>b) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.</i></p> <p><i>c) Sob certos aspectos, ele está certo.</i></p> <p><i>3- Existe diferença em dizer: dor DE estômago ou dor NO estômago?</i></p>

Figura nº 34 – Formalizando o pedido + Definindo o ‘campo’

Até aqui foram discutidos aspectos relacionados ao “Contexto de Cultura”, termo cunhado por Malinowski (1923), que deu origem ao conceito de gramática sistêmico-funcional de Halliday (2004, p. 46). Analisados detalhadamente os movimentos retóricos e estratégias recorrentes no corpus, passemos, então, ao estudo do Contexto de Situação.

4.3 – O Contexto de Situação

O Contexto de Situação, segundo a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985, p. 3-14), discutido em 2.2.2, se refere a situações específicas dentro de um ambiente sócio-cultural maior. Ele se realiza a partir de três dimensões do discurso que determinam a análise de registro: “Campo”, “Relações” e “Modo”. Assim, a macro-função “experencial” ou “ideacional” determinam o “campo”; a “interpessoal”, as “relações”; a “textual” determina o “modo”.

Importante é ressaltar que, na internet, por se tratar de um meio de comunicação relativamente novo, muitas das convenções que governam os “pedidos de ajuda via lista de discussões” estão ainda em processo de definição. Isso também pode ser verificado através do estudo do “campo do discurso”, das “relações do discurso” e do “modo do discurso” apresentado a seguir.

4.3.1 – O Campo do discurso

Conforme vimos anteriormente, no Capítulo 2, o “Campo do discurso” é a orientação técnica do texto ou o assunto relacionado à função ideacional ou experiencial da língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 12). Neste corpus, os pedidos de ajuda, em sua maioria (24/47 pedidos = 51,06%), se referem a informações bibliográficas (indicações, sugestões, localização e envio) sobre temas que estão sendo pesquisados pelos “listeiros”. Assuntos relacionados a bibliografia são bastante comuns dentro desta comunidade discursiva. Informações que se obtinham, no passado, através de solicitações apenas a colegas mais próximos, íntima e geograficamente, são, na era da internet, solicitadas a pessoas que se agrupam em comunidades virtuais, como pode ser observado:

PAs	CAMPO DO DISCURSO
01, 07	Envio/Localização de material bibliográfico específico
02, 03, 13	Informação sobre evento acadêmico
04, 06	Opinião sobre tema de pesquisa
05	Solicitação de participação em pesquisa
08, 09, 10, 12, 17, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 45, 46	Sugestão/Indicação bibliográfica
11, 16, 19, 21, 25, 27, 30, 31, 41, 47	Esclarecimento de dúvidas
14, 15	Opinião argumentativa sobre tópicos + Sugestão/Indicação bibliográfica
18	Reintegração à lista
20	Informação sobre determinação do MEC
22	Contato com Professor específico
23	Emprego em instituição particular
24	Informação sobre Projeto de Lei
26	Esclarecimento de dúvidas ou Sugestão/Indicação bibliográfica
29, 44	Envio/Localização de material bibliográfico específico
37	Envio de repostas a todos da lista
38	Indicação bibliográfica completa
42	Opinião/Revisão de texto para publicação

Figura nº 35 – O campo do discurso

No levantamento acima, podemos perceber que o objeto de solicitação de ajuda pode se subdividir em basicamente 2 grupos. O primeiro grupo, no qual se localiza grande parte dos pedidos (31/47 pedidos = 65,95%), abrange informações de cunho acadêmico, de um modo geral, bastante simples, desde sugestões bibliográficas e localização de obras específicas à participação em pesquisa pela

internet, passando por informações sobre eventos acadêmicos, processos de seleção de professores, contato com um professor específico, informação sobre determinação do MEC e sobre Projeto de Lei e pedido de reintegração à lista. Duas mensagens, que se incluem nesse primeiro grupo, podem ser consideradas refinamentos de pedidos, i. e., pedidos sobre pedidos anteriores, como foi explicado quando tratamos do 4º movimento em 4.1.3.4 – Formalizando o pedido (grifo nosso):

(PA 37) *Re: filmes sobre lingua(gem) e linguisitca*
*Gostaria de pedir que os amigos da lista **mandassem para todos as mensagens**, a não ser quando o pedido for para que isso seja feito de forma particular. Digo isso por que vejo questionamentos interessantes, mas nunca vejo as respostas. Isso leva-me a crer que, ou ninguém está respondendo (o que acredito ser quase impossível) ou isso está sendo feito de forma particular! Obrigado!!*

(PA 38) *Re: Re: filmes sobre lingua(gem) e linguisitca*
*Seria interessante se fosse disponibilizada **a referência completa dos filmes**, para facilitar a busca.*

No segundo grupo, encontram-se as solicitações consideradas mais complexas, já que exigem maior dedicação e tempo por parte do participante que se disponha a oferecer a ajuda. Esse grupo de pedidos representa 34,04% das mensagens em foco (16/47 pedidos). Em 11 delas são solicitados, por exemplo, esclarecimentos de dúvidas específicas sobre aspectos da língua, como em (grifo nosso):

(PA 21) *derrapagem verbal*
*Alguém poderia, por favor, **definir "derrapagem verbal"**. Li em alguma obra do Sírio Possenti, mas não a recuperei mais e não lembro o nome.*
Grata,

Cabe ressaltar que, além de explicações breves sobre assuntos pouco complexos, são também solicitadas elucidações que exigem explicações bastante elaboradas que se aproximam de “aulas” ou até mesmo de “conferências virtuais” digitalizadas, como no caso de (grifo nosso):

(PA 30) *pedido de informação*
Pessoal,
Peço a ajuda de vocês linguistas para lidar com uma questão: gostaria de

saber como vocês **caracterizariam cada um desses autores:**

Bakhtin, Bourdieu, Foucault e Fairclough.

São estruturalistas ou pós-estruturalistas? Em poucas palavras, a fim de dar apenas direção, gostaria que **explicassem também o porquê das caracterizações.**

Obrigada

Em 2 mensagens, procuram-se opiniões sobre tema para pesquisa; em outros 2 pedidos solicitam-se “Opiniões argumentativas sobre tópicos” e em 1 dos pedidos o solicitante busca alguém que possa fazer uma revisão para publicação de um texto de sua autoria (grifo nosso):

(PA 42) *Opinião sobre o texto*
Bom dia Cevelistas,
*escrevi um texto que aborda a Lingüística para circulação em uma coluna na internet, mas estou com um pouco receosa de publicar. Como gostaria de divulgar o processo de nossa fala, talvez tenha me excedido e não me interpretado bem. Precisamos dar um maior enfoque para o término do preconceito lingüístico e gostaria de contribuir, lá a minha maneira. **Será que podem opinar para que eu libere o texto?***
Segue abaixo.
Muito obrigada,

Como pode ser constatado acima, esses participantes da lista não têm cerimônia em solicitar tipos de ajuda que demandariam um trabalho longo e exaustivo dos participantes que se dispusessem a colaborar com o solicitador.

A identificação do campo do discurso nos pedidos de ajuda acadêmica revela sobremaneira as modificações implementadas pela comunicação mediada pelo computador nas relações interpessoais. Pedidos que antes da era da internet só seriam solicitados a pessoas com as quais tivéssemos algum tipo de vínculo são, atualmente, feitos, aleatoriamente, sem nenhuma cerimônia. A interferência da internet nas relações entre os participantes do discurso é nosso próximo tema.

4.3.2 – As relações do discurso

No que tange às “relações do discurso” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) ou a relação entre participantes, conceito relacionado à macro-função interpessoal da linguagem, podemos notar que há uma variação do modo pelo qual os solicitadores de ajuda se colocam em relação aos outros participantes.

Em estudo preliminar, com corpus-piloto de 14 outros pedidos de ajuda, através do levantamento e cruzamento das expressões utilizadas nas aberturas e nos fechamentos dos e-mails que solicitavam ajuda, observamos a variação e a assimetria no nível de formalidade (DANTAS, 2004b). Expressões como “Olá” e “Beijos”, que nos sugerem uma aproximação íntima entre os participantes, se contrastavam com “Caros professores”, “Prezados listeiros” e “Atenciosamente”. No atual corpus, a partir do qual essa análise foi expandida, se verifica a mesma flutuação.

O quadro abaixo demonstra as formas de se referir aos outros participantes da lista em dois momentos: na abertura e no corpo das mensagens. A terceira coluna exhibe as expressões empregadas no fechamento dos 47 pedidos analisados, a fim de oferecer um cenário que auxilie a interpretação dos dados:

PA	ABRINDO	ENDEREÇAMENTOS NO CORPO DO E-MAIL	FECHANDO
01	<i>Caros amigos da CVL,</i>	<i>alguém</i>	<i>Um gde abraço,</i>
02		<i>alguém</i>	
03	---	---	---
04	<i>Caros cevelistas,</i>	<i>vocês</i>	
05	<i>Prezado colega.</i>		
06	<i>Caro Cevelistas,</i>	<i>vocês</i>	
07	<i>Caros amigos da CVL.</i>	<i>Alguém</i>	<i>Abraço.</i>
08	<i>Olá!</i>	---	---
09	<i>Caros colegas.</i>		
10	<i>olá a todos</i>		
11	<i>Olá, amigos.</i>	<i>vocês</i>	
12	<i>Caros listeros,</i>		<i>Um abraço</i>
13	<i>Caros colegas,</i>		
14	<i>Colegas,</i>	<i>Os dispostos a colaborar [...] Quem puder</i>	<i>Saudações,</i>
15	<i>Colegas,</i>	<i>Os dispostos a colaborar [...] Quem puder</i>	<i>Saudações,</i>
16	---	---	---
17	<i>Prezados cevelistas,</i>		
18	<i>Prezado Sr,</i>		<i>Atenciosamente,</i>
19	<i>Caros colegas,</i>		
20	<i>Caros colegas,</i>	<i>Alguém quem souber [...]</i>	
21		<i>Alguém</i>	
22	<i>Olá.</i>	<i>Alguém</i>	
23	---	---	<i>Aguardo um contato.</i>
24	<i>Caros e caras cevelistas,</i>	<i>Algum de vocês todos e todas</i>	
25	<i>Caros cevelistas,</i>	<i>Alguém</i>	<i>Atte.,</i>
26	<i>Nobres companheiros,</i>	<i>algum companheiro</i>	

27	<i>Caros amigos.</i>	<i>Alguém</i>	
28		<i>Alguém</i>	
29		<i>Alguém</i>	
30	<i>Pessoal,</i>	<i>Vocês lingüistas vocês</i>	
31	<i>Colegas,</i>	<i>Alguém</i>	
32	<i>Prezados colegas da CVL,</i>	<i>Quem tiver informações</i>	
33	<i>Caros colegas,</i>		
34	<i>Colegas</i>	<i>Os colegas</i>	
35	<i>Olá a todos,</i>	<i>alguém</i>	
36	<i>Caros colegas,</i>		
37		<i>Amigos da lista</i>	
38	---	---	---
39	<i>Boa tarde!</i>	<i>alguém</i>	
40	<i>Caríssimos,</i>		
41	<i>Olá,</i>		<i>abraços,</i>
42	<i>Bom dia Cevalistas,</i>		
43	<i>Caros CVelistas,</i>	<i>Alguém</i>	
44	<i>Prezados,</i>	<i>alguém</i>	<i>Abraço,</i>
45	<i>Amigos da CVL,</i>	<i>alguém</i>	
46	<i>Oi, pessoal.</i>	<i>alguém</i>	
47	<i>Caros colegas,</i>	<i>colegas</i>	

Figura nº 36 – As relações do discurso

Como podemos verificar no quadro acima, em alguns pedidos de ajuda (cf PAs 03, 08, 16, 23 e 38) não há menção explícita aos co-enunciadores das mensagens através de substantivos, adjetivos ou pronomes de carácter genérico, o que reflete ainda mais a natureza de indeterminação e imprevisibilidade quanto aos participantes da comunidade discursiva.

As mensagens são enviadas indiscriminadamente a todos os componentes da lista (os co-enunciadores do pedido de ajuda são, efetivamente, não-identificados): um amigo íntimo do enunciador (proximidade máxima), um de seus ex ou atuais professores ou alunos (proximidade relativa) ou, até mesmo, uma pessoa cuja identidade é totalmente desconhecida (distância máxima). Assim, a variação no tom formal ou informal pode ser atribuída à completa falta de conhecimento da identidade dos destinatários das mensagens. Parece-nos que a indefinição da identidade dos co-enunciadores tanto pode desencadear a produção de um pedido de ajuda em tom formal como informal.

As expressões “alguém”, “algun” e “quem” (pronomes de indeterminação), utilizadas no corpo das mensagens para se dirigir à comunidade, salientam aquele carácter de imprevisibilidade de resposta às solicitações.

A variação na padronização, i. e., na normatização e cristalização dos traços lingüísticos, lexicais e gramaticais que caracterizam o gênero “pedido de ajuda acadêmica”, bem como a conseqüente instabilidade no nível de formalidade pertinente a esse gênero podem ser verificadas na variação de, por um lado, “*Olá!*” (PA 08), “*Oi, pessoal.*” (PA 46), “*Olá, amigos.*” (PA 11) ou na referência “*amigos da lista*”, (PA 37) feita no corpo do pedido e, por outro lado, “*Caríssimos,*” (PA 40) e “*Nobres companheiros,*” (PA 26), expressões de abertura.

A julgar pelas expressões “*colegas*” (PAs 5, 9, 13, 14, 15, 19, 20, 31, 32, 33, 34, 36, 3 37) e “*companheiros*” (PA 26) compreende-se que os enunciadores se tratam de professores, solicitando ajuda a outros colegas. Na mensagem de nº 30, chama-nos a atenção a menção a “*Pessoal,*” na abertura, e a “*Vocês lingüistas*” (PA 30), no corpo da mensagem. O enunciador, assim, parece excluir-se do grupo de pesquisadores da Linguagem. Nas demais mensagens, nota-se a ausência de marca de status do solicitador de ajuda a não ser pelo que é mencionado no 3º movimento, “*Apresentando credenciais*” ou no 5º movimento, “*Definindo o ‘campo’*”. A forma de endereçamento aos participantes da comunidade por si só não revela o posicionamento dos autores dentro da escala hierárquica.

No que concerne ao fechamento dos pedidos de ajuda, a mesma instabilidade se faz presente. Note que, enquanto “*Atenciosamente,*” (PA 18) evidencia uma distância considerável entre os membros dessa comunidade, “*Um gde abraco,*” (PA 01) demonstra exatamente o contrário. Esse e outros aspectos relativos às características da oralidade e da escrita no gênero em foco são discutidos a seguir, na terceira e última dimensão do discurso do Contexto de Situação, que trata da macro-função textual.

4.3.3 – O modo do discurso

Como já foi explicitado por ocasião da apresentação da fundamentação teórica, o “campo”, as “relações” e o “modo” do discurso em pedidos de ajuda, via lista de discussão, apresentam uma série de especificidades, imposta, sobretudo, pelo caráter digital.

O terceiro conceito a ser discutido, o “modo do discurso” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 12) está relacionado com o meio de comunicação utilizado no evento comunicativo.

No caso específico dos pedidos de ajuda via lista de discussões, a internet tem, como os outros meios de transmissão de comunicação, influência no conteúdo e na forma como a mensagem é construída. Assim, a rigor, a modalidade de comunicação é a escrita. Porém, através, sobretudo, da análise das escolhas lexicais e gramaticais, verifica-se que várias das características da linguagem oral são utilizadas nos e-mails estudados, bem como em outras mensagens eletronicamente enviadas quer de cunho pessoal ou até mesmo de cunho profissional.

A bem da compreensão do estudo desenvolvido a seguir, retomemos a Figura nº 06, já apresentada anteriormente em 4.2.3 – Pedidos de ajuda: o padrão de organização retórica, com os movimentos retóricos identificados nos 47 e-mails enviados à lista de discussões de 6 de junho a 22 de agosto de 2005, cujo propósito comunicativo é “pedir ajuda”.

	MOVIMENTOS	EXEMPLOS
1º	Revelando o ‘assunto’	<i>Contato com Professor [...] (PA 22)</i>
2º	Abrindo	<i>Caros colegas, (PA 09)</i>
3º	Apresentando credenciais	<i>Graduada em Letras/Inglês Pós Graduada em Língua Portuguesa (PA 26)</i>
4º	Formalizando o pedido	<i>Gostaria de pedir sua colaboração. (PA 05)</i>
5º	Definindo o ‘Campo’	<i>[...] da indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2ª língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa. (PA 08)</i>
6º	Justificando-se	<i>Minha primeira tentativa foi Internet, e não encontrei nada. (PA 12)</i>
7º	Solicitando urgência	<i>[...] com alguma urgência [...] (PA 08)</i>
8º	Agradecendo	<i>Obrigado, (PA 39)</i>
9º	Fechando	<i>Um gde abraço, (PA 01)</i>
10º	Assinando	<i>(nome completo) (PA 16)</i>

Figura nº 06 – Movimentos retóricos

As peculiaridades encontradas em alguns dos movimentos retóricos claramente elucidam o fato de não podermos considerar a fala e a escrita como meios de realização textual estanques e polarizados.

A título de ilustração, elegemos os movimentos 2 (“Abrindo”), 9 (“Fechando”) e 10 (“Assinando”) para, , demonstrar, através de contínuos⁴¹, a variedade de grau de formalidade característica do gênero textual objeto de nossa observação.

Urge ressaltar que o posicionamento e a distribuição das expressões ao longo dos contínuos não têm como base critérios rígidos, constituindo categorias flexíveis, por nós adotadas como falantes nativos de Português. Assim sendo, uma mesma expressão pode ser avaliada como mais ou menos formal.

4.3.3.1 – Na abertura

Como podemos verificar no quadro abaixo, as saudações de abertura de pedidos de ajuda veiculados no suporte “lista de discussão” revelam o sentimento de inclusão do enunciador na comunidade discursiva (JOHNSTONE, 2002, p. 115), podendo variar entre a expressão mais formal (+ F) “Caríssimos” a menos formal (– F) “Olá!”, ou mesmo à ausência (Ø) de endereçamento ainda menos formal.

⁴¹ O uso de um contínuo como representação gráfica das características de oralidade e escrita foi sugerido no curso “Escrita e fala: aspectos metodológicos de pesquisa e ensino”, ministrado por Roncarati (2003). A ordenação das expressões ao longo dos contínuos não se baseia em nenhum critério lingüístico.

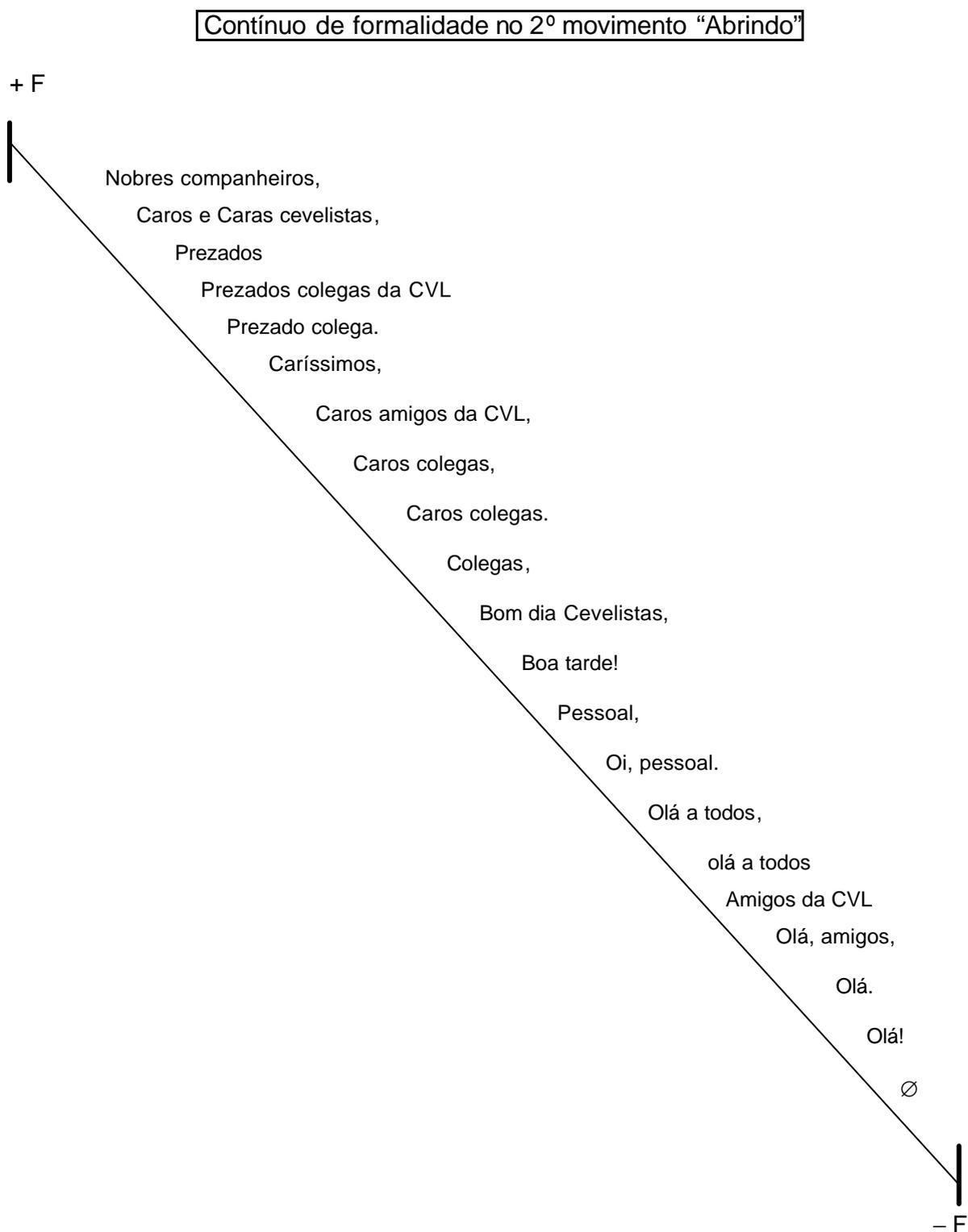


Figura nº 37 – Contínuo de formalidade no 2º movimento

Vale ressaltar, neste momento, o papel da pontuação nas mensagens digitais. No e-mail nº 8, por exemplo, “*Olá!*” revela um traço significativo em função da opção pelo ponto de exclamação utilizado na saudação de abertura (2ª movimento).

Portanto, concluímos que “Olá!”, no PA 08, (uso de ponto de interrogação: menos formal) pode ser localizado mais próximo do pólo de informalidade do que “Olá.”, PA 22, (uso de ponto: mais formal) ou de “Olá,”, PA 41, (uso de vírgula: ainda mais formal). A conclusão a que chegou Hilgert (2000, p. 42) sobre o abuso de pontos de exclamação e de interrogação em chats pode ser aqui também aplicada como uma “tentativa de evocar impressões da interação face a face, dificilmente traduzíveis por escrito.”

4.3.3.2 – No fechamento

Das 47 mensagens analisadas, 10 apresentam expressões de fechamento, 9^o movimento, assim distribuídas no contínuo:

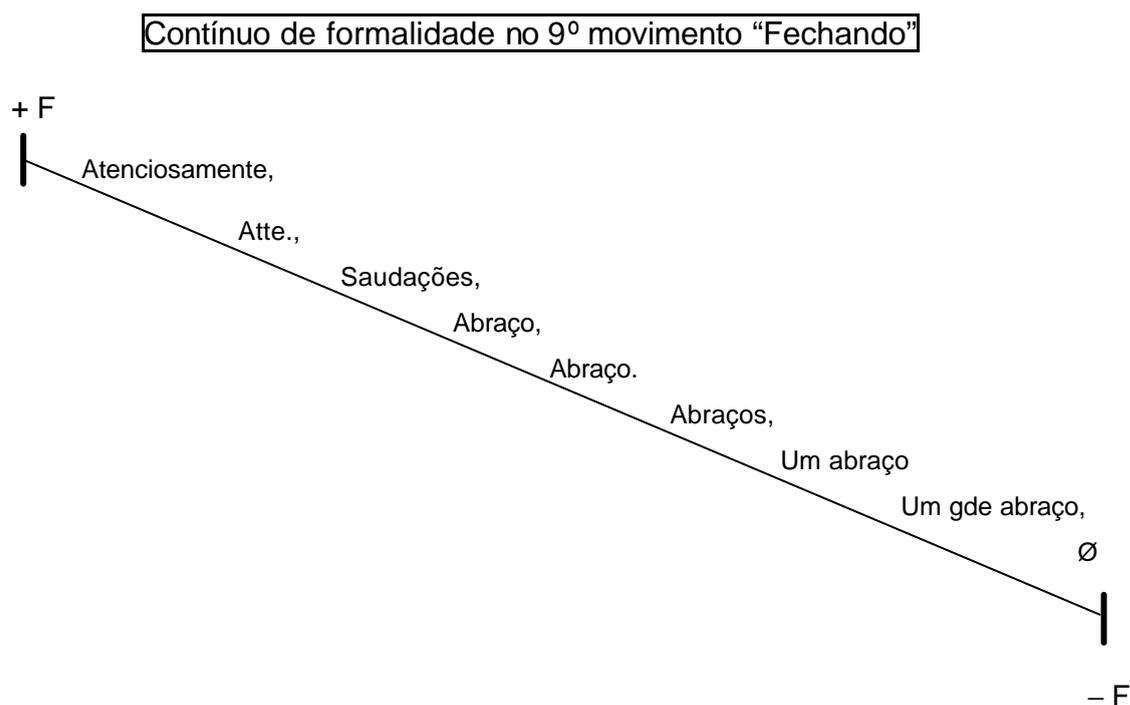


Figura nº 38 – Contínuo de formalidade no 9^o movimento

No movimento acima, além das implicações derivadas da pontuação como em “Um abraço,” (uso de vírgula: menos formal) e “Um abraço.” (uso de ponto: mais formal), ressaltamos a saudação “Atte.”, empregada no PA 25, que pode gerar a seguinte dúvida: a expressão seria uma abreviação de “atenciosamente” ou uma nova grafia própria da comunicação digital para a palavra “até”, já que, como já foi dito

anteriormente (em 4.2.3.9), o mesmo remetente fechou um outro pedido de ajuda com “Até,” usado informalmente, em especial, em conversas face a face.

4.3.3.3 – Na assinatura

O terceiro e último movimento a ser considerado quanto ao nível de formalidade é o 10º movimento, “assinando”. Vale ressaltar que o tipo de estudo e a classificação dos itens que caracterizam este movimento quanto à fala e à escrita devem se enquadrar à classificação proposta anteriormente (Seção 4.2.3.10) quando da análise do movimento propriamente dito.

Por se tratar de um tipo de mensagem que é sempre precedida pelo endereço digital do emissor que, em geral costuma identificar o remetente, a assinatura ao final do e-mail nos parece redundante. No entanto, pode-se interpretar essa redundância como influência do modelo tradicional de “carta”, incorporado automaticamente ao novo suporte digital, cujas normas ainda não estão claras, definidas e nem sedimentadas. Temos, portanto, as seguintes variações no 10º movimento no que tange à assinatura tradicionalmente usada:

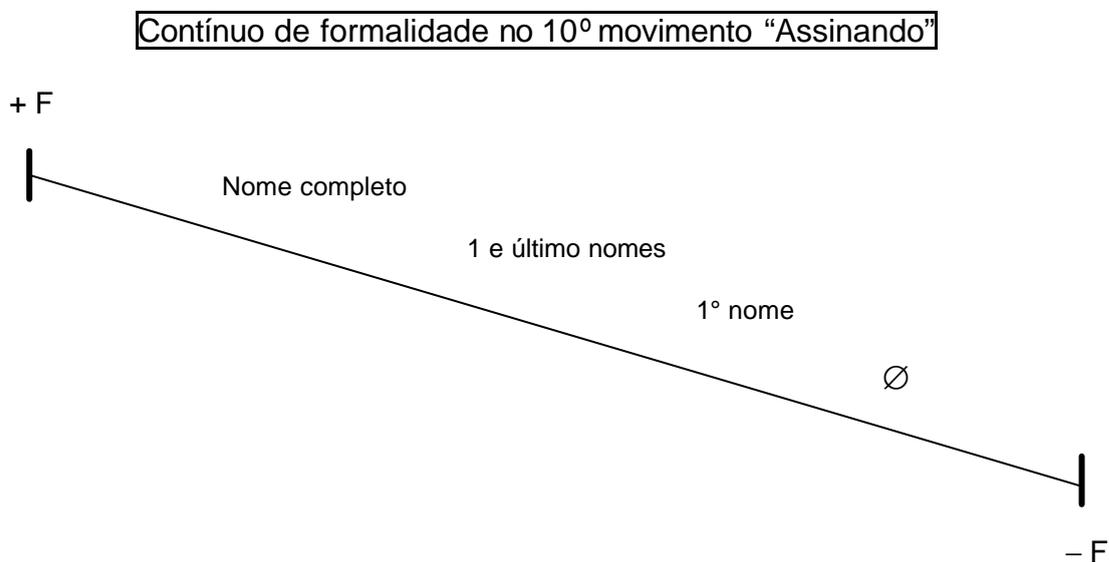


Figura nº 39 – Contínuo de formalidade no 10º movimento (1)

Retomemos, agora, as formas de assinaturas sugeridas em Assinando (4.2.3.10):

- (i) assinatura revelando a identidade do emissor não só no final da mensagem (só 1º nome, 1º e último nomes ou nome completo), como também no cabeçalho através do “nome” e/ou “email”;
- (ii) assinatura revelando a identidade do emissor expressa pelo “nome” e/ou pelo “email” apenas no cabeçalho, (com ausência da assinatura convencionalmente localizada ao final da mensagem);
- (iii) assinatura revelando a identidade do emissor expressa pelo 1º nome, pelo 1º e último nomes ou pelo nome completo apenas no final da mensagem (o endereço eletrônico oculta a identidade);
- (iv) assinatura revelando a identidade do emissor apenas no corpo da mensagem (o cabeçalho (“nome” e “email”) oculta a identidade e não há assinatura convencional ao final da mensagem);
- (v) assinatura revelando apenas a origem da mensagem no cabeçalho através do “nome” e/ou “email” e ocultando a identidade do emissor tanto no “nome” quanto no “email” (remetente oculto).

Entendemos que, em função do grau de formalidade, as modalidades de assinatura nos pedidos de ajuda assim se colocam no contínuo:

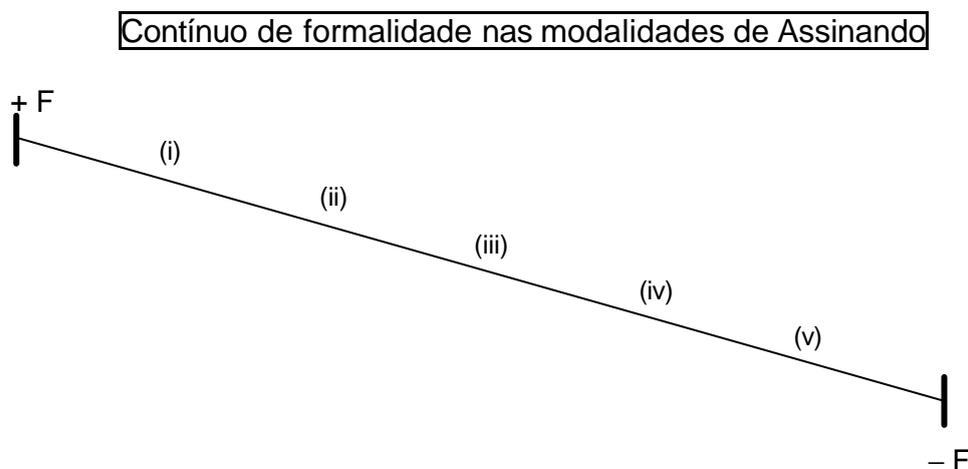


Figura nº 40 – Contínuo de formalidade no 10º movimento (2)

O caráter de indeterminação, gerado pelo fato de que vários interlocutores são, em tese, desconhecidos e têm suas mensagens enviadas a um grande número de destinatários genéricos e indeterminados poderia pressupor a ocorrência de um maior grau de formalidade entre os membros da lista. No entanto, essa hipótese não é confirmada na análise desses elementos de organização retórica. Nota-se, sim, uma indefinição no uso de elementos típicos da fala e da escrita tanto na abertura, quanto no fechamento e na assinatura das mensagens. O uso de traços da fala pode ser interpretado como um recurso de simulação de envolvimento ou como uma estratégia de demonstração de pretensa intimidade ou proximidade.

Após o estudo do grau de formalidade nos movimentos retóricos, passemos a outras características da linguagem digital relevantes para esta análise.

4.3.3.4 – O texto “falado” por escrito

Levando-se em consideração que uma das mais importantes características da linguagem na internet diz respeito à construção do texto “falado” por escrito — título emprestado de Hilgert (2000, p. 18-55) ? , observa-se uma tendência no corpus examinado de desconsideração de edição da mensagem, quer em seus aspectos de digitação, quer em seus aspectos de formulação lingüística.

O exame do corpus revela que, em 27 mensagens (57,44%), ocorrem problemas dessa natureza (digitação, sinais de pontuação, ortografia, uso de letras maiúsculas e minúsculas, redundância e não aplicação de regras de regência e de concordância). Eis alguns desses casos:

- (PA 01) *abraco*
- (PA 10) *estou pesquisando [...], favor indicar [...]*
- (PA 12) *difícil*
- (PA 14) *Quem puder sugerir bibliografia [...], também agradeço.*
- (PA 21) *Alguém poderia, por favor, definir “derrapagem verbal”.*
- (PA 23) *[...] (e ou instrumental)ou [...]*
- (PA 26) *[...] eu nem imaginava que existia essas duas linhas [...]*
- (PA 28) *PRecisam*
- (PA 30) *linguistas*
- (PA 34) *linguisitca*
- (PA 41) *esrevendo*
- (PA 47) *Agradeço [...] a ajudos dos colegas,*

Com efeito, cabe observar que embora os e-mails veiculados em listas de discussão circulem em ambiente digital assíncrono, o imediatismo e a pressão de

tempo a que se sujeita a comunicação digital síncrona (conversação digital em tempo real como em chats) parecem favorecer descuidos ou mesmo ausência de edição (características próprias da linguagem oral) como pôde ser verificado em algumas das mensagens analisadas.

Por outro lado, a representação gráfica da linguagem digital também incorpora vestígios de verbalização intrinsecamente ligados ao caráter fônico e intensificador da fala (velocidade, nuances entonacionais, pausas suspensivas, caixa alta, pontuação enfática) como estratégias intencionais e subjetivas de “re-oralização” (HILGERT, 2000, p. 40-42), como em:

- (PA 01) *um gde abraço,*
 (PA 02) *ALGUÉM TEM NOTÍCIA [...]?*
 (PA 04) *Quero saber a opinião de vocês...*
 (PA 37) *Obrigado!!*
 (PA 45) *Indicação biblio*

Cabe ressaltar que, mesmo em mensagens, como a que se segue, que comporta características de formalidade, observam-se marcas do discurso digital, como a abreviação:

- (PA18) *Recebimento de Msg do CVL*
Prezado Sr,
Por algum motivo que eu desconheço eu parei de receber as msg do CVL.
Será que meu status está modificado? Eu gostaria de voltar a receber as msg normalmente por e-mail.
Atenciosamente,

Portanto, como podemos constatar, muitas vezes a linguagem dos e-mails que compõem nosso material de análise se coloca em posição intermediária no contínuo entre a língua escrita e a falada.

Nossa próxima seção trata de um estudo complementar à Análise de Gênero, baseada nas dimensões textuais de Biber (1988) que, a nosso ver, vem ao encontro dos achados até aqui apresentados e discutidos.

4.4 – As dimensões textuais

Após discutirmos aspectos relevantes sobre a caracterização do gênero em questão, passamos à análise complementar, cuja base é o estudo das dimensões textuais e respectivos traços lingüísticos proposto por Biber (1988).

Como foi visto no Capítulo 2, o estudo de gêneros, segundo Swales (1990, 1992, 2004), prioriza o propósito comunicativo do texto, ratificado por características léxico-gramaticais. A proposta de Biber (1988), também apresentada anteriormente, por outro lado, parte de uma análise micro, baseando-se no levantamento e na análise das marcas gramaticais para identificar as características lingüísticas e, conseqüentemente, a dimensão ou dimensões textuais a que pertence um determinado texto. Neste trabalho, vale ressaltar, a Análise Multidimensional de Biber (1988, 1995) vem agregar valor à Análise de Gênero, teoria que permeia esta pesquisa.

Recapitulando, a classificação de Biber (1988) propõe um inventário de 6 dimensões, cada uma delas caracterizada pela ocorrência de uma série de traços lingüísticos considerados prototípicos: a 1ª dimensão determina se o texto é interativo ou informacional; a 2ª, se o conteúdo é abstrato ou situado (narrado *versus* não-narrado); a 3ª dimensão identifica o estilo reportado ou imediato; a 4ª, o discurso persuasivo ou não-persuasivo; a 5ª distingue a informação abstrata da não abstrata; por fim, a 6ª caracteriza discursos previamente preparados ou editados sob pressão de tempo.

A fim de aplicarmos a metodologia sugerida por Biber, nossa interpretação baseou-se, sobretudo, e a princípio, no levantamento de traços lingüísticos, realizado automaticamente pelo programa computacional *WordSmith tools* (SCOTT, 1996), que exhibe o índice de freqüência lexical de cada item que compõe o corpus (Anexo B), complementado pela localização e interpretação desses traços. Assim, após detalhado exame, chegamos aos traços lingüísticos mais prototípicos e freqüentes. Nos deteremos a examinar, por conseguinte, apenas os traços lingüísticos relevantes no gênero textual com que estamos trabalhando, traços esses que se enquadram na 1ª dimensão, cujo foco é a interatividade, e na 4ª dimensão,

cujo foco é a persuasão: ⁴²

1ª dimensão

- ⇒ pronomes de 1ª e 2ª p.
- ⇒ tempo presente
- ⇒ perguntas diretas

4ª dimensão

- ⇒ verbos modais
- ⇒ tempo futuro
- ⇒ construções condicionais

Na 1ª dimensão, cabe ressaltar que a investigação quanto à ocorrência dos pronomes merece especial atenção, uma vez que seu uso na função de sujeito da oração na Língua Inglesa — na qual Biber se baseou para determinar as propriedades das dimensões — e na Língua Portuguesa apresenta uma diferença fundamental: em Inglês, o verbo pode não indicar flexão de pessoa e o sujeito é geralmente explicitado através do pronome; em Português, o sujeito pode vir não preenchido (desinencial: implícito na desinência verbal, ou subentendido no contexto). Logo, além da ocorrência dos pronomes preenchidos, demonstramos, ainda, a dos pronomes não preenchidos de 1ª p. (eu e nós) levantada manualmente, que, por sinal, conta com 108 exemplos (ver Tabela nº 07).

É também importante frisar que o uso de sujeito de 1ª p. não preenchido é freqüente na Língua Portuguesa, falada e escrita, assim como nos e-mails analisados. Em apenas um deles (PA 18) todos os sujeitos apresentam-se preenchidos. Tal uso pode ter uma motivação funcional, podendo ser interpretado como um recurso discursivo para enfatizar a exclusão do solicitante da lista de discussão (grifo nosso):

(PA 18) *Prezado Sr,
Por algum motivo que **eu** desconheço **eu** parei de receber as msg do CVL.
Será que meu status está modificado? **Eu** gostaria de voltar a receber as msg
normalmente por e-mail.
Atenciosamente,*

⁴² A modalização, apontada por Biber na 1ª e, mais especificamente, na 4ª dimensão, será por nós analisada, mais adiante, sob a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional.

Além do levantamento e da análise dos pronomes de 1ª e 2ª p., como sugere Biber, procedemos ainda ao estudo de outros pronomes, recorrentes no gênero em foco, que igualmente se referem ao(s) interlocutor(es), marcando, da mesma forma, a característica de interatividade. Para procedermos a esta análise, recorreremos à Figura nº 32 (já apresentada na Seção 4.3.2 – “Relações do discurso”), que integra a análise do “Contexto de Situação” e levanta as formas de se referir aos outros participantes da lista expressas no corpo dos pedidos de ajuda.

O pronome indefinido *alguém*, designando “alguma pessoa” (AURÉLIO, 2004) ou se referindo a uma pessoa qualquer sem identificá-la (NEVES, 2000, p. 571), em enunciados interrogativos e orações condicionais ou em referência a uma pessoa, sem afirmar que tal pessoa realmente existe (NEVES, p. 571-572) registra 18 ocorrências.

“*Algum de vocês*” e “*algum companheiro*”, dirigindo-se ao indivíduo dentre um grupo de pessoas (NEVES, 2000, p. 542-543), ou a um indivíduo entre dois ou mais (AURÉLIO, 2004), apresenta 1 ocorrência cada.

O pronome *quem*, que faz referência a “pessoa(s) que” (AURÉLIO, 2004), interrogando direta ou indiretamente a identidade de uma pessoa (NEVES, 2000, p. 573), apresenta 4 ocorrências.

Em uma das mensagens, o enunciador se refere a “*todos e todas*”, usando os pronomes indefinidos como núcleos de sintagmas (NEVES, 2000, p. 551), indicando “*todas as pessoas; toda gente; todo o mundo*” (AURÉLIO, 2004), ou seja, para se dirigir a todos e todas os/as participantes da lista, interlocutores em potencial.

Entendemos, portanto, que, nos contextos em que se encontram, os pronomes por nós incluídos nesta 1ª dimensão têm como paráfrases as seguintes expressões nas quais se pressupõe a referência implícita de um pronome de 2ª p., dirigindo-se aos interlocutores:

alguém = alguém de vocês

algum [...] = algum de vocês

quem = quem de vocês

todos e todas = todos e todas vocês

O quadro abaixo demonstra a ocorrência dos pronomes que pertencem à 1ª dimensão no corpus em foco:

Tabela nº 07 – Frequência de pronomes de 1ª e 2ª p.

Pronomes de 1ª p. preenchidos	
<i>eu</i>	8
<i>me</i>	18
<i>meu</i>	6
<i>minha</i>	5
<i>nossa</i>	1
<i>nossos</i>	1
Pronomes de 2ª p. preenchidos	
<i>vocês</i>	7
<i>suas</i>	4
<i>sua</i>	3
Pronomes de 1ª p. não preenchidos	
<i>eu</i>	98
<i>nós</i>	10
<i>alguém</i>	18
<i>algun [...]</i>	2
<i>quem</i>	4
<i>todos e todas</i>	1
Total	186

Ainda na 1ª dimensão, como será detalhado mais adiante, o uso do tempo presente, que incide em 43 dos 47 pedidos de ajuda (91,48%), apresenta 151 ocorrências (ver Tabelas 08 e 10).

As 49 perguntas diretas, incluindo perguntas *qu-*, ocorrem em 22 das 47 (46,8%) mensagens de pedido de ajuda, sendo que o recurso notacional (uso de 2 pontos de interrogação: ??) de pontuação enfática incide em 2 delas (4,25%).

No léxico, podemos destacar os seguintes itens (seguidos do número de ocorrência), cujas frequências se destacam, e que representam, além das perguntas diretas, os traços dessa 1ª dimensão: “*me*” (18), “*estou*” (17), “*agradeço*” (14), “*é*” (10), “*eu*” (8), “*está*” (6), “*há*” (6), “*meu*” (6), “*pode*” (6) e “*minha*” (5).

Portanto, assim se dá a ocorrência dos traços da 1ª dimensão:

Tabela nº 08 – Ocorrência de traços da 1ª dimensão

Pronomes de 1ª p. , 2ª p. etc	186
Tempo presente	151
Perguntas diretas	49
Total	386

Quanto à 4ª dimensão, dentre os traços listados por Biber (1988), nos concentramos em analisar os verbos modais, a referência ao tempo futuro e as construções condicionais, marcas de persuasão que tipificam esta dimensão.

Os verbos classificados como modais em Português (NEVES, 2000, p. 62-63) ocorrem 39 vezes em 22 (46,80%) das 47 mensagens. Em todo o corpus,

encontram-se 19 referências ao tempo futuro em 14 (29,78%) dos pedidos. As construções condicionais (NEVES, 2000, p. 829-861), com 14 ocorrências, incidem em 13 das mensagens (27,65%). Portanto, considerando-se os traços da 4ª dimensão, eis o panorama:

Tabela nº 09 – Ocorrência de traços da 4ª dimensão

Verbos modais	39
Tempo futuro	19
Construções condicionais	14
Total	72

Os traços lingüísticos que tipificam a 4ª dimensão podem ser ilustrados pelo índice de recorrência de “*poderia*” (10 ocorrências), “*puder*” (5 ocorrências) e “*se*” (9 ocorrências como conjunção condicional). O levantamento sugere que tais itens lexicais são prototípicos desta dimensão no gênero em tela.

Como podemos verificar no quadro abaixo, há grande incidência dos traços da 1ª dimensão. A 4ª dimensão também se destaca na análise de pedidos de ajuda via lista de discussão, como atesta o quadro a seguir:

Tabela nº 10 – Freqüência de traços lingüísticos da 1ª e 4ª dimensões

DIMENSÕES	TRAÇOS	N =	%
1ª Dimensão	Pronomes de 1ª, 2ª p.	186/458	40,61
	Tempo presente	151/458	32,97
	Perguntas diretas ⁴³	49/458	10,70
4ª Dimensão	Verbos modais	39/458	8,51
	Tempo futuro	19/458	4,15
	Construções condicionais	14/458	3,06
	N=	458	100

As informações oriundas desse levantamento, de valor para o estudo lingüístico do presente corpus, nos propiciam detectar a co-ocorrência dos traços lingüísticos e, por conseguinte, a multidimensionalidade do gênero. Verifica-se que todas as mensagens estão marcadas por características da 1ª dimensão e 34 (72,34%) dos 47 e-mails apresentam traços tipificadores das duas dimensões simultaneamente.

Portanto, a co-ocorrência dos traços, demonstrada no quadro que se segue, indica que o que efetivamente marca a construção dos pedidos de ajuda em lista de discussão é, sobretudo, o caráter interativo e persuasivo do gênero:

⁴³ No PA 21 o ponto de interrogação foi omitido por descuido do enunciador.

PA	1ª dimensão			4ª dimensão		
	Pronomes 1ª e 2ª p.	Tempo presente	Perguntas diretas	Verbos modais	Tempo futuro	Construções condicionais
01	√	√	√	√		
02	√	√	√		√	
03	√	√	√		√	
04	√	√	√	√		
05	√	√		√	√	√
06	√	√	√	√		√
07	√	√	√	√		
08	√	√				
09	√	√				
10	√	√				√
11	√	√	√	√		
12	√	√			√	
13	√	√			√	√
14	√	√		√	√	
15	√	√		√	√	
16	√	√				
17	√	√				
18	√	√	√		√	
19	√	√				
20	√	√	√			√
21	√	√	√	√		
22	√	√		√		√
23	√	√				
24	√	√	√			
25	√	√	√			
26	√	√	√	√	√	
27	√	√			√	√
28	√	√	√	√	√	
29	√	√		√		√
30	√	√	√			
31	√	√	√	√		
32	√	√	√	√		
33	√	√				√
34	√	√		√	√	
35	√	√				
36	√	√		√		
37	√	√				√
38	√					√
39	√					
40	√	√				
41	√	√	√	√		
42	√	√	√	√	√	
43	√	√	√			√
44	√		√			
45	√		√	√		
46	√	√		√	√	√
47	√	√		√		

Figura nº 41 – Co-ocorrência de traços da 1ª e 4ª dimensões

Como se pôde observar, de um modo geral, as mensagens apresentam pelo menos 1 traço de cada dimensão. Em apenas 13 delas (27,65%) não se verifica a ocorrência dos traços prototípicos da 4ª dimensão.

A título de ilustração, apresentamos as seguintes mensagens (grifo nosso) que empregam os 3 traços da dimensão de interatividade (pronomes de 1ª e 2ª p., tempo presente e perguntas diretas) e 2 traços da dimensão de persuasão (verbos modais e tempo futuro):

- (PA 26) *Sociolinguística variacionista e interacionista*
Nobres companheiros,
*Em linhas gerais, algum companheiro **poderia** me explicar (ou fornecer uma fonte de consulta) qual a diferença existente entre a Sociolinguística variacionista e interacionista ? **Li** alguns textos sobre as duas, (Labov, Bakthin) mas não **consegui** compreender, sobretudo, no que as vertentes se **parecem** e no que elas **convergem**.*
***Estudo** a ocorrência do anglicismo em composições de música brasileira nas parcerias com Aldir Blanc (aos que **interessarem**, **posso** encaminhar **meu** trabalho para leitura) e **preciso** identificar qual das duas linhas **eu** segui em **meu** raciocínio, **pode** parecer incongruente, mas, **juro** que **eu** nem **imaginava** que existia essas duas linhas (e outras) quando iniciei **minha** pesquisa.*
*Desde já **agradeço**,*
- (PA 28) *léxico na sociolinguística*
***Estou** ajudando algumas amigas a realizarem uma pesquisa sobre léxico, mas o conceito do mesmo **deverá** ser baseado nos estudos da sociolinguística. **PRecisam** de maiores informações sobre PERINI. Alguém **poderia** indicar algumas bibliografias ou sites sobre o assunto ?*
Obrigada.
- (PA 42) *Opinião sobre o texto*
Bom dia Cevalistas,
***escrevi** um texto que **aborda** a Linguística para circulação em uma coluna na internet, mas **estou** com um pouco receosa de publicar. Como **gostaria** de divulgar o processo de **nossa** fala, talvez **tenha me** excedido e não **me** interpretado bem. **Precisamos** dar um maior enfoque para o término do preconceito lingüístico e **gostaria** de contribuir, lá a **minha** maneira. **Será** que **podem** opinar para que eu libere o texto ?*
***Segue** abaixo.*
Muito obrigada,

Vejamos também os exemplos (grifo nosso) onde há ocorrência de 2 traços da interatividade ((pronomes de 1ª e 2ª p. e tempo presente) e 3 traços de persuasão (verbos modais, tempo futuro e construções condicionais):

- (PA 05) *Pedido de colaboração em pesquisa (< 5 minutos)*
Prezado colega.
Gostaria** de pedir sua colaboração. Não **tomará** mais do que 5 minutos, **se

tanto.

Para participar dessa pesquisa, é necessário ser usuário do serviço Orkut (www.orkut.com).

*Para não influenciar os resultados, não **posso** fazer outros comentários, mas alguma informação **poderá** ser obtida na página onde se encontra a ferramenta de coleta de dados, que **tem** o formato de pesquisa de opinião (poll). A página em questão **fica** no endereço*

http://www.comunicar.pro.br/poll/

*O resultado da pesquisa, que **terá** a duração de 1 mês (até 11 de julho de 2005), **será** oportunamente divulgado no site de **meu** projeto, o Comunicar em <http://www.comunicar.pro.br> .*

Agradeço antecipadamente por sua colaboração.

(PA 46)

português e matemática

Oi, pessoal.

***Meu** nome é [...], **sou** concluinte de curso de matemática.*

***Minha** monografia é sobre a importância do conhecimento da língua pátria para o bom desempenho dentro da matemática.*

***Quero** trabalhar a importância da correta pontuação, do uso adequado dos pronomes, da clareza, da objetividade das questões, e **estou** tendo dificuldades para encontrar material relacionado a esse assunto.*

***Se** alguém **puder me** ajudar indicando sites, livros e outros materiais **ficarei** muito agradecida.*

Entendemos que a modalidade exerce um papel de relevância no conseguimento da interatividade e, sobretudo, da persuasão nos pedidos de ajuda que estudamos. Dessa forma, além de examinarmos o tema inspirados na Análise Multidimensional (BIBER, 1988), que focaliza a modalidade, sobretudo, na 4ª dimensão⁴⁴, apresentamos, na próxima seção, outros aspectos sobre a modalidade à luz da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

4.5 – A modalidade

Como vimos no Capítulo 2, para a abordagem Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 146-150), a modalidade é definida como “uma região entre o “sim” e o “não”, constrói uma região de incerteza. Para o autor, no sistema de modalidade, há uma possibilidade de escolha entre o pólo negativo e o positivo onde se localizam, por exemplo, o “às vezes” e o “talvez”: É aí que se insere a modalização, aspecto de relevância no processo de troca de comunicação com a finalidade de dar e requisitar bens e serviços ou informações, expressando a

⁴⁴ Biber inclui, também na dimensão que identifica a interatividade, traços que aferem a modalidade no discurso. No entanto, preferimos focalizar a modalidade apenas na 4ª dimensão, onde maior ênfase é dada a essa característica através dos traços selecionados.

atitude do enunciador em relação a ele mesmo, ao co-enunciador ou em relação ao assunto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 107).

As formas modais, freqüentes no discurso oral, em função do caráter mais interacional (MAYBIN; MERCER, 1996, p. 44), por vezes menos “distante”⁴⁵ e formal, são igualmente significativas e recorrentes em nosso corpus. A atenuação da diretividade, i.e., a transmissão do significado não-explicito (TANNEN, 1989, p. 23), constitui uma “estratégia de envolvimento” no discurso que exige a contribuição do co-enunciador na construção mútua do significado (TANNEN, 1989, p. 17-18).

Assim, os significados interpessoais, através dos quais as relações sociais são estabelecidas e mantidas, podem ser verbalizados na Língua Portuguesa e, especificamente, no gênero que investigamos, através de diferentes recursos lingüísticos além daqueles listados por Biber.⁴⁶

A análise das marcas da função interpessoal pode contribuir para a compreensão dos papéis dos interlocutores e das relações sociais dentro do evento comunicativo, através da “calibragem” dada a suas manifestações lingüísticas, a fim de abrandá-las (CABRAL; BARROS, 2005, p. 15-16).

Nos pedidos de ajuda, a construção do significado, i.e., as escolhas léxico-gramaticais, pode ser de valor na consecução do objetivo do enunciador: receber a ajuda solicitada.

Com efeito, espera-se que a explicitação do pedido de ajuda seja verbalizada através de um enunciado na forma interrogativa direta ou indireta. Consideramos que, se, por um lado, o uso de perguntas diretas⁴⁷ revela o caráter de interatividade do discurso, as perguntas indiretas, por outro, transmitem um caráter persuasivo, apelativo. Além das 49 perguntas diretas, detectadas automaticamente pelo programa *WordSmith tools* (SCOTT, 1996) em 22 mensagens (46,80%), há 30 mensagens (63,82%) que utilizam a forma declarativa com a função discursiva de pedir, a fim de atenuar a força dos pedidos. Tal recurso pode ser realizado exclusivamente através de uma pergunta indireta, como em (grifo nosso):

⁴⁵ Aspas dos autores.

⁴⁶ A modalidade na Língua Portuguesa, em outra visão funcionalista, é investigada com profundidade em Neves (1996, p. 166-199 e 2006, p. 151-221).

⁴⁷ Biber (1988, p. 227) afirma que investiga apenas o tipo de interrogativa que pode ser identificado com precisão através de análise automática. Sendo assim, o autor não considera, em sua análise, a ocorrência de perguntas indiretas.

- (PA 08) *Português para estrangeiros*
Olá!
Estou precisando com alguma urgência da indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2ª língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa.
Desde já muito obrigada.

Há casos em que um pedido direto co-ocorre com um indireto: o indireto parece apenas ancorar a intenção de pedir; o direto, reforça a intenção, introduzida pelo indireto (grifo nosso):

- (PA 01) *À procura do texto "O colar", de Marina Colassanti.*
Caros amigos da CVL,
Estou à procura do texto "O colar", de Marina Colassanti. Alguém poderia me ajudar, por favor?
Um gde abraço,

Além desse recurso de modalização, podemos considerar o uso do Futuro de Pretérito do Indicativo, encontrado em 29 das mensagens (61,70%), com 33 ocorrências, como uma escolha relevante que também contribui para a atenuação do ato de pedir. Segundo Cunha e Lindley (1985, p. 450-451), o Futuro do Pretérito é usado “como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo” ou “para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados”. Para Faraco e Moura (1987, p. 239), o Futuro do Pretérito, além de expressar incerteza, “substitui o Presente do Indicativo, para suavizar a impressão de ordem”. Na verdade, o uso do Futuro do Pretérito em Português, tanto na forma declarativa como na interrogativa, seria o equivalente à escolha de formas no passado em Inglês se referindo ao presente, como em *would, could, might* etc (SWAN, 1997, p. 161). Segundo Downing e Locke (1992, p. 360) e Swan (1997), essas formas, usadas em solicitações polidas e indagações, distanciam a ação, tornando a imposição sobre o ouvinte menos direta.

Persuasão e modalização parecem se mesclar nos pedidos de ajuda que analisamos. Entendemos que, no afã de conseguir seu objetivo, o enunciador procura persuadir o co-enunciador se valendo de diferentes recursos que amenizam a força de seu pedido.

Os resultados de nossa pesquisa apontam para o uso de estratégias de persuasão e modalização na maioria das mensagens (95,74%), como demonstra o quadro a seguir com traços da 4ª dimensão (BIBER, 1988), uso de perguntas indiretas e do Futuro do Pretérito do Indicativo:

PA	Verbos modais	Tempo futuro	Construções condicionais	Perguntas indiretas	Futuro do Pretérito
01	√			√	√
02		√			
03		√			
04	√			√	√
05	√	√	√	√	√
06	√		√	√	√
07	√				
08				√	
09				√	√
10			√	√	
11	√			√	
12		√		√	
13		√	√	√	√
14	√	√		√	√
15	√	√		√	√
16				√	
17				√	
18		√		√	√
19				√	
20			√		√
21	√				√
22	√		√	√	√
23				√	√
24					
25					
26	√	√			√
27		√	√	√	
28	√	√			√
29	√		√	√	
30				√	√
31	√				√
32	√				√
33			√		√
34	√	√		√	√
35				√	√
36	√			√	√
37			√	√	√
38			√	√	√
39				√	√
40				√	
41	√				
42	√	√			
43			√		√
44					√
45	√				√
46	√	√	√	√	
47	√			√	√

Figura nº 42 – Co-ocorrência de recursos de modalização

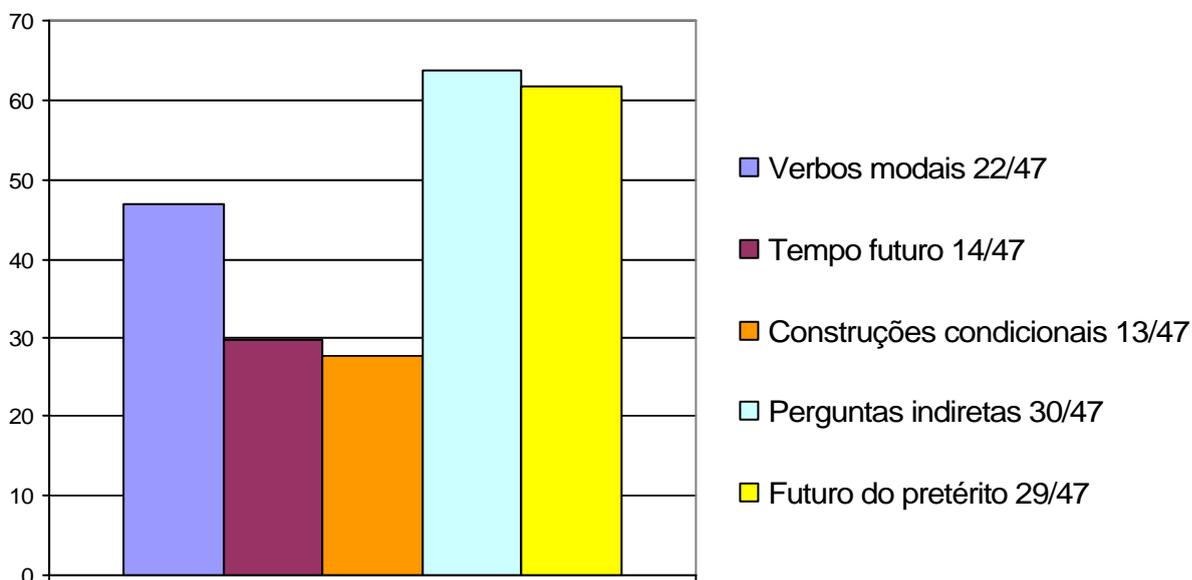
Em apenas 2 das mensagens (4,25%) não há nenhum dos 5 recursos de modalização. Em ambas, o pedido é verbalizado através de sentenças interrogativas, i. e., de perguntas diretas (grifo nosso):

(PA 24) *Projeto de Lei Aldo Rebelo*
Caros e caras cevelistas,
algun de vocês sabe a quantas anda o Projeto de Lei Aldo Rebelo sobre o uso de estrangeirismos pela imprensa?
Desde já, agradeço a atenção de todos e todas

(PA 25) *Severino ou Severina = Biu ?*
Caros cevelistas,
alguém conhece alguma hipótese plausível para o fato de que principalmente no nordeste os Severino e Severina serem alcunhados de BIU?
Atte.,

A considerar a ocorrência de cada uma das 5 estratégias, temos o seguinte quadro:

Tabela nº 11 – Frequência de ocorrência de estratégias de modalização



Notadamente, as formas declarativas com função retórica de pedir e o uso do Futuro do Pretérito do Indicativo, além dos verbos modais, constituem as estratégias mais recorrentes nos pedidos de ajuda digitais veiculados na CVL.

A seguir, demonstramos a freqüência global de estratégias de modalização:

Tabela nº 12 – Freqüência global de estratégias de modalização

Nº DE RECURSOS	Ø	1	2	3	4	5
Nº DE MENSAGENS	2	13	13	9	9	1
%	4,25	27,65	27,65	19,14	19,14	7,69

Verifica-se que há maior concentração no uso de 1 ou 2 recursos de modalização. Em apenas 1 das mensagens o enunciador recorre às 5 estratégias:

- (PA 05) *Pedido de colaboração em pesquisa (< 5 minutos)*
Prezado colega.
Gostaria de pedir sua colaboração. Não **tomará** mais do que 5 minutos, **se tanto**.
 Para participar dessa pesquisa, **é** necessário ser usuário do serviço Orkut (www.orkut.com).
 Para não influenciar os resultados, não **posso** fazer outros comentários, mas alguma informação **poderá** ser obtida na página onde se encontra a ferramenta de coleta de dados, que **tem** o formato de pesquisa de opinião (poll). A página em questão **fica** no endereço <http://www.comunicar.pro.br/poll/>
 O resultado da pesquisa, que **terá** a duração de 1 mês (até 11 de julho de 2005), **será** oportunamente divulgado no site de **meu** projeto, o Comunicar em <http://www.comunicar.pro.br> .
Agradeço antecipadamente por sua colaboração.

O estudo das marcas de formalidade e de informalidade, assim como a análise das estratégias de modalização demonstra a flutuação nesses dois aspectos.

Após a discussão dos resultados obtidos, com base na Análise de Gêneros (SWALES, 1990, 1992, 2004; BHATIA, 1993, 1997, 2004), nos pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1970, 1985, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e na Análise Multidimensional de (BIBER, 1988), passamos ao Capítulo 5, que apresenta os resultados obtidos e os possíveis desdobramentos de nosso estudo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo final apresenta os resultados obtidos na análise das mensagens estudadas, aponta as contribuições desta pesquisa e sugere, ainda, possíveis desdobramentos.

Utilizando-nos de uma metodologia qualitativa, auxiliada e corroborada por dados quantitativos, muitos dos quais obtidos através da ferramenta digital *WordSmith tools* (SCOTT, 1996), procedemos à análise das mensagens eletrônicas, veiculadas em uma lista de discussão onde se reúnem pessoas a fim de discutir aspectos da Linguagem. Neste conjunto de mensagens, nosso interesse se voltou àquelas que solicitam ajuda acadêmica aos membros dessa comunidade virtual.

Com relação à primeira questão desta pesquisa ? O pedido de ajuda veiculado na CVL constituem um gênero? — a resposta é positiva. Com efeito, os resultados nos levam a crer que tais mensagens representam eventos comunicativos que, examinados à luz da Gramática de Gêneros de Swales e Bhatia e da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, apresentam, efetivamente, um propósito comunicativo predominante, um padrão típico de organização retórica e características léxico-gramaticais específicas. Ademais, essas mensagens circulam em uma comunidade discursiva que tem características próprias. Portanto, a exemplo de outros conjuntos de textos, esses e-mails são também passíveis de interpretação sob diferentes enfoques, sendo a Análise de Gêneros e a Gramática Sistêmico-Funcional, assim como a Pragmática, apenas umas dessas abordagens teóricas.

Através da interseção de fundamentos da Análise de Gêneros e da Gramática Funcional, examinamos os traços mais recorrentes do gênero “Pedidos de ajuda acadêmica em lista de discussão digital”, passando pelo estudo de “Contexto de Cultura” e de “Contexto de Situação”.

Na perspectiva do Contexto de Cultura, as características da comunidade discursiva em que o gênero circula oferecem subsídios relevantes para sua compreensão. Listas de discussão configuram, portanto, ambientes ou espaços virtuais onde se reúnem pessoas que compartilham interesses comuns. Assim, como toda lista de discussão digitalmente transmitida, a Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), apesar do título, não constitui uma comunidade virtual propriamente dita; é,

antes, um ponto de encontro virtual que congrega pessoas que compõem uma comunidade discursiva.

Como demonstram os resultados de nossa investigação, muitas das características das mensagens que circulam na CVL revelam, através de marcas lingüísticas, sobretudo nas Relações e no Modo do discurso, o caráter de informalidade gerado pelas facilidades disponíveis na internet, refletindo, provavelmente, o nível de proximidade, pretensa ou não, típica do mundo acadêmico no Brasil, tópico este de interesse para um estudo de Retórica Contrastiva.

O estudo dos propósitos comunicativos, observados nas 234 mensagens, revela a predominância de e-mails que se propõem a informar e a divulgar eventos acadêmicos (58,12%). Não obstante, os pedidos de ajuda somados aos outros gêneros a eles vinculados (oferecer ajuda e agradecer pela ajuda) se colocam em segundo lugar em termos quantitativos (31,19%).

Nossos achados registram, ainda, que o propósito de protestar politicamente (10,69%) que, para alguns autores (e.g. MARCUSCHI, 2004, p. 58-59) pode ser interpretado como um desvirtuamento do papel de listas de discussão, constitui um propósito lícito que reflete, não só características dos membros de uma comunidade, como também um determinado momento social e político. Portanto, a veiculação na CVL de mensagens que tratam de assuntos apenas indiretamente ligados à vida acadêmica, ou que apresentem propósitos comunicativos outros daqueles estritamente relacionados à vida acadêmica pode ser decorrente da falta de cristalização das normas que regem o meio digital e os gêneros digitalmente transmitidos.

Com relação à identificação de um padrão retórico recorrente nos pedidos analisados, o estudo dos 47 e-mails, cujo propósito comunicativo principal é pedir ajuda acadêmica, com base no modelo sugerido por Bhatia (1993, p. 45-75) aplicado a cartas promocionais e a cartas de pedido de emprego, aponta a presença de 10 movimentos retóricos: Revelando o 'assunto', Abrindo, Apresentando credenciais, Formalizando o pedido, Definindo o 'campo', Justificando-se, Solicitando urgência, Agradecendo, Fechando e Assinando.

Desses, a análise do Contexto de Cultura revelou uma distribuição entre movimentos compulsórios ? Revelando o 'assunto', Formalizando o pedido, Definindo o 'campo' e Assinando — e movimentos opcionais ? Abrindo,

Apresentando credenciais, Justificando-se, Solicitando urgência, Agradecendo e Fechando.

A investigação detalhada do padrão de organização retórica aponta as estratégias utilizadas para a realização lingüística desses movimentos. Verificamos, também, que, em alguns dos 47 exemplares, os elementos de organização retórica nem sempre ocorreram de forma bem definida e sucessiva, registrando-se fragmentação e sobreposição de movimentos, especialmente dos movimentos 4º (Formalizando o pedido) e 5º (Definindo o ‘campo’).

A análise do Contexto de Situação, por sua vez, aponta que, relativamente ao “campo do discurso”, há dois grupos de pedidos. Mais freqüentemente, um conjunto de mensagens refere-se à solicitação de indicações, sugestões e materiais bibliográficos, como se poderia esperar em interações de cunho acadêmico que se dão na era digital. O que, no passado, poderia significar um investimento de horas ou dias de pesquisa pode ser conseguido, depois do advento da internet, com um simples pedido endereçado a membros de uma lista de discussão.

Um outro grupo se refere a solicitações mais complexas e que requerem maior elaboração de respostas. O tipo de ajuda solicitada sugere, então, que o mundo virtual propicia uma certa falta de cerimônia nas relações virtuais.

Para tratar das “relações do discurso”, observamos, mais especificamente, a atuação de 2 movimentos (Abrindo e Fechando) e de formas de endereçamento utilizadas no corpo das mensagens. Constatamos que o tom de formalidade e o de informalidade co-ocorrem em alguns dos pedidos analisados. Atribuímos essa flutuação à falta de padronização dos gêneros digitais e à indefinição do co-enunciador, uma vez que as mensagens tanto atingem pessoas conhecidas como desconhecidas do solicitador do pedido de ajuda.

A análise do “modo do discurso” demonstrou o caráter dialógico das relações, marcado pela ocorrência de elementos menos formais ou mais formais, que se situam ao longo de um contínuo, especialmente em três dos movimentos retóricos: Abrindo, Fechando e Assinando. Entretanto, cumpre destacar que a distribuição das marcas lingüísticas utilizadas nesses 3 movimentos, ao longo desse contínuo, baseia-se em nossa intuição como falantes nativos de Português.

No que diz respeito ao posicionamento dos pedidos de ajuda no contínuo entre o discurso oral e o escrito, os resultados também demonstram flutuação de traços, inclusive no interior de uma mesma mensagem.

O fato de que a mensagem é enviada a um grande número de interlocutores indeterminados, muitos deles desconhecidos, pressuporia um certo grau de formalidade, o que, de fato, não confirmamos. Ao contrário, observamos uma forte tendência ao uso de elementos da fala, que pode ser interpretada como uma tentativa de simulação de envolvimento, ou como uma forma de demonstração de pretensa intimidade. No entanto, devemos também observar que a linguagem digital, no contexto social, acadêmico ou profissional, é constituída por gêneros híbridos, como o que aqui focalizamos, uma vez que não há normas de interação estabelecidas e sedimentadas. Verifica-se no contexto digital, portanto, uma variedade de tendências na verbalização do discurso que, de certa forma, justifica o fenômeno lingüístico de construção de mensagens pretensamente íntimas, quando, na realidade, o emissor nem é necessariamente conhecido na comunidade discursiva, ou nem conhece grande parte de seus membros.

No que tange às características do discurso digital, afora o grau de formalidade, observamos que problemas oriundos de falta de revisão (descuidos na digitação, na pontuação, na regência e na concordância), característicos do discurso na internet, sobretudo em conversação síncrona, incidem na maioria das mensagens. Além disso, apesar de pouco freqüente, encontramos algumas representações gráficas que refletem alguns dos recursos utilizados na linguagem oral, como, por exemplo, o uso de maiúsculas e de pontos de exclamação que, para Hilgert (2000, p. 42), é uma tentativa de evocar impressões da interação face a face, dificilmente traduzíveis por escrito. Logo, a comunicação escrita mediada por computador, de um modo geral, é constituída por textos cujas características não se enquadram no discurso escrito propriamente dito; a espontaneidade e a informalidade neles contidos podem os aproximar mais das características consideradas típicas do discurso oral (YATES, 1996, p. 118).

Assim, nossos resultados confirmam a tese de que o suporte material impõe características no gênero (HALLIDAY, 1985; MAINGUENEAU, 2005, p. 68): embora tendo o mesmo suporte digital — o computador ? as características da interação podem variar quando veiculadas em ambientes síncronos ou assíncronos. Um pedido de ajuda, solicitando o empréstimo de um livro a um colega por telefone ou mesmo a um grupo de pessoas que pertença a uma mesma comunidade, feito em um fórum digital de bate-papo, por exemplo, apresenta uma configuração diferente daquela de uma mensagem enviada à CVL, formulando o mesmo pedido.

A análise, portanto, nos possibilita afirmar que o discurso utilizado no gênero em investigação mescla traços da escrita e da oralidade. Coerente com a conversa assíncrona na internet, onde não há premência de tempo, não foram encontrados no corpus examinado outros elementos exclusivamente típicos do discurso digital, como uso de *emoticons*. Se, por um lado, o gênero em foco não retrata o contexto no qual o texto escrito normalmente se dá (com revisão e edição), por outro, também não se assemelha totalmente a uma conversa digitalizada como em chats que representam os sons da fala por escrito. Um cruzamento de dados advindos desta análise com um levantamento do perfil dos enunciadores dos pedidos de ajuda poderia esclarecer, por exemplo, a importância da faixa etária dos membros de uma comunidade discursiva na opção pelo uso de *emoticons*.

Nosso estudo também nos permitiu corroborar os achados da Análise de Gêneros e da Gramática Sistêmico-Funcional através da Análise Multidimensional de Biber (1988), cuja metodologia, que parte de uma listagem de traços prototípicos e os aplica a textos, aparentemente, se contrapõe à análise de Swales (1990), que parte do propósito comunicativo e só então procede à análise léxico-gramatical. No entanto, nossos dados evidenciam que os dois estudos se mostram complementares. Se, por um lado, Swales apresenta uma macro-análise que não possibilita o exame mais detalhado dos elementos que levam à identificação do propósito comunicativo dos gêneros textuais, Biber, por outro lado, parte de uma micro-análise dos traços lingüísticos que indicam as dimensões a que o texto pertence. Logo, a despeito de possivelmente partirem de posições antagônicas, os achados de Biber, de uma certa forma, convergem com os de Swales.

A partir da listagem oferecida pelo software *WordSmith Tools* (SCOTT, 1996), pudemos verificar que características léxico-gramaticais são recorrentes no corpus. Cabe notar que as dimensões predominantes corroboram os resultados obtidos através dos modelos teóricos anteriormente adotados. O caráter multidimensional do gênero pode ser verificado, através da co-ocorrência de traços de interatividade (1ª dimensão) e de persuasão (4ª dimensão), que marcam, efetivamente, a construção de pedidos de ajuda acadêmica nessa lista de discussão em Português, sendo a interatividade mais recorrente, o que confirma o objetivo da CVL expresso em sua homepage: a CVL “tem por objetivo precípua reunir os estudiosos da Linguagem para interagirem e trocarem informações” (grifo nosso). A CVL se constitui, por

consequente, em um foro para veicular gêneros que surgem a partir das necessidades das comunidades.

Finalmente, o exame detalhado do corpus revelou que as relações interpessoais entre aqueles que pedem ajuda e os membros da comunidade estão estreitamente associadas às estratégias de modalização (verbos modais, tempo futuro, construções condicionais, perguntas indiretas e Futuro do Pretérito), que contribuem para atenuar a força do pedido e, conseqüentemente, para atingir o propósito comunicativo.

Além da apresentação dos resultados relevantes de nossa pesquisa, consideramos importante apontar alguns caminhos de desdobramentos. Nesse sentido, o estudo de pedidos de ajuda acadêmica, veiculados em listas de discussão em outras línguas, outras culturas ou em outras comunidades discursivas e áreas do conhecimento diferentes de Linguagens, poderia discutir mais amplamente a tese de que “a [...] prototipicidade para o gênero aparenta ser um conceito ideal que admite um leque de realizações concretas e fica evidente a influência do contexto na definição do que é determinado gênero textual” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 125-126). Nesse viés, os dados poderiam explicar as peculiaridades de distintas realizações do mesmo gênero textual em diferentes contextos comunicativos.

Uma outra área que merece ser investigada diz respeito à motivação do rompimento com as características típicas que se perpetuam nas comunidades em função de seus propósitos comunicativos. O exame do fenômeno da “transmutação dos gêneros”, de acordo com o conceito de Bakhtin (1979, p. 304), ou o “desenvolvimento dos gêneros”, resultado da complexidade interna, das variações, do hibridismo e do dinamismo dos gêneros textuais, segundo Bhatia (2004), que nos levou a coletar um corpus significativo (DANTAS, 2005), pode ser futuramente retomado.

Esse viés pode, ainda, contemplar a questão referente ao nível de consciência do uso de estratégias de manipulação na construção dos pedidos, de modo a que o propósito seja atingido. Uma análise mais detalhada da comunidade envolvida pode também revelar a relação entre a composição do pedido e o status do solicitador perante a comunidade discursiva.

Além disso, com base no atual modelo analítico que colocamos em prática, um estudo comparativo entre a forma como homens e mulheres constroem seus

pedidos e se utilizam de estratégias de modalização e de polidez (TANNEN, 1990; HARRISON, 2000; MILLS, 2003) pode oferecer dados de relevância, confirmando ou rejeitando os achados que obtivemos em estudo anteriormente desenvolvido (DANTAS, 2003).

A verificação da eficiência retórica ou da relação entre as características da construção dos pedidos e o número de respostas obtido pode também ser investigada, a exemplo do que fez Swales (1990), através de questionários aos solicitantes de ajuda, quando investigou essa relação nos pedidos de envio de materiais (*“reprint requests”*).

Além de elencar possibilidades de desdobramento desta tese, queremos, ainda, destacar a importância da análise do gênero em tela neste exato momento histórico. Dada a velocidade com que os meios de comunicação de massa e as mídias eletrônico-digitais se desenvolvem, o surgimento e o desaparecimento de alguns gêneros poderá se tornar realidade. Segundo previsão de Crystal (2001, p. 107), em poucos anos o e-mail apresentará uma variedade lingüística muito maior do que no presente, visto que o mesmo é adaptável e flexível de forma a atender aos diversos propósitos comunicativos. Concordamos com Capurro e Pingel (2002) quando afirmam que as novas modalidades de comunicação disponíveis na internet (TV, rádio e telefone) comprovam que a oralidade na cultura da internet já é indiscutível. Arriscaríamos, também, acreditar que há forte tendência de que a modalidade escrita dê total espaço à oral nos gêneros transmitidos digitalmente, ou que, até mesmo, com o passar dos tempos e com os avanços tecnológicos, surjam outras formas de transmissão de comunicação.

Entendemos, portanto, que a descrição das formais textuais típicas da construção da atividade social de pedir ajuda acadêmica no suporte digital CVL poderá contribuir para uma compreensão mais efetiva e profícua desse gênero que se apresenta como um tipo de “consultoria” a especialistas em diferentes áreas do Estudo da Linguagem, o que seria impossível antes da era digital. O pedido de ajuda e as conseqüentes respostas podem promover a socialização do saber entre membros, nem sempre hierarquicamente iguais, que, através da interação por troca de informação e de materiais acadêmicos, podem se atualizar, se desenvolver e compartilhar conhecimento acadêmico e profissional no mundo globalizado.

Como vimos, esse tipo de ambiência digital é também capaz de moldar as relações pessoais, gerando a aproximação ou reaproximação de pares, encorajando

a iniciação de contato e a interação entre membros de diferentes posições, através de correspondência acadêmica, podendo promover, dessa forma, a inclusão social de não-especialistas e de novatos. Não se pode deixar de lembrar, no entanto, que a internet tão-somente facilita e promove a aproximação virtual das pessoas, mas, em verdade, não desfaz barreiras hierárquicas e desigualdades inerentes a qualquer comunidade, inclusive à “vila global” (“*global village*”), como McLuhan (1962), profeticamente, definiu o estágio contemporâneo da civilização em que vivemos.

Os novos ambientes de comunicação, que emergem dos avanços tecnológicos, por onde circulam textos, refletem a reinvenção da sociedade e das relações pessoais. No mundo virtual, as distâncias geográficas, culturais e sociais transcendem barreiras e o compartilhar de interesses, de informações e de conhecimento se torna realidade. Assim, com o uso cada vez maior da internet, as palavras do visionário Marshall McLuhan em *The Gutenberg galaxy* (1962), citadas no início desta tese, se tornam realidade: “As tecnologias não são simplesmente invenções que as pessoas utilizam, mas são os meios através dos quais elas são reinventadas.”

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. S. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 87-94.

ALVES, I. M. O léxico na língua falada. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH-USP, 1993. p. 157-58.

ANDERSON, B. **Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 1991.

ANGELL, D.; HESLOP, B. **The elements of e-mail style**. New York: Addison-Wesley, 1994.

ANTHONY, L. Implementing genre analysis in a foreign language classroom. **TESOL Matters**, v. 10, n. 3, p. 18-37, 2000.

ARAÚJO, A. D. Uma análise da polifonia discursiva em resenhas críticas acadêmicas. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Baurú, SP: EDUSC, 2002. p. 141-158.

ARAÚJO, J. C. BIASI-RODRIGUES, B. A Natureza Hipertextual do Gênero *Chat* Aberto. In: XAVIER, A. C. dos S.; SANTOS, C. F. *E-fórum* na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na Internet**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005. p. 48-62.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied linguistics**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2002.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, jan. 2006.

AURÉLIO B. H. F. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**: O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3. ed., 2004. 1. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI Edição eletrônica autorizada à Positivo Informática. CD-ROM.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, M. (1979) Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BAZERMAN, C. **Constructing experience**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1994.

_____. The life of genre, the life in the classroom. In: BISHOP, W; OSTRUM, H. **Genre and writing**. Portsmouth, NH: Boynton/Cook. 1997. p. 19-26.

BEAUFORT, A. **Writing in the real world: making the transition from school to work**. New York: Teachers College Press, 1998.

BECHARA, E. *Moderna gramática Portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. Edição revisada e ampliada.

BELL, A.; GARRETT, P. (Org.) **Approaches to media discourse**. Oxford: Blackwell. 1998.

BERBARE, A. P. Crítica de cinema: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola. In: **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, São Paulo: Cabral, 2002. p. 41-58.

BEX, T. **Variety in English ? texts in society: societies in text**. London: Routledge, 1996.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BEZERRA, P. P. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

_____. Genre-mixing in academic introduction. **English for specific purposes**, Pergamon, 16, 3, p. 181-195, 1997.

_____. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum, 2004.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **Dimensions of register variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____ et al. **Longman grammar of spoken and written English**. London: Longman, 1999.

_____. Lexical bundles in academic speech and writing. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. (Org.) **Practical applications in language and computers**. Frankfurt: Peter Lang, 2004. p 165-178.

_____; CONRAD, S.; CORTES, V. If you look at...: lexical bundles in university teaching and textbooks. **Applied linguistics**, vol. 25, n. 3, pp. 371- 405, 2004.
BOLTER, J. D. **Writing space: the computer, hypertext, and the history of writing**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1991.

BRANDÃO, H. N. (Coord.) Texto, gêneros do discurso e ensino. In: **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo, Cortez, 2001.

BROWN, G.; YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BURNS, A.; JOYCE, H.; GOLLIN, S. 'I see what you mean': using spoken discourse in the classroom: a handbook for teachers. Sydney: Macquarie, 1996.

BUTT, D. et al. **Using functional grammar**. Sydney: Macquarie, 1997.

CABRAL, S. R. S.; BARROS, N. C. A. de. Polidez e função interpessoal: uma análise de gênero. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Gêneros textuais: teoria e práticas II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p. 11-20.

CALDEIRA, J. R. **A redação de vestibular como gênero: configuração textual e processo social**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) — Departamento de Letras, PUC-RIO, 2006.

CAMERON, D. et al. **Researching language: issues of power and method**. Londres: Routledge, 1992.

CAPURRO, R.; PINGEL, C. Ethical issues of online communication research. In: **Ethics and information technology** (2002) v. 4, n. 3, p. 189-194.
Disponível em: <http://www.nyu.edu/projects/nissenbaum/ethics_cap_full.html>
Acesso em: 6 mar. 2006.

CARDOSO, Z. C. Check-in: um gênero familiar para recepcionista de hotel. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 143-153, 2003.

CARVALHO, G. **Resenhas/reviews: da ação entre amigos ao apontador de defeitos (Um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em inglês e em português)**. 2002. 207f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2002. Orientador Prof. Dr. David Shepherd.

CARVALHO, K. R. R. **Apresentações orais de trabalhos científicos na especialidade de pneumologia**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

CHANDLER, D. Personal Home Pages and the Construction of Identities on the Web. 1998. Disponível em:
<<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html>> Acesso em: 3 fev. 2005.

CHAUDRON, C. **Second language classrooms: research on teaching and learning**. New York: Cambridge University Press, 1988.

CHRISTIE, F. Genres and institutions: functional perspectives on educational discourse. **Encyclopedia of language and education**, Dordrecht: Kluwer academic publishers, 2007. No prelo.

COLINO, A. C. V. **Reflexão profissional em um grupo de discussão on-line: dialogando com o outro**. 2003. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. J. **The politics of a conversation: conversational inference in discussion**. Berkeley: Berkeley Cognitive Science Report, no. 23, 1984.

CORNBLEET, S.; CARTER, R. **The language of speech and writing**. London: Routledge, 2001.

CRISTÓVÃO, V. L. L. **Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático**. 2001. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

CRYSTAL, D. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CUNHA, C.; LINDLEY, L. F. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CVL Comunidade Virtual da Linguagem. Lista de Discussão. Disponível em <<http://groups.yahoo.com/group/CVL>>.

DANTAS, R. A. Socorro listeiros!. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 17, E SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INSTRUMENTAIS, 5, 2003, Uberlândia : UFU. **Resumos...**, Uberlândia: UFU, 2003, p. 21.

_____. Movimentos retóricos em pedidos de ajuda em lista de discussão em Português. In: **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004a.

_____. Pedidos de ajuda em lista de discussão em português: entre a fala e a escrita. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 18, E SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INSTRUMENTAIS, 6, 2004b. UCSAL, Salvador, Bahia, **Resumos...** Salvador: UCSAL, 2004b, p. 35.

_____. Pedidos digitais de ajuda: a relativa estabilidade do gênero. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 19, E SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUAS INSTRUMENTAIS, 7, 2005. São Paulo: PUC. **Resumos...** São Paulo: PUC, 2005, p. 40-41.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research.** 2nd ed. London: Sage, 2000.

DEVITT, A. J. Genre as a language standard. In: BISHOP, W. ; OSTRUM, H. (Ed.) **Genre and writing.** Portsmouth, NH: Boynton/Cook, 1997. p. 45-55.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DITTMANN, J. Einleitung – Was ist, zu welchen zwecken und wie treiben wir Konversationsanalyse? In: **Arbeiten zur Konversationsanalyse.** Tübingen: Max Niemeyer, 1979.

DOWNING, A.; LOCKE, P. **A university course in English grammar.** Hemel Hempstead: Prentice Hall International, 1992.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional analysis.** London: Pinter, 1994.

_____ ; SLADE, D. **Analyzing casual conversation.** London: Cassel, 1997.

ERVIN-TRIPP, S. How to make and understand a request. In: PARRET, H.; SBISA, M.; VERSCHUEREN, J. (Ed.) **Possibilities and limitations of pragmatics.** Amsterdam: John Benjamins, 1981.

EYSENBACH, G.; TILL, J. E. Ethical issues in qualitative research on internet communities. 2001. **BMJ** 323:1103-1105.

Disponível em: <<http://bmj.bmjournals.com/cgi/content/full/323/7321/1103>>
Acesso em: 6 mar 2006.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Gramática.** Rio de Janeiro: Ática, 1987.

FARIA, S. B. B. **O discurso nas cartas dos leitores**. 2003. 312 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2003. Orientador Prof. Dr. David Shepherd.

FEDDERHOLT, K. An email exchange project between non-native speakers of English. **ELT Journal**. v. 55/3, p. 273-280, July 2001.

FERREIRA BRITO, L; MACEDO, A. Características dos pedidos em português. **Anais do Encontro Nacional de Lingüística**. Rio de Janeiro, PUC, 1985.

FIRTH, J. R. Personality and language in society. In: **Papers in linguistics: 1934-1951**. London: Oxford University Press, 1950.

FISHELOV, D. **Meaphors of genre: the role of analogies in genre theory**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1993.

FONSECA, S. M. D. Questões dissertativas de provas como um instrumento para o desenvolvimento de leitura e produção escrita no ensino superior. In: **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, SP: Cabral, 2002. p. 119-139.

FONTES, M. C. M. O chat como gênero digital. **Revista SymposiuM**, Ano 5. n. 1 jan.-jun 2001. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3214/3214.PDF> Acesso em: 3 jan. 2006.

FRANK, D. **Grammatik und Konversation**. Königstein: Scriptor, 1980.

FRANKEL, M. S. ; SIANG, S. **Ethical and legal aspects of human subjects research on the internet: a report of a workshop**. 1999. Scientific Freedom, Responsibility and Law Program — Doctorate of Science and Policy Programs — American Association for the Advancement of Science, Washington D. C., 1999.

FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J; KRAMER, S. **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 26-38. Coleção Questões da Nossa Época; v. 107.

GAGE, N. The paradigm wars and their aftermath: a 'historical' sketch of research and teaching since 1989. **Educational research**, v. 18, n. 7, p. 4-10, 1989.

GAYDECZKA, B. [mensagem pessoal] Mensagem eletrônica veiculada na CVL em 22 set. 2004.

GIMENEZ, J. C. Business e-mail communication: some emerging tendencies in register. **English for specific purposes**. 19, p. 237-251, 2000.

GOODWIN, C. **Conversational organization: interaction between speakers and hearers**. New York: Academic Press, 1981.

GRUBER, H. Scholarly email discussion list postings: a single new genre of academic communication. In: PEMBERTON, L.; SHURVILLE, S. (Ed.) **Words on the web: computer mediated communication**. Oregon: Intellect books, 2000. p. 36-43.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Do inquiry paradigms imply inquiry methodologies? In: FETTERMAN, D. M. (Ed.) **Qualitative approaches to evaluation in education: the silent scientific revolution**. New York: Praeger, 1988.

_____; _____. Competing paradigms in qualitative research. In: HESSE-BIBER, S. ; LEAVY, P. **Approaches to qualitative research: a reader on theory and practice**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 17-38.

HALE, C. ; SCANLON, J. **Wired style: principles of English usage in the digital age**. New York: Broadway Books, 1999.

HALLIDAY, M.A.K. Language structure and language function. In: LYONS, J. (ed.) **New horizons in linguistics**. England: Penguin, 1970.

_____. Part A. In: HALLIDAY, M. A. M.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social emiotic perspective**. Sydney: Deakon University Press, 1985.

_____. **Spoken and written language**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____ ; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social emiotic perspective**. Sydney: Deakon University Press, 1985.

_____ ; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

_____ ; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd ed. London: Arnold, 2004.

_____ ; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. **The linguistic sciences and language teaching**. London: Longman, 1964.

HARRISON, S. E-mail discussions as conversation: moves and acts in a sample from a listserv discussion. **Linguistik online** 1, 1/1998. Disponível em: <<http://www.linguistik-online.de/harrison.htm>> Acesso em: 15 set. 2003.

_____. Maintaining the virtual community: use of politeness strategies in an email discussion group. IN: PEMBERTON, L. & SHURVILLE, S. (Ed.) **Words on the web**. Oregon, Intellect Books, 2000. p. 69-78.

HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M. A. M.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social emiotic perspective**. Sydney: Deakon University Press, 1985.

HEMAIS, B.; BIAS-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.

HENDGES, G. R. Citando na Internet: um estudo de gênero da revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. In MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Baurú, SP: EDUSC, 2002. p. 117-139.

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 612-634.

HESSE-BIBER, S.; LEAVY, P. Distinguishing qualitative research. In: _____; _____. **Approaches to qualitative research: a reader on theory and practice**. New York: Oxford University Press, 2004.

HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 17-55.

HOLMES, J. Genre analysis in the classroom. In: VII SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 1994, Fortaleza, Ceará. Palestra.

_____. The ecology of texts: intertextuality and genre in EAP reading comprehension. In: Comunicação. SEMINÁRIO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 11, 1998, João Pessoa, Paraíba: CEFET, 1998. Palestra.

HYMES, D. The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T.; STURTEVANT, W. (Ed.) **Anthropology and human behaviour**. Washington D.C.: Anthropological Society of Washington, 1962, p. 15-63.

JAKOBSON, R. Overlapping of code and message in language. **American anthropologist**, v. LXI, n. 5, p. 139-145, 1959.

JOHNSTONE, B. **Discourse analysis**. Oxford : Blackwell, 2002.

JONSSON, E. Electronic discourse: on speech and writing on the Internet. 1997. Luleå University of Technology. Department of Communication and Languages. Disponível em: <<http://ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>> Acesso em: 5 fev. 2005.

KELLER, E. G.: Conversational strategy signals. **Journal of pragmatics**, 3, p. 219-238, 1979.

KILLINGSWORTH, K. J.; GILBERTSON, M. K. **Signs, genres, and communities in technical communication**. Amityville, NJ: Baywood, 1992.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, P.; ÖSTERREICHER, W. **Gesprochene sprache in der Romainia: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen, Niemeyer, 1990.

KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LABOV, W. The Study of Language in its Social Context. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.) **Language and social context**. New York: Penguin Books, 1970. p. 283-308.

LAMB, S. **Pathways of the brain: the neurocognitive basis of language**. Amsterdam: Benjamins, 1999.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 2nd ed. London: Sage, 2000. cap. 6, p. 163-186.

LOCK, G. **Functional English grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.) 2. ed. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p 151 -166.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive languages. In: OGDEN, N; RICHARDS, A. (Ed.). **The meaning of meaning**. London: Kegan Paul, 1923.

MANN, C.; STEWART, F. Introducing online methods. In: HESSE-BIBER, S.; LEAVY, P. (Org.) **Approaches to qualitative research: a reader on theory and practice**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 367-401.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2001a.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. Apresentação. In: ZANOTTO, N. **E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual**. Rio de Janeiro; Caxias do Sul: EDUCS, 2005. p. 7-11.

_____; XAVIER, A. C. Apresentação. In: **Hipertexto e gêneros digitais**. Lucerna. Rio de Janeiro, 2004.

MARKOVA, A. K. **The teaching and mastering of languages**. New York: Sharpe, 1979.

MARTIN, J. R. **Factual writing: exploring and changing social reality**. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.

_____. **English text: system and structure**. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. Grammar meets genre: reflections on the 'Sydney school'. In: SYDNEY UNIVERSITY ARTS ASSOCIATION (Inaugural lecture), Sydney, Australia, 31 Aug. 2000.

_____; ROTHERY, J. What a functional approach to the writing task can show teachers about 'good writing'. In COUTURE, B. (Org.) **Functional approaches to writing: research perspectives**. London; Pinter, 1986.

MAYBIN, J.; MERCER, N. **Using English from conversation to canon**. London: Routledge, 1996.

MAYRING, P. **Introdução à pesquisa social qualitativa: uma introdução para pensar qualitativamente**. 2002, 5th ed. Weinheim: Beltz. Disponível em:
<www.unb.br/ip/lpa/pdf/Mayring010203.pdf>
<www.unb.br/ip/lpa/pdf/Mayring0506073.pdf>.

Mc CARTHY, M.; CARTER, R. **Language as discourse: perspective for language teaching**. London: Routledge, 1994.

McLUHAN, M. **The Gutenberg galaxy: the making of typographic man**. London: Routledge & Kegan Paul, 1962.

MELLO, A. A. Crítica de música: caracterização do gênero para leitura e escrita na escola. In: LOPES-ROSSI, Maria Aparecida (Org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, SP: Cabral, 2002. p. 59-73.

MILLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly journal of speech**, 70, 151-167, 1984.

MILLS, S. **Gender and politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: A linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MONTEIRO, E. O futuro do email. **O Globo**. Rio de Janeiro, INFO etc, p. 1, 21 ago. 2006.

MULHOLLAND, J. E-mail: uses, issues and problems in an institutional setting. In: BARGIELA-CHIAPPINI, F.; NICKERSON, C. (Ed.) **Writing business: genres, media and discourses**. London: Longman, 1999.

MURRAY, D. E. When the medium determines turns: turn-taking in computer conversation. In: COLEMAN (Ed.). **Working with language**. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 1989. p. 319-337.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português falado**. Campinas: UNICAMP, FAPESP, 1996. p. 163-199.

_____. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NICKERSON, C. The use of English in electronic mail in a multinational corporation. In: BARGIELA-CHIAPPINI, F.; NICKERSON, C. (Ed.) **Writing business: genres, media and discourses**. London: Longman, 1999.

NOBLIA, M. V. The computer-mediated communication, a new way of understanding the language. In: **IRISS INTERNATIONAL CONFERENCE '98**, 25-27 March 1998, Bristol, UK. Disponível em: <<http://sosig.ac.uk/iriss/papers/paper22.htm>>. Acesso em 6 mar. 2004.

NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, K. R. P. M. Q. **Manuais didáticos de história: concepção, linguagem e imagens**. 2005. 119 f. (Dissertação) Mestrado em Estudos Lingüísticos — Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2005. Orientadora: Profª Drª Cláudia Roncarati

OLIVEIRA, L. P. **Variação intercultural na escrita: contrastes multidimensionais em inglês e português**. 1997. Tese (Doutoramento em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, LAEL, 1997.

ONUIGBO, W. I. B. The utilization of request-a-print. **Social studies of science**. v. 14, p. 94-6, 1984.

PALTRIDGE, B. **Genre and the language learning classroom**. Michigan: Michigan University Press, 2002.

PEDROSA, C. E. F. 'Frases': caracterização do gênero e aplicação pedagógica. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 151-165.

PEREIRA, M. C. V. F. **The spoken nature of e-mails**. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PORTER, J. E. **Audience and rhetoric: na archaeological composition of the discourse community**. Englewood Cliffs: NJ: Prentice-Hall, 1992.

RAMOS, R. C. G. Gêneros textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos. **The ESpecialist**, v. 25, n. 2, p. 107-129, 2004.

REICHARDT, C. S.; COOK, T. D. Beyond qualitative *versus* quantitative methods. In: COOK, T. D.; REICHARDT, C. S. (Ed.). **Qualitative and quantitative methods**. London: Sage, 1979.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

_____; CORDEIRO, G.S. (Org.) **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: EDUC, 2002.

RONCARATI, C. Escrita e fala: aspectos metodológicos de pesquisa e ensino. Curso de doutorado, ago.-dez. 2003. Notas de aula.

SALGADO, M. G. S. **Toda serra de longe é azul: o discurso da emoção na interação cliente-empresa**. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, V. B. M. P. **Padrões interpessoais no gênero de cartas de negociação**. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **O perfil das comunicações internas escritas de uma empresa brasileira: um estudo de caso sobre o contexto de produção e as realizações discursivas em locais de trabalho**. 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SARDINHA, T. B. **Multidimensional analysis**. *DELTA*. [online]. 2000, vol.16, no.1 [cited 18 June 2006], p.99-127. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000100005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.

SCHLEPPEGRELL, M. J. **The language of schooling: a functional linguistics perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2004.

SCOTT, M. **WordSmith tools**. Versão 2. Oxford: Oxford University Press, 1996.

SEIDL DE MOURA, M.L.; FERREIRA, M. C.; PAINE, P. A. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SEMINÁRIO NACIONAL DO PROJETO ENSINO DE INGLÊS INSTRUMENTAL EM UNIVERSIDADES E ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS BRASILEIRAS, 6, Nov. 1992, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1992.

SHEPHERD, D. A natureza da linguagem escrita em contraste com a linguagem falada. **Letras**, Curitiba, n. 33, p. 145-162, 1984.

_____. **TEFL methods articles: Text analysis and reader interaction.** 1992. 1001 f. Tese. (Doutorado em Língua Inglesa) School of English. University of Durham. Durham, Inglaterra. Setembro de 1992.

SHEPHERD, T. M. G. **A linguistic approach to the description of repeated elements in fringe narratives: principle of organization of prose and filmic text.** 1993. 305f. Tese. (Doutorado em Língua Inglesa) — School of English. Birmingham University, Birmingham, Reino Unido, 1993.

_____; ZYNGIER, S.; VIANA, V. Feixes lexicais e visões de mundo: um estudo sobre corpus. **Matraga**, Rio de Janeiro, n. 19, 2006. No prelo.

SILVA, G. A. P. **As formas de polidez e os recursos atenuadores no ato de pedir no Português do Brasil.** Faculdade de Letras, UFRJ, 1997. mimeo.

SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS (I SIGET), 2003, LONDRINA: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 8 e 9 de novembro de 2003.

SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS (II SIGET), 2004, União da Vitória: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), 4 e 5 de agosto de 2004.

SIMPSON, H The computer war menace shoes, **The Simpsons**, Episódio 12A6 , Fox TV.

SOMERS, H. An attempt to use weighted cusums to identify sublanguages. In: D.M.W. Powers (Ed.) **New methods in language processing and computational natural learning.** ACL, 1998. p.131-139. Disponível em <<http://acl.ldc.upenn.edu/w/w98/w98-1216.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2005.

STUBBE et al. Multiple discourse analyses of a workplace interaction. **Discourse studies**, London: Sage publications, v. 5, n. 3, p. 351-388, 2003.

SUTTON, C. D.; DAVID, M. **Social research: the basics.** London: Sage, 2004.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Plenary lecture at the re-thinking genre colloquium**, Carleton University, Ottawa, April, 1992. final draft.

_____. **Other floors, other voices: a textography of a small university building.** Mahwah: Laurence Erlbaum, 1998.

_____. **Research genre: Exploration and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWAN, M. **Practical English usage.** Oxford: Oxford University Press, 1997.

TANNEN, D. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

_____. **You just don't understand: women and men in conversation**. London, Virago, 1990.

TASHAKKORI, A.; TEDDIE, C. **Mixed methodology: combining qualitative and quantitative approaches**. London: Sage, 1998.

TAVARES, K. C. A. **Aprender a moderar lista de discussão: um estudo na perspectiva da teoria da atividade**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold, 1996.

TODOROV, T. **Genres in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, nº 1890. 02 de fevereiro de 2005.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Qualitative methods: their history in sociology and anthropology. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 2nd ed. London: Sage, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and language**. Editado e traduzido por Eugenia Hanfmann e Gertrude Vakar. New York/London: The M. I. T., 1962.

WALLACE, P. **The psychology of the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WARSCHAUER, M. On-line communication. In: CARTER, R. ; NUNAN, D. **The Cambridge guide to teaching English to speakers of other languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 207-212.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

XAVIER, A. C. S. 2006 Em entrevista disponível na Internet em <<http://www.letramagna.com/entrevistaxavier.htm>> Acesso em 18 jan. 2006.

_____; SANTOS, C. F. *E-fórum* na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na Internet**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005. P. 30-38.

YATES, S. English in cyberspace. In: GOODMAN, Sharon; GRADDOL, David. (Ed.) **Redesigning English: new texts, new identities**. London: Routledge/Oxford University Press, 1996. p. 118-140.

ZANOTTO, M. S. **Metodologia de pesquisa em Lingüística Aplicada**. Minicurso. De 23 a 25 de novembro de 2005. Universidade Federal Fluminense. Informação verbal.

ZANOTTO, N. **E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual**. Rio de Janeiro, Lucerna; Caxias do Sul: Educs, 2005.

7 – ANEXOS

ANEXO A – CORPUS

PA 01

À procura do texto "O colar", de Marina Colassanti.

Caros amigos da CVL,

Estou à procura do texto "O colar", de Marina Colassanti. Alguém poderia me ajudar, por favor?

Um gde abraço,

Prof. [...]

PA 02

GELCO

ALGUÉM TEM NOTÍCIA DO GELCO? HAVERÁ O EVENTO ESTE ANO? QUANDO? ONDE? QUAL O SITE?

PA 03

CELLIP

POR FAVOR, TENHO TENTADO ENTRAR NA PÁGINA DO CELLIP E NÃO TENHO CONSEGUIDO ENTRAR. SERÁ QUE A PÁGINA ESTÁ COM PROBLEMA? POR ACASO ESSA É MESMO A PÁGINA WWW.CELLIP.ORG.BR? ATÉ QUANDO VÃO AS INSCRIÇÕES?

PA 04

O que pesquisar?

Caros cevelistas,

adoro ler a Bíblia e gostaria de saber se a linguagem bíblica poderia ser um corpus a ser pesquisado e o que eu poderia pesquisar.

Quero saber a opinião de vocês...

Estava pensando em comprovar (ou não) como este livro pode ser usado na atualidade (ou como se adequa ao mundo moderno), apesar de ter sido escrito há muitos anos.

O que vocês acham?

Grata,

[...]

PA 05

Pedido de colaboração em pesquisa (< 5 minutos)

Prezado colega.

Gostaria de pedir sua colaboração. Não tomará mais do que 5 minutos, se tanto.

Para participar dessa pesquisa, é necessário ser usuário do serviço Orkut (www.orkut.com).

Para não influenciar os resultados, não posso fazer outros comentários, mas alguma informação poderá ser obtida na página onde se encontra a ferramenta de coleta de dados, que tem o formato de pesquisa de opinião (poll). A página em questão fica no endereço <http://www.comunicar.pro.br/poll/>

O resultado da pesquisa, que terá a duração de 1 mês (até 11 de julho de 2005), será oportunamente divulgado no site de meu projeto, o Comunicar em <http://www.comunicar.pro.br>.

Agradeço antecipadamente por sua colaboração.

[...]

Mestre em Linguística Aplicada

Projeto [...]

Projeto [...]

PA 06

Pesquisa na Bíblia cristã

Caro Cevalistas,

a Bíblia poderia ser uma fonte de pesquisa linguística? De que forma? Estava pensando em comprovar (se é que é possível!) a atualidade da Bíblia nos nossos dias, apesar de ter sido escrita há muito tempo. O que vocês acham? Ou o que eu poderia pesquisar?

Desde já agradeço a atenção!

[...]

PA 07

'cartilha'

Caros amigos da CVL,

Alguém possui a 'cartilha' do politicamente correto criada pelo governo e que foi retirada da rede?

Alguém pode me enviá-la?

Abraço.

[...]

PA 08

Português para estrangeiros

Olá!

Estou precisando com alguma urgência da indicação de bibliografia a respeito do ensino de Português como 2ª língua. Livros, artigos, qualquer coisa me interessa.

Desde já muito obrigada.

[...]

PA 09

Demarcação de vozes em textos

Caros colegas.

Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a demarcação/ inserção de vozes em textos.

Gostaria que me enviassem bibliografia a esse respeito.

Obrigada,

[...]

PA 10

apagamento de preposição

olá a todos

estou pesquisando sobre "apagamento e inclusão de preposição", favor indicar referências bibliográficas ou se possuir algum material.

através do e-mail: [...]

obrigado

PA 11

pronome relativo

Olá, amigos.

Peço ajuda de vocês para responder a um questionamento

Faço mestrado em Lingüística e preciso terminar um exercício sobre funcionalismo.

Nesse exercício precisamos analisar o fluxo de informação em orações não encaixadas. Foi aí que surgiu uma dúvida. No período: "Maria passa por uma, duas três portas atrás das quais estão suas alunas", há quantas orações?

Todo pronome relativo introduz oração? A oração "atrás das quais estão suas alunas" é subordinada ou não?

Desde já agradeço a ajuda.

[...]

PA 12

pluralização dos verbos haver e hacer

Caros listeros,

Busco bibliografia sobre a pluralização dos verbos haver e hacer em construções canonicamente consideradas impessoais, tais como:

"Haviam 15 pessoas na sala"

" Fazem 5 anos que sai de casa."

Minha primeira tentativa foi internet, e nao encontrei nada. Os trabalhos em internet ou enviados por e-mail são valiosos, porque estou em Madrid e encontrar tais materiais impressos, aqui, acredito que sera uma tarefa um tanto dificil.

Agradeço toda e qualquer ajuda.

Um abraço

[...]

PA 13

Siple

Caros colegas,

Gostaria de saber quando será o próximo encontro da SIPLE (Sociedade Internacional Português língua estrangeira). Ouvi dizer que será em São Carlos, no segundo semestre deste ano, mas não consegui obter informações oficiais, já que o site da SIPLE não está funcionando.

Obrigado

[...]

PA 14

Leitura e Escrita (Ponto de Vista I)

Colegas, os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com os tópicos abaixo, me seria de grande utilidade.

Enviarei seis mensagens para a comunidade e por serem itens da base da formação do educador de língua portuguesa, creio que uns respondam se referindo ao(s) bloco(s) de interesse.

Esse primeiro é para saber o ponto de vista sobre concepções e práticas sociopedagógicas de leitura e produção de textos: projetos didáticos de leitura e escrita no Ensino Fundamental.

Quem puder sugerir bibliografia a respeito dos tópicos, também agradeço.

Saudações,

[...]

PA 15

Texto e Ensino de L1: coesão, coerência e intertextualidade (Ponto de Vista II)

Colegas, os dispostos a colaborar em linhas gerais (dando suas opiniões argumentativas, inclusive que idéias devem ser abolidas e quais idéias não podem ser esquecidas de forma alguma) com o tópico abaixo, me seria de grande utilidade.

Esse segundo é para saber o ponto de vista sobre "texto e ensino de língua portuguesa: coesão, coerência e intertextualidade".

Quem puder sugerir bibliografia, atividades etc a respeito do tópico, também agradeço.

Saudações,

[...]

PA 16

SEMÂNTICA

Estamos realizando uma pesquisa na área da semântica. Lemos o artigo de ,Roberta Pires de Oliveira sobre o assunto no volume 2 de Introdução à Linguística, da CORTEZ e não conseguimos entender a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas semânticas formal, enunciativa e cognitiva. Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido. [...]

PA 17

Aprendizagem colaborativa

Prezados cevelistas,
estou procurando bibliografia sobre a aprendizagem cooperativa ou colaborativa (cooperative learning). Estou interessada especificamente em aspectos teóricos da teoria.

Muito obrigada,

[...]

PA 18

Recebimento de Msg do CVL

Prezado Sr,

Por algum motivo que eu desconheço eu parei de receber as msg do CVL. Será que meu status está modificado? Eu gostaria de voltar a receber as msg normalmente por e-mail.

Atenciosamente,

[...]

PA 19

Definições em Semântica Formal, Enunciativa e Cognitiva

Caros colegas,

Estamos realizando estudos na área de Semântica e lemos o capítulo sobre o assunto no livro Introdução à Linguística, da Ed.Cortez. Infelizmente não conseguimos depreender a diferença entre os conceitos de referência, sentido e pressuposição nas três semânticas. Agradecemos qualquer ajuda nesse sentido. [...]

e-mail: [...]

PA 20

E as tais 1000 horas?

Caros colegas,

Alguém teria um posicionamento atual sobre a questão das 1000 horas exigidas pelo MEC entre 2002 e 2004, para as faculdades privadas, principalmente? Continuam em vigor ou sofreram alguma modificação?

Por favor, quem souber de algo, informe-me.

Grata,

[...]

PA 21

derrapagem verbal

Alguém poderia, por favor, definir "derrapagem verbal". Li em alguma obra do Sírio Possenti, mas não a recuperei mais e não lembro o nome.

Grata, [...]

PA 22

Contato com Professor Luiz Carlos Travaglia

Olá.

Preciso entrar em contato com o Prof. Travaglia, a respeito de um artigo publicado por ele.

Acredito que ele ainda pertença à Comunidade. Nesse caso, peço, se for possível, que entre em contato comigo. Caso contrário, se alguém puder me enviar o e-mail dele, agradeceria bastante.

Obrigada.

Profª [...]

(Ituiutaba-MG)

PA 23

teaching position

Gostaria de saber como acontecem os processos de seleção para professores das instituições particulares.

Sou professora de inglês com especialização nos EUA, mestrado na PUC do RS e estou em busca de um contato para lecionar no RJ nas áreas de inglês (e ou instrumental) ou linguística/análise de discurso.

Aguardo um contato.

PA 24

Projeto de Lei Aldo Rebelo

Caros e caras cevelistas,

algun de vocês sabe a quantas anda o Projeto de Lei Aldo Rebelo sobre o uso de estrangeirismos pela imprensa?

Desde já, agradeço a atenção de todos e todas.

[...]

PA 25

Severino ou Severina = Biu ?

Caros cevelistas,

alguém conhece alguma hipótese plausível para o fato de que principalmente no nordeste os Severino e Severina serem alcunhados de BIU?

Atte.,

[...]

PA 26

Sociolinguística variacionista e interacionista

Nobres companheiros,

Em linhas gerais, algum companheiro poderia me explicar (ou fornecer uma fonte de consulta) qual a diferença existente entre a Sociolinguística variacionista e interacionista? Li alguns textos sobre as duas, (Labov, Bakhtin) mas não consegui compreender, sobretudo, no que as vertentes se parecem e no que elas convergem.

Estudo a ocorrência do anglicismo em composições de música brasileira nas parcerias com Aldir Blanc (aos que interessarem, posso encaminhar meu trabalho para leitura) e preciso identificar qual das duas linhas eu segui em meu raciocínio, pode parecer incongruente, mas, juro que eu nem imaginava que existia essas duas linhas (e outras) quando iniciei minha pesquisa.

Desde já agradeço,

[...]

Graduada em Letras/Inglês

Pós graduada em Língua Portuguesa

PA 27

Níveis de representação semântica do verbo levar

Caros amigos.

Estou fazendo um trabalho sobre a composicionalidade nas sentenças com o verbo levar, usando o modelo do léxico gerativo.

Se alguém possuir alguma informação sobre estrutura qualia ou papel temático, ficarei muito agradecida.

[...]

PA 28

léxico na sociolinguística

Estou ajudando algumas amigas a realizarem uma pesquisa sobre léxico, mas o conceito do mesmo deverá ser baseado nos estudos da sociolinguística. Preciso de maiores informações sobre PERINI. Alguém poderia indicar algumas bibliografias ou sites sobre o assunto?

Obrigada. [...]

PA 29

Fillietaz

Estou fazendo um trabalho sobre ISD, se alguém tiver algum artigo do Fillietaz e puder repassar, agradeço.

[...]

PA 30

pedido de informação

Pessoal,

Peço a ajuda de vocês linguistas para lidar com uma questão: gostaria de saber como vocês caracterizariam cada um desses autores:

Bakhtin, Bourdieu, Foucault e Fairclough.

São estruturalistas ou pós-estruturalistas? Em poucas palavras, a fim de dar apenas direção, gostaria que explicassem também o porquê das caracterizações.

Obrigada,

[...]

PA 31

dígrafo

Colegas,

alguém poderia explicar por que o h não forma dígrafo em palavras como humano e hora?

Desde já, agradeço.

PA 32

corpus em português similar ao BNC?

Prezados colegas da CVL,

Aqui no Brasil, há algum corpus de Língua Portuguesa similar ao British National Corpus?

The British National Corpus (BNC) is a 100 million word collection of samples of written and

spoken language from a wide range of sources, designed to represent a wide cross-section of current British English, both spoken and written.

Poderiam mandar respostas para meu e-mail particular, por favor?

Obrigado,

[...]

PA 33

Revistas de Graduação em Letras

Caros colegas, estou fazendo um levantamento sobre revistas (online ou em papel) que publicam trabalhos de alunos das graduações em Letras. Quem tiver informações sobre periódicos, por favor, me envie os dados. Agradeço antecipadamente, [...]

PA 34

filmes sobre lingua(gem) e linguisitca

Colegas

Ao longo dos anos dando aulas de linguisitca e lingua portuguesa para graduacao e pos, acabei percebendo que filmes e documentarios nos quais a "linguagem" tenha um papel importante sao um excelente recurso didatico. Estou, por isso, montando uma pequena videoteca, com os filmes que tenho usado. Abaixo, indicarei aqueles de que me lembro, apontando ao lado o tipo de "abordagem" que se pode dar para ele. Gostaria que os colegas enviassem sugestões de outros filmes ou documentários, pois a ideia pode interessar a alguns outros professores.

Obrigado

1) Lingua - vidas em portugues

--> a lingua portuguesa no mundo

2) Desmundo

--> a formacao da lingua portuguesa no Brasil

3) Memento (Amensia)

--> narrativa, estrutura da narrativa

4) 1,99 - um supermercado que vende palavras

--> resenhas, producao de resenhas

5) 12 homens e uma sentenca

--> argumentacao, recurso argumentativos

6) Nell

--> aquisicao da linguagem, a natureza da linguagem e da gramatica

7) Raizes do Brasil

--> a questao da cultura e da lingua brasileira

8) The human language project

--> o que eh a linguistica, seu projeto de pesquisa

PA 35

textos arcaicos do português

Olá a todos, gostaria de saber se alguém possui corpus digitalizado do português arcaico, ou conhece alguma indicação. Obrigado. André MARques.

[...]

PA 36

Revista para publicação de short stories

Caros colegas,

Gostaria de sugestões sobre revistas online onde pequenas histórias, que variam de 200 a 3000 palavras, podem ser publicadas.

Recebi um e-mail de um americano pedindo informações sobre isso, mas não sei como ajudá-lo. Vejam o e-mail abaixo para maiores detalhes.

Agradeço qualquer informação.

[...]

Dear Dr. Rauber,

In my free time I write short-short stories (less than 3,000 words) and "flash" (less than 1,000 words, some are just 200 words) and "Haiku" (just 17 syllables). Published in "Zoetrope" Short Story Magazine (owned by movie director Francis Ford Coppola - "Godfather" fame.). I wonder if there are any Brazilian on-line magazines which could be interested in these "three minutes" short stories - they all have a plot, characters, and a beginning, middle and an end.

In USA we have "Atlantic", "Salon.com", in Spain there is the "Barcelona" magazine, and in France the "Paris" magazine. These type of stories are big in China and India too.....no idea about Brazil - a big mystery to me.

I apologize I took so much of your valuable time.

Kindest regards,

PA 37

Re: filmes sobre língua(gem) e linguisitca

Gostaria de pedir que os amigos da lista mandassem para todos as mensagens, a não ser quando o pedido for para que isso seja feito de forma particular. Digo isso por que vejo questionamentos interessantes, mas nunca vejo as respostas. Isso leva-me a crer que, ou ninguém está respondendo (o que acredito ser quase impossível) ou isso está sendo feito de forma particular! Obrigado!!

PA 38

Re: Re: filmes sobre língua(gem) e linguisitca

Seria interessante se fosse disponibilizada a referência completa dos filmes, para facilitar a busca.

[...]

PA 39

Colóquio Letras

Boa tarde!

Gostaria de saber se alguém tem acesso às normas de publicação da Revista Colóquio Letras. Obrigado,

[...]

PA 40

Par consecutivo "tanto...que"

Caríssimos,

Procuro estudos sobre o par consecutivo "tanto... que". Agradeço quaisquer indicações.

[...]

PA 41

Português -- língua mestiça?

Olá,

sou da área de literatura e estou escrevendo um texto sobre literatura de Goa (minha área de estudo).

Escrevi: "De fato, já não somos mestiços de há muito, a começar pela língua, o português, filho bastardo do latim, por sua vez, filho bastardo de uma velha analfabeta, o indo-europeu? Indo-europeu, pode-se ser mais mestiço?"

Esta história de "filho bastardo" etc. é válida?? Ou estou escrevendo asneira??

Obrigado, abraços,

[...]

PA 42

Opinião sobre o texto

Bom dia Cevalistas,

escrevi um texto que aborda a Lingüística para circulação em uma coluna na internet, mas estou com um pouco receosa de publicar. Como gostaria de divulgar o processo de nossa fala, talvez tenha me excedido e não me interpretado bem. Precisamos dar um maior enfoque para o término do preconceito lingüístico e gostaria de contribuir, lá a minha maneira. Será que podem opinar para que eu libere o texto?

Segue abaixo.

Muito obrigada,

[...]

Agora é eu!

E não mais que repentinamente escuto uma criança gritar: "agora é eu".

Pode ter "doído" como algumas pessoas estariam propensas a dizer. Mas é tão normal como dizer "agora sou eu". Bom, agora "é eu" mesma quem vai esclarecer.

A língua que falamos no Brasil é chamada de português, como todos nós sabemos, veio de Portugal. O que muitas pessoas ainda não perceberam é que não falamos português de Portugal há muito tempo. Como o português de Portugal mudou há tempos quando veio do latim, nosso idioma também faz o mesmo percurso.

Talvez não tenha ficado claro, mas as mudanças estão presentes no nosso idioma. Quando dizemos "bicha" no Brasil ninguém está se referindo a fila alguma, como seria em Portugal. A pergunta é: Por que isso ocorre?

Bom, a resposta não é simples e só com ela escreveria uma coleção de livros.

A questão principal a se pensar é a seguinte: pense nas dimensões de Portugal (aprox. 92,391 km²). Pense no tamanho do Brasil (aprox. 8.511.965 km²). Pense na Sem contar a distância que separam os dois países e o Oceano Atlântico impossibilitando o fácil acesso. É claro que haveria de ser diferente, o desenvolvimento do idioma torna-se diverso. A progressão de um

não vai ser igual ao outro. Há algo parecido com isso na Geografia chamado "isolamento geográfico".

A língua é impetuosa, ágil, apressada. A fala tende a se reduzir pela versatilidade. Exemplo para isso é o nosso "vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você" e sem contar com as formas orais "ocê" e "cê" e sabe lá qual forma mais pode ser reduzida para agilizar a oralidade.

A intenção de um falante é se expressar e ser compreendido. Atendida essa missão, tudo está bem. Uma criança que diz "agora é eu" está claramente se expressando. Você sabe muito bem que é ela e não você ou eu. E a lógica da criança é clara: se agora "é ele" depois, então, "é eu". O mesmo acontece com uma criança que está aprendendo o idioma e diz "eu sabo". E não ache isso uma horrorosa fabricação do português não. Crianças, e quem não teve realmente acesso a um aprendizado escolar, cometem isso. Tanto em inglês, em francês, em português de Portugal, e tantos e tantos idiomas. Um exemplo em inglês: Quantas pessoas em processo de alfabetização não dizem I goed (ao invés do went)? É assim, generalizamos as regras, se posso chamar assim.

E dizer que é feio, estranho, isso é preconceito. Dos graves. É preconceito lingüístico. Não entender que isso ocorre e que é normal, principalmente associando à classe pobre, dissemina o preconceito social. E é realmente mais fácil discriminar uma pessoa sem posses e sem acesso à educação. Ela terá maior probabilidade de falar a língua não-padrão que alguém com acesso a educação desde a infância.

Bom, e esse tal português não-padrão? Pois é, se é não-padrão quer dizer que tem um padrão. E o padrão é o que ensinam nas escolas, definido como o "mais mais" do idioma. Mas não é assim. O português padrão se tornou a variedade apreciada, gramáticos que o digam, pois foi escolhida como a melhor pelos que tinham poder político, econômico e social de uma época e foi disseminado com a gramática. Mas é apenas uma variedade. Todos falamos a variedade não-padrão e isso é absolutamente normal. Talvez, perceber como você utiliza o não padrão fica mais fácil de não condenar o próximo. Você não diz "dê-me o pão" (ou diz?). Eu voto que você costuma dizer "me dê o pão". Absolutamente normal. Mas para a gramática isso constitui um erro. Pronome oblíquo não deve iniciar frase. Viu? Bem-vindo ao não-padrão companheiro! Outra.... quem em sua consciência chega pro amado e diz: "dar-te-ei meu coração"? Se não for brincadeira eu duvido... Outra... repare em sua fala: você instintivamente vai retirar o "r" dos verbos. Isso ocorre muito. "Vamos comprá um sorvete?" Repare... eu também duvido q você nunca tenho dito "eu coloro"! Du-vi-de-o-do!

Pra gramática isso é chamado erro e ponto final. Mas desde o início do século XIX, com o surgimento da Lingüística, a língua começou a ser estudada cientificamente. A Lingüística mostrou como estudamos em uma gramática atrasada e cheia de regras que necessitam reformulações pela sua real utilidade. Alguns podem ter ficado de cabelo em pé, mas é isso mesmo que precisa acontecer. Precisamos tirar a imagem que o português é uma língua difícil, complicada. Parte disso vincula-se a mídia com seus programas "para aprender a falar certo", "cem dicas para não dar vexame ao falar". O vexame é não entender que todos falamos certo e garanto que não existe um brasileiro lúcido que diz "a gato correu porta". Impossível. Sabemos a estrutura de nossa língua e TODOS sabemos falar português. O que não sabemos, são as sutilezas, regrinhas e mais regrinhas que na prática do dia-dia não escutamos sempre para dominarmos.

Retire a verdade canônica que a gramática impôs. Pense além, reflita. Nosso idioma, como qualquer outro tem dificuldades, mas todos falamos e muito bem.

O preconceito lingüístico esta a tal ponto arraigado a nossa sociedade que chega a ser assustador que ninguém repare. Condene menos e entenda mais. Agora é com você.

PA 43

Cordel

Caros CVelistas,

Alguém sabe me informar se há algum similar da literatura de cordel na literatura inglesa ou na americana?

Caso tenha, existe alguma bibliografia pertinente sobre o assunto?

Obrigada.

[...]

PA 44

Conto O espelho Guimarães Rosa

Prezados, alguém teria o conto O espelho - Guimarães Rosa que pudesse me enviar por e-mail?

--

Abraço,

[...]

PA 45

indicação biblio

Amigos da CVL, alguém poderia me indicar alguma referência bibliográfica para uma visão breve introdutória à literatura norte-americana? Obrigada pela atenção.

PA 46

português e matemática

Oi, pessoal.

Meu nome é [...], sou concluinte de curso de matemática.

Minha monografia é sobre a importância do conhecimento da língua pátria para o bom desempenho dentro da matemática.

Quero trabalhar a importância da correta pontuação, do uso adequado dos pronomes, da clareza, da objetividade das questões, e estou tendo dificuldades para encontrar material relacionado a esse assunto.

Se alguém puder me ajudar indicando sites, livros e outros materiais ficarei muito agradecida.

PA 47

dúvidas-preposição

Caros colegas,

Sou prof. e tive algumas dúvidas levantadas em sala de aula e gostaria de contar com a colaboração dos colegas da CVL para 03 explicações?

1- Na classificação entre essenciais e acidentais a preposição A aparece como essencial.

DÚVIDA: o A também pertence a outras classes gramaticais como artigo e pronome, não deveria estar classificada como acidental?

2- Indicando o sentido da relação que as preposições estabelecem como no exemplo: "Venho de longe, vou para longe."(de: sentido de origem; para: sentido de direção)

Dúvida: Qual o sentido que as preposições abaixo estabelecem??

- a) Como não reagir ante tanta desfaçatez?
 - b) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
 - c) Sob certos aspectos, ele está certo.
- 3- Existe diferença em dizer: dor DE estômago ou dor NO estômago?
Agradeço antecipadamente a ajudos dos colegas,
[...]

ANEXO B – Resultados do *Wordsmith tools*

2.443 palavras no corpus; 877 diferentes (retirados os remetentes e os anexos)

WordSmith Tools -- 18/1/2006 20:32:18

N	Word	Freq.	%
1	DE	114	4,59
2	E	69	2,78
3	A	65	2,62
4	O	53	2,14
5	QUE	53	2,14
6	EM	38	1,53
7	PARA	30	1,21
8	SOBRE	30	1,21
9	DA	28	1,13
10	DO	26	1,05
11	NÃO	24	0,97
12	OU	23	0,93
13	UM	23	0,93
14	COM	20	0,81
15	POR	19	0,77
16	SE	19	0,77
17	ALGUÉM	18	0,73
18	ME	18	0,73
19	ESTOU	17	0,69
20	GOSTARIA	16	0,64
21	CAROS	15	0,60
22	COLEGAS	15	0,60
23	SER	15	0,60
24	AGRADEÇO	14	0,56
25	COMO	14	0,56
26	NO	14	0,56
27	NA	13	0,52
28	OS	13	0,52
29	UMA	12	0,48
30	ALGUMA	11	0,44
31	AS	11	0,44
32	BR	10	0,40
33	É	10	0,40
34	PESQUISA	10	0,40
35	PODERIA	10	0,40
36	LÍNGUA	9	0,36
37	MAIL	9	0,36
38	MAS	9	0,36
39	OBRIGADA	9	0,36
40	PORTUGUÊS	9	0,36
41	SABER	9	0,36
42	DAS	8	0,32
43	DOS	8	0,32

44	EU	8	0,32
45	JÁ	8	0,32
46	OBRIGADO	8	0,32
47	SENTIDO	8	0,32
48	TEXTO	8	0,32
49	ALGUM	7	0,28
50	BIBLIOGRAFIA	7	0,28
51	CVL	7	0,28
52	FAVOR	7	0,28
53	FILMES	7	0,28
54	MUITO	7	0,28
55	VOCÊS	7	0,28
56	À	6	0,24
57	ABAIXO	6	0,24
58	AJUDA	6	0,24
59	AMIGOS	6	0,24
60	AO	6	0,24
61	CEVELISTAS	6	0,24
62	DESDE	6	0,24
63	ENTRE	6	0,24
64	ESTÁ	6	0,24
65	FORMA	6	0,24
66	HÁ	6	0,24
67	ISSO	6	0,24
68	MEU	6	0,24
69	OLÁ	6	0,24
70	PODE	6	0,24
71	PROJETO	6	0,24
72	SERÁ	6	0,24
73	WWW	6	0,24
74	ASSUNTO	5	0,20
75	COMUNICAR	5	0,20
76	CONTATO	5	0,20
77	CORPUS	5	0,20
78	INFORMAÇÃO	5	0,20
79	LETRAS	5	0,20
80	LINHAS	5	0,20
81	LITERATURA	5	0,20
82	MINHA	5	0,20
83	NAS	5	0,20
84	PÁGINA	5	0,20
85	PORTUGUESA	5	0,20
86	PUDER	5	0,20
87	QUAIS	5	0,20
88	QUALQUER	5	0,20
89	QUANDO	5	0,20
90	RESPEITO	5	0,20
91	SEMÂNTICA	5	0,20
92	TEXTOS	5	0,20
93	ÁREA	4	0,16

94	ARTIGO	4	0,16
95	BÍBLIA	4	0,16
96	COLABORAÇÃO	4	0,16
97	DIFERENÇA	4	0,16
98	DUAS	4	0,16
99	ELE	4	0,16
100	ENSINO	4	0,16
101	ESSE	4	0,16
102	IDÉIAS	4	0,16
103	INFORMAÇÕES	4	0,16
104	LEITURA	4	0,16
105	LINGUA	4	0,16
106	LINGUISTICA	4	0,16
107	LINGÜÍSTICA	4	0,16
108	NESSE	4	0,16
109	NOS	4	0,16
110	OPINIÃO	4	0,16
111	OUTROS	4	0,16
112	PODEM	4	0,16
113	PONTO	4	0,16
114	PREPOSIÇÃO	4	0,16
115	PRO	4	0,16
116	PROF	4	0,16
117	QUAL	4	0,16
118	QUEM	4	0,16
119	REFERÊNCIA	4	0,16
120	SOU	4	0,16
121	SUAS	4	0,16
122	TAMBÉM	4	0,16
123	TANTO	4	0,16
124	TODOS	4	0,16
125	VISTA	4	0,16
126	ABRAÇO	3	0,12
127	ACREDITO	3	0,12
128	ALGUMAS	3	0,12
129	ANOS	3	0,12
130	ANTECIPADAMENT+	3	0,12
131	ATENÇÃO	3	0,12
132	BASTARDO	3	0,12
133	CASO	3	0,12
134	CELLIP	3	0,12
135	DANDO	3	0,12
136	DAR	3	0,12
137	DÚVIDA	3	0,12
138	ENTRAR	3	0,12
139	ESCRITA	3	0,12
140	ESTUDOS	3	0,12
141	FAZENDO	3	0,12
142	FILHO	3	0,12
143	FOI	3	0,12

144	GEM	3	0,12
145	GERAIS	3	0,12
146	GRATA	3	0,12
147	INDICAÇÃO	3	0,12
148	INDICAR	3	0,12
149	INGLÊS	3	0,12
150	INTERNET	3	0,12
151	LÉXICO	3	0,12
152	MAIS	3	0,12
153	MATEMÁTICA	3	0,12
154	MSG	3	0,12
155	ONDE	3	0,12
156	PALAVRAS	3	0,12
157	PAPEL	3	0,12
158	PARTICULAR	3	0,12
159	PEÇO	3	0,12
160	PEDIDO	3	0,12
161	PELA	3	0,12
162	PESQUISAR	3	0,12
163	PRECISO	3	0,12
164	PREZADOS	3	0,12
165	PRONOME	3	0,12
166	QUESTÃO	3	0,12
167	REVISTAS	3	0,12
168	SÃO	3	0,12
169	SERIA	3	0,12
170	SIMILAR	3	0,12
171	SIPLE	3	0,12
172	SITE	3	0,12
173	SUA	3	0,12
174	TAIS	3	0,12
175	TEM	3	0,12
176	TENHA	3	0,12
177	TENHO	3	0,12
178	TRABALHO	3	0,12
179	ABOLIDAS	2	0,08
180	ACHAM	2	0,08
181	AGRADECEMOS	2	0,08
182	AGRADECIDA	2	0,08
183	AJUDAR	2	0,08
184	ALDO	2	0,08
185	ALGUNS	2	0,08
186	ALUNAS	2	0,08
187	AMERICANA	2	0,08
188	ANO	2	0,08
189	APAGAMENTO	2	0,08
190	APESAR	2	0,08
191	APRENDIZAGEM	2	0,08
192	AQUI	2	0,08
193	ARGUMENTATIVAS	2	0,08

194	ASPECTOS	2	0,08
195	ATÉ	2	0,08
196	ATRÁS	2	0,08
197	ATUALIDADE	2	0,08
198	BIU	2	0,08
199	BOL	2	0,08
200	BOM	2	0,08
201	BUSCA	2	0,08
202	CARLOS	2	0,08
203	CARTILHA	2	0,08
204	COERÊNCIA	2	0,08
205	COESÃO	2	0,08
206	COGNITIVA	2	0,08
207	COLABORAR	2	0,08
208	COLABORATIVA	2	0,08
209	COLAR	2	0,08
210	COLASSANTI	2	0,08
211	COLÓQUIO	2	0,08
212	COMPROVAR	2	0,08
213	COMUNIDADE	2	0,08
214	CONHECE	2	0,08
215	CONSECUTIVO	2	0,08
216	CONSEGUI	2	0,08
217	CONSEGUIMOS	2	0,08
218	CONTO	2	0,08
219	CORDEL	2	0,08
220	CORTEZ	2	0,08
221	DADOS	2	0,08
222	DEMARCAÇÃO	2	0,08
223	DERRAPAGEM	2	0,08
224	DEVEM	2	0,08
225	DÍGRAFO	2	0,08
226	DIREÇÃO	2	0,08
227	DISPOSTOS	2	0,08
228	DIZER	2	0,08
229	DOR	2	0,08
230	DÚVIDAS	2	0,08
231	ENCONTRAR	2	0,08
232	ENUNCIATIVA	2	0,08
233	ENVIAR	2	0,08
234	ENVIASSEM	2	0,08
235	ESCREVI	2	0,08
236	ESPELHO	2	0,08
237	ESQUECIDAS	2	0,08
238	ESTABELECEM	2	0,08
239	ESTAMOS	2	0,08
240	ESTÃO	2	0,08
241	ESTAVA	2	0,08
242	ESTE	2	0,08
243	ESTÔMAGO	2	0,08

244	ESTRUTURALISTA+	2	0,08
245	ESTUDO	2	0,08
246	ETC	2	0,08
247	EUROPEU	2	0,08
248	EXERCÍCIO	2	0,08
249	EXISTE	2	0,08
250	EXPLICAR	2	0,08
251	FATO	2	0,08
252	FEITO	2	0,08
253	FIGUREI	2	0,08
254	FILLIETAZ	2	0,08
255	FONTE	2	0,08
256	FOR	2	0,08
257	FORMAL	2	0,08
258	GELCO	2	0,08
259	GRADUADA	2	0,08
260	GRANDE	2	0,08
261	GUIMARÃES	2	0,08
262	HACER	2	0,08
263	HAYER	2	0,08
264	HORAS	2	0,08
265	HTTP	2	0,08
266	IMPORTÂNCIA	2	0,08
267	INCLUSIVE	2	0,08
268	INDICANDO	2	0,08
269	INDO	2	0,08
270	INTERACIONISTA	2	0,08
271	INTERTEXTUALID+	2	0,08
272	INTRODUÇÃO	2	0,08
273	LEI	2	0,08
274	LEMBRO	2	0,08
275	LEMO	2	0,08
276	LEVAR	2	0,08
277	LI	2	0,08
278	LINGNET	2	0,08
279	LINGUAGEM	2	0,08
280	LINGUÍSTICA	2	0,08
281	LIVRO	2	0,08
282	LIVROS	2	0,08
283	LONGE	2	0,08
284	MAIORES	2	0,08
285	MARINA	2	0,08
286	MATERIAIS	2	0,08
287	MATERIAL	2	0,08
288	MENSAGENS	2	0,08
289	MESMO	2	0,08
290	MESTRADO	2	0,08
291	MINUTOS	2	0,08
292	NOME	2	0,08
293	ONLINE	2	0,08

294	OPINIÕES	2	0,08
295	ORAÇÃO	2	0,08
296	ORAÇÕES	2	0,08
297	ORKÛT	2	0,08
298	OUTRAS	2	0,08
299	PAR	2	0,08
300	PEDIR	2	0,08
301	PELO	2	0,08
302	PESSOAL	2	0,08
303	PLURALIZAÇÃO	2	0,08
304	POLL	2	0,08
305	PÓS	2	0,08
306	POSSÍVEL	2	0,08
307	POSSO	2	0,08
308	POSSUI	2	0,08
309	POSSUIR	2	0,08
310	PRECISAMOS	2	0,08
311	PREPOSIÇÕES	2	0,08
312	PREZADO	2	0,08
313	PRINCIPALMENTE	2	0,08
314	PROCURA	2	0,08
315	PROFESSORES	2	0,08
316	PUBLICAÇÃO	2	0,08
317	QUANTAS	2	0,08
318	QUERO	2	0,08
319	RE	2	0,08
320	REALIZANDO	2	0,08
321	REBELO	2	0,08
322	RECEBER	2	0,08
323	RELATIVO	2	0,08
324	RESPOSTAS	2	0,08
325	REVISTA	2	0,08
326	ROSA	2	0,08
327	S	2	0,08
328	SABE	2	0,08
329	SALA	2	0,08
330	SAUDAÇÕES	2	0,08
331	SEGUNDO	2	0,08
332	SEMÂNTICAS	2	0,08
333	SEREM	2	0,08
334	SEVERINA	2	0,08
335	SEVERINO	2	0,08
336	SIDO	2	0,08
337	SITES	2	0,08
338	SOCIOLINGUISTI+	2	0,08
339	SOCIOLINGÜÍSTI+	2	0,08
340	SUGERIR	2	0,08
341	SUGESTÕES	2	0,08
342	TER	2	0,08
343	TERIA	2	0,08

344	TIVER	2	0,08
345	TÓPICO	2	0,08
346	TÓPICOS	2	0,08
347	TRABALHOS	2	0,08
348	TRAVAGLIA	2	0,08
349	TRÊS	2	0,08
350	USADO	2	0,08
351	USO	2	0,08
352	UTILIDADE	2	0,08
353	VARIACIONISTA	2	0,08
354	VEJO	2	0,08
355	VERBAL	2	0,08
356	VERBO	2	0,08
357	VERBOS	2	0,08
358	VOZES	2	0,08
359	ABORDA	1	0,04
360	ABORDAGEM	1	0,04
361	ABRACO	1	0,04
362	ABRAÇOS	1	0,04
363	ACABEI	1	0,04
364	ACASO	1	0,04
365	ACESSO	1	0,04
366	ACIDENTAIS	1	0,04
367	ACIDENTAL	1	0,04
368	ACONTECEM	1	0,04
369	ADEQUA	1	0,04
370	ADEQUADO	1	0,04
371	ADORO	1	0,04
372	AGRADECERIA	1	0,04
373	AGUARDO	1	0,04
374	AÍ	1	0,04
375	AINDA	1	0,04
376	AJUDÁ	1	0,04
377	AJUDANDO	1	0,04
378	AJUDOS	1	0,04
379	ALCUNHADOS	1	0,04
380	ALDIR	1	0,04
381	ALGO	1	0,04
382	ALUNOS	1	0,04
383	AMERICANO	1	0,04
384	AMIGAS	1	0,04
385	ANALFABETA	1	0,04
386	ANALISAR	1	0,04
387	ANÁLISE	1	0,04
388	ANDA	1	0,04
389	ANGLICISMO	1	0,04
390	ANTE	1	0,04
391	AOS	1	0,04
392	APARECE	1	0,04
393	APENAS	1	0,04

394	APLICADA	1	0,04
395	APONTANDO	1	0,04
396	AQUELES	1	0,04
397	ARCAICO	1	0,04
398	ARCAICOS	1	0,04
399	ÁREAS	1	0,04
400	ARTIGOS	1	0,04
401	ÀS	1	0,04
402	ASNEIRA	1	0,04
403	ATENCIOSAMENTE	1	0,04
404	ATIVIDADES	1	0,04
405	ATRAVÉS	1	0,04
406	ATTE	1	0,04
407	ATUAL	1	0,04
408	AULA	1	0,04
409	AULAS	1	0,04
410	AUTORES	1	0,04
411	B	1	0,04
412	BAKHTIN	1	0,04
413	BAKTHIN	1	0,04
414	BASE	1	0,04
415	BASEADO	1	0,04
416	BASTANTE	1	0,04
417	BEM	1	0,04
418	BÍBLICA	1	0,04
419	BIBLIO	1	0,04
420	BIBLIOGRAFIAS	1	0,04
421	BIBLIOGRÁFICA	1	0,04
422	BIBLIOGRÁFICAS	1	0,04
423	BLANC	1	0,04
424	BLOCO	1	0,04
425	BNC	1	0,04
426	BOA	1	0,04
427	BOURDIEU	1	0,04
428	BRASIL	1	0,04
429	BRASILEIRA	1	0,04
430	BREVE	1	0,04
431	BRITISH	1	0,04
432	BUSCO	1	0,04
433	C	1	0,04
434	CADA	1	0,04
435	CAIR	1	0,04
436	CANONICAMENTE	1	0,04
437	CAPÍTULO	1	0,04
438	CARACTERIZAÇÃOE+	1	0,04
439	CARACTERIZARIA+	1	0,04
440	CARAS	1	0,04
441	CARÍSSIMOS	1	0,04
442	CARO	1	0,04
443	CASA	1	0,04

444	CERTO	1	0,04
445	CERTOS	1	0,04
446	CIRCULAÇÃO	1	0,04
447	CLAREZA	1	0,04
448	CLASSES	1	0,04
449	CLASSIFICAÇÃO	1	0,04
450	CLASSIFICADA	1	0,04
451	COISA	1	0,04
452	COLEGA	1	0,04
453	COLETA	1	0,04
454	COLUNA	1	0,04
455	COMEÇAR	1	0,04
456	COMENTÁRIOS	1	0,04
457	COMIGO	1	0,04
458	COMPANHEIRO	1	0,04
459	COMPANHEIROS	1	0,04
460	COMPLETA	1	0,04
461	COMPOSICIONAL+	1	0,04
462	COMPOSIÇÕES	1	0,04
463	COMPREENDER	1	0,04
464	CONCCEITOS	1	0,04
465	CONCEITO	1	0,04
466	CONCEITOS	1	0,04
467	CONCEPÇÕES	1	0,04
468	CONCLUINTE	1	0,04
469	CONHECIMENTO	1	0,04
470	CONSEGUIDO	1	0,04
471	CONSIDERADAS	1	0,04
472	CONSTRUÇÕES	1	0,04
473	CONSULTA	1	0,04
474	CONTAR	1	0,04
475	CONTINUAM	1	0,04
476	CONTRÁRIO	1	0,04
477	CONTRIBUIR	1	0,04
478	CONVERGEM	1	0,04
479	COOPERATIVA	1	0,04
480	COOPERATIVE	1	0,04
481	CORRETA	1	0,04
482	CORRETO	1	0,04
483	CREIO	1	0,04
484	CRER	1	0,04
485	CRIADA	1	0,04
486	CRISTÃ	1	0,04
487	CURSO	1	0,04
488	CVELISTAS	1	0,04
489	DEFINIÇÕES	1	0,04
490	DEFINIR	1	0,04
491	DELE	1	0,04
492	DENTRO	1	0,04
493	DEPREENDER	1	0,04

494	DESCONHEÇO	1	0,04
495	DESCRÉDITO	1	0,04
496	DESEJAVA	1	0,04
497	DESEMPENHO	1	0,04
498	DESENVOLVENDO	1	0,04
499	DESFAÇATEZ	1	0,04
500	DESSA	1	0,04
501	DESSES	1	0,04
502	DESTE	1	0,04
503	DETALHES	1	0,04
504	DEVERÁ	1	0,04
505	DEVERIA	1	0,04
506	DIA	1	0,04
507	DIAS	1	0,04
508	DIDATICO	1	0,04
509	DIDÁTICOS	1	0,04
510	DIFICIL	1	0,04
511	DIFICULDADES	1	0,04
512	DIGITALIZADO	1	0,04
513	DIGO	1	0,04
514	DISCURSO	1	0,04
515	DISPONIBILIZAD+	1	0,04
516	DIVULGADO	1	0,04
517	DIVULGAR	1	0,04
518	DOCUMENTARIOS	1	0,04
519	DOCUMENTÁRIOS	1	0,04
520	DURAÇÃO	1	0,04
521	ED	1	0,04
522	EDUCADOR	1	0,04
523	ELAS	1	0,04
524	ENCAIXADAS	1	0,04
525	ENCAMINHAR	1	0,04
526	ENCONTRA	1	0,04
527	ENCONTREI	1	0,04
528	ENCONTRO	1	0,04
529	ENDEREÇO	1	0,04
530	ENFOQUE	1	0,04
531	ENTENDER	1	0,04
532	ENVIÁ	1	0,04
533	ENVIADOS	1	0,04
534	ENVIAREI	1	0,04
535	ENVIE	1	0,04
536	ESCREVENDO	1	0,04
537	ESCRITO	1	0,04
538	ESPECIALIZAÇÃO	1	0,04
539	ESPECIFICAMENT+	1	0,04
540	ESREVENDO	1	0,04
541	ESSA	1	0,04
542	ESSAS	1	0,04
543	ESSENCIAIS	1	0,04

544	ESSENCIAL	1	0,04
545	ESTA	1	0,04
546	ESTAR	1	0,04
547	ESTÓRIAS	1	0,04
548	ESTRANGEIRA	1	0,04
549	ESTRANGEIRISMO+	1	0,04
550	ESTRANGEIROS	1	0,04
551	ESTRUTURA	1	0,04
552	EUA	1	0,04
553	EVENTO	1	0,04
554	EXCEDIDO	1	0,04
555	EXCELENTE	1	0,04
556	EXEMPLO	1	0,04
557	EXIGIDAS	1	0,04
558	EXISTENTE	1	0,04
559	EXISTIA	1	0,04
560	EXPLICAÇÕES	1	0,04
561	EXPLICASSEM	1	0,04
562	FACILITAR	1	0,04
563	FAÇO	1	0,04
564	FACULDADES	1	0,04
565	FAIRCLOUGH	1	0,04
566	FALA	1	0,04
567	FAZEM	1	0,04
568	FAZER	1	0,04
569	FERRAMENTA	1	0,04
570	FICA	1	0,04
571	FIM	1	0,04
572	FLUXO	1	0,04
573	FORMAÇÃO	1	0,04
574	FORMATO	1	0,04
575	FORNECER	1	0,04
576	FOSSE	1	0,04
577	FOUCAULT	1	0,04
578	FUNCIONALISMO	1	0,04
579	FUNCIIONANDO	1	0,04
580	FUNDAMENTAL	1	0,04
581	GDE	1	0,04
582	GERATIVO	1	0,04
583	GLOBO	1	0,04
584	GOA	1	0,04
585	GOVERNO	1	0,04
586	GRADUACAO	1	0,04
587	GRADUAÇÃO	1	0,04
588	GRADUAÇÕES	1	0,04
589	GRAMÁTICAIS	1	0,04
590	H	1	0,04
591	HAVERÁ	1	0,04
592	HAVIAM	1	0,04
593	HIPÓTESE	1	0,04

594	HISTÓRIA	1	0,04
595	HORA	1	0,04
596	HUMANO	1	0,04
597	I	1	0,04
598	IDEIA	1	0,04
599	IDENTIFICAR	1	0,04
600	IG	1	0,04
601	II	1	0,04
602	IMAGINAVA	1	0,04
603	IMPESSOAIS	1	0,04
604	IMPORTANTE	1	0,04
605	IMPOSSÍVEL	1	0,04
606	IMPrensa	1	0,04
607	IMPRESSOS	1	0,04
608	INCLUSÃO	1	0,04
609	INCONGRUENTE	1	0,04
610	INSCRIÇÕES	1	0,04
611	INDICAÇÕES	1	0,04
612	INDICAREI	1	0,04
613	INFELIZMENTE	1	0,04
614	INFLUENCIAR	1	0,04
615	INFORMAR	1	0,04
616	INFORME	1	0,04
617	INGLESA	1	0,04
618	INICIEI	1	0,04
619	INSERÇÃO	1	0,04
620	INSTITUIÇÕES	1	0,04
621	INSTRUMENTAL	1	0,04
622	INTERESSA	1	0,04
623	INTERESSADA	1	0,04
624	INTERESSANTE	1	0,04
625	INTERESSANTES	1	0,04
626	INTERESSAR	1	0,04
627	INTERESSAREM	1	0,04
628	INTERESSE	1	0,04
629	INTERNACIONAL	1	0,04
630	INTERPRETADO	1	0,04
631	INTRODUTÓRIA	1	0,04
632	INTRODUZ	1	0,04
633	ISD	1	0,04
634	ITENS	1	0,04
635	ITUIUTABA	1	0,04
636	JULHO	1	0,04
637	JURO	1	0,04
638	LA	1	0,04
639	LÁ	1	0,04
640	LABOV	1	0,04
641	LADO	1	0,04
642	LATIM	1	0,04
643	LEARNING	1	0,04

644	LECIONAR	1	0,04
645	LER	1	0,04
646	LEVA	1	0,04
647	LEVANTADAS	1	0,04
648	LEVANTAMENTO	1	0,04
649	LIBERE	1	0,04
650	LIDAR	1	0,04
651	LINGUISTAS	1	0,04
652	LINGUISTICA	1	0,04
653	LINGÜÍSTICO	1	0,04
654	LISTA	1	0,04
655	LISTEROS	1	0,04
656	LO	1	0,04
657	LONGO	1	0,04
658	LUIZ	1	0,04
659	MADRID	1	0,04
660	MAIOR	1	0,04
661	MANDAR	1	0,04
662	MANDASSEM	1	0,04
663	MANEIRA	1	0,04
664	MARIA	1	0,04
665	MEC	1	0,04
666	MÊS	1	0,04
667	MESTIÇA	1	0,04
668	MESTIÇO	1	0,04
669	MESTIÇOS	1	0,04
670	MESTRE	1	0,04
671	MG	1	0,04
672	MODELO	1	0,04
673	MODERNO	1	0,04
674	MODIFICAÇÃO	1	0,04
675	MODIFICADO	1	0,04
676	MONOGRAFIA	1	0,04
677	MONTANDO	1	0,04
678	MOTIVO	1	0,04
679	MUITOS	1	0,04
680	MUNDO	1	0,04
681	MÚSICA	1	0,04
682	NADA	1	0,04
683	NAO	1	0,04
684	NATIONAL	1	0,04
685	NECESSÁRIO	1	0,04
686	NEM	1	0,04
687	NINGUÉM	1	0,04
688	NÍVEIS	1	0,04
689	NOBRES	1	0,04
690	NORDESTE	1	0,04
691	NORMALMENTE	1	0,04
692	NORMAS	1	0,04
693	NORTE	1	0,04

694	NOSSA	1	0,04
695	NOSSOS	1	0,04
696	NOTÍCIA	1	0,04
697	NUNCA	1	0,04
698	OBJETIVIDADE	1	0,04
699	OBRA	1	0,04
700	OBTER	1	0,04
701	OBTIDA	1	0,04
702	OCORRÊNCIA	1	0,04
703	OFICIAIS	1	0,04
704	OI	1	0,04
705	OLIVEIRA	1	0,04
706	OPINAR	1	0,04
707	OPORTUNAMENTE	1	0,04
708	ORG	1	0,04
709	ORIGEM	1	0,04
710	OUVI	1	0,04
711	PARCERIAS	1	0,04
712	PARECEM	1	0,04
713	PARECER	1	0,04
714	PAREI	1	0,04
715	PARTICIPAR	1	0,04
716	PARTICULARES	1	0,04
717	PASSA	1	0,04
718	PÁTRIA	1	0,04
719	PEDINDO	1	0,04
720	PENSADO	1	0,04
721	PENSANDO	1	0,04
722	PEQUENA	1	0,04
723	PEQUENAS	1	0,04
724	PERANTE	1	0,04
725	PERCEBENDO	1	0,04
726	PERINI	1	0,04
727	PERÍODICOS	1	0,04
728	PERÍODO	1	0,04
729	PERTENÇA	1	0,04
730	PERTENCE	1	0,04
731	PERTINENTE	1	0,04
732	PESQUISADO	1	0,04
733	PESQUISANDO	1	0,04
734	PESSOAS	1	0,04
735	PIRES	1	0,04
736	PLAUSÍVEL	1	0,04
737	PODERÁ	1	0,04
738	PODERIAM	1	0,04
739	POIS	1	0,04
740	POLITICAMENTE	1	0,04
741	PONTUAÇÃO	1	0,04
742	PORQUE	1	0,04
743	PORQUÊ	1	0,04

744	PORTAS	1	0,04
745	POS	1	0,04
746	POSICIONAMENTO	1	0,04
747	POSITION	1	0,04
748	POSSENTI	1	0,04
749	POUCAS	1	0,04
750	POUCO	1	0,04
751	PRÁTICAS	1	0,04
752	PRECISAM	1	0,04
753	PRECISANDO	1	0,04
754	PRECONCEITO	1	0,04
755	PRESSUPOSIÇÃO	1	0,04
756	PRESSUPOSOIÇÃO	1	0,04
757	PRIMEIRA	1	0,04
758	PRIMEIRO	1	0,04
759	PRIVADAS	1	0,04
760	PROBLEMA	1	0,04
761	PROCESSO	1	0,04
762	PROCESSOS	1	0,04
763	PROCURANDO	1	0,04
764	PROCURO	1	0,04
765	PRODUÇÃO	1	0,04
766	PROFESSOR	1	0,04
767	PROFESSORA	1	0,04
768	PROJETOS	1	0,04
769	PRONOMES	1	0,04
770	PRÓXIMO	1	0,04
771	PÚBLICA	1	0,04
772	PUBLICADAS	1	0,04
773	PUBLICADO	1	0,04
774	PUBLICAM	1	0,04
775	PUBLICAR	1	0,04
776	PUC	1	0,04
777	PUDESSE	1	0,04
778	QUAISQUER	1	0,04
779	QUALIA	1	0,04
780	QUASE	1	0,04
781	QUESTIONAMENTO	1	0,04
782	QUESTIONAMENTO+	1	0,04
783	QUESTÕES	1	0,04
784	RACIOCÍNIO	1	0,04
785	REAGIR	1	0,04
786	REALIZAREM	1	0,04
787	RECEBI	1	0,04
788	RECEBIMENTO	1	0,04
789	RECEOSA	1	0,04
790	RECUPEREI	1	0,04
791	RECURSO	1	0,04
792	REDE	1	0,04
793	REFERÊNCIAS	1	0,04

794	REFERINDO	1	0,04
795	RELAÇÃO	1	0,04
796	RELACIONADO	1	0,04
797	REPASSAR	1	0,04
798	REPRESENTAÇÃO	1	0,04
799	RESPONDAM	1	0,04
800	RESPONDENDO	1	0,04
801	RESPONDER	1	0,04
802	RESULTADO	1	0,04
803	RESULTADOS	1	0,04
804	RETIRADA	1	0,04
805	RJ	1	0,04
806	ROBERTA	1	0,04
807	RS	1	0,04
808	SAI	1	0,04
809	SAO	1	0,04
810	SEGUE	1	0,04
811	SEGUI	1	0,04
812	SEI	1	0,04
813	SEIS	1	0,04
814	SEJA	1	0,04
815	SELEÇÃO	1	0,04
816	SEMESTRE	1	0,04
817	SENDO	1	0,04
818	SENTENÇAS	1	0,04
819	SERA	1	0,04
820	SERVIÇO	1	0,04
821	SHORT	1	0,04
822	SÍRIO	1	0,04
823	SOB	1	0,04
824	SOBRETUDO	1	0,04
825	SOCIEDADE	1	0,04
826	SOCIOPEDAGÓGIC+	1	0,04
827	SOFRERAM	1	0,04
828	SOMOS	1	0,04
829	SOUBER	1	0,04
830	SR	1	0,04
831	STATUS	1	0,04
832	STORIES	1	0,04
833	SUBORDINADA	1	0,04
834	SURGIU	1	0,04
835	TALVEZ	1	0,04
836	TANTA	1	0,04
837	TARDE	1	0,04
838	TAREFA	1	0,04
839	TEACHING	1	0,04
840	TEMÁTICO	1	0,04
841	TEMPO	1	0,04
842	TENDO	1	0,04
843	TENTADO	1	0,04

844	TENTATIVA	1	0,04
845	TEORIA	1	0,04
846	TEÓRICOS	1	0,04
847	TERÁ	1	0,04
848	TERMINAR	1	0,04
849	TÉRMINO	1	0,04
850	TIPO	1	0,04
851	TIVE	1	0,04
852	TODA	1	0,04
853	TODAS	1	0,04
854	TODO	1	0,04
855	TOMARÁ	1	0,04
856	TRABALHAR	1	0,04
857	UNS	1	0,04
858	UOL	1	0,04
859	URGÊNCIA	1	0,04
860	USANDO	1	0,04
861	USUÁRIO	1	0,04
862	VÁLIDA	1	0,04
863	VALIOSOS	1	0,04
864	VÃO	1	0,04
865	VARIAM	1	0,04
866	VEJAM	1	0,04
867	VELHA	1	0,04
868	VENHO	1	0,04
869	VERTENTES	1	0,04
870	VEZ	1	0,04
871	VIDEOTECA	1	0,04
872	VIGOR	1	0,04
873	VISÃO	1	0,04
874	VOLTAR	1	0,04
875	VOLUME	1	0,04
876	VOU	1	0,04
877	YAHOO	1	0,04

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)